

**DE AUGSBURG PARA PERNAMBUCO -
Irmãs Franciscanas de Maristella formando
professoras – Timbaúba/PE, 1938 a 1950.**

EREMILDA VIEIRA DA COSTA

**DE AUGSBURG PARA PERNAMBUCO -
Irmãs Franciscanas de Maristella formando
professoras – Timbaúba/PE, 1938 a 1950**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – Curso de Mestrado – da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Maria de Oliveira Galvão

RECIFE
2003

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO**

**DE AUGSBURG PARA PERNAMBUCO -
Irmãs Franciscanas de Maristella formando
professoras – Timbaúba/PE, 1938 a 1950**

Comissão Examinadora:

Profª Drª Ana Maria de Oliveira Galvão
1º Examinador/Presidente

Profª Drª Maria das Graças Ataíde de Almeida
2º Examinador

Prof. Dr, José Batista Neto
3º Examinador

Recife, de de 2003.

DEDICATÓRIA

Dedico a Deus,

por ser meu refúgio e fortaleza

e socorro bem presente

nas horas em que

os pensamentos falharam

as dúvidas se amontoaram

e o caminho parecia sem rumo.

Então a Sua Palavra confortou-me dizendo:

*“Aquieta-te e saibas que Eu sou Deus,
Sou exaltado entre as nações
Sou exaltado na terra.”*

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, a Deus,

fonte de sabedoria e do conhecimento. Sem Ele ao meu lado não conseguiria.

A Josué,

companheiro imbatível de todos os momentos e um poço de compreensão, aceitando e incentivando o meu caminhar.

A Jeisa e Jeasí,

por vocês e para vocês, eu luto! Obrigada por compreenderem as minhas ausências e por me socorrerem com o suporte tecnológico.

A Adriana,

Sua ajuda me foi indispensável! Dela eu não poderia prescindir.

À Professora Marileide,

que apostou em mim, aceitando-me como monitora e abrindo as portas para o meu futuro profissional.

À Professora Ana Galvão,

a bússola que orientou minha peregrinação;

a estrela d'alva que clareou meus pensamentos;

o trovão que despertou minhas sonolências;

a mestra que não cansou de ensinar e que andou sempre à
segunda milha

a amiga que ganhei.

Obrigada!

Aos professores do Mestrado,

a cada um, por terem contribuído com o meu aprendizado, nem
sempre prazeroso.

Aos amigos e amigas do Mestrado – boa convivência!

A Nevinha, Alda e Marcos,

que bom ter vocês por perto quando as dúvidas aparecem!

Vocês são âncoras no mar revolto da pós-graduação.

À Madre Seráfica Braümueller,

por ter me atendido como superiora geral da ordem franciscana
de Maristella.

Ao Colégio Santa Maria, nas pessoas da(s):

Diretora, que abriu não só as portas da instituição mas também
propiciou o material para pesquisa no arquivo e na
biblioteca;

Secretárias e bibliotecária, que sorridentes estavam sempre a
postos para atender-me;

Demais funcionários e irmãs que apoiaram e, de certa forma,
acompanharam este trabalho.

À Casa Maristella,

pela atenção dispensada, pelos artigos e fotos.

A todas as ex-alunas, que me receberam e contaram suas histórias:

Carmem Dolores Gomes de Araújo, Enide de Araújo Borba,
Maria Anita Cordeiro de Lima, Maria de Jesus Queiroz, Maria de
Lourdes Cavalcanti Pessoa, Maria do Carmo Simplício Ribeiro,
Maria Helena de Lima Cordeiro, Maria José Torres de Moraes,
Maria Linalda Pedrosa Leão, Maria Lindomar Pedrosa Leão,
Maria Perpétua Pedrosa.

Aos funcionários dos Arquivos Estaduais, especialmente a Marcília.

Aos funcionários da Prefeitura Municipal de Timbaúba, notadamente
ao Secretário de Administração,

que deixou seus afazeres para pesquisar comigo.

Às companheiras: Albanete Florêncio, Ednar Cavalcanti, Elizete
Benjamim, Elizabete Santana, Hélia Guerra, Ingrid Santos, Kátia
Palmieri, Lúcia Siqueira, Maria Nair Menezes, Odineide Coelho,
Semadá Ribeiro, Mauricéia e outras,

que, de uma forma ou de outra, contribuíram com seus silêncios
ou alocações.

A Alisson, Humberto Palmieri, Tiago Silva, Luiz Moés,

que sempre estiveram presentes quando necessitei de ajuda.

A Alda Araújo,

pelo ok final da dissertação. Sem você o sofrimento seria tão intenso que eu não suportaria, com certeza!

E se esqueci de mencionar

alguém, sinta-se incluído(a) nos meus agradecimentos.

A pressa dos últimos acertos sempre deixa escapar algo.

SUMÁRIO

DEDICATÓRIA

AGRADECIMENTOS

SUMÁRIO

RESUMO

ABSTRACT

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO 1 – FRAGMENTOS DE UMA JORNADA.....	18
1.1 – Metodologia.....	20
1.2 – Fontes de pesquisa.....	22
1.3 – Entrevistas – uma fonte da história.....	25
1.4 – Entrevistadas.....	30
1.5 – História oral – reconstruindo o cotidiano.....	33
CAPÍTULO 2 – UM ENCONTRO ENTRE CULTURAS DIFERENTES.....	37
2.1 – A chegada.....	39
2.2 – Influência do III Reich na emigração.....	44
2.3 – Estado Novo.....	51
2.4 – A Igreja a serviço do Estado.....	54
2.5 – Um novo posicionamento educacional.....	55
2.6 – As imagens e os símbolos.....	58
2.7 – A Congregação Franciscana.....	61
2.8 – As Irmãs da Estrela, o III Reich e o Estado Novo	65
2.9 – Exercendo as atividades no Brasil.....	73
2.10 – O Colégio Santa Maria nesse contexto.....	85
CAPÍTULO 3 – SABERES E SABORES DA FORMAÇÃO.....	89
3.1 – Dimensões presentes na prática educativa.....	95
3.2 – Ambiente escolar.....	96
3.3 – Equipamento.....	101
3.4 – Atores e atrizes atuando.....	103
3.5 – Clientela.....	104
3.6 – Currículo – uma forma de controle.....	108
3.7 – Equiparação da Escola.....	112
3.7.1 Equiparação permanente.....	118
3.8 – Saberes para formar a professora.....	122
3.9 – Saberes diferenciados para ajudar a fixar o homem no campo.....	133
3.10 – Saberes gerais.....	140
3.11 – Para ser prendada e ter um corpo perfeito.....	142
3.12 – Saberes para ser mãe e dona de casa.....	155

3.13 – O saber religioso.....	162
CAPÍTULO 4 – RITUAIS & COTIDIANO.....	167
4.1 – Cotidianidade.....	169
4.2 – Ritual – uma tentativa de definição.....	172
4.3 – Espaços do cotidiano – a cidade e o colégio.....	175
4.5 – Tipos de rituais.....	179
4.6 – O método de ensino.....	185
4.7 – Avaliação, uma forma de selecionar.....	195
4.8 – Comportamento & Disciplina.....	202
4.9 – Religião.....	211
4.10 – Festas e feriados.....	222
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	231
ANEXOS.....	235
FONTES DE PESQUISA.....	313
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	316

RESUMO

Neste trabalho busco reconstruir o cotidiano escolar, no período compreendido entre 1938 e 1950, do Colégio Normal Rural Santa Maria, situado em Timbaúba, zona norte do Estado de Pernambuco. Utilizei, como principais fontes, para esta pesquisa, depoimentos de ex-alunas, documentos do acervo da escola, livros didáticos, fotografias e documentos oficiais. Para realizar a reconstrução desse cotidiano, enfoco a chegada das Irmãs Franciscanas de Maristella, responsáveis pela direção da escola, que vieram de Augsburg, Alemanha, em pleno período do Estado Novo e do III Reich. Destaco os saberes que formavam essa mulher-professora pertencente à elite e os rituais que envolviam o cotidiano das atividades educacionais.

ABSTRACT

I seek in this work to reconstruct the daily school routines in the period that ranges from 1938 to 1950, at Colégio Normal Rural Santa Maria, in Timbaúba, in the North of the state of Pernambuco, NE Brazil. I used, as main sources for this work, the accounts of former students, documents of the school, books, photographs and official documents. In order to reconstruct such a daily routine, I centered my focus on the arrival of the Franciscan sisters of Maristella, in charge of the school, who came from Aubsburg, Germany, at the height of the 'Estado Novo' period in Brazil and the Third Reich in Germany. I highlight the bodies of knowledge that shaped the actions of this teacher-woman, who belonged to the upper class and the rituals that framed the daily routines within educational activities.

*“A História
é a majestosa
Torre da Experiência
que o tempo
erigiu no espaço infundo
dos anos
decorridos.
Não é fácil tarefa
alcançar o cimo
dêsse antigo edifício
e gozar da vista
dum panorama completo;
não há
ali elevador,
mas os moços têm os pés fortes
e podem tentar-lhe a ascensão”.*

(Hendrick Willem Van Loon)¹

¹ Hendrick Willem Van Loon, 1957, p. 9

INTRODUÇÃO

Este trabalho partiu de uma curiosidade que há, muito tempo, revolve o meu pensamento. Quando, em meu trabalho, viajo pelos diversos municípios do interior de Pernambuco, verifico que em quase todas as cidades há sempre um ou dois colégios católicos, administrados por congregações religiosas diferentes, geralmente originárias de países estrangeiros. Esses colégios são, na grande parte dos casos, identificados pelos moradores da cidade, como os mais bem conceituados.

Sempre tive o desejo de saber o porquê da existência de tantos deles e/ou quais os motivos que influenciaram esses(as) religiosos(as) a saírem de seus países e fixarem residência no Brasil, dedicando-se à educação de um povo que não é o seu povo e de um país que não é o seu país. Outros motivos que me inquietaram apontam para o marco de qualidade que eles primam em apresentar à sociedade. Pergunto-me, freqüentemente, a quem eles formavam e como era constituído o cotidiano escolar nos anos iniciais de seu funcionamento.

Através do mestrado, surgiu a oportunidade esperada – estudar a cultura escolar em um colégio confessional católico que se dedica a formar meninas durante várias décadas. Optei por trabalhar a primeira década de funcionamento do Colégio Santa Maria, fundado em 1938, em Timbaúba, Pernambuco, por apresentar uma das possibilidades de respostas às minhas inquietações. Minhas

primeiras perguntas foram: Como as freiras se aculturaram no nosso país, uma vez que eram alemãs? Por que escolheram meninas para formar? Que motivos estavam implícitos para escolherem uma cidade do interior de Pernambuco? Era a possibilidade de estudar essa cultura.

Acreditei ser relevante este trabalho, dada a escassez de pesquisas destacando o cotidiano e os seus rituais e o papel ocupado por esses colégios na história da educação de Pernambuco. E, quem sabe, um ponto de partida para estudos futuros na História da Educação.

Considero importante aprofundar a educação da mulher e sua formação, o currículo e saberes nesse fazer educativo e como ele foi vivenciado pelos diferentes atores e atrizes que fizeram parte desse processo.

Para isso, dediquei tempo para apropriar-me do saber científico produzido nas academias e poder desvelar esse cotidiano – os estudos produzidos em outros Estados sobre colégios católicos e sobre a formação da mulher nesse período específico, certamente, auxiliaram a desenvolver o trabalho. Além disso, procurei entender o momento político que caracterizou o período em questão.

Dessa forma, apresento, após a discussão da metodologia utilizada na pesquisa, baseada em grande medida na História Oral, aspectos gerais que marcaram o período da vinda das irmãs franciscanas de Maristella ao Brasil e, em especial, a Pernambuco. Enfocarei os contextos da Alemanha e do Brasil no período do Estado Novo.

Descobri que, desde o século XVIII, muitas ordens religiosas foram convidadas a atuarem na educação no Brasil. Nessa época, muitas mulheres não tinham acesso à escola e quando tinham oportunidade aprendiam simplesmente a ler e escrever. Hadadd e Santos (apud FIGUEIREDO E

GOMES, 1993, p. 38-46) contextualizaram a vinda das congregações européias que impulsionaram o ensino no Brasil, comentando que:

(...) o esforço de reorganização da Igreja Católica no Brasil concentra-se no período de 1890-1921, quando se destaca o papel desempenhado por religiosos europeus de congregações masculinas e femininas. Naquele momento na Europa a crise que a Igreja enfrentava em vários países, colocava em situação adversa as inúmeras congregações religiosas que sofriam perseguição, constrangimento e até expulsão. Conseqüentemente, a abertura do Brasil às congregações européias não se dá aleatoriamente. Havia uma conjugação de interesses que se configurava em um lado, pela busca de alternativas de sobrevivência alimentada pela mística da ação missionária em terras da América e, de outro pela necessidade de fortalecer a igreja no Brasil com a rica experiência de padres e irmãs que já atuam principalmente em obras paroquiais educativas e assistenciais na Europa. O trabalho dessas congregações européias concentra-se na luta contra o avanço de outras fontes religiosas que buscavam no Brasil espaço para exercer sua influência (1993, p 39).

Apesar de a situação acima se referir a uma época um pouco anterior àquela estudada, os motivos gerais mencionados auxiliam a compreender, também, o caso do Colégio Santa Maria.

Muitos dos colégios religiosos católicos dedicavam-se a educar meninas, a formá-las para as atividades domésticas; outros preparavam-nas para serem professoras e também religiosas, dando continuidade à congregação.

Estudar a educação feminina é adentrar em questões de gênero, em questões sociais, em diferenças do para quê e do como educar a mulher, uma vez que elas não eram vistas como pessoas que deveriam ter acesso ao ensino formal. A sua educação era, geralmente, doméstica. Aprendiam a bordar, costurar, dançar, cuidar das crianças. Aprender a ler era um pretexto pra não crescerem totalmente ignorantes. Essa era uma tarefa confiada a alguns segmentos da organização católica.

A Igreja Católica incentivava a vinda dessas congregações no intuito de, através da educação, preparar moças para atuarem como mães católicas,

professoras com formação religiosa e esposas fiéis e prontas para organizarem o seu lar. Geralmente, ao chegarem, essas congregações ocupavam casas que eram entregues pelo município, Estado, um grande proprietário de terras ou um comerciante que queria ser abençoado com a presença de padres e/ou freiras que, por muitos, eram vistos como pessoas especiais, diferentes e santas.

Entre as diversas congregações religiosas que se instalaram em Pernambuco destacamos uma em especial: as Irmãs Franciscanas de Maristela ou Irmãs da Estrela, atuando na Escola Normal Rural Santa Maria em Timbaúba – PE, no período de 1938 a 1950, as quais apresento neste trabalho.

No terceiro capítulo destaco os saberes que marcaram essa cultura escolar e a formação dessa mulher que se preparava no Colégio Normal Rural Santa Maria, como era chamado na época. Saberes esses que não só estavam explícitos no currículo oficial legislado pelo Estado, mas, também, eram socializados através do currículo oculto.

O currículo escrito oferece um roteiro, e segundo Goodson:

...não passa de um testemunho visível, público e sujeito a mudanças, uma lógica que se escolhe para, mediante sua retórica, legitimar uma escolarização.[...] promulga e justifica determinadas intenções básicas de escolarização, a medida que vão sendo operacionalizadas em estruturas e instituições (1995, p. 21).

O quarto capítulo enfoca o cotidiano com as suas nuances, as quais envolvem as atividades humanas, e a atuação do ser humano na sociedade. Os espaços desse cotidiano são identificados como a cidade de Timbaúba, situando-a no espaço e no tempo, e o Colégio Normal Rural Santa Maria, onde aconteciam os diversos rituais que envolveram os métodos de ensino, as formas de avaliação, as festas, o comportamento e a disciplina impostos às alunas para que esse proceder estivesse em harmonia com o modelo que a sociedade e a escola defendiam na época.

A avaliação do saber sistematizado também tinha todo um ritual a ser observado e realizado, mas não deixou de evidenciar as resistências a essa forma de medir o conhecimento. Assim também ocorria com a prática religiosa, um ritual dentro de inúmeros rituais que faziam parte das diversas atividades na escola e na sociedade timbaubense.

Dentro desse cotidiano foram identificadas as grandes e pequenas festas, simples e requintadas, com ou sem apresentações dramáticas e musicais, inscrevendo nas histórias atores e atrizes que representaram seu papel através de gestos, expressões e sons.

Espero que este trabalho – concretizado através da escrita e elaborado após a realização de uma série de procedimentos que incluíram muitas leituras, pesquisa em acervos, muita reflexão procurando respostas para o problema de estudo – tenha sido, em parte, concluído. Em parte, porque nunca se esgota totalmente um assunto. Há sempre um novo entendimento a partir do que se pesquisa.

CAPÍTULO 1 – FRAGMENTOS DE UMA JORNADA

*“A memória é a vida
A história é a reconstrução
do que não existe mais
A memória é um elo vivido no tempo presente
A história uma representação do passado
A memória não se acomoda a detalhes
que a confortam
A história demanda análise e discurso crítico
A memória instala a lembrança no sagrado
A história o liberta
A memória emerge de um grupo que ela une
A história pertence a todos e a ninguém
A memória se enraíza no concreto,
no gesto, na imagem, no objeto
A história só se liga às continuidades temporais,
às evoluções e às relações das coisas
A memória é um absoluto
A história só conhece o relativo”.*

(PIERRE NORA)

1.1 – Metodologia

Ao ingressar no Curso de Mestrado em Educação, no núcleo de História e Teoria da Educação, deparei-me com textos provocantes e estimulantes, apontando desconhecidos horizontes sobre fontes orais e escritas e documentos oficiais e não oficiais. Tudo era novidade e a reflexão envolvia a busca.

Li e arquitetei planos para ir à busca das respostas às perguntas que me inquietavam e que se instalaram, ainda na preparação do ante-projeto, para o processo seletivo, e do projeto para a qualificação.

Enquanto cursava as disciplinas do mestrado, adiantava a coleta de dados e lia textos que, possivelmente, fundamentariam a dissertação. Algumas leituras pareciam confusas ou, de certa forma, inocentes, porque ainda não havia conseguido entender o contexto político e histórico da época. Outras eram utilizadas para clarear o que não havia sido entendido. E muitas foram descartadas.

Na medida em que me aprofundava na leitura de artigos e livros, tive que rever algumas frases e textos que pareciam claros, mas eram, apenas, nebulosos. Em alguns momentos precisei debruçar-me novamente na leitura de alguns textos porque os paradigmas haviam sido quebrados e novos conhecimentos acrescentados.

Corri atrás das fontes, e outras perguntas surgiram. Quantas e quais as pessoas precisava entrevistar? Onde encontrar as respostas? Que bibliografia pesquisar? A orientadora esteve sempre ao meu lado, com paciência, abrindo e aplainando o caminho, cortando arbustos teimosos e conduzindo aos objetivos, sempre lembrando que eu deveria responder a minha inquietação e à pergunta principal: O que eu queria conseguir com esta pesquisa?

Li, reli, visitei arquivos, conversei com muitas pessoas, entrevistei, viajei quilômetros para encontrar respostas. Algumas vezes, parecia que o trabalho de garimpagem estava travado; a compreensão embotava e o esforço estagnado pelos percalços que apareciam, de vez em quando.

Nesse processo, algumas dificuldades foram encontradas, tais, como, a distância de Recife a Timbaúba, o pouco tempo para permanecer na escola, a escassez de informações em como encontrar as pessoas que contribuíram para descerrar as cortinas do passado e abrir o livro das memórias. Mas, com determinação meu arsenal de dados foi crescendo.

E agora? O que fazer com tantas informações? Priorizar, escolher aquele trecho, aquela idéia, para qual capítulo? Será que perdi tempo cavando nos diferentes lugares e, depois de encontradas tantas pepitas, simplesmente, vou descartá-las? Onde inseri-las? Essas questões também foram respondidas com o tempo, a escrita, a reescrita, a crítica, a orientação segura para chegar ao alvo.

Uma das minhas últimas angústias foi: Para que eu estou fazendo este trabalho? Vai ser útil, ou simplesmente, perdi tempo? Vai ser aceito pela escola, pela faculdade, pela sociedade? Vale a pena tanto sacrifício, tantas noites sem dormir e tantos textos lidos? A minha pergunta será respondida, afinal?

E agora que concluí o trabalho sinto-me recompensada. Com certeza não respondi a todas as minhas perguntas nem acabaram as angústias, mas a sensação do dever cumprido é prazerosa.

1.2 – Fontes de pesquisa

A coleta de dados resultou numa atividade agradável e produtiva no intuito de conseguir, através do diálogo, da pesquisa e da convivência, dados que contribuíssem para compreender o objeto que estava sendo investigado.

Os locais, nos quais envidei esforços para conseguir subsídios para a investigação, foram: arquivo “morto”² e biblioteca da escola em Timbaúba; Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano, nas sedes da Rua Imperial e Rua do Imperador; Casa Maristella, também chamada de Casa Provincial da Ordem das Franciscanas no Recife; Prefeitura Municipal de Timbaúba; Sociedade Euterpina Comercial, também em Timbaúba; possibilitando, se não o suficiente, o bastante para estudar sobre a cultura escolar que se estabeleceu no cotidiano do Colégio Santa Maria, contando com a bondade e a atenção dos que me atenderam.

No Arquivo Público Estadual, tive acesso a diversos protocolos; prontuários de conventos, funcionais, históricos, particulares de Getúlio Vargas e Agamenon Magalhães; documentos sobre o nazismo no Brasil e em Pernambuco para entender o momento político; leis de ensino; artigos; folhetos; reportagens; revistas; encíclicas; jornais; exposições de relatórios; decretos, atos e notas da Interventoria Federal; programas de ensino de diversas disciplinas e do curso primário e infantil; relatórios; portarias; regulamentos; livros; muitos

² Para uma descrição do que continha cada um dos documentos/prontuários consultados, ver anexo 1.

desses, encaminhados pelo DOPS³ e Secretaria de Educação para o Arquivo Público.

Lendo Faria Filho (1998, p. 95) entendi que os documentos oficiais *“significam a própria lei em sua dinâmica de realização e de ordenação das relações socioculturais”* No mesmo texto, citando Derrida, ele comenta o fato de o arquivo estar na origem e ser o lugar de onde se comanda a origem. É fonte tanto do poder político como do lugar das fontes de nossas pesquisas.

A biblioteca da escola cedeu-me alguns livros que fizeram parte do currículo e atendiam à demanda das alunas. Uns foram utilizados nas disciplinas ensinadas no Curso Normal Rural; outros serviram para orientar, espiritualmente, as normalistas que tinham o propósito de se prepararem para o ministério da ordem franciscana de Maristella. O restante continha histórias do Brasil e seus vultos históricos – que, à época, eram bastante reverenciados – e músicas utilizadas nas aulas de canto e música. No desenrolar dos capítulos, o leitor terá acesso a esse saber que era repassado para as pupilas.

No “arquivo morto”⁴ encontrei vários livros que descrevem as realidades da escola no período estudado. Tive acesso a eles e com as cópias dos livros de atas e movimento escolar, a possibilidade de conhecer um pouco da história vivida no ambiente educacional; os diferentes rituais que a escola desenvolvia; como aconteciam as avaliações e festas dos alunos dos Cursos Primário, Admissão, Normal Rural, bem como no Ginásio que começou em 1949; quem

³ DOPS – Delegacia de Ordem Política e Social – órgão censor, responsável, durante o Estado Novo, para padronizar a ordem, cujo lema era: “Tudo é motivo para uma investigação”. Seus atos incluíam censura, investigação e repressão. Para um estudo sobre a atuação do DOPS em Pernambuco, ver Gama, 1996.

⁴ As tendências mais recentes da historiografia não denominam mais um arquivo com documentos antigos de arquivo morto. Estou usando esse termo porque a escola assim o considera.

eram as alunas; qual a profissão dos pais; e outras informações que no momento oportuno serão citadas⁵.

Através da contextualização sócio-econômica e política da Alemanha, do Brasil e de Pernambuco, foi possível entender, a partir dos diferentes documentos encontrados no Arquivo Público Estadual e das leituras realizadas, que relações existiam entre o cotidiano escolar e o caldeirão fervente das manobras políticas do período em estudo.

Na Casa Maristella, com a ajuda da irmã Benigna,⁶ consegui fotografias do prédio, das salas de aula, do pátio onde aconteciam as aulas de Educação Física, do cotidiano escolar do período, cópia de um livro de crônicas, traduzido do que estava escrito em alemão, e cópia de dois números do Timbaúba Jornal, que traziam notícias do colégio.

Na Prefeitura Municipal da cidade, através do Secretário de Administração⁷, consegui cópia de um jornal e de alguns outros artigos publicados na Revista Especial Timbaúba, situando a cidade na época; cópia do estatuto do convento das franciscanas nesse município e um documento da reunião que organizou a construção da Nova Igreja Matriz de Timbaúba. O arquivo da cidade está espalhado nas casas dos moradores porque não houve condições, ainda, de criarem um espaço para readquirir cópias ou originais da história do município, fato comentado por algumas pessoas com quem entrei em contato.

⁵ Uma descrição dessa documentação também se encontra no anexo 1.

⁶ Supervisora da Casa Maristella.

⁷ Através dele consegui conversar com várias pessoas da comunidade. Todas expressaram muito orgulho pelo Colégio e consideram-no um marco na cidade. (Mesmo não tendo sido aluno, à época, um dos moradores questionou o porquê das freiras terem vindo, justamente, da Alemanha no período em que Hitler subiu ao poder. Ele não acredita que foi só por amor e senso de missão). Entre as pessoas que conheci, conversei com o neto do Sr. Ernest Fischer, alemão que morou numa fazenda na época em que a escola foi reinaugurada.

Na Sociedade Euterpina Comercial não há arquivo, a não ser algumas fotos em quadros na parede principal. A pessoa responsável retirou uma delas e me emprestou para que fosse escaneada.

Todas essas fontes contam uma história:

Em nenhum caso o que os historiadores, chamam um evento é apreendido de uma maneira direta e completa, mas sempre, incompleta e literalmente, por documentos ou testemunhos, ou seja, por *tekmeria*, por indícios. [...] a história é conhecimento mediante documentos. [...] a narração histórica situa-se para além de todos os documentos, já que nenhum deles pode ser o próprio evento; ela não é um documentário em fotomontagem e não mostra o passado ao vivo como se você estivesse lá (VEYNE, 1982, p. 12).

1.3 – Entrevistas – uma fonte da história

Para apreender a história, também, a partir dos atores, utilizei a entrevista, o depoimento, a história oral de vida.

O objeto que este trabalho está se propondo estudar é a cultura escolar no Colégio Normal Rural Santa Maria, no período de 1938 a 1959, e, por mais que se pesquise e entreviste pessoas que viveram na época em questão, não se consegue descrever os gestos, as situações, o cenário, os cheiros, os sabores, as cores que envolviam a vivência dos atores que fizeram e participaram dessa história. No entanto, procura-se abstrair o vivido, pelas narrações, documentos, artigos, normas, que desvendam partes desse contexto.

Consegui com as alunas, partituras musicais e, principalmente, diversas fotos. Escutei, assim, muitas histórias das diferentes “poses”. *“O que funda a história da fotografia é a pose”* (BARTHES, 1984, p. 117). Ora falava-se: *“Esta aluna já morreu. Coitada, nunca conseguiu uma cadeira. Ela já era velha, por isso não foi chamada”*²; *“Esta era muito inteligente”*; *“Veja! Esta é a madre. Pelo*

² Quando uma aluna terminava o Curso Normal e não era chamada para ensinar no Estado era um fato lastimável.

rosto se vê como ela agia, mas, no fundo era muito boa. Como aprendi com ela! Parece que ainda estou ouvindo ela falar”.

Faria Filho (1998, p. 75) aponta a eloqüência da foto:

Eloqüente em sua mudez, a *fotografia fita e se contempla nos olhos* daqueles que a contemplam. Não-verbal, a linguagem fotográfica tem o poder de calar o observador/leitor. *Não me responde*. Mas remete ao passado os *meus olhos empoeirados*. Afigurando-se como unidade, produz uma imagem sensível do ontem [Grifos do autor].

Na medida em que ouvia os relatos, as considerações, pude refletir no que Barthes (1984) dizia em suas divagações sobre a fotografia, nos diferentes excertos:

A Fotografia não fala (forçosamente) *daquilo que não é mais*, mas apenas e com certeza *daquilo que foi*. Essa sutileza é decisiva. A essência da Fotografia consiste em ratificar o que ela representa. Toda Fotografia é um certificado de presença. Esse certificado é o gene novo que sua invenção traduziu na família das imagens (p. 127-129).

O mesmo autor afirma: *“O passado é tão seguro quanto o presente, o que se vê no papel é tão seguro quanto o que se toca. É o advento da Fotografia – que partilha a história do mundo”* (1984, p. 130).

As imagens, nos diversos álbuns, têm a função de reviver uma memória e recontar uma história vivida e percebida. Cada uma das entrevistadas tinha a sua própria forma de ver, historicizar e comentar a fotografia.

Nas conversas e idas ao colégio, consegui telefones de diversas ex-alunas das primeiras turmas. Conversei com algumas freiras que moram no Colégio e registrei esse encontro. Das sete alunas da 1ª turma que, ainda, estão vivas, entrevistei cinco. Não consegui entrevistar as outras duas porque elas, infelizmente, estavam muito doentes. Com uma ainda consegui conversar alguns minutos, por telefone, quando ela me afirmou não ter guardado nada do período

em que estudou e dedicou-se só alguns anos à profissão de professora na rede municipal de Recife.

Entrevistei, também, a superiora da Ordem em Augsburg, madre Seráfica Braümueller, e a atual diretora do Colégio, de quem recebi autorização para que esta pesquisa fosse levada avante. De outras turmas, entrevistei cinco alunas.

A escolha dos sujeitos foi de acordo com o seguinte critério principal: entrevistar o máximo possível de alunas da primeira turma e, pelo menos, uma das demais turmas envolvidas no período estudado. O uso de entrevistas foi muito importante para se apreender o objeto proposto, porque:

Uma entrevista de história oral não apenas fornece relatos de ações passadas, mas é ela mesma um conjunto de ações que visa determinados efeitos – efeitos que se pretende que ajam sobre o interlocutor na própria entrevista, e efeitos que se pretende que repercutam para além da relação de entrevista, no público que a consulta e eventualmente na sociedade como um todo (VILANOVA, 1988, p. 34).

O fato de ouvir o outro é muito importante, uma vez que a entrevista significa:

... realmente duas pessoas que estão se olhando. E é nesse olhar-se um ao outro que a fonte oral se justifica, porque constitui um processo de aprendizado. Não estamos estudando fontes; estamos conversando com pessoas que buscam diferentes conhecimentos (VILANOVA, 1988, p. 34).

Ainda segundo Vilanova: *“A entrevista não é ‘apenas uma versão’, e sim documento de uma realidade que diz respeito à formação e ao modo de atuação de certos segmentos da sociedade brasileira que detêm responsabilidades no plano político e intelectual”* (1988, p. 57).

As entrevistas foram encaminhadas deixando as alunas livres para falarem em forma de depoimento sem seguir uma lista de questões. Depois, de explicar o objetivo do encontro, a(s) história(s) de vida, na maioria das entrevistas, fluía(m) como um regato, cujas águas se avolumam desde as

pequenas correntes até as cascatas de informações. Algumas águas não eram tão profundas, então, a entrevistadora intervia, instigando novas declarações, e pequenas gotas transformaram-se em valiosas contribuições para a pesquisa. Foram narrativas preciosas. Elas são importantes como “... *fenômeno e como método, têm um papel central no desenvolvimento pessoal e profissional [...] todas as formas de narrativa assumem o interesse em construir e comunicar significados*” (CHAVES, 2000, p. 87).

Nas interações que se estabeleceram envolvendo diferentes pessoas tornou-se necessário negociar horários, datas, locais e, até mesmo, a possibilidade de realizar a gravação das entrevistas.

Para preservar a identidade de algumas entrevistadas, que pediram para não ter seus nomes mencionados, optou-se que nos trechos citados na dissertação as ex-alunas seriam identificadas por um número.

Além de negociar esses aspectos, a realização das entrevistas exigiu determinadas posturas e atitudes por parte da pesquisadora. Há um ditado popular que diz: “a primeira impressão é a que fica”. E para que as entrevistas fluíssem tornou-se imprescindível ter sempre um sorriso no rosto, uma palavra agradável, aceitar o outro como ele é, armar-se de tudo o que for necessário, respeitar o outro.

Na maior parte dos casos, as entrevistadas revelaram-se receptivas e felizes em poder recordar o passado e participar da pesquisa. Muitas expressaram o prazer em poder falar do que consideram os dias mais especiais de suas vidas.

Outras ex-alunas, por sua vez, mostraram-se mais introspectivas durante a situação de entrevista. Nesses casos, tive que intervir em número maior de

vezes para provocar as narrativas. Também observei um certo grau de introspecção e evasão nos depoimentos das ex-alunas pertencentes à Ordem.

Em outro caso, uma das entrevistadas parecia fazer um certo jogo de esconde-esconde e assumia uma posição defensiva ao relatar os fatos. Essa postura, percebida ao longo da entrevista, pode ser explicada pela própria posição vivida por ela quando aluna do Colégio: era a mais jovem da turma. No entanto, insistiu em afirmar que não se sentia inferior, por isso: *“Nunca tive complexos. Nunca teve brigas. [...] Porque eu era novinha e tivesse despeito, não tem motivo. E eu era uma criança. Naquele tempo, 13 anos; era uma criança, inocente mesmo”* (04).

Vê-se, portanto, que cada entrevista revela-se única, e sua potencialidade como fonte depende, em grande medida, da relação que se estabelece entre o entrevistador e o entrevistado, da própria posição ocupada pelo narrador na situação vivida – no passado ou, mesmo, no presente – e de sua disponibilidade e habilidade para narrar.

Além disso, nas entrevistas há sempre alguns contratempos que dificultam o andamento proveitoso dos encontros.

Em algumas delas, por exemplo, as condições de sua realização não foram muito favoráveis: barulhos, locais inadequados ou, mesmo, algumas interrupções feitas por pessoas da casa, foram os fatores que contribuíram para que, muitas vezes, o fio da meada desandasse e a retomada se tornasse difícil.

Em dois outros momentos, o gravador, embora tivesse sido testado antes, não funcionou e precisei remarcar as entrevistas. Em um desses casos, a entrevistada preferiu escrever seu depoimento em vez de gravá-lo. Em outro caso, diante da impossibilidade de ser atendida novamente, escrevi o depoimento, o mais fielmente que pude.

Duas outras entrevistadas, por sua vez, atenderam-me muito bem, mas não quiseram gravar seus depoimentos. Tentei registrar tudo, o mais rapidamente possível e, depois de digitados, foram revistos por elas. Uma delas, no entanto, ao lê-lo, pediu que desconsiderasse tudo o que foi dito, pois, avaliou algumas de suas falas como equivocadas e/ou excessivas.

Algum tempo depois, enviou-me, por e-mail, o histórico que escreveu sobre o colégio. A versão enviada não contemplou, no entanto, a maioria das perguntas e das histórias que haviam sido relatadas.

A seguir, descrevo alguns aspectos que envolvem a vida das entrevistadas. Nesse momento, menciono o nome de cada uma, no entanto, como já foi referido, ao citá-las nos diferentes capítulos, as colocações estarão codificadas por números 1, 2, 3, e assim por diante. De modo que cada vez que for citado o número 1, será sempre a mesma pessoa que estará sendo mencionada.

1.4 – Entrevistadas

Maria de Lourdes Cavalcanti Pessoa – 79 anos, nasceu em Timbaúba; seu pai era agricultor³. Continua morando ainda nessa cidade e sempre trabalhou em educação. Hoje está aposentada.

Maria de Jesus Queiroz – 80 anos, nasceu em Timbaúba e seu pai era agricultor. Ao terminar o curso foi contratada pela escola. Está aposentada. Mora atualmente em Natal. Quando a entrevistei senti que *“Para muitos entrevistados, a vida se resume a sua história de vida e trabalho. O mundo é reduzido a esses dois universos e a própria linguagem do entrevistado aponta para esse fato”* (PEREIRA, 2001, p. 22).

³ Era considerado agricultor alguém que possuía terras: uma chácara, fazenda, engenho ou usina.

Maria Linalda e Lindomar Pedrosa – 82 e 79 anos, respectivamente. Seu pai era agricultor. São irmãs solteiras. Vivem juntas em João Pessoa. Depois da colação de grau trabalharam no Colégio. Encontram-se aposentadas.

Maria Helena Cordeiro – 82 anos, pai agricultor; nasceu na Paraíba. A partir das fotografias foi contando sua história, pois, parecia esquecida e com esse suporte iconográfico a entrevista transcorreu mais leve.

Nesse caso, Le Goff (1984, p. 390) afirma que a fotografia revoluciona a memória, como um dos suportes fundamentais para a análise historiográfica. Almeida (1995, p. 244) explica essa atitude ao comentar: *“Da evocação da memória fotográfica de uma instituição educativa emergirão traços ocultos, provavelmente não revelados, fazendo as imagens presentes provocarem o trabalho de uma memória em retraimento, portanto, esquecida”*.

Helena ainda trabalha desenvolvendo atividades educativas.

Maria José Torres – Foi interna e bolsista. Veio para o colégio como vocacionada. Não existe registro em nenhum livro de atas do colégio. Também conhecida como irmã Rosário, é freira e mora no Colégio Stella Maris, em Triunfo. Veio à Casa Mãe, na Av. João de Barros, em Recife para que a entrevista pudesse ser levada a efeito. A viagem foi longa e cansativa, mas foi convocada pela Madre Superiora da Ordem que estava visitando o Brasil; mostrou-se atenta e disponível.

Após essa entrevista, marquei com a irmã Benigna, por telefone, para conversar com a superiora, na noite seguinte.

Depois desse momento as entrevistas pararam porque não consegui marcar encontros e parecia que as portas estavam fechadas. Sentia necessidade de continuar, a fim de esclarecer mais alguns fatos que pareciam

não terem respostas. Esse sentimento de não conseguir o esperado me deixou confusa.

Halbwachs (apud MONTENEGRO, 1992, p. 10) traduz bem esse sentimento que se apoderou de mim, nesse ínterim, ao afirmar:

...a questão central de qualquer pesquisa, que utilize este tipo de fonte (relatos de memória oral) estará sempre no desafio de encontrar narradores, e não na medição quantitativa do número de entrevistas a serem realizadas. Afinal, todo relato é um relato social. O narrador ao reconstruir sua história estará também reconstruindo a história do seu grupo, do seu tempo.

Então, consegui ir a Timbaúba, sem ter nada marcado, pronta para desbravar o campo. E tive sorte. Entrevistei Carminha Ribeiro, por indicação de uma ex-aluna, de um período posterior, que morava na cidade.

De outras turmas, entrevistei: Maria José Torres Morais (2ª turma), citada acima; Maria do Carmo Ribeiro (2ª turma); Anita Cordeiro e Carmem Dolores de Araújo (3ª turma); Maria Perpétua Pedrosa (4ª turma); Enide Borba (5ª turma).

Maria do Carmo Ribeiro – Com 76 anos. Filha de comerciante que morava em Timbaúba. Mora sozinha. Terminada a entrevista, ela encaminhou-me à casa de Anita Cordeiro.

Anita Cordeiro – Com 71 anos. Mora em Timbaúba desde pequena. Seu pai era agricultor. Apresentei-me e, ali mesmo, num banquinho de granito, em frente à casa, expliquei-lhe o que gostaria de pesquisar sobre a escola e que se ela não estivesse disponível eu voltaria depois. Ela retrucou: “*De forma nenhuma, pode ser agora mesmo. Eu acabei de almoçar e é bom relembrar o passado*”. Divide sua vida entre a casa, em Timbaúba, e um dos engenhos próximos.

Maria Perpétua Pedrosa – Seu pai era agricultor. Enquanto eu relatava o porquê desse encontro, Anita pediu licença e foi na casa de outra aluna que logo

depois chegou para participar do colóquio. Em vez de uma, agora eram três ex-alunas, pois todas queriam participar e contar algo, acrescentar, sorrir... Dessa vez chegou Enide Borba.

Enide Borba – 74 anos. Seu pai, também, era agricultor. Mora em Timbaúba. Foi professora até se aposentar.

A última a ser entrevistada foi Carmem Dolores, com 73 anos. Seu pai era comerciante. Mora, atualmente, em Recife, e, também, foi professora. Hoje é advogada.

Desse modo, a partir da realização das entrevistas, também incorporei-as às fontes já localizadas, relendo materiais trazidos pelas próprias entrevistadas, como, fotografias, partituras musicais, peças de teatro, histórico escolar e boletim.

1.5 – História Oral – reconstruindo o cotidiano

A História Oral ocupou um lugar de destaque na pesquisa, na medida em que considerei a palavra um documento que se transformou em história escrita, considerando a realidade reconstruída através das emoções, da memória, da lembrança, com a noção de subjetividade inerente ao processo.

De acordo com Meihy (1996, p. 53), a História Oral tornou-se um importante denominador comum a vários campos do conhecimento, contando e retratando os fatos, as experiências, os acontecimentos, os valores e a face externa – o concebido – e a face interna – o vivido, as relações com o grupo mais próximo e/ou comunidade onde se insere o sujeito, reconstruindo e organizando, através da memória uma história pessoal e do grupo.

Utilizei, como um dos instrumentos, as entrevistas abertas e flexíveis, com ou sem gravação, respeitando o desejo da pessoa entrevistada.

O momento posterior foi a transcrição literal do depoimento, não desprezando em nenhum momento o que foi originalmente falado, e, também, considerando tão importante quanto o dito, os silêncios, as hesitações...

Essa oralidade entre o sujeito que fala e o que ouve não pode ficar silenciada, porque “...além do momento da oralidade no qual o pesquisador está interagindo com o locutor e recolhendo o material da narrativa, há um momento posterior no qual essa narrativa é transposta e transformada em texto, em tese, em artigo” (RAPCHAN, in MONTENEGRO E FERNANDES, 2001, p. 53).

O documento resultante traz aspectos do passado que quero reconstruir a partir das inferências do presente em que o entrevistado está mergulhado.

A história oral de vida, quando registra as experiências dos entrevistados, oferece explicações e revela aspectos pouco percebidos na historiografia, ao mesmo tempo em que indica novos caminhos. Apresenta algo mais que uma entrevista porque possibilita a produção de documentos tendo a palavra oral como fonte. Além de propiciar conhecimentos, diagnostica os fenômenos da interferência e influencia na cumplicidade ocorrida entre pesquisador e sujeitos pesquisados, partindo do pressuposto de que a narração é o “objeto” privilegiado do narrador (WENCESLAU, 1996, p. 219).

Quando se faz uma narração, a memória é retrabalhada; o passado é racionalizado; e o entrevistador interfere fazendo referências a um ou outro aspecto que, às vezes, escapa, selecionando, orientando, alongando, ou não, o depoimento, para apropriar-se do vivido, o mais próximo possível.

Enquanto o sujeito narra, conforme Lucena (1996, p. 207), evoca lembranças dele mesmo, da família, do grupo social onde se inseriu/inseriu, construindo representações e transformando as idéias e imagens guardadas em realidade.

Para reviver a imagem é preciso identificar o objeto e atribuir-lhe significados através da imaginação e do imaginário. É essa significação própria de cada olhar que dá o sentido ao que se quer conhecer.

Através da memória, resgata-se um passado e revela-se um diálogo entre o presente e o passado, alcançando diversos níveis, como o consciente, o inconsciente e o supraconsciente e revelando objetividade e subjetividade. O sentir, o pensar, o recontar, traduz-se como um trabalho que a memória esforça-se para apresentar.

Em algumas entrevistas percebi esse ir e vir ao passado e ao presente enquanto falavam: *“Ah! Aquela era uma escola, hoje nem se reconhece”*. Ou, *“que bons tempos eram aqueles”*; *“as irmãs eram tão trabalhadoras e eficientes que, até hoje, ainda sinto a influência delas na minha vida; até hoje faço frivolidé e crochê; ninguém ensinava da mesma forma”* (06, 13, 12).

Através da pesquisa bibliográfica e da análise dos documentos do Colégio, consegui entender vários aspectos do cotidiano de uma escola confessional católica, cuja prática, por si só, diferenciava-se das outras escolas da cidade, tanto particulares quanto públicas, ou de professores católicos, também, mas não necessariamente ligados a uma ordem religiosa.

As alunas contam essa prática como a melhor, a mais comentada e elogiada pelos políticos e pessoas importantes da cidade. Quando se falava: *“Era a noite Mariana do Santa Maria, todos já esperavam com expectativa porque sabiam que era a melhor de todas”* (11).

Os atores educacionais e os da comunidade misturavam-se e festejavam. E contaram a história como protagonistas.

Não só as alunas, mas, também, os moradores com os quais conversei, com o intuito de encontrar fontes sobre a cidade, na época, faziam comentários

semelhantes: *“Ah! Esse colégio ainda hoje é uma referência na cidade”. “Pode-se dizer que o Colégio Santa Maria faz parte do patrimônio da cidade e marcou época”. “Não há quem não tenha uma história pra contar sobre o Santa Maria”* ” (moradores da cidade).

E assim como essas, muitas outras colocações foram feitas.

Considerando a narrativa das entrevistadas, verifica-se que o narrador não poderia ser o próprio passado, mas, um tipo de fonte que se origina da memória daquele ator que o viveu e que o reconstrói segundo o seu próprio ponto de vista, sua emoção e sua percepção do vivido.

Cada entrevistada e cada uma das várias pessoas com as quais conversei narraram o que recordaram, organizaram suas lembranças como melhor perceberam, sistematizaram as idéias e, algumas, partiram de fotografias para relembrem os acontecimentos que vivenciaram.

De acordo com Veyne (1992, p. 12), a própria história é uma narrativa do passado porque seleciona, simplifica, organiza, fazendo com que um século caiba em um espaço como uma página.

Por isso, para o historiador, o documento, tomado em sentido amplo, é imprescindível, porque sem ele é impossível reconstruir o passado, comparar informações, analisar fatos e comportamentos, considerando que nenhum historiador se apropria da história como ela aconteceu na época, isso porque as linguagens que perduram no tempo exigem leituras e percepções diferenciadas.

CAPÍTULO 2 – UM ENCONTRO ENTRE CULTURAS DIFERENTES

*“Educar, a um tempo,
para Deus,
para a Família
e para o Estado
não é possível
sem enfraquecer
um pelo menos dos resultados,
e esse fatalmente
será o de
educar para o Estado.
É preciso portanto escolher.
Se a educação é para Deus,
não é necessário
que o Estado intervenha.
Se é para a Família,
então reforçemos os seus laços.
O tríplice objetivo
resulta apenas
em debilidade da organização”.*

(GUSTAVO BARROS)⁸

⁸ Barros in Horta, 1994, p. 241.

Este capítulo pretende contar a história da Congregação das Irmãs Franciscanas de Maristella e sua atuação no Colégio Santa Maria, em Timbaúba. Busca-se, assim, compreender como elas foram recebidas na cidade e que motivou a vinda de tantas freiras da congregação, para o interior de Pernambuco; como e quando a ordem franciscana foi fundada e as lutas que enfrentaram em Augsburg até a época do III Reich, quando Hitler tomou a responsabilidade da educação e suas escolas foram fechadas; a influência da Igreja Católica no Estado Novo e na educação.

A principal preocupação é situar a ordem religiosa no momento político com todos os seus entraves e avanços e não, simplesmente, recontar uma história cronológica e factual. Existem muitos autores que desenham e redesenham o Estado Novo em suas múltiplas facetas, a Era Vargas e o autoritarismo, o III Reich e o totalitarismo. Esse não é o objetivo primordial deste trabalho.

2.1 – A Chegada

Era junho de 1938 quando essa história começou aqui no Brasil. No dia

16 embarcaram, em Trieste, 8 (oito) missionárias da Estrela⁹ – freiras franciscanas de Maristella – e, depois de onze dias de viagem, desembarcaram no porto do Recife, sendo recepcionadas pela Academia Santa Gertrudes, onde atuam até hoje as irmãs beneditinas de Tutzing, em Olinda¹⁰. Vieram de Augsburg, na Alemanha, e “fugiam” do III Reich. Essa versão da fuga foi dada tanto pela irmã Seráfica, madre Superiora da Ordem em Augsburg, quando a entrevistei, aqui, em Recife, quanto pelas ex-alunas nas entrevistas feitas para esta pesquisa.



Alemanha



Brasil

⁹ Na Alemanha, muitas famílias tinham por costume colocar na fachada da casa um escudo que as identificam. A Estrela era um desses escudos e distintivo da casa doada à comunidade nascente, sendo o seu significado um luzeiro para o caminho, através dos séculos. A crônica da Congregação fala de “filhas de burgueses daqui”, que transformaram sua própria casa num convento. Essa era uma prática comum em Augsburg e a família não se opunha quando um filho ou uma filha escolhia renunciar aos prazeres da vida e optava por uma vida de penitência. O distintivo que identifica a ordem tem um escudo e no centro uma estrela, por isso as freiras são também chamadas de estrelinhas e irmãs da Estrela. Esse distintivo também foi adotado no Colégio Santa Maria e faz parte das correspondências, propagandas, folhetos, faixas e slogans (BRAÜMUELLER, 1975, p. 13).

¹⁰ As freiras beneditinas são também da Alemanha, da cidade de Tutzing. Antes das franciscanas de Maristella virem para o Brasil, fizeram um curso sobre Missões e se apropriaram da cultura brasileira no convento delas. Essas informações e as que se seguem sobre a Ordem foram retiradas de uma história da Congregação contada pela Madre Seráfica Braümueller, cujo título do original em alemão é “Das Koster Maria Stern in Siebenhundert Jahren”; em português: “E Seguiram a Estrela” (1975).

No entanto, ao ler o livro escrito pela própria Madre Braümueller e comparando as diferentes leituras, conclui que não houve propriamente uma situação de fuga. Acredito que houve um planejamento detalhado, um preparo, na intenção de saírem do país, pela madre Josefina, superiora da ordem, à época, com respaldo tanto do país de origem quanto do país para onde emigraram, no caso, o Brasil.

As irmãs, ao chegarem, hospedaram-se em Olinda na Academia Santa Gertrudes. Eis o que relata a cronista sobre esse momento:

O projeto de demorar mais tempo em Olinda, com as irmãs beneditinas tão hospitaleiras, foi destruído pela impaciência dos timbaubenses, ansiosos para ver seu Colégio de novo funcionando, se possível, já no 2º semestre. Tudo era desconhecido para as irmãs: região e seus habitantes, condições de vida, língua e clima. Cedo demais apareceram dois carros de Timbaúba, enviados pelo prefeito para buscar as irmãs”¹¹ (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 1).

Passaram apenas cinco dias em Olinda, porque chegaram no dia 26.06.1938 e viajaram para Timbaúba no dia 02.07.1938. A cronista continua dizendo que três irmãs acompanharam a superiora, e a Madre Priora de Olinda enviou com elas duas irmãs para auxiliarem no início das atividades em Timbaúba. A impressão que registraram no Livro de Crônicas é que elas foram: “... *passando por pobres casas, densas florestas e matas*” (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 1).

Na casa paroquial, elas foram recebidas por muita gente e, segundo o relato:

... especialmente povo pequeno às 4 horas da tarde. Depois de um lanche com refrigerantes e frutas, dirigiram-se ao colégio com o padre Rev. José Marques da Fonseca e muita gente alegre e curiosa. Já escureceu, quando em fim, as irmãs se acharam a sós (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 1).

¹¹ Essas impressões de sua chegada em Pernambuco estão registradas no livro “Crônicas da Escola Santa Maria. 1938-1972”, escrito em alemão, havendo uma versão, a que cito, que foi traduzida para o português só até janeiro de 1954. Não há paginação.

Somente no dia 10 de julho, no prédio número 216, sito à rua Dr. Alcebíades, de acordo com a versão da cronista do livro “Movimento Escolar”, a festa teve início:

“...às seis e meia horas, com o comparecimento das famílias e autoridades locais, teve início o ato de re-inauguração¹² do Colégio Santa Maria [...] teve lugar o hasteamento do Pavilhão Brasileiro, toando neste instante o Hino Nacional Brasileiro, cantado pelos alunos das escolas estaduais e municipais da cidade (LIVRO DE ATAS MOVIMENTO ESCOLAR DO COLÉGIO SANTA MARIA, 1938, f. 3).

No outro livro de crônicas escrito em alemão, cuja versão em português só foi revelada quando já estava quase no final desta pesquisa, dá-se mais ênfase à participação da cidade ao narrar esse evento:

No domingo, dia 10 de julho de 1938, realizou-se a solene entrega do Colégio às Franciscanas de Maria Stern, e a inauguração do mesmo. Ao grande entusiasmo reinante em toda a cidade, foi dado viva expansão pelas autoridades e o povo. Já às 6:30 hs. cedo tinha-se reunido uma grande multidão: todas as associações, a banda marcial, os dirigentes da cidade, das escolas, do município. Todos esperaram pelo hasteamento da bandeira e sob o acompanhamento dos instrumentos, os grandes e pequenos cantaram o hino nacional (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 2).

Enfatizam, também, a programação e a ornamentação do ambiente:

Sobre a escada em frente da entrada, foi erguido um altar. Os lugares de honra ao lado do mesmo, foram ocupados pelas autoridades e religiosas. O Revmo. Pe. José Marques celebrou a missa. O coral da matriz sendo dirigido pela Sra. Alice Azevedo, cantou. Tudo foi realizado com tal entusiasmo, como isso fosse o mais importante acontecimento do mundo (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 2).

Ainda, nesse mesmo livro, a cronista fala do papel do Jornal Timbaubense que, com os seus repórteres, no outro dia descreveu o episódio com euforia:

¹² Ato de re-inauguração porque esse colégio já existia e antes estava sob a direção das Damas da Instrução Cristã e, segundo as entrevistadas, por motivos políticos, elas deixaram o colégio. Não encontrei documentos que comprovassem esse incidente.

“Após a missa, o pároco fez um pequeno discurso, parabenizando as autoridades locais e os pais timbaubenses pela passagem de um evento muito feliz, que é a fundação de tão desejado estabelecimento de educação que ele apresentou como excelente e completa instituição pedagógica. Também mencionou, com o regozijo de pastor e orientador espiritual de Timbaúba, a grande formação cultural e moral que ia se anunciar em prol da juventude feminina. Depois houve a recepção solene das autoridades, dos membros da associação de professores, e das famílias, pela Diretora da casa, a M. Raymunda (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 2).

O Juiz de Direito, Dr. Lauro Dorneles Câmara, representando o orador oficial Dr. João Ferreira, falou sobre a nova instituição e a que ela se destinava.

Conforme a cronista

Ele falou do imenso jubilo do mundo católico de Timbaúba nesta hora histórica que vê renascer esta casa destinada a acolher e proteger grande número de jovens cheias da sede de saber, da fé num futuro esperançoso, ciosas de aperfeiçoar sua formação moral conforme os ditames cristãos (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 2).

Como se pode observar, já no momento da inauguração do Colégio, enfatiza-se o seu objetivo primordial de formar mulheres católicas.

A cronista acrescentou em seus comentários: *“Podia-se dizer que o ninho outrora abandonado, preparava-se para receber novos passarinhos que o enchessem com novas celebrações festivas”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 3).

O Juiz acrescentou que as vantagens econômicas¹³ e humanas advindas da abertura do Colégio em Timbaúba também devem ser levadas em consideração:

Nossas filhas e nossas irmãs agora não têm mais a necessidade de se separar de seus entes queridos para lá fora, procurar a formação intelectual e moral. Aqui mesmo, próximas do coração de suas famílias, elas acharão o alimento espiritual e a perfeita instrução literária (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 3).

¹³ As vantagens econômicas mencionadas pelo Juiz devem reportar-se à preocupação de, se não tivesse um colégio em Timbaúba, os pais deveriam enviar suas filhas para outro colégio em cidades mais distantes, com gasto de enxoval, pagamento de internato, muitas vezes, e, até mesmo, de locomoção.

No imaginário das pessoas daquela sociedade, as freiras foram recebidas como se pertencessem à mesma família que elas. Isso pode ser visto no momento da entrega simbólica das chaves à veneranda diretora da casa, Madre Raimunda Habermeier:

Sêde bemvindas! Vocês deixaram a Pátria, suas famílias, seus bens, para trazer à nossa terra a riqueza inesgotável de seu apostolado. Estão em seu lar. Somos da mesma família, chamados à vida pelo sacrifício e a glória do Calvário. É o mesmo laço que nos une. É o mesmo sentimento que nos aproxima uns aos outros. Continuem no seu apostolado da fé. Deus abençoará seus esforços e sua devoção à causa da educação de nossa juventude (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 3).

Mais uma vez, percebe-se a ênfase dada à educação religiosa e moral das moças, que seriam proporcionadas pela reabertura do Colégio.

As alunas entrevistadas também destacam o fato de as freiras, vindo ocupar o colégio que estava desativado e realizado o sonho de muitos timbaubenses de terem, em sua cidade, um colégio dirigido por freiras.

2.2 – Influência do III Reich na Emigração

Mas, por que essas freiras de origem alemã, escolheram Timbaúba para se dedicarem à educação das moças? É preciso, aqui, retomar algumas histórias, que podem auxiliar na compreensão dessa “opção”.

O III Reich começou em 1933, depois de uma luta de muitos anos de Hitler, e seus correligionários do Partido dos Trabalhadores, perseguirem o objetivo de governar a Alemanha para torná-la forte e superior a outras nações. Na realidade, segundo Ludwig (1941), desde os tempos de Frederico, o sonho dos alemães era dominar o mundo.

Depois da I Guerra Mundial, os germânicos, principalmente os sonhadores e visionários, bem como os dirigentes, não se conformaram com as sanções impostas e, ao mesmo tempo, achando-se, injustiçados com o Tratado de Versalhes, assinado em 28 de julho de 1919, deixando a Alemanha destroçada. De acordo com Shirer:

Os t[er]mos [sic] do Tratado de Versalhes, estabelecidos pelos Aliados sem qualquer negocia[ç]ão com a Alemanha, foram publicados em Berlim, a 7 de maio. [...] Restituía à França a Alsácia-Lorena, uma parcela de território a Bélgica, uma parcela semelhante, a Dinamarca em Schleswig, que Bismarck arrancara aos dinamarqueses um século antes, após derrotá-los na guerra. Restituía aos polacos as terras com que os alemães haviam ficado depois da divis[ã]o da Pol[ô]nia. [...] Não os enfurecia menos o fato de o tratado obrigá-los a aceitar a responsabilidade de ter começado a guerra, exigindo que entregassem aos Aliados o Kaiser Guilherme II e c[er]ca [sic] de oitocentos outros criminosos de guerra (SHIRER, 1962, p. 100).

As sanções não pararam por aí:

... o primeiro pagamento, de cinco bilhões de dólares em marcos-ouro, precisaria ser feito entre 1919 e 1921, sendo que certas quantias entregues em espécie-carvão, navios, madeira, gado, etc. – deviam ser feitas em lugar de reparações em dinheiro. O que mais os feria era que o Tratado de Versalhes desarmava virtualmente a Alemanha (restringia o exército a 100.000 voluntários a longo prazo, proibindo-lhes que possuísse aviões e tanques. O Estado-Maior é também proscrito. A marinha foi reduzida a pouco mais do que uma força simbólica, sendo-lhe vedado construir submarinos ou barcos de mais de 10.000 toneladas (SHIRER, 1962, p. 101).

Esse “Tratado” auxiliou o surgimento do nazismo porque, antes de assiná-lo e logo após a assinatura, começaram as agitações políticas e as propagandas incentivando o nacionalismo. A paz almejada resultou em revolta.

A escolha de Hitler como chanceler, no dia 30 de janeiro de 1933, foi apenas uma manobra política dos que estavam no poder, com o intuito de, que após quatro anos, através das eleições, uma vez que ali atuava a república democrática de Weimar, o poder voltasse aos republicanos. Pelo meio constitucional e com a ajuda de um outro partido, Hitler conseguiu a maioria dos

votos. Ele não ousou desafiar o poder organizando um novo “putsch”¹⁴ e lutou para alcançá-lo pelas vias legais.

Os principais objetivos de Hitler eram: unificar a Alemanha como um só povo e uma raça superior; acabar com o desemprego; eliminar os que não pertencessem à raça ariana; desarraigar as idéias marxistas e combater qualquer poder paralelo, o que incluía as instituições religiosas.

Lochner (1944, p. 236-242), Ludwig (1941), Toland (1978), Shirer (1962) e outros autores descrevem a perseguição dos nazistas, através da Gestapo, aos católicos, judeus, eslavos e protestantes. Considerarei pontos importantes desses relatos. Hitler perseguia os cristãos e, em seus ensinamentos, aboliu do Sermão da Montanha os textos que exaltavam a humildade, a bondade, a contrição e o amor aos inimigos, para, assim, atender a seus objetivos. *“Considerava essas doutrinas ofensivas ao senso moral e ético do verdadeiro nazista, que exhibe arrogância, impertinência, ódio e impaciência, apelidando esses sentimentos de virtudes germânicas”* (LOCHNER, 1944, p. 236).

As igrejas, mesmo sabendo que não havia coerência entre o programa nazista e seus ensinamentos, esperavam que houvesse algum tipo de arranjo em cumprimento do verso bíblico: *“...dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”*¹⁵.

Nas prerrogativas do programa de Hitler, cristãos não eram bem-vindos como visto, anteriormente. Muito antes de começar a guerra, os nazistas dissolveram muitas sociedades religiosas, incluindo as organizações que

¹⁴ O “putsch” tem a ver com o momento que Hitler e seus adeptos organizaram a tomada do poder, na cervejaria, em Munique, quando foi preso e quase desistiu dos seus objetivos. Através de conselhos de amigos, resolveu lutar consigo mesmo contra as adversidades, e na prisão escreveu “Mein Kampf”, livro considerado como a “Bíblia do Nazismo”.

¹⁵ Quando Jesus foi inquirido sobre se era lícito pagar tributo a César, Ele respondeu com essas palavras (em São Mateus, 22:21).

cuidavam de meninos e meninas, sendo os locais entregues à Juventude Hitlerista e à Sociedade das Moças Alemãs. Segundo Capelato (1998, p. 101):

A nomeação de Goebells, em 1933, para o Ministério da Propaganda, marcou uma virada decisiva na vida cultural alemã [...] em menos de um ano o Ministério refundiu todas as instituições, submetendo-as ao partido, eliminou tudo o que parecia estranho ou hostil ao movimento nazista.

Em conventos, claustros e outras instituições religiosas, especialmente as que pertenciam aos Jesuítas, Franciscanos e Beneditinos, a Gestapo exercia seu controle, subordinando as Igrejas à sua própria vontade e, muitas vezes, tomando-as para o exercício de outras atividades. As freiras, padres e religiosos eram obrigados a abandonarem as casas, geralmente à noite, levando, apenas, alguns utensílios de uso pessoal. Eram expulsos dos prédios e da província. Suas propriedades eram confiscadas e a Gestapo utilizavam-nas para instalar hospitais ou quartéis improvisados (LOCHNER, 1944, 236-237).

Milhares de freiras e monges eram forçados a emigrarem quando eram contrários ao regime do III Reich ou eram convidados a reajustarem suas vidas à nova ordem instituída. Os que aceitavam trabalhar difundindo a ideologia nazista até eram convidados ou auxiliados a saírem do país. Hitler utilizava professores, técnicos e especialistas em outros países para exportar sua doutrina apesar de afirmar que não era um artigo para exportação (PY, 1942). Talvez tenha sido esse o caso das irmãs franciscanas, uma vez que parecem ter vindo sem sofrerem sanções e com respaldo dos dirigentes do seu país, como se verá adiante.

Há quem afirme (KOCK, 1973, p. 68) que muitos religiosos, como, por exemplo, o Bispo Muller, que cedo se converteu ao nazismo, defenderam-no e, até, utilizavam os púlpitos para incentivarem os fiéis a saudarem uns aos outros com o “Heil Hitler!”.

Os que decidiam lutar pelo cristianismo acabavam em campos de concentração, exceto alguns mais ousados que, se desaparecessem, causariam problemas ao regime. Como exemplo, Lochner (1944, p. 239) cita os casos do bispo Galen que enfrentou os nazistas defendendo as crianças que, de acordo com o seu ponto de vista, não deveriam pertencer ao Estado, e do Dr. Niemmoeller que, também, recusou a obedecer. Se alguns sacerdotes decidissem ficar no país teriam que se adaptar e não podiam trabalhar para o serviço público.

As freiras franciscanas, por sua vez, pareciam ter continuado no exercício de suas atividades, pois, de acordo com Braümueller, no livro “E Seguiram a Estrela”, o convento em Augsburg continuou funcionando. *“Em 1937/38 teve início o que já estava planejado: o afastamento das professoras religiosas das escolas primárias, e o fechamento gradativo de institutos de ensino particular”* (BRAÜMUELLER, 1975, p. 94).

As freiras aceitaram servir ao III Reich, com todas as suas incoerências e perseguições aos cristãos *“... como organistas, auxiliares de paróquia, datilógrafas, nas secretarias dos bispados, servindo na Cáritas, na previdência pela juventude, em hospitais, elas eram bem acolhidas”* (BRAÜMUELLER, 1975, p. 94).

O fechamento das escolas franciscanas só aconteceu quatro a cinco anos depois da instituição do Reich:

... a grande guerra exigiu novas tarefas da direção geral. Logo no início, as casas próprias de Goeggingen, Noerdlinger e Wasserburg am Inn foram confiscadas e transformadas em hospitais. Muitos hospitais de guerra da Baviera convocaram Madres da Estrela como enfermeiras e administradoras. Madre Superiora procurou atender, na medida do possível, a todas as tarefas daquele tempo. Como nos séculos passados também agora a congregação aceitou hospitaleiramente irmãs refugiadas (BRAÜMUELLER, 1975, p. 95).

A perda ameaçadora do magistério: “... levou algumas irmãs a deixarem a Congregação para poderem continuar a exercer sua profissão de professora no III Reich” (BRAÜMUELLER, 1975, p. 96).

Sob o título “Religião e Nazismo são irreconciliáveis”¹⁶, transcrevo, a seguir, partes de um artigo em que fica bastante clara a posição do Nazismo em relação às igrejas cristãs:

Não é novidade, aliás a perseguição sistemática do nazismo à religião. Um dos mais recentes pronunciamentos chegados à América sobre religião e vindos do Partido Nacional Socialista, traz a assinatura de Martin Borman, sucessor de Rudolf Hess na presidência daquela organização e diz entre outras coisas edificantes, “o cristianismo é tão inferior ao nazismo, que automaticamente cessará de existir, [...] somente quando a influência e poder da igreja for aniquilada para sempre é que a existência do Reich está assegurada (ANTOL’NEZ, 1942).

O artigo continua nessa temática, ainda citando Hess:

As ideologias cristã e nacional-socialista são irreconciliáveis. As Igrejas Cristãs são baseadas na ignorância entre a grande maioria do povo, pois somente assim poderão elas formar o seu domínio. Em contraste, o Nacional-Socialismo é baseado em alicerces científicos. Nossa ideologia nacional-socialista é muito superior às concepções do cristianismo, que em todos os pontos essenciais são meros empréstimos do judaísmo. Esta é outra razão pela qual o cristianismo não pode merecer o nosso crédito. Ninguém saberia nada do cristianismo, se não fosse sobrecarregado com ele desde a infância (ANTOL’NEZ, 1942).

Para que as crianças do III Reich não fossem influenciadas pela religião, o programa educacional do novo regime retirou-as de seus lares e da proteção dos pais, ainda na segunda infância, e educou-as segundo seus princípios. Ainda no artigo citado acima, o autor escreve que na nova ordem, um só homem detinha em suas mãos o poder e tudo era feito como ele queria:

Pela primeira vez na Alemanha, o “führer” tomou as rédeas do destino nacional conscienciosamente em suas mãos. Por intermédio do partido e das organizações filiadas, o “führer” erigiu um instrumento que torna o governo independente da Igreja. Nunca mais poderá a Igreja possuir qualquer influência

¹⁶ Artigo extraído da Revista Diretrizes, de 23/7/1942. Texto de Martin Antol’nez. Prontuário Funcional. Fundo SSP, nº 31, 249. Env. 03. Arquivo Público Estadual João Emerenciano.

sobre a liderança nacional. Somente o governo do Reich por sua ordem o partido, tem o direito de governar (ANTOL'NEZ, 1942)

Os clérigos nesse período foram proibidos de visitar doentes e fazerem batismos em locais que pertencessem ao Estado, em hospitais ou qualquer instituição desse gênero. Havia um esforço sistemático para intimidar, prender e remover os ministros, mesmo os mais modestos (LOCHNER, 1944, p. 237).

O Estado interferiu na adoração dos dias santos e as comemorações desses, se caíssem no meio da semana, eram transferidas para o domingo seguinte. As missas eram realizadas em um novo horário e eram celebradas após as 10:00 horas, se no dia anterior houvesse raides aéreas. Nesse regime os cristãos foram tolhidos de exercitarem sua fé (LOCHNER, 1944, p. 237).

É sabido que, devido a mudança ocorrida na nação nos primeiros anos do III Reich, a maioria dos alemães simpatizavam e colaboravam com o nazismo bem como muitas nações estrangeiras. Mesmo porque a maioria das promessas feitas por Hitler antes de assumir o governo, foram cumpridas e os alemães viram diminuir o número de desempregados e a economia melhorara sensivelmente nos primeiros anos.

Entre os simpatizantes da política do III Reich inclui-se o Brasil que expressava não só simpatia, mas também adaptava à sua política as idéias alemãs, conforme Capelato (1998, p. 66).

Os organizadores das propagandas varguista e peronista, atentos observadores da política de propaganda nazi-fascista, procuraram adotar os métodos de controle dos meios de comunicação e de persuasão usadas na Alemanha e na Itália, adaptando-as às realidades brasileira e Argentina.

Acrescenta:

Nem todos os ideólogos ou adeptos do Estado Novo declaravam-se simpatizantes do nazi-fascismo, mas alguns explicitaram sua admiração por esses regimes como foi o caso de Filinto Muller, chefe da polícia política, encarregado da

repressão aos opositores, e de Lourival Fontes, diretor do DIP, que exercia o controle sobre os meios de comunicação e cultura, sendo também responsável pela produção e pela divulgação da propaganda estadonovista (CAPELATO, 1998, p. 66).

O que os alemães não vislumbraram é que as obras, empreendimentos e economia estavam sendo preparadas para a guerra que em breve aconteceria. Como exemplo, cito a construção das super-estradas, os navios para as viagens das férias anuais, as colônias de férias que deram emprego e regalias aos que antes estavam desempregados. Na época da guerra, transformaram-se em estradas que possibilitavam as guerras-relâmpagos, os navios que se transformaram em navios guerreiros, dispensários médicos no lugar das colônias de férias.

O controle e as proibições no III Reich atingiu as ordens religiosas e outra qualquer organização que não comungassem das mesmas idéias. Creio que no caso das Irmãs da Estrela também houve entraves na realização de suas ações mesmo que o texto escrito pela Madre Seráfica Braümueller (1975) aponte algumas pistas informando que a congregação continuou desenvolvendo suas atividades nesse período.

2.3 – Estado Novo

No Brasil, por outro lado, também vivíamos, no mesmo período, uma ditadura: o Estado Novo. Como se verá, a vivência desse regime auxilia a compreender o porquê de as freiras terem emigrado para o Brasil e se instalado em Timbaúba.

O Estado Novo surgiu a partir de um golpe de Estado em 10 de novembro de 1937 com o apoio das Forças Armadas e com o aval da Carta Constitucional que legalizava as medidas que visavam tolher as liberdades políticas, controlava

os movimentos dos trabalhadores e dos sindicatos, disciplinava a mão-de-obra e daí para frente influenciaria a industrialização do país.

O ano de 1922 foi quase que decisivo para a instalação do Estado Novo. Isso porque quatro acontecimentos, segundo Trindade (1979) contribuíram para uma reviravolta na sociedade: a Semana da Arte Moderna desencadeando a revolução estética; a fundação do Partido Comunista Brasileiro; a criação do Centro Dom Vital com a publicação da revista *A Ordem* de orientação católica anunciando renovação espiritual e por último, a primeira revolução tenentista na Fortaleza de Copacabana.

O contexto sócio-político era conturbado. Trindade (1979) afirma que havia uma invasão de literatura de outros países nos círculos literários. Alemães e outros estrangeiros enviavam livros para as bibliotecas nacionais exaltando o nacional-socialismo e outras tendências e as atividades desenvolvidas no Terceiro Reich. Italianos propagavam o fascismo na Itália de Mussolini sem deixar de mencionar as idéias do liberalismo americano de Roosevelt que também influenciava o Brasil e que deixou Vargas adotando uma dúbia política, americanista e germanista.

Além dessas idéias havia ainda a dos comunistas da URSS tendo como principal personagem aqui no Brasil, Luiz Carlos Prestes, “O Cavaleiro da Esperança” que na sua grande marcha transmite um pouco de esperança aos miseráveis que são oprimidos pelos senhores rurais.

Getúlio Vargas e suas milícias perseguiram-no até colocá-lo no cárcere, época em que o regime autoritário do Estado Novo praticou inúmeras atrocidades com os presos políticos.

A repressão aos comunistas era ajudada pela Gestapo, pelo serviço secreto do Departamento do Estado, pelo Intelligence Service, a polícia, e

Felinto Müller fechava o cerco por todos os lados. Assim como na Alemanha, havia aqui espias e agentes infiltrados em todas as repartições do governo. Também havia torturas. Morais afirma que (1994, p. 125) *“As arrobas de documento apreendidos em aparelhos¹⁷ eram esquadrinhadas, tabuladas e conferidas com declarações arrancadas com cassetetes e choques elétricos nas prisões cariocas”*.

O governo de Vargas deportou Olga Benário por ser comunista, embora casada com brasileiro. A Constituição dava e assegurava o direito dela permanecer no país. Juristas teorizaram sobre a decisão de Vargas. Morais (1994, p. 16) relata:

Não havia, em todo o processo, uma só acusação, uma única imputação de qualquer delito que ela pudesse ter praticado no Brasil. Nem sequer sua extradição havia sido pedida pelo governo de Adolfo Hitler. Getúlio e Felinto tomavam espontaneamente a decisão de enviar ao Reich nazista uma judia, comunista e grávida de quatro meses. Contra a Constituição, exibiam o parágrafo de três linhas da Lei de Segurança Nacional que o próprio Rao redigira meses antes: A União poderá expulsar do território nacional os estrangeiros perigosos à ordem pública ou nocivos aos interesses do país.

O governo não pensou em como é triste separar uma família e entregá-la à morte, porque em todos os países chegavam as notícias das crueldades praticadas pelos germanos.

Os movimentos militares, como o tenentismo, o integralismo com sua influência nazista, tendo como líder Plínio Salgado, resultou no golpe que criou o Estado Novo (TRINDADE, 1979), o qual tinha uma missão: colocar ordem para que houvesse progresso. Era fundamentado em algumas idéias: o controle deveria ser feito principalmente, através dos meios de comunicação, do DIP, do DOPS; a Igreja deveria desenvolver ações nos diversos momentos da vida política; era preciso um ideário pedagógico para preparar a juventude; o

¹⁷ Aparelhos era o nome dado às casas onde os comunistas se escondiam.

nacionalismo deveria ser exaltado com suas imagens e símbolos; a cultura deveria ser incentivada, desprezando o feio e exaltando o limpo, o belo; o autoritarismo é a idéia básica de todo o regime.

Vargas, ao instalar o Estado Novo, objetivava, com esse novo regime, restaurar os valores da família e da igreja e, através do ensino, instaurar o autoritarismo.

2.4 – A Igreja a serviço do Estado

De acordo com Horta (1994, p. 110), a Igreja foi utilizada por Vargas como instrumento de mobilização, mas os católicos não deixam de utilizar o seu próprio poder de mobilização popular. Para mostrar ao Governo sua força e pressioná-lo a atender as suas reivindicações, a Igreja organizou uma grande concentração em homenagem a Nossa Senhora Aparecida e, depois, quando inaugurou a imagem do Cristo Redentor, no Alto do Corcovado, mostrou que sabia como mobilizar as massas e conseguiu impressionar com seu trabalho e atuação.

Através da Ação Católica Brasileira, moldada pela Ação Católica Italiana, a Igreja procurava “assegurar e ampliar o seu controle sobre o laicato” (HORTA, 1994, p. 113).

Ainda segundo Horta, o papel da Liga Eleitoral Católica foi o de lutar para conseguir que o ensino religioso escolar fosse assegurado e incorporado à Constituição de 1934. A presença da Igreja na elaboração das leis orgânicas de ensino, fazendo propostas e projetos, foi preciso e foi um fator determinante para ajudar, principalmente no ensino primário.

De acordo com Schwartzman (1984, p. 44):

A Igreja Católica deveria oferecer ao novo regime uma ideologia que lhe desse substância e conteúdo moral, sem os quais, instituída Campos, ele não conseguia se consolidar. Não importa, aqui, a convicção religiosa pessoal de Campos, mas o papel político e instrumental que lhe percebia para a Igreja em seu projeto político.

2.5 – Um novo posicionamento educacional

Por outro lado, a educação, desde o início do século, gerava debates para que ela se nacionalizasse e estava sempre na pauta das discussões. O Estado Novo formalizou esse intuito, orientando e estabelecendo diretrizes.

Alguns estudiosos falam sobre esse momento anterior: Sodré (1976) aponta as “influências” externas, o futurismo, por exemplo. Trindade (1979, p. 7), considera esse período uma fase de transição na evolução histórica brasileira, tendo como causa o crescimento industrial, as camadas urbanas, o sistema político dominado pelo grupo agrário exportador e uma mutação ideológica nas elites intelectuais. Sperb (1976, p. 17) enfoca o currículo adequando-se às necessidades da criança e da sociedade que solicita o tipo de cidadãos que quer desenvolver.

Schwartzman, para que a educação mude de rumo, (1984, p. 73) afirma que: *“Só sob o regime autoritário estadonovista tenha sido possível chegar a uma política agressiva de cunho gravemente repressor”*.

Citando Lourenço Filho, o mesmo autor enfatiza esse projeto educacional que o governo pretendia instaurar tendo como:

“fito capital homogeneizar a população, dando a cada nova geração o instrumento do idioma, os rudimentos da geografia e da história pátria, os elementos da arte popular e do folclore, as bases da formação cívica e moral, a feição dos sentimentos e ideais coletivos, em que afinal o senso de união e de comunhão nacional repousam (SCHWARTZMAN, 1984, p. 75).

Uma educação com esse objetivo somente conseguir-se-ia com uma política aplicada por um Estado que tivesse uma ideologia direcionada para

desenvolver uma pedagogia definida no intuito de conduzir a sociedade para um fim determinado.

O elemento fundamental para que essa mudança acontecesse seria a exaltação ao nacionalismo com o fim de tornar o povo consciente de seu dever para com a Pátria, sublimando seus costumes, folclore e tradições. Segundo Schwartzman (1984, p. 15):

O novo Estado se caracterizaria por um clima de ordem garantido pela existência de um *chefe* que se sente em comunhão de espírito com o povo de que se fez guia e condutor. Somente o chefe pode tomar decisões porque ele encarna, na excepcionalidade de sua natureza, a vontade e os anseios das massas.

Nesse projeto político de um Estado nacionalista a pedagogia ocupou um lugar de destaque, porque a meta principal era educar a juventude. Horta menciona essa preocupação: “...colocar o sistema educacional a serviço da implantação da política autoritária. São os seguintes: a concepção da educação como problema nacional, a ligação entre educação e saúde e a ênfase na educação moral” (1994, p. 159).

A ênfase ao nacionalismo, ao sentimento de brasilidade e aos valores da Igreja Católica era imprescindível, mesmo que no Brasil houvesse a prática de outras religiões. A catequese ocupou um espaço considerável no âmbito das escolas, tanto particulares quanto públicas.

Esse projeto nacionalista atingiria, em cheio, os italianos e alemães do sul e sudeste do Brasil, uma vez que esses imigrantes haviam implantado em suas colônias, por falta mesmo de uma orientação do Estado, sistemas de educação básica, utilizando a cultura e o idioma de seus países de origem. Luna, citando Gertz, explica essa tendência:

Quem pode compreender a sensação que se tem ao encontrar no coração da América do Sul uma cidade em que é difícil ouvir uma palavra em português, em que as casas lembram uma

pequena cidade da Alemanha central, na qual todas as lojas e inscrições são alemãs? (GERTZ apud LUNA, 2000, p. 30).

Essa, que se constituía uma das maiores preocupações do Governo – nacionalizar o país – criou muitos atritos, tanto para os interventores de alguns Estados, cuja população era estrangeira, quanto para o próprio Governo. Em Luna, há referências desse controle sobre as escolas teuto-brasileiras:

O uso das gramáticas nacionais está, assim, vinculado ao aumento da pressão sobre as escolas estrangeiras. As leis publicadas durante o período chamado inter-guerras [sic] traduziram-se em fiscalização do material didático e da prática de ensino de professores sem nacionalidade brasileira (LUNA, 2000, p. 169).

Para que esse ideário pedagógico do estadonovismo alcançasse êxito criou-se o Seminário Pedagógico, com o objetivo de *“veicular um discurso educacional – réplica do discurso político do Estado – no qual a relevância dada ao aparelho escolar, como instrumento na formação da hegemonia, substituiria qualquer possibilidade do uso da força para a legitimação do novo regime.”* (ALMEIDA, 2001, p. 49).

Os livros eram selecionados, controlados, retirados das bibliotecas e das prateleiras das livrarias para que não influenciassem, de alguma forma, os alunos e professores com as idéias comunistas.

Enquanto no Brasil a ênfase combativa era dada às ideologias comunistas, na Alemanha acrescentava-se a essa, a retirada, também, de livros que falassem ou exaltassem o cristianismo, e intensificaram, em todas as disciplinas, o ensino das “ciências raciais”, *“ exaltando os alemães como raça dominadora, pura e apresentando os judeus como causadores de quase todos os males existentes no mundo”* (SHIRER, 1960, p. 374).

Lochner afirma que:

Quando terminar esta guerra pela derrota do hitlerismo não haverá tarefa mais importante do que a reeducação da juventude alemã nas concepções normais e civilizadas de amor à verdade, à honra, à decência, à moralidade e ao cavalheirismo. Pessoalmente, pelo que assisti durante nove anos sob o domínio nazista, sinto menor interesse em desarmar a nação alemã do que em retirar os livros das escolas, livros em que a história é mal interpretada, e em que a lama e o sangue tomaram o lugar de Deus, e nos quais a raça nórdica é colocada sobre um pedestal sublime, o militarismo é glorificado, a conquista santificada e Adolf Hitler representa o Homem Perfeito (LOCHNER, 1944, p. 63).

Por outro lado, Toland (1978, p. 146) descreve Hitler como uma personagem lunática, maníaca, artisticamente frustrada, de Viena, cabo zeloso nas trincheiras, mas a quem os superiores negavam promoção de sargento “*por lhe faltarem aptidões para o comando*” transformado num líder político. Era também um regime autoritário onde a educação e o uso de símbolos causavam emoção ao se preparar uma passeata ou reunião.

2.6 – As Imagens e os Símbolos

Os símbolos mais enaltecidos durante esse período, no Brasil eram a Bandeira Brasileira e a execução do Hino Nacional em, praticamente, todas os encontros, reuniões, festas, comemorações. A figura do presidente Vargas nas representações visuais e as do Interventor do Estado eram constantes. Para exemplificar, cito Capelato: “*A bandeira brasileira e a figura de Vargas foram os símbolos mais explorados nas representações visuais do estado Novo*” (CAPELATO, 1998, p. 48).

Cartazes com expressões e dizeres eram expostos com apelos nacionalistas:

...o cartaz onde se desenha o mapa do Brasil, colorido de verde, e, no centro, a bandeira brasileira com a imagem de Vargas desenhada na esfera azul; ao lado, estão os dizeres “Fortes e unidos, os brasileiros do Estado Novo são guiados pela Grande

Trindade Nacional: Nosso Partido, Nossa Bandeira, Nosso Chefe (CAPELATO, 1998, p. 48).

Vê-se nessa declaração, ao falar da Grande Trindade, uma referência ao sagrado: a Santíssima Trindade – que também representa um símbolo de valor da Igreja Católica, bem como a utilização dos crucifixos nas escolas.

Através do cinema, do teatro, das artes, da propaganda, do rádio e da imprensa, o Estado Novo explorou esses elementos para infiltrar suas idéias e procurar alcançar o maior número de pessoas.

O cinema era visto como um instrumento privilegiado para esta ação. Ele teria o poder de “influir beneficentemente sobre as massas populares, instruindo e orientando, instigando os belos entusiasmos e ensinando as grandes atitudes e as nobres ações” (SCHWARTZMAN, 1984, p. 87).

Em Pernambuco, o Estado Novo foi vivido de maneira surpreendente na figura do Interventor Agamenon Magalhães. Pandolfi fala desse momento político:

... Agamenon Magalhães assume oficialmente em 3 de dezembro de 1937 o cargo de interventor em Pernambuco. No seu discurso de posse, na sacada do palácio do governo, usa uma expressão que se tornou célebre no Estado: “Vim para criar a emoção do Estado Novo.” Apelidado pelos inimigos políticos de “o China”, “o Malaio”, e por Vargas de “meu carrasco político”, Agamenon realiza um governo considerado pelo poder central como um modelo a ser seguido pelos demais estados da federação (1984, p. 30).

Ele procurou encarnar o regime, anunciando que veio para criar “a emoção do Estado Novo”. Uma das suas principais lutas foi erradicar da sociedade as coisas que tornavam feias a cidade e que não representavam bem essa emoção. *“No Recife, marcou muito, no cotidiano popular, a campanha contra os mocambos e a perseguição aos adeptos do candomblé, conhecido como Xangô”* (GOMINHO, 1997, p. 3).

Em “Memórias de um Professor”, Bello mencionou o Estado Novo como um *“regime em exceção quando o arbítrio dos governantes substituía ou se sobrepunha aos preceitos da lei”*, classificando-o como um *“regime necessariamente transitório e que cedo ou tarde o país teria que voltar à legalidade”* (BELLO, 1982, p. 236 e241).

Esse autor foi agraciado, pelo interventor, com a direção da Escola Normal Oficial do Estado. Houve entre eles uma aproximação, mas assim mesmo, Bello não sentia em seu íntimo essa “emoção” do Estado Novo (BELLO, 1982, p. 238).

Enquanto para o engenheiro Antônio Bezerra Baltar, segundo Gominho, a impressão era diferente, em parte:

E o Agamenon, que eu conheci pessoalmente com quem eu convivi uns vinte e cinco anos e que na minha opinião, pode ter uns certos defeitos de rispidez, de tratamento raivoso às vezes de certos problemas, era um estadista. Não tremo um segundo em dizer isso. Era um estadista (GOMINHO, 1998).

O autoritarismo no Brasil apoiou-se na Igreja Católica e nos seus *“canônes de obediência, autoridade, fidelidade e ordem para representar o paradigma político nacionalista do Estado Novo”* (ALMEIDA, 2001, p. 91).

Talvez esse tenha sido um momento propício para a entrada de freiras no Estado uma vez que a Igreja gozava de muitos privilégios. Almeida também afirma que o poder da Igreja ficou evidenciado no domínio dos cargos públicos por intelectuais considerados como bons católicos. Para exercer algum cargo deveria ser um “católico praticante” vivendo dentro da liturgia do catolicismo. (ALMEIDA, 2001, p. 92).

A Igreja combatia o comunismo, a ponto de enviar admoestações. Segundo Câmara (1949):

Não transigir é, no mínimo, retrain-se e não prestar concurso aos comunistas. Não transigir é desviar das atividades comunistas os incautos e ingênuos..., é dar oportunamente o brado de alarme..., é negar absolutamente os votos de eleitores a candidatos apoiados pelo comunismo... (CÂMARA, 1949, p. 15).

Através da educação, a Igreja Católica acreditava eliminar o comunismo, exercendo a vigilância, não deixando que doutrinas exóticas corrompessem a mente das crianças e procurando cuidar dos professores para ensinarem com compromisso e, caso desrespeitassem as ordens, eram afastados da escola.

2.7 – A Congregação Franciscana

Mas, que congregação era essa que veio da Alemanha para o Brasil em um período tão conturbado?

Segundo Braümueller (1975, p. 13), a congregação das franciscanas foi fundada em 1258, em Augsburg, quando a viúva Canione e suas duas filhas, moças piedosas e de família burguesa, iniciaram, em nome da Santíssima Trindade, com grande ardor e entusiasmo por Deus, a “Casa da Estrela”.

O grupo de moças vivia com grande zelo, sem distinção entre elas e com piedade, servindo a Deus na obediência e no estado virginal. Trabalhavam e repousavam juntas, unidas em um só coração. Eram contemplativas.

Uma “mestra”¹⁸ cuidava da direção do convento. O cargo de maior responsabilidade, excluindo-se o da mestra, era o da cronista do Convento que era responsável pelo registro das atividades da instituição. O cargo de porteira era também muito importante porque autorizava a entrada e saída das visitas e das irmãs (BRAÜMUELLER, 1975, p. 16).

¹⁸ O alemão popular utilizava a palavra “mestra” no lugar de “ministra”, que quer dizer: pregadora.



Convento em Augsburg

Nos primeiros tempos da Ordem, de manhã bem cedo rezavam, na “Casa do Capítulo”, as horas litúrgicas às quais se obrigavam. Na venerável Igreja Paterna, no convento, havia um oratório onde participavam dos atos religiosos como missas, sermões, vésperas, vigílias. Nas mãos do Provincial da Igreja dos Descalços¹⁹, as jovens que eram aceitas, emitiam os santos votos, quase sempre imediatamente após a vestição²⁰.(BRAÜMUELLER, 1975, 16).

O tempo que sobrava, após a Celebração Eucarística e o Ofício Divino, passavam trabalhando alegremente e servindo-se mutuamente em caridade, vivendo as palavras de São Paulo: *“Levai as cargas uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo”*.

Desenvolviam alguns tipos de trabalhos no convento: sentavam-se à roca e ao tear; a padeira cuidava do forno; na cozinha, ocupavam-se a cozinheira-chefe e sua auxiliar; uma outra fazia bolachas de mel – chamada bolachas da Estrela; preparavam frutas cristalizadas e caixas com doces para dar de presente ou vender na Portaria; pintavam quadros para enfeitar oratórios e moradias; revestiam santuários bem como corpos de santos para relíquias diversas. Vestiam Menino Jesus e, com a ajuda de negativas de madeira, faziam

¹⁹ A Igreja dos Descalços ficava no outro lado da rua, em frente ao Convento, e era dirigida por frades franciscanos. A Ordem Franciscana de Maristella recebia deles as orientações espirituais.

²⁰ Vestição era o ato de receber as vestes como freiras na ordem.

quadros de cera e paramentos de igreja, como casulas e estandartes (BRAÜMUELLER, 1975, p. 17).

Em várias ocasiões na história da ordem e, ainda, conforme Madre Braümueller (1975), sofreram perseguições e, por mais de uma vez, quase perderam o Convento. Quando os dissabores invadiam o seu cotidiano, utilizavam versos bíblicos para consolarem-se e expressarem suas tristezas:

Vós me fizestes passar por numerosas e amargas tribulações!
Mas me tirareis novamente dos abismos da terra (Sl. 70)

Ao pensar que meu pé vacila, tua graça me sustenta, Senhor”
(Sl. 118).

O Senhor é a minha luz e a minha salvação. A quem temerei?
(Sl. 26).

Esses versos retratam as angústias e sofrimentos pelos quais passaram, em diversos momentos da história conturbada de seu país. Por exemplo: na ocasião da Reforma Protestante, tendo Augsburg como centro do racha com a Igreja Católica; no momento em que aconteceu a associação de Augsburg com a Liga de Esmalcada²¹; na Guerra dos Trinta Anos; na Guerra da Sucessão da Espanha, que dividiu os países e levou a Baviera para o lado da França (BRAÜMUELLER, 1975, p. 21-55).

A Revolução Francesa também ameaçou a cidade de Augsburg, pois os tecelões se queixavam dos fabricantes e comerciantes; e, ainda, uma outra guerra ameaçou o convento a tal ponto que só em 1801, quando foi assinado o Tratado de Paz de Lunneville, mesmo confiscando os seus bens que passaram a pertencer ao Estado, melhoraram as condições, depois de muitas negociações.

Braümueller comenta que, nesse momento triste, a congregação reduziu-se a, apenas, seis anciãs e, através do Bispo Ignaz Albert von Riegg, solicitaram ao Rei Luís I o ressurgimento do convento, no que foram atendidas em 1º de

²¹ Nessa ocasião Augsburg confessou-se perante o mundo como cidade luterana e adversária do Imperador, trazendo conseqüências políticas para a cidade.

novembro de 1828, de acordo com o Decreto Real deferindo o pedido. No entanto, foi imposta a condição de que o convento devia aceitar as escolas católicas femininas das paróquias próximas. Elas disseram “sim” às exigências.(BRAÜMUELLER, 1975, p. 67).

Durante quase seiscentos anos, as Irmãs da Estrela tinham levado uma vida mais ou menos contemplativa e, com esse “sim”, deveriam tornar-se uma comunidade de educadoras e habilitarem-se para exercerem o magistério. Em fins de 1828, as oito primeiras moças receberam a veste religiosa e quatro dentre elas prepararam-se para ensinar (BRAÜMUELLER, 1975, p. 68).

Em apenas cinco meses as primeiras irmãs estudaram e submeteram-se aos exames prescritos pela lei e, diante de uma comissão de seis examinadores, prestaram, oralmente, em maio de 1829, o exame público em todas as matérias e obtiveram bons resultados (BRAÜMUELLER, 1975, p.68).

Essa formação geral elas receberam no Instituto das Senhoras Inglesas e, posteriormente, o professor Einsiedler administrou ensino pedagógico às novas irmãs, introduzindo-as na prática do ensino. Daí em diante houve um reflorescimento de atividades a serem desenvolvidas. Quando vieram para o Brasil, já desenvolviam esse trabalho há muitos anos (BRAÜMUELLER, 1975, p. 68)

Após esse período, houve uma época de estabilidade no convento, sem tantas cobranças por parte do Rei Luís I e, quando a Alemanha batalhou na I Guerra Mundial, as irmãs comprometeram-se com a Ordem dos Cavaleiros de São Jorge enviando auxiliares de enfermagem para dentro e fora do país, e instalando um hospital para soldados feridos. Todas elas receberam condecorações (BRAÜMUELLER, 1975, p.84). *“Diariamente a Casa-Mãe e as filiais enviaram donativos para a frente de guerra e para os hospitais, como*

também para famílias de soldados, necessitadas...” (BRAÜMUELLER, 1975, p. 85).

Além das atividades desenvolvidas como professoras no convento e no ensino particular, as irmãs prosseguiram em suas antigas ocupações: desenvolvendo trabalhos manuais de toda a espécie, trabalho braçal e também começaram a criar gado para oferecerem leite fresco na alimentação dos alunos e das internas.

Abriram muitas filiais em várias cidades da Alemanha e, em praticamente todas elas, funcionavam escolas. Eram solicitadas para atuarem em diversas localidades. De 1924 a 1937, a madre geral, M. Camilla esteve na direção da Ordem e foi nessa época que teve início, na Alemanha, o III Reich. Em 1934, a madre geral afastou-se, concedendo à Madre Josefina Lederer o cargo de conselheira e secretária geral do convento e foi dirigir a Escola Maria Stern, também em Augsburg (BRAÜMUELLER, 1975, p. 91).

2.8 – As Irmãs da Estrela, o III Reich e o Estado Novo

Em 26 de dezembro de 1936 a Madre Josefina Lederer assumiu a direção do convento. Sua preocupação, ao entrar nesse exercício, foi com as vocações religiosas que o III Reich queria evitar a todo custo (BRAÜMUELLER, 1975, p. 91).

A história contada pela madre Seráfica (BRAÜMUELLER, p. 1975) não diz claramente se elas trabalharam, ou não, para o Reich, mas quero crer que, possivelmente, havia um acordo entre o novo regime, como aconteceu na I Guerra Mundial e a Congregação, porque, enquanto muitos outros conventos foram tomados e as freiras e os padres foram afastados porque não comungavam dos princípios do novo regime, esse das franciscanas desenvolvia

suas atividades normalmente, pois, no período de 1936 a 1945, cento e seis irmãs receberam a veste religiosa, cento e trinta e cinco fizeram profissão simples e duzentos e cinquenta e três emitiram os votos perpétuos. Um total de quatrocentas e oitenta e nove freiras foram aceitas e preparadas no convento (BRAÜMUELLER, 1975, p. 92).

Só no período de 1937/38, segundo (BRAÜMUELLER, 1975), teve início o afastamento das professoras religiosas das escolas primárias e o fechamento gradativo dos institutos de ensino particular e, com essa decisão, várias escolas foram fechadas. Houve, assim, uma atuação educacional significativa da congregação, durante quase cinco anos, mesmo com as imposições feitas pelo “führer” na preparação das mentes infantis.

A respeito da educação no III Reich, extraí alguns excertos de Shirer, mostrando a posição do mentor do novo regime (1960, p. 370):

O desprêzo de Hitler pelos “professores” e pela vida acadêmica intelectual pontilhava as páginas de *Mein Kampf*, nas quais ele lançara suas idéias sobre a educação. “A educação por um Estado nacional não deve primordialmente visar a transmitir o simples conhecimento, mas a construir corpos que sejam fisicamente saudáveis até a medula” (HITLER apud SHIRER, 1960, p. 370).

E depois que se tornou ditador, sempre voltou a esse tema. Diz ele:

Quando um adversário afirma “Não desejo ir para o vosso lado”, disse num discurso, a 6 de novembro de 1933, “digo calmamente: Vossos filhos já nos pertencem (...) Que representais? Haveis de seguir vosso caminho. Vossos descendentes, entretanto, encontram-se agora no nôvo [sic] campo. Brevemente êles [sic] nada conhecerão além da nova comunidade”. [...] “O novo Reich não entregará sua juventude a ninguém, mas toma-la-á e lhe dará sua própria educação e criação” (HITLER apud SHIRER, 1960, p. 370).

Pelo texto mencionado, vê-se que não era uma hipótese a educação ter recebido uma nova orientação. Era uma realidade.

Como já foi citado por Lochner (1944), os padres e as freiras que não simpatizavam com o novo regime não podiam desenvolver atividades em serviços públicos (Lei do Funcionalismo Civil, de 1937). Não foi o que aconteceu com as freiras que ficaram longe das salas de aula.

Mas, a Ordem, realmente, estava interessada em desenvolver um trabalho em região missionária. Para alcançar esse objetivo reuniu, em Goeggingen²², para fazerem um curso missionário, as professoras afastadas da profissão e que se interessavam em exercer trabalhos missionários.

Começaram os preparativos: Estudar Português, procurar informações em livros, em cartas para conhecer o povo e a terra, seus usos e costumes. Através de conferências religiosas, reflexão profunda e, antes de tudo, na silenciosa adoração diante do Santíssimo (BRAÜMUELLER, 1975, p. 114).

Os currículos experimentados pelas congregações missionárias beneditinas de Tutzing e Schlehdorf prepararam-nas. Escolheram vir para Pernambuco, talvez, por influência das irmãs do convento de Tutzing, que já havia enviado irmãs para o Brasil, tendo sua maior escola em Olinda-PE, a Academia Santa Gertrudes. Elas prepararam-se para virem atuar no Brasil. Não há informações de quanto tempo permaneceram estudando.

A Madre Seráfica (BRAÜMUELLER, 1975) afirma que num retiro o professor de Religião do convento das Irmãs da Estrela encontrou-se com o abade beneditino Dom Bonifácio Jansen, de Olinda/PE, que falou sobre a pouca assistência espiritual em nosso país, citando a cidade de Timbaúba, que, há sete anos, tinha um colégio esperando por irmãs, para reabri-lo.

Reporto-me a Py (1942, p. 15) para tentar compreender a aparente facilidade que as irmãs encontraram para emigrar. Para esse autor já havia,

²² Em Goeggingen no dia 8 de dezembro de 1935, as juvenistas apresentaram a peça "Caminho do Sacrifício", homenageando o jubileu aéreo de Madre Geral, M. Camilla (BRAÜMUELLER, 1975, p. 90).

muito antes de Hitler assumir o poder, uma preocupação em enviar alemães para a América do Sul.

De todos os modos, chegou o momento de tomar posição para ocupar a única parte da Terra que ainda está disponível.” [...] Uma política previdente deveria empregar os meios adequados para dirigir a emigração, de tal modo que os interesses vitais dos particulares estivessem de acordo com os do Estado. Essa política é a que, mediante a resoluta aplicação das forças de que dispõe, deve estipular, com os demais Estados, as convenções necessárias, para que os nossos emigrantes sejam acolhidos nas condições que correspondam aos intentos do seu governo. Os Estados interiormente divididos, como a República Argentina, e o Brasil e, pouco mais ou menos. TODAS ESSAS REPÚBLICAS MENDIGAS da América do Sul, deveriam ser levadas PELA BRANDURA OU PELA FÔRÇA a ouvir palavras muito significativas [grifos do autor].

Com essa citação não estou querendo afirmar categoricamente que as irmãs vieram ao Brasil enviadas pelo III Reich, para servirem ao seu país, mas a facilidade que houve em liberá-las numa época conturbada e a coincidência de virem para Pernambuco onde já havia uma organização nazista funcionando, como se verá, dão lugar a suposições.

Ernest Hanloch (in SCHWARTZMAN, 1994, p. 168) também aponta “os perigos das ambições germânicas”, na época, no comentário que se segue:

(...) O que ela (a Alemanha) cobiça é a imensa riqueza natural brasileira. A sua posse resolveria completamente todos os problemas que a sua política de militarismo econômico origina. A conquista por assalto não seria uma política prática, mas o domínio efetivo dos recursos brasileiros poderia ser obtido infiltrando-se no Brasil, como “um alinhado ideológico”, para por essa forma converter o Brasil como num vassalo econômico e político da Alemanha. [...] Em resumo, é este o escopo das ambições germânicas no Brasil.

Na reportagem de Julius Esptein²³, jornalista americano, encontra-se o seguinte artigo, que confirma essa infiltração nazista em nosso país:

As intenções nazistas de infiltração política e econômica na América do Sul, que hoje ameaçam todo o hemisfério ocidental, não são um fenômeno novo. Tão longe quanto há sessenta anos, muitos políticos e escritores germânicos, os primeiros

²³ Na Revista Diretrizes, de 12.2.1942, p. 3.

líderes da “Aldeutschen” e progenitores dos nazistas de hoje, trabalhavam incessantemente pela germanização e aquisição de possessões na América Latina (EPSTEIN, 1942, p. 3).

Py (1942, p. 210) comenta que Hitler confiava na Igreja que “*está mais ou menos colocada a salvo da ação vigilante das autoridades e, portanto das restrições de censura*”. Para expandir o Reich, em 1937, ele “*criou a verba de 262 milhões de marcos para a ação nacionalista no estrangeiro*” e, nessa época, a campanha nazista no Brasil entrou em fase de intensa atividade e organização.

O desenvolvimento das ações obedeceu a um plano conjunto e bem organizado em

que contribuíram diversos elementos que inconscientemente muitas vezes, se prestam a fazer o jogo de interesses nazistas, sob as ordens e a orientação direta dos dominadores atuais da Alemanha. Os imigrantes eram distribuídos em diferentes pontos do território nacional e sempre sua ação se fez sentir no seio das comunidades (PY, 1942, p. 19).

Na citada Revista Diretrizes, afirmava-se que havia: “*Toda uma organização em plano nacional com círculos na Capital da República, em São Paulo, em Santa Catarina, no Paraná, no Rio Grande do Sul, na Baía, Pernambuco, etc.*”²⁴.

No Prontuário Funcional da Alemanha²⁵, um dos documentos comprova essa organização em Pernambuco:

Apesar do pequeno número de súditos do Eixo e da ação enérgica da policia, os alemães organizaram [sic] um Partido Político em Pernambuco. Por mais estranho que pareça, existiu, em Pernambuco, um “Partido Nazista”, fundado em 1933, tendo sua sede no município de Paulista, onde trabalhavam 49 alemães. Organizaram-se [sic], atuaram, até quando a policia acabou com a organização efetuando a prisão dos seus

²⁴ Revista Diretrizes, de 20.11.1941, p. 14. Fundo SSP 31.249. Env. 01.

²⁵ Prontuário Funcional da Alemanha, Fundo SSP nº 29653, env. 02, Documentos 31 e 32. Há duas fotos nesse documento. Todos os homens fardados, numa sala de reuniões, usando gravatas com broches e na manga uma tarja com o emblema da suástica. Numa das fotos, no centro, uma grande bandeira com a suástica. (Não há autor nem página num documento produzido por um detetive)

membros e apreendendo os seus objetos de trabalho, bandeiras, emblemas, fardas, livros de atas e fotografias.

Os alemães brasileiros que trabalhavam para o III Reich tinham entrada livre na Alemanha, segundo Py (1941). E mesmo que a Igreja Católica tivesse sido “banida” de suas atividades, como já foi mencionado, as freiras não pararam as suas e até foram empregadas nas instituições públicas. Hitler exigia que “os *professores fossem os executores da vontade do partido apoiado no Estado*” e prontos, “*a qualquer momento, a defenderem sem reservas o Estado Nacional-Socialista*” (SHIRER, 1960, p. 371). Como foi visto, as professoras franciscanas saíram da congregação para exercerem sua profissão no III Reich.

Considerando que, na Alemanha, só tinha entrada e saída livres quem estivesse conivente com a política exercida pelo Reich, o que nos leva a crer que Dom Bonifácio Jansen, arcebispo de Olinda, alemão, foi um articulador e negociador entre Brasil e Alemanha.

Esse período de busca da madre por um campo missionário e o treinamento dado às freiras coincidiu com a ida de Dom Bonifácio Jansen a uma conferência na Alemanha. Desse modo, veio o primeiro grupo de franciscanas para Timbaúba, seguido de mais duas caravanas que também se instalaram em Pernambuco: uma em Triunfo e outra em Limoeiro.

As primeiras missionárias da Estrela, que tinham destino definido para Timbaúba, foram: M. Raymunda Habermeier, superiora do grupo, M. Timótea Lobenwein, M. Albertine Hafenbraedl, M. Clínia Ippenberger, M. Reginfrieda Nerz, M. Emerana Biehlmayr, M. Meinberta Schott e M. Helmfrieda Loibl.



As Primeiras Missionárias do Colégio Normal Rural Santa Maria

Em dezembro de 1938, chegaram, com destino a Triunfo, a M. Ieronima Zier, superiora do grupo, M. Adhelma Bohn, M. Udeline Kretzler, M. Clara Gebbert, M. Rafaela Aberler, M. Aquina Urlaub, M. Elvira Bollinger, M. Benitia Kilian e M. Waldburga Steininger.

Um pouco antes de romper a guerra, em 16 de julho de 1939, desembarcaram, fazendo parte do terceiro grupo: M. Emanuella Wagner, M. Friedeswida Weimann, M. Rósula Koelbl, M. Berchmana Wenzel, M. Sigisberta Sitzman, M. Gabriele Andasch, M. Matia Joerg, M. Amaltraud Ziegmueller, M. Amarine Kraus e M. Caroline Wackerl. Essas foram para Limoeiro.

Se Dom Bonifácio fosse contra aos desígnios alemães, provavelmente, ele iria ao seu país, mas não voltaria, na medida em que, segundo Py: *“A palavra do agente nazista vale muito para a chefia nazista na Alemanha e não admite controvérsia. Infeliz do que, ignorando a denúncia e o resultado da atividade da espionagem em torno de sua pessoa, regressar a Alemanha”* (PY, 1942, p. 338).

Em seu livro, Py conta o caso de um médico, simpatizante do nazismo, que foi passear na Alemanha e teve sua família separada de si, e para sobreviver teve que trabalhar para o Reich (1942, p. 338).

Em 8 de novembro de 1941, o Führer se pronunciou:

Se alguém entre nós esperar seriamente sabotar o nosso front – não faz a menor diferença saber de onde vem esse alguém ou a que campo pertença – saberei vigiá-lo durante certo tempo. Vocês conhecem meus métodos. Existe sempre um período de observação. Mas chega, em seguida, o momento em que ataco com o raio e elimino essa espécie de coisa. [...] A organização nazista se introduz em todas as casas e tudo vigia atentamente, a fim de que não se repita outro novembro de 1918 (SMITH, p. 1941, p. 102).

Durante o Estado Novo, Schwartzman (1994, p. 161) e Luna (1963) admitem que foi quase impossível nacionalizar os redutos alemães porque a Igreja, com a missão de desenvolver a educação religiosa, promoveu os cultos e deu assistência à população, utilizando o seu próprio idioma. Para que não houvesse um conflito aberto, havia um pacto de que a Igreja não se opusesse ao regime do país. O Governo não conseguiu impor a obrigatoriedade para que as prédicas e sermões fossem proferidos na língua portuguesa.

No Colégio Santa Maria, que não atendia a uma comunidade alemã, o padre alemão Otto Seiller, de Bom Jardim, esteve presente na inauguração do Colégio, em 28.06.1938, e não foi citado na ocasião, nem nas crônicas da festa da inauguração, nos dois livros de ata. Mas, quando veio pela 2ª vez, em 11.08.1938, a cronista no livro de Crônicas em alemão cita a sua visita dizendo que naquela ocasião ele tinha *"celebrado uma missa com sermão para nós, hora inesquecível"* e, na segunda visita, ainda segundo ela:

Os dois meninos menores do jardim serviram de acólitos. Uma mantegueira emprestada, de pia d'água benta, e um ramo de arbusto, como aspersório. As irmãs e todo alunato passaram pela casa rezando e cantando. Com uma alocação terminou a celebração, dada em alemão e em português²⁶ (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 5).

Essa não era uma escola teuto-alemã. O padre morava distante do colégio e os meios de comunicação não eram tão fáceis assim. Imagine como não acontecia em outros lugares onde as comunidades alemãs eram próximas!

²⁶ Essa menção encontra-se no livro de Crônicas que foi traduzido do alemão.

2.9 – Exercendo as atividades no Brasil

A irmã Seráfica, no livro que escreveu, afirma que *“as irmãs iniciaram seu trabalho missionário em pobreza verdadeiramente franciscana e que a bênção de Deus favoreceu visivelmente a fundação”* (BRAÜMUELLER, 1975, p. 94).

Nos depoimentos das entrevistadas, a pobreza não aparece assim tão acentuada como a madre afirmou. O colégio estava em boas condições e devidamente preparado para a posse. Uma comissão de mulheres, organizada pelo pároco local, limpou, organizou e ornamentou o colégio para receber as irmãs. Também as freiras trouxeram tudo o que era necessário para uma boa educação.

Acompanhando os depoimentos, percebe-se essas diferentes versões:

“Elas vieram para ensinar e trouxeram um volume enorme de coisa de educação; de magistério, de laboratório, de tudo... Elas tinham tudo aqui. De maneira que isso nos trazia muita admiração porque a gente aqui nada tinha; nunca teve nada disso” (12).



Instrumentos Musicais vindos da Alemanha

“O colégio tinha o maior conceito possível. Tudo o que elas faziam era tudo muito bem feito, todas as coisas. Também vinha dinheiro da Alemanha pra ajudar, quer dizer, tudo era bem feito” (9).

Essa versão de que vinha dinheiro da Alemanha, dita não só por uma entrevistada, não consta nos livros de atas do Colégio. As entrevistadas acrescentaram que:

“Eu acho que elas trouxeram o rigor, o militarismo da Alemanha, daquela época... sofridas, subjugadas... porque elas vieram de um país que estava se preparando pra brigar. Não era de outro jeito. Já aparecia lá um regime militar, o regime de Hitler, aquele regime. Mas, não tinha estourado a guerra ainda... porque a guerra não foi em 38. E, então, elas quiseram trazer pra’qui. Chegaram aqui, encontraram tanta liberdade! De acordo com a época, nós vivíamos em plena liberdade, em contraste com os costumes dela. E, então, começaram a impor e a gente obedecia” (12).

“Aqueles freiras eram tão amadas por nós, talvez porque o Colégio era bom para todos, que se elas mandassem a gente matar um, a gente obedecia. Todos obedeciam” (9).

Quanto à chegada delas, acrescentaram:

“Um das dez senhoras formavam a comissão. Tudo era combinado... era para limpar o Colégio e prepará-lo para a chegada. O Colégio era grande. Arranjar gente para a limpeza, organizar a dormida... enfim, as freiras chegaram” (9).

“Só a bagagem... O povo todo curioso na rua... o padre empolgado... a cidade toda esperando... Foi uma festa!” (7).

Por certo havia mesmo interesse do III Reich para expandir em outras terras o conhecimento, como afirmou Py (1941) em seu livro. Do contrário, elas não teriam condições de munir-se de tudo o que era de mais moderno, com o seu país já invadindo países vizinhos e estando às vésperas de uma guerra e

“nada saía da Alemanha sem que houvesse muita vigilância a não ser que interessasse ao partido”²⁷.

A cronista do Colégio²⁸ escreve que as irmãs queixaram-se ao Interventor o porquê de não terem recebido as bagagens que ficaram na alfândega e quando o Interventor do Estado visitou o colégio, no dia 29 de agosto:

A nossa intérprete muito interessada, tomou a coragem de pedir em nosso nome a liberação da nossa bagagem e um melhoramento da insuficiente instalação escolar. Sua Excia. prometeu com benevolência que ia providenciar a liberação de nossa bagagem, e que ia também pensar em móveis escolares. Mandou um telegrama avisando que, dentro de 48 horas, a bagagem seria livre (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 5).

Mesmo com a promessa do Interventor, a cronista ainda reclama dizendo, que: *“Ainda na espera da bagagem, as 48 horas transformaram-se em dias.[...] O Colégio Santa Maria sem móveis, sem entrada de dinheiro. Só a promessa do Interventor”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 6).

Finalmente chega a bagagem:

No dia 9, pela manhã nossa empregada chamou a M. Superiora da missa na matriz dizendo: “A bagagem chegou”. Caixões e malas foram carregados para dentro do nosso vasto pátio. Depois de 2 horas de trabalho, tudo alinhado no chão. Todo mundo ocupado. O altar da nossa filial escolar de Oberhausen, agora fechada, foi logo montado. Ao desocupar as malas, descobriram-se várias coisas: Saudações escritas sobre as tábuas, pão da Casa-mãe, etc. Tudo chegou em bom estado, apenas foram quebrados 2 pratos de vidro e alguma louça (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 6).

Esses relatos mostram, independentemente da posição que as freiras ocupavam no III Reich e no contexto do Estado Novo em Pernambuco, algumas dificuldades que enfrentaram ao se instalarem em Timbaúba.

Esses obstáculos, que expressam uma rede intrincada entre a política vigente nos dois países e o cotidiano do Colégio, tornam-se mais agudas na

²⁷ O controle tornou-se uma autêntica camisa de força. Telegramas não poderiam ser enviados e telefonemas eram escutados pela Gestapo (SMITH, 1943, p. 101).

²⁸ No livro de Crônicas em alemão.

segunda fase da ditadura de Getúlio Vargas, quando o Brasil se juntou aos aliados. Dois documentos encontrados no Arquivo Público mostram essa tensão em que viviam as irmãs em Timbaúba: um ofício, datado de 25 de Julho de 1942²⁹, aponta uma das freiras como espiã nazista; outro, uma correspondência datada de 16 de dezembro de 1942³⁰, onde as irmãs são denunciadas de utilizarem um aparelho telegráfico “Morse” com bateria e roldana. Diz o investigador: *“Causou estranheza [sic] porque, aparelhos dessa natureza [sic], somente a Great Western e o Telégrafo Nacional podem possuir”*. Os encaminhamentos dessa investigação não constam nos arquivos.

No livro de Crônicas em Alemão, a cronista descreve como a polícia vistoriou o Santa Maria:

9 de janeiro (o ano era 1945): controle da casa pela polícia do Estado. Parou hoje pela manhã, um caminhão em frente do Colégio, pularam dele mais de uma dúzia de soldados, um major e um tenente e nosso vizinho, da “polícia secreta”. Dentro de segundos nossa casa foi cercada e cada saída vigiada. Nós não tínhamos explicação para isto até que o major comunicou a M. Superiora, ser encarregado de revistar toda a casa. Um interesse especial demonstraram pela instalação elétrica, casa do motor e aparelho telegráfico no armário de física, “Antigo”, foi o julgamento do tenente “perito” ao examinar o último. No refeitório tiraram até um quadro da parede para ver o que tinha atrás. Pediram que abrissemos nossas malas, desconfiaram até dos cordões de nossos hábitos nas celas, aí entraram só o major e o tenente, o vizinho devia esperar fora. 2 soldados inspecionaram o sítio³¹ (1945, p. 19).

A reação das freiras quanto ao que aconteceu:

Procuraram muito, mas acharam nada. Parece que suspeitaram de existir uma emissora secreta. Os senhores eram delicados, mas para nós a coisa era bastante desagradável. Logo que o caminhão chegou, juntou-se muita gente em frente da casa, muitos para nos proteger, alguns até com o receio que fôssemos presas (1945, p. 19).

²⁹ Prontuário Funcional: Convento de Freiras. Timbaúba Fundo SSP DPSE, nº 28.949, com o título: Parte de Serviço, 89-D, nº 9.

³⁰ Esse documento fazia parte da mesma pasta a que se refere a citação nº 20.

³¹ No Arquivo Público Estadual encontrei esse mesmo procedimento sendo realizado em outros conventos, como no caso do Convento de Campina Grande, onde instalava-se o Frei Damião. Quanto à referência, encontra-se na nota seguinte.

Nesse momento, sentiam-se ainda mais estrangeiras em um país tão distante: *“O’ terra natal como estás longe!”* (1945, p. 19).

No entanto, no mesmo livro, quatro anos antes, está registrado que no dia 12 de janeiro de 1941, uma das traves principais do telhado da capela caiu e para desocupar o ambiente, os móveis e demais objetos foram empilhados em outros locais e até as freiras ocuparam as salas de aula transformando-as em dormitório. A seguir, o relato sobre uma das salas: *“A sala de música ficou a ser o quarto de M. Superiora que tínhamos chamado por telegrama, o que lhe causou bastante susto”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1945, p. 15).

Mesmo que os investigadores tenham dito que o aparelho de telégrafos não funcionava, o livro de atas confirma que a madre assustava-se quando recebia as chamadas durante a noite. Por outro lado, a essa altura, a Irmã Helfrieda já havia sido detida por suspeita de espionagem e, talvez, por isso, o aparelho já não estivesse mais ligado ou, se ainda estivesse sendo utilizado, mas, não durante o dia, enquanto havia movimento.



Sala do Telégrafo

Além disso, havia no Colégio um cachorro alemão que só atendia no idioma alemão, muito bravo, chamado Wolf, que nas horas em que não havia

aulas, isto, é ao meio-dia e durante a noite, ficava solto. Isso dava uma maior segurança para as irmãs.

No mesmo livro de atas, no ano de 1939, está registrado que o Colégio enviou telegrama para a Alemanha e recebeu um telegrama de Limoeiro:

O caminho à Alemanha era tão longe, mesmo por telegrama. Mas era o único certo.

O Colégio está só; venha logo com o trem” (Limoeiro enviando telegrama para Timbaúba). “Novo aperreio. Os jornais já escreveram que havia ameaça de uma guerra com a Alemanha. O que fazer? Será que ainda vem irmãs ao Brasil? [...] Passaram-se vários telegramas entre Alemanha e Brasil. [...] Finalmente chegou da Alemanha um radio-telegrama (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1939, p. 10).

Além do mais, esse não foi o único convento que foi vistoriado, na época, por suspeita de instalação de aparelhos de comunicação. Foi o que aconteceu com o Convento dos Franciscanos, em Campina Grande, que era denominado Seminário Seráfico de Ipauarana. Alguns sacerdotes que eram alemães só viajavam com salvo-conduto. O documento afirma que quando ele foi inspecionado, havia possibilidades de que houvesse um transmissor³².

Uma das entrevistadas mencionou que havia um aparelho de telégrafos na escola. E, no momento dessa entrevista, eu ainda não tinha pesquisado as fontes oficiais. É dela o relato:

“Elas trouxeram tudo para auxiliar nas aulas. Um aparelho de telégrafos que ela mostrava como funcionava. Depois, adquiriu outros utensílios do Brasil” (4).

O outro documento, já referido, afirma que a madre Helfrieda foi detida na delegacia, por suspeita de ser espiã.

³² Esse documento encontra-se sob o nº 89-D (4), do Fundo SSP nº 29.237, datado de 12.05.42/03.02.43.

O investigador enviou um ofício ao encarregado do Serviço de Ordem

Social:

Cumpre-me informar a v.c. que segundo as informações de fontes dignas de fé, a freira Hami Frida, do convento de Timbaúba, que por intermédio da Secretaria do Interior, conseguiu ingressar no concurso de professoras, curso esse de especialização de trabalhos manuais, no Grupo Alberto Torres em Areias; e que o mez passado, estivera detida nesta Delegacia, por suspeita (espiã), o que motivou a saída della do curso em questão, voltando para Timbaúba (25.07.1942).

Continua dizendo que:

Fui informado o seguinte: que ela recebia constantemente cartas, em alemão e português, as quais eram endereçadas para o Grupo Alberto Torres, alegando ela as professoras que sua correspondência para essa escola era mais fácil de chegar as suas mãos e que eram cartas de alunas e colegas. Entretanto é de se supor que as ditas eram informações as quais transmitia a elementos nazistas residentes na Estrada do Ibura, onde si achava hospedada e cujos elementos são José Herisckle, alemão e frei Erick Rath³³, que visitava sempre ela, e aí reside ainda a professora Argentina Freire (25.07.1942).

O relato do ofício mostra que ela estava sendo seguida porque afirma

que:

Geralmente vinha de automovel, para o grupo e saia de automovel; várias professoras não gostavam de suas idéias, procurando sempre elogiar os produtos alemães e tudo de origem, e por vezes ironizava tudo o que é nosso não perdendo oportunidade em todas as palavras que tomava parte, sobre produtos de trabalhos manuais, de procurar ridicularizar, embora feito com certa discreção” (25 de julho de 1942 – Investigador nº 17).

O livro de atas do colégio confirma que:

Havendo em Recife um curso para préorientação com a finalidade de ensinar o aproveitamento de material natural da terra, M. Superiora mandou a M. Helfrieda para participar. Por não existir uma casa religiosa na proximidade do local, tinha-se pedido a licença do bispo para ela morar com uma família alemã de boa reputação. Porém em vista da declaração de guerra do Brasil à Alemanha, ele pediu que ela voltasse a Timbaúba. Foi a

³³ No Arquivo Público no Envelope de Informações da Polícia Marítima nº 596, encontrei o seguinte: “É o vigário alemão da Diocese de Nazareth que frequenta com assiduidade Limoeiro e que vai sempre à casa do telegrafista da Nacional. Erick é apaixonado pela [sic] causa alemã”. Em 9 de março de 1942.

1ª vez que viajou com salvo-conduto³⁴ (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1942, p. 16).

No livro de crônicas em alemão, relatam-se, aqui e ali, opiniões sobre a Alemanha e também registra as saudades:

Encerramento do ano de 1939 – Levantam-se sempre mais inimigos contra Alemanha. Quanto tempo durará, Senhor? Senhor, nós confiamos a ti nossas preocupações.

Agosto de 1942: O Brasil declarou guerra a Alemanha. É pesado e duro o estar isolado numa terra estrangeira hostil, cortado da Pátria, sem proteção civil e espiritual. Nenhum alemão podia sair de sua cidade sem o documento policial "Salvo-conduto" que devia procurar em Recife a custo de horas de espera. Devia ser renovado para cada viagem. O dia da declaração provocou o "Quebra-quebra". Estudantes fanatizados procuraram também instigar a população no interior do Estado, contra os alemães. Organizaram uma passeata em Timbaúba, no dia 26 a tarde. Passaram também por nossa rua. Mas pessoas influentes da cidade e também o padre Leitão ficaram em frente da nossa casa sobre a calçada, até que passassem (CRÔNICAS EM ALEMÃO, p. 16).

Como se observa no relato, embora vivessem essa situação de tensão, as freiras tinham o apoio da sociedade timbaubense e, particularmente, das "pessoas influentes" e dos próprios representantes da Igreja Católica, como o padre da cidade.

Uma das alunas entrevistadas explicita esse apoio recebido:

"Quando rebentou a guerra em 42... eu estava no terceiro ano Normal... Quando rebentou a guerra... elas tiveram muito apoio, aqui, da parte religiosa e do juiz da cidade. Mas, isso não evitou que muitos brasileiros revoltados com a matança, com os naufrágios, com tudo o que a guerra nos trouxe, insultavam... achavam que elas eram... tinham rádios em subterrâneos... [...] ... mas, conseguiram resistir... Resistiram a todo insulto, a tudo. Mas, eram mais do povo menos

³⁴ Livro de Crônicas em alemão.

esclarecidos. Elas só tinham culpa de terem nascido na Alemanha e não estavam fazendo nada aqui a não ser educação” (12).

Essa foi a única aluna que mais expressou o que aconteceu na época. Outras mencionaram algumas impressões quanto ao militarismo observado na atitude das freiras, assim como o rigor.

A cronista expressa a dificuldade em abordar, nesse período, no dia a dia da escola, temas como o patriotismo. Sobre a Semana da Pátria, por exemplo, elas comentam:

Foi mandado fazer uma campanha de coleta de metal com finalidade bélica, que também nós realizamos com os alunos. É difícil em época de guerra, educar para o patriotismo a juventude do adversário. Mas tudo para a glória de Deus! (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1942, p. 16).

As alunas, mesmo admitindo que as freiras eram duras, severas, exigentes, exaltaram o desprendimento e a dedicação que observaram em seu comportamento. Nutriam, e ainda nutrem, uma grande admiração por elas. E mencionaram o comportamento das irmãs antes e depois da guerra:

“Quando elas chegaram aqui eram muito humildes, prestativas, amigas. Também era a época da guerra. Aqui elas eram exiladas. Tinham mais é que respeitar e serem amigas... Depois da guerra, sim. Aí elas mostraram quem eram. A gente via o orgulho e as relações foram diferentes” (9).

“Eram muito prepotentes e faziam questão de evidenciar-se como a raça pura” (5).

“Quando terminou a guerra, o padre, o monsenhor, advertiu as freiras que elas não deviam ficar sozinhas naquele dia e deu a sugestão: - ‘Encha o Colégio de alunas, de pais, porque vocês, assim, não correm perigo’”(12).

Além dos dois documentos referidos, que mencionavam as freiras, encontrei uma relação endereçada à Cruz Vermelha, constando o nome de todas as irmãs do Colégio Santa Maria, em Timbaúba, solicitando informações sobre a família, amigos, a Casa-Mãe. Dos outros dois colégios, não encontrei referências.

O fato de não encontrar outros documentos envolvendo, principalmente, a irmã acusada de nazista, já que havia mais de um de outros nazistas que atuavam em Pernambuco, inclusive listas dos que foram detidos, encontrei a resposta para essa inquietação, ao localizar uma cópia de telegrama enviado do Rio ao Interventor Federal em Recife, protegendo, em parte, os que exerciam atividades religiosas:

Solicito a V. Excia a gentileza de providenciar no sentido de não mais terem curso em seu Estado quaisquer notícias de caracter politico social que envolvam nomes de sacerdotes. Agradeço antecipadamente sua valiosa cooperação em mais essa emergencia. Saudações cordiais. (a) Lourival Fontes, Diretor Geral DIP³⁵.

No Colégio havia muito movimento de alemães. O Rev. Otto Seiller já mencionado, Padre Erick Rath, Frei Querubim, Madre Forreria e Irmã Salésia, do Regina Pacis, Sérgio Fischer – que morava em Timbaúba e, segundo a aluna (5), fazia as traduções de alemão para o português para as Madres e matriculou suas duas filhas no colégio –, Sr. Kranert e Peters, que instalaram o motor-gerador e trouxe as irmãs Marcela e Bárbara, do Regina Pacis, Sr. e Sra. Hirschle, com mas dois frades alemães³⁶.

Um dos livros de atas menciona que o padre Erick, já citado³⁷, visitou o

³⁵ Documento 477 do Prontuário Funcional da Alemanha, em 17.6.1942.

³⁶ A menção a todos esses alemães, inclusive relatando que houve reunião, só encontra-se no livro de crônicas em alemão.

³⁷ No Arquivo Público Estadual, no Envelope de Informações da Polícia Marítima, nº 596, encontrei o seguinte: “É o vigário alemão da Diocese de Nazareth que freqüenta com assiduidade Limoeiro e que vai sempre à casa do telegrafista da Nacional. Erick é apaixonado pela [sic] causa alemã”. Em 9 de março de 1942.

Colégio e o outro explica que ele foi escalado, diversas vezes, para ser o capelão da Escola. Lamenta-se o fato de que, da primeira vez que ele foi ao Colégio, a Irmã Helfrieda estava doente e não pôde organizar a festa para recebê-lo. Eis o relato:

Em casa teria sido tão necessária a presença da irmã, possuidora de grandes dons para música e trabalhos artísticos, pois preparamos a ordenação de um seminarista alemão: Erick Rath. Fizemos todo esforço para fazer ao jovem padre que estava longe da Pátria e família, uma festa de acordo com os costumes alemães³⁸. Estes dias foram muito chuvosos. Em conseqüência caiu grande parte do muro o que nos era desagradável, não tanto por medo de ladrões, mas pelo fato de estarmos expostas aos olhos de curiosos. Foi o dia de honra para o neo-sacerdote e festa também para nós. [...] finalmente veio às 4 hs. da tarde, vindo de Surubim, local de sua ordenação. Na capela entoou-se o Magnificat, cantado alternadamente pelas irmãs e alunas. O trem da tarde trouxe visitas: Os frades franciscanos Fr. Lourenço e Fr. Lucio, também Sr. e Sra. Hirschle, amigos e benfeitores do neo-sacerdote. A celebração era digna e festiva, até o bispo diocesano participou³⁹ (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1940, p. 13).

As entrevistadas afirmam que o padre morou uma época no colégio e foi mencionado por algumas delas:

“Padre Erick morava no colégio. Era alemão. Ela disse que conheceu ele na Alemanha... que ela veio... e ele veio. Lavava a roupa dele lá” (11).

“Ele era o capelão. Talvez ele tenha sido transferido para outra localidade. Pode ser até de lá do Colégio, não sei. Ou, então, foi o bispo que tirou” (7).

Além de Padre Erick, em Timbaúba, havia um outro alemão que causava

³⁸ A propósito, nesse livro de atas, as irmãs mencionam, diversas vezes, as comemorações ou a alimentação, segundo os costumes alemães.

³⁹ Todos eram alemães. No livro em alemão o nome deles vem escrito na língua de origem. Além desses, muitos outros alemães entravam e saíam do Colégio. Conforme as crônicas, sempre havia festas com alemães que visitavam o Colégio.

alguns problemas na comunidade. Chamava-se Sérgio Fischer⁴⁰. A filha dele, Margot Fischer foi a primeira aluna a se matricular no Colégio e na primeira prova que fez foi promovida de série e era elogiada pelas alunas por ser nobre e de uma raça superior. Assim, também, as alunas se referiam às freiras.

Algumas mencionaram o nome desse alemão e comentaram, também, o final da guerra:

“Esse alemão sofreu o diabo. Porque o povo dizia que lá na casa dele... eu realmente... Ele tem uma parte baixa da casa e disseram que ali ele tinha um rádio, fazia transmissão... Era tudo invenção.”
(12).

Tive oportunidade de conversar com o neto do Sr. Ernest Fischer. Ele informou que o seu avô foi banqueiro e serviu como oficial de cavalaria na I Guerra Mundial na Alemanha. Afirma que ele andava devidamente fardado pelas ruas de Timbaúba e chegou a ser perseguido porque ouvia o rádio em ondas curtas, o que fazia muito barulho e as pessoas achavam que ele estava se comunicando com Hitler e que havia amigos que se encontravam e trocavam notícias, inclusive com os parentes na Alemanha. Era considerado uma figura lendária. Causava espanto aos moradores e, até hoje, existe na cidade muitas histórias contando suas peripécias. De uma das entrevistadas, ouvi:

“Eu lembro de Ernest Fischer. O pai de Margot Fischer. Ele era alemão. Parecia um astro de cinema principalmente quando passava montado em seu cavalo. Era uma figura imponente. Um dia, estávamos em forma e todos entoando o Hino Nacional. Naquela

⁴⁰ Ainda no Arquivo, encontrei uma carta vinda de Wiesbaden, datada de 9 de maio de 1940, do Sr. Wilhelm Nelgenfind para o Sr. Carlos Wolfhertz (e esta não é a única referência a este alemão, entre outros assuntos, mencionou o Sr. Fischer: *“Ouvi muitas notícias do snr. FISCHER em Timbaúba. Ele é um bom agricultor. Nosso amigo HEIN VOELCKERS me contou muito da fazenda dele. Espero que você e sua senhora estejam com boa saúde. Não acredite nada nos jornais, é tudo mentira, a verdade e o fim vocês vão ver depois. [...] Nosso bello exército tem vitorias e vitorias, e os inimigos tem vitorias em fugir e não sentem mais as maiores baixas”*. Envelope intitulado “Atividades dos Nazistas na Alemanha e no Mundo (B).

época, o Hino Nacional era como uma prece, com o maior respeito [...] Todos em silêncio, cantando. Veio Ernest Fischer em seu cavalo e passou sem reverência, sem respeito. Sei que ele foi intimado e compareceu à delegacia” (9).

A cronista relata sobre notícias dos fatos acontecidos em 1945:

29 de março: Ligando o rádio, ouvimos em língua alemã: “O Julius-Spital de Wüzburg completamente destruído”. Seguiram outras notícias assustadoras que nos abalaram muito (CRÔNICAS EM ALEMÃO, f. 19).

30 de abril: Passamos uma noite agitada. Por ordem do Pe. Vigário tocaram na meia-noite os sinos da matriz. Nas ruas, o povo soltou gritos de alegria. “Berlim caiu”. As maiores de nossas internas quiseram participar na alegria comum: era difícil para a mestra do internato contê-las. Em seguida, o povo fêz [sic] uma passeata. Graças à intervenção do Sr. Alfredo Cordeiro e alguns outros senhores corajosos, foi possível desviá-la de nossa rua (CRÔNICAS EM ALEMÃO, f. 20).

Continua descrevendo as impressões:

2 de maio: Pela rádio ouvimos as notícias do fim infeliz da guerra, a rendição da orgulhosa capital da Alemanha: Berlim aos russos (CRÔNICAS EM ALEMÃO, f. 20).

8 de maio: Também nós devemos “celebrar” a derrota da nossa Pátria. Nossos professores leigos, Dr. Lauro e Dr. Milton nos tratam com fino tato e pediram os alunos de respeitar, ver em nós não as alemães, e sim suas boas professoras (CRÔNICAS EM ALEMÃO, f. 20).

2.10 – O Colégio Santa Maria nesse contexto

O Colégio Santa Maria participou desse momento político de forma ativa na educação e no envolvimento com a sociedade. Nos capítulos que versam sobre os Saberes Ensinados e os Rituais do Cotidiano haverá a possibilidade de entender essa prática de forma mais efetiva.

Quando escolhi estudar a cultura escolar dessa instituição não tinha a mínima idéia que adentraria em estudos intrigantes e emocionantes e, por que não dizer, também tristes e lamentáveis em pleno século XX.

Muitas pessoas inocentes foram dizimadas devido às incoerências de uma política cujo objetivo era o poder. Mesmo, assim, o Estado que pretendia ser eterno teve o seu fim com a invasão dos países aliados e, conseqüentemente, a tomada da Alemanha.

Também não tinha idéia do quanto todos esses aspectos políticos da época se expressariam no cotidiano de uma instituição educacional de uma pequena cidade de Pernambuco – Timbaúba.

No livro da Congregação, “E Seguiram a Estrela”, a autora (BRAÜMUELLER, 1975) deixa claro que esperava a resistência dos alemães. No final da guerra a pergunta que ecoava, era: *“A cidade será defendida, ou será entregue sem resistência?”*. A Madre rezava com a comunidade, pedindo a Maria que salvasse a cidade. *“No dia 27, à noite, a cidade pertencia aos americanos”* (BRAÜMUELLER 1975, p.102). Em 1946, no livro de crônicas em alemão, é relatado: *“15 de março: Depois de 5 anos de interrupção, vieram as primeiras notícias (cartas) da nossa terra natal. Falam de destruição e também de falecimentos ocorridos”*.

Os americanos levaram cerca de 300 alemães doentes que estavam sendo atendidos pelas freiras. Só com os pedidos insistentes dos bispos, as freiras também não foram levadas em caminhões para outros conventos (BRAÜMUELLER: 1975, p. 102).

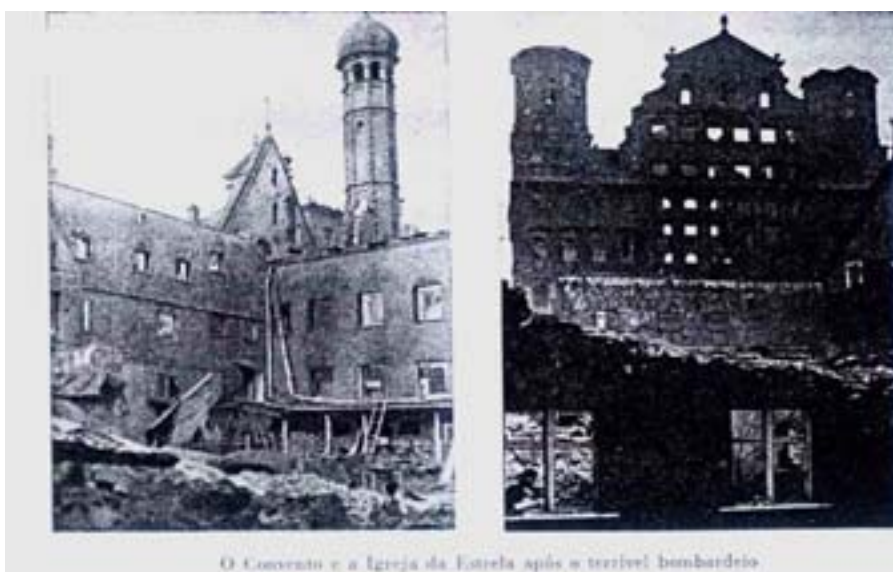
A casa das Irmãs da Estrela era um dos edifícios que deveriam ficar à disposição dos vencedores e foi também alvejado por bombas. Eles queriam instalar ali uma escola americana ou uma casa de repouso para oficiais e ocupantes. São palavras de Braümueller (1975, p. 104):

Após a guerra, todos os adeptos do partido nacional-socialista foram demitidos de seus cargos, até receberem a anistia por parte dos vencedores. Com isto houve grande falta de

professores. Este recomeço não foi fácil para as irmãs, mas elas iniciaram com alegre ânimo tal atividade missionária.

Continua: *“Só após muitas entrevistas e entendimentos entre autoridades alemãs e americanas, foi possível continuar com o convento e iniciar, em 3 de dezembro de 1945, a escola de nível médio”* (BRAÜMUELLER, 1975, p. 104).

A reconstrução da Casa-Mãe começou com a contratação de ex-combatentes desempregados e refugiados que, ainda hoje, continuam fiéis à Congregação tal como aconteceu no final da I Guerra Mundial.



O Convento e a Igreja da Estrela após o terrível bombardeio

O convento e a Igreja da Estrela, após o bombardeio

Em 1947, através dos Estados Unidos, a Casa-Mãe na Alemanha, recebe notícias de Triunfo e, no mesmo ano, em 30 de setembro, de Limoeiro.

Assim termina a guerra e recomeça a luta, tanto da Escola em Timbaúba quanto em Augsburg: só em 1948 a Casa-Mãe conseguiu a aquisição de passaportes, processo que durou meses. Desse modo foi possível enviar duas irmãs para Pernambuco e, algum tempo depois, a Madre Geral veio visitar as filiais que cresciam a todo vapor aqui no Brasil.

Em 1949⁴¹, as freiras de Timbaúba receberam a notícia de que o Colégio Santa Maria deveria ser fechado. Muitos motivos foram colocados em pauta e a Madre a todos descartou. A desculpa dada pelo abade e pelo bispo foi que: *“existiam fatos internos que não podiam ser publicados, mas impediriam a continuação”*. Ainda com a ajuda do prefeito, a decisão da Casa-Mãe e a habilidade da Madre Superiora do Colégio a questão foi resolvida, mas nas atas não especifica os motivos dessa interdição por parte da Diocese (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1948, f. 23). E fica a dúvida, que não ficou esclarecida! Por que o D. Abade de Olinda propôs o fechamento do colégio?

Além disso, logo após a guerra, o bispo alemão radicado em Nazaré pediu demissão.

Em 1950 o prédio do Santa Maria foi comprado do Sr. Júlio Queiroz, pela soma de Cr\$ 40.000,00, quantia paga em 8 meses. E, assim, o prédio e todo o complexo passaram a pertencer à Congregação conforme as atas do livro Crônicas em Alemão, folha 25.

Como se percebe nos relatos e documentos analisados, o fato de serem alemãs, em pleno período de guerra gerou diversas tensões nas freiras, que se expressavam no cotidiano da escola e no imaginário das al

⁴¹ Relata-se esse incidente no livro de Crônicas em alemão.

CAPÍTULO 3 – SABERES E SABORES DA FORMAÇÃO

Os Mandamentos da Professora

- I – Sêde bondosas sem fraqueza e inflexivelmente justas;*
- II– Considerai vossa profissão como firmadora de alicerces da nossa nacionalidade; exercitae-a, pois, como um sacerdócio;*
- III – Imponde a vossos discípulos a hygiene corporal e o conhecimento dos meios a evitar as doenças transmissíveis;*
- IV – Pregae o exercicio physico com suas vantagens, quanto methodico e dosado, e seus perigos, quando desordenado;*
- V – Lembrai-vos de que a creança não é a miniatura do adulto; não a julgueis, portanto, por vós proprias;*
- VI – Sêde observadoras: assim descobrireis que muitas creanças adeantadas são anormaes dos sentidos ou da intelligencia;*
- VII – A creança é imitadora: na esphera moral dai-lhe mais exemplos que conselhos;*
- VIII – Nunca humilheis a creança achada em culpa; vós lhe fareis maior mal do que si vos absterdes da correção;*
- IX – Fazei de cada discipulo um amigo de quem se consegue mais pelo affecto que pelo temor;*
- X - Pregae o amor á Patria, exaltando os que bem a servirem;*

Oração escolar do Dr. Ulysses Pernambucano
(O Ensino Normal em Pernambuco 1922-1926:299)

Este capítulo tem como objetivo analisar os saberes escolares transmitidos às alunas que, no desejo de tornarem-se professoras, se matricularam no Curso Normal Rural, oferecido pelo Colégio Normal Rural Santa Maria – supervisionado pelas freiras franciscanas de Maristella, ou Irmãs da Estrela –, no período de 1938-1950, início da reinauguração da escola em Timbaúba/PE.

Ensinar foi a missão confiada às freiras, em um Estado que, à época, vivia vários problemas educacionais, principalmente no que se refere à formação de professoras.

De acordo com Cavalcanti⁴², até 1930, nenhuma das reformas de ensino havia resolvido o problema cultural e pedagógico. Não havia instituições formadoras consideradas como: *“O verdadeiro aparelho de formação dos docentes primários. Aí é que se conhecem as ciências do ramo da educação e se exercitam as técnicas da arte de educar, de que se valerá o professor no exercício do seu magistério”* (CAVALCANTI, 1933, p. 159).

Ainda na avaliação de Cavalcanti, mesmo com as reformas realizadas no Estado sob as bases da “modernidade pedagógica”, como as empreendidas por

⁴² Cavalcanti, Antonio Carlos de Lima. Exposição apresentada ao chefe do Governo Provisório da República, Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, pelo Interventor Federal em Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti – Período administrativo de 1930 a junho de 1933. Recife: Imprensa Oficial, 1933.

Antônio Carneiro Leão, em 1928⁴³ e, anteriormente, em 1919, por Ulysses Pernambucano⁴⁴, o ensino médio continuava sob os mesmos parâmetros jesuítcos.

No interior de Pernambuco, o ensino era ainda mais precário em virtude da falta de formação de professores. Bello (1982) explica bem o momento anterior, que se supõe não tenha sido alterado significativamente.

...só bem mais tarde aí pelos fins da segunda década do século, aparecem no magistério do interior, professores titulados por Escola Normal – e apesar, das geralmente precárias condições de suas instalações e aparelhamento didático, mesmo assim de modo geral, não falava essa escola ao seu objetivo que era fundamentalmente, o tríplice ensino de ler, escrever e contar. [...] Por um processo talvez desnecessariamente penoso, lento (BELLO, 1982, p. 89).

Em 1928, o Governador do Estado de Pernambuco encomendou a Carneiro Leão um relatório sobre a educação e solicitou um plano completo do aparelhamento escolar⁴⁵. Esse livro menciona que Carneiro Leão visitou as escolas da capital e de grande parte do sertão, e não faz referência a nenhuma escola normal funcionando no interior, tanto que: *“...recomendou a criação de um curso anexo à Escola Normal em regime de internato para fazer professores dos filhos do interior – a fim de que eles voltem e se instalem em seu local de origem”*

O que normalmente acontecia era que o Estado enviava os diplomados para o interior, porém, depois de um determinado tempo, eis que eles queriam voltar para a capital.

Não havia, portanto, uma formação de professores para a escola rural, em escolas específicas. As alunas, que se formavam na Escola Normal do Estado e

⁴³ Para uma análise dessa reforma, ver Araújo (2002).

⁴⁴ Para uma análise das ações empreendidas nesse momento, ver Sellaro (2000).

⁴⁵ O livro Organização da Educação do Estado de Pernambuco, Acto nº 1239, do Exmo Sr. Dr. Governador do Estado, de 27 de dezembro de 1928. Recife: Imprensa Oficial, 1929.

que eram nomeadas para ocuparem cadeiras nas entrâncias⁴⁶ que se estabeleciam no interior, teriam que complementar seus estudos na Escola Rural Modelo Aníbal Falcão, situada em um dos subúrbios do Recife.

A Escola Normal Rural teve a sua regulamentação⁴⁷ através do Decreto nº 182, de 25 de Março de 1933:

ART. 43º - A Escola Normal Rural com sede do interior do Estado, destinar-se-á à formação de professores para a zona rural.

ART.44º - A Escola Normal Rural compreenderá dois cursos: o fundamental e o normal, cada um com dois annos.

ART. 45º - O curso fundamental compreenderá as seguintes matérias: Portuguez, Francez, Mathematica, Geographia, Historia da Civilização, Physica e Chimica, Desenho, Musica, Trabalhos Manuais, Educação Physica.

ART.46º - O Curso Normal compreenderá as seguintes matérias: Portuguez, Sciencias Naturaes, Pedometria, Psychologia Educacional, Pedagogia e Didactica, Hygiene, Puericultura e Prophylaxia Rural, Agricultura. Zootechnia, Economia Rural, Industrias Ruraes, Desenho, Musica, Educação Physica.

Nessa época, no entanto, ainda não haviam sido criadas as escolas normais rurais. Em 1933, o livro de exposição explica:

A Escola Normal Rural será brevemente creada em uma das primeiras cidades do interior do Estado. [...] Enquanto a Escola Normal Rural não diploma os seus primeiros professores provê o Governo à formação dos docentes rurais com o estágio dos professores comuns na Escola Rural Modelo Aníbal Falcão. [...] A Escola Aníbal Falcão compreende as seguintes secções: classes primárias, agricultura, jardinagem, horticultura, industrias rurais, criação (CAVALCANTI, 1933, p. 162-163)⁴⁸.

Garcia (apud FARIA FILHO) comenta que *“a legislação educacional, é vista como consolidação, a nível político institucional das orientações emanadas dos grupos dominantes na sociedade dependente”* (1998, p. 98).

⁴⁶ Entrâncias eram entendidas como regiões que atendiam todo o Estado de Pernambuco. Ver a relação em anexo.

⁴⁷ Legislação Estadual de Pernambuco – Decretos, Atos e Notas. Estante 30, Prateleira 02, nº 145, ano 1933. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.

⁴⁸ Exposição apresentada ao chefe do governo provisório da Republica, Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, pelo Interventor Federal em Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti. Período administrativo de 1930 a junho de 1933. Recife: Imprensa Oficial, 1933.

A Escola Normal Rural – assim como a Escola Normal – compunha os denominados órgãos escolares que, juntamente com os órgãos de divulgação, formavam a organização educacional de Pernambuco. Como explicita Cavalcanti:

Órgãos escolares e órgãos de divulgação. Entre os primeiros estão a Escola de Aperfeiçoamento, a Escola Normal, a Escola Normal Rural, a Escola Experimental, a Escola Rural Modelo, a Escola de Educação Física e as Escolas para Anormais. No número de segundos como órgãos de divulgação pedagógica, se agrupam o Seminário Pedagógico, a Biblioteca Central dos Professores, o Museu Pedagógico Central, o Serviço Social de Educação e o Boletim de Educação (1933, p. 158).

Na década de trinta, quando as irmãs chegaram a Timbaúba, havia no Recife quatro escolas destinadas à formação de professores: Escola Normal Oficial, Escola Normal Pinto Júnior, Colégio Pritaneu e Colégio Santa Margarida (BELLO, 1982, p. 92).

No entanto, há outras escolas normais mencionadas⁴⁹ e equiparadas que funcionavam em outras cidades, como: Academia Santa Gertrudes (Olinda), Colégio Santa Sofia (Garanhuns), Colégio Sagrado Coração (Caruaru), também pertencentes a religiosas.

O Colégio Normal Rural Santa Maria, em Timbaúba, objeto deste estudo, pertencia à rede particular de ensino e dedicava-se à instrução de meninas, aceitando, no início de suas atividades, alunos do sexo masculino nos cursos infantil e primário⁵⁰, enquanto que nos Cursos de Admissão e Normal Rural, apenas meninas. Depois, por resolução interna da congregação, dedicaram-se,

⁴⁹ Essa informação encontra-se no livro: O Ensino Normal de Pernambuco 1922-1926 de Ulisses Pernambucano, p. 102.

⁵⁰ No livro de atas, “Movimento Escolar”, do Colégio, esses cursos são mencionados e formavam a Escola de Aplicação, utilizada para experimentação, prática de ensino e demonstração de conteúdos metodológicos do Curso de Professores.

apenas, ao ensino de meninas. Mesmo depois, quando, em 1949, foi instituído o Curso Ginásial, também só se matriculavam meninas.

Além desse Colégio, havia em Timbaúba escolas estaduais e municipais e algumas escolas particulares. Mais de uma aluna mencionou a escola de D. Eufrásia Cabral de Melo. Algumas relataram que a professora era severa e disciplinava os alunos com castigos físicos⁵¹, apesar de o Estado haver abolido esse método de disciplinar alunos. Mas, nesse período, e mesmo muitos anos depois, ainda era utilizado, nas escolas particulares, o castigo físico, a palmatória, a régua, para “ajudar os alunos” no processo de ensino-aprendizagem⁵².

Essas informações e as que foram discutidas no capítulo anterior mostram, portanto, que a chegada das freiras alemãs, em 1938, para formarem professoras rurais em Timbaúba, atendia a uma série de demandas, de natureza propriamente educacional, social e política.

3.1 – Dimensões presentes na prática educativa

Mas, como se efetivava essa ação no cotidiano do colégio? Que saberes eram transmitidos às alunas? Como expressavam um tipo de mulher que se pretendia formar?

Para que uma prática educativa se efetive, é necessário que existam algumas dimensões, como ter um ambiente, equipamentos, pessoal para atuar

⁵¹ As alunas mencionaram esse fato “in off” e não quiseram ser identificadas. Parece haver um sentimento de cumplicidade que permeia as relações de amizade, em pequenas cidades, a ponto de não falarem mais abertamente sobre alguns assuntos, porque todos se conhecem.

⁵² Ulisses Pernambuco, no Livro *O Ensino Normal em Pernambuco*, conta que em 1923 realizou a primeira festa de despedida das formandas, denominando-a de “A Festa da Palmatória”, e diz: “A palmatória, banida das escolas, como instrumento de disciplina, pela nova orientação científica do ensino, baseada em métodos persuasivos e generosos, tornou-se realmente um símbolo do espírito retrogrado da mentalidade primitiva e odiosa que dominou por muito tempo a pedagogia e os mestre-escolas” (p. 219).

nesse cotidiano e clientela. Sem esses elementos não pode haver ensino-aprendizagem.

3.2 – Ambiente escolar

Um ambiente escolar é formado por um prédio, um edifício ou mesmo uma simples casa que atenda as necessidades a que se destina. Trata-se de um espaço que educa, mesmo que não estejam sendo realizadas atividades, devido a uma arquitetura que, quando planejada com cuidado, observando-se os devidos espaços onde se realizarão as atividades pedagógicas, por si só ensina: seja pela disposição das janelas, dos corredores, da iluminação; seja pela decoração das paredes, com sua pintura e detalhes e, até mesmo, pelos arredores que forem disponibilizados. “Qualquer atividade humana precisa de um espaço e de um tempo determinados. Assim acontece com o ensinar e o aprender, com a educação” (FRAGO, 1998, p. 61).



Corredores

Foucault, em *Vigiar e Punir* (1987), aponta a escola como uma instituição fechada, junto a outras instituições disciplinares, de dominação, de controle, tais

como quartéis, hospitais ou cárceres. O modelo espacial prévio de todas essas instituições seria o convento.

De acordo com a narração da cronista, as Irmãs Franciscanas imaginaram esse ambiente segundo uma determinada projeção: *“Não foi uma casa de barro como tinham imaginado, mas uma casa de tijolos; até foram 8 casas, todas iguais e, de acordo com a situação da região, boas e renovadas”* (LIVRO DE CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 1).

O livro de Crônicas não menciona, mas, as fotos mostram que, além dessas casas, havia uma casa grande em estilo tradicional, uma portaria que se assemelhava a uma construção, em miniatura, dos antigos coretos que adornam jardins e praças e um amplo terreno.

Também afirma que um senhor da cidade ofereceu uma outra casa, em frente à escola, para ser usada, se necessário fosse.



Portaria



Fachada da Escola



As Casas

Segundo Escolano:

Os espaços educativos, como lugares que abrigam a liturgia acadêmica, estão dotados de significados e transmitem uma importante quantidade de estímulos, conteúdos e valores do chamado currículo oculto, ao mesmo tempo em que impõe suas leis como organizações curriculares (ESCOLANO, 1998, p. 27).

Acrescenta ainda, que:

Em toda essa planificação panóptica e taylorista do espaço escolar, subjaz uma política social que controla os movimentos e os costumes. [...] a disciplina do tempo educativo, inspirados nos vetustos ritmos do convento, reforçou, com a regularidade de seus ritmos, a ação microfísica das estruturas arquitetônicas, dando origem a todo um ordenamento da vida acadêmica que passou de forma “invisível”, ainda que bem notória, a fazer parte do currículo (ESCOLANO, 1998, p. 27).



Parlatório

O Secretário de Administração da cidade de Timbaúba, João Marcelo Gomes Ferreira, localizou a escola, em uma foto do município, exposta no prédio da prefeitura, comentando que ela faz parte do espaço urbano e ocupa um lugar de destaque. Essa colocação leva-me a transcrever o que Escolano fala desse “espaço-escola”. *“Não apenas o espaço-escola, mas também sua localização, a disposição dele na trama urbana dos povoados e cidades, tem de ser examinada como um elemento curricular”* (ESCOLANO, 1998, p. 28).



O Colégio no Espaço Urbano

O comentário acima induz uma outra reflexão: verdadeiramente, a escola é relevante no espaço da cidade?

É Escolano quem responde: *“A produção do espaço escolar no tecido de um espaço urbano determinado pode gerar uma imagem da escola como centro de um urbanismo racionalmente planejado ou como uma instituição marginal e excrescente”* (ESCOLANO, 1998, p. 28).

O Colégio Normal Rural Santa Maria ocupa esse lugar – o que tem uma significação ainda mais peculiar na medida em que se tratava de uma Escola Rural – não só na planificação urbana, mas, também, no imaginário das pessoas

da sociedade timbaubense. A seu lado, por exemplo, duas importantes escolas foram projetadas: os colégios Timbaubense⁵³ e Cenecista.

Segundo Escolano:

... a escola rural, sem que tenha de rivalizar em monumentalidade e distinção com a igreja, deveria ser um edifício sólido e estético.[...] Essa dignificação da arquitetura escolar acrescentaria também o prestígio do professor e elevaria a estima que os alunos têm para com a educação (ESCOLANO, 1998, p. 37).



O Espaço Rural da Escola

O prestígio da escola, na memória das alunas, daria um capítulo à parte, pois, não só o edifício escolar, como a capela, o sítio, onde aconteciam as aulas práticas rurais e a dedicação dos mestres não foram esquecidos. No decorrer deste capítulo haverá a oportunidade de constatar essas afirmações.

Mesmo considerando que não tinham tudo, nem todos os equipamentos para começarem as atividades, as freiras reconheceram: *“as autoridades e população nos trataram com respeito e benevolência tocantes”*⁵⁴.

⁵³ Fundado em 1934, o Externato Timbaubense, segundo D. Edna Maria Carvalho Morais, atual diretora da instituição, é também um marco na cidade.

⁵⁴ Livro de Crônicas em Alemão, 1938, f. 2.

3.3 – Equipamentos

A outra dimensão a ser tratada diz respeito aos equipamentos que foram encontrados no ambiente da chegada das freiras e os que chegaram em seguida.

Segundo a cronista, os primeiros móveis foram: *“6 camas com colchões, 2 bacias, uma grande mesa redonda a qual foi intitulada “globo”, em cima dela a alimentação por uns dias, umas cadeiras pretas e alguma louça, depois de alguns dias, foi pedida de volta”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO , 1938 f. 1).

Ainda, no livro de crônicas escreve-se que a Madre Priora Flávia⁵⁵ foi o “refúgio”, porque enviou, com generosidade, aguadores, pratos e mais coisas indispensáveis. O relato diz, ainda, que as paredes estavam nuas, as salas de aula sem mobiliário, as portas sem chaves e para que nada acontecesse elas solicitaram ajuda para os anjos da guarda vigiarem. Dizia-se que faltava tudo para a limpeza: *“vassouras, estopas, baldes, enfim, quase tudo”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 2).

Segundo os depoimentos das alunas já mencionadas no capítulo anterior, no entanto, a situação não parecia de tanta penúria, na medida em que uma comissão de senhoras da sociedade havia preparado e limpo todo o ambiente. Talvez as normas de limpeza das irmãs fossem muito diferentes das encontradas em Timbaúba, na medida em que o livro de crônicas faz a seguinte afirmação: *“A empregada fez as compras do mercado, mas não sabia fazer a limpeza como nós a praticamos”*.

De forma discriminatória, escreve a cronista sobre a impressão da Madre Superiora a respeito da citada empregada:

⁵⁵ Não há nenhuma indicação de onde era essa madre que foi mencionada, mas, provavelmente, pertencia à Academia Santa Gertrudes, pois, algumas das freiras desse convento deram suporte às franciscanas. Talvez tenham utilizado o aparelho de telégrafos para comunicarem a situação e receberam o que precisavam.

Depois de a Ir. Fabiana ter feito com M. Superiora as mais urgentes compras e iniciado a empregada pretinha, ela voltou a Olinda na 2ª semana de julho (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1939, f. 4).

Sabendo da chegada de uma boa cozinheira (da Alemanha), já que nossa Josefa preta às vezes cuidou de nós com pouco carinho, ninguém nos tome por mal que queríamos a M. Rosula (f. 11).

Ainda, quanto à preparação do cenário, a cronista escreve que:

O prefeito da cidade, Sr. Álvaro Xavier de Moraes Coutinho nos entregou no 2º dia uma poupança com 1000 réis, destinada para o sustento das irmãs. Mandou 12 trabalhadores para limparem o vasto jardim, cuidou dos consertos necessários da instalação d'água e luz. O alto fogão de barro foi substituído por um forno de ferro. Ainda forneceram 2 camas e 6 lavatórios. A prefeitura ainda pagou 2 armários usados para cozinha e refeitório (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 2).

Como se vê, todo o apoio foi dado a fim de que o ambiente escolar fosse devidamente equipado e preparado para o início das atividades de ensino: *“os bancos e as cadeiras para a capela e o Jardim da Infância foram doadas, parte da capela São Francisco e parte dos pais da aluna Maria da Glória Malta Rezende. E a cidade enviou o mobiliário necessário”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 2).



Equipamentos

Tudo estava pronto, só faltavam os atores educacionais ocuparem os seus postos.

3.4 – Atores e Atrizes Atuando

Sem funcionários para atender os clientes, o cenário e os equipamentos ficam sem utilização. Pois, *“O estudo é uma reunião de Professores e de Escolares, que se realiza em algum lugar, pela vontade, e com a intenção de aprender os saberes”* (FRAGO, 1998, p. 65).

Em relação aos atores, nesse primeiro momento atrizes, o primeiro problema que as irmãs enfrentaram partiu de uma dúvida, sobre a qual a cronista descreve: *“Como as alunas deveriam dirigir às religiosas? A palavra alemão ”Frau” na tradução “senhora” teria perdido seu valor. Por isso determinou-se colocar a palavra “Madre” antes do nome religioso”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, f. 4).

Essa dúvida parece expressar o lugar de autoridade a partir do qual as irmãs gostariam de ser identificadas. Embora na língua portuguesa, madre e irmã sejam palavras sinônimas, conforme o Dicionário Houaiss (2001, p. 1808), no imaginário social a palavra “Madre” carrega muito mais significados relacionados à hierarquia do que “irmã” ou mesmo “senhora”, que poderiam ser também utilizadas pelas alunas para se dirigirem a outras pessoas da comunidade. Não eram, portanto, exclusivas da relação com as freiras, como era o uso de “Madre”.

Resolvida essa dúvida, as irmãs trataram de preparar-se para receberem os alunos que, no dia 11 de julho de 1938, quando as portas da escola se abriram, chegaram em número de 32 crianças, segundo o livro de crônicas, embora o livro de matrículas marque a existência de 43 matriculados.



Alunos da Escola de Aplicação do Colégio Rural Normal Santa Maria

3.5 – Clientela

Os alunos que foram recebidos foram divididos em três turmas, o que leva a crer que mais de uma série ocupava a mesma sala. Foram distribuídos de acordo com a idade e o grau de instrução, depois de um ligeiro exame, prática corrente na época de matrículas.

Bello (1982, p. 92) comenta como, para ele, esse teste era constrangedor. *“Fui submetido pela professora a uma prova de capacidade para se determinar em que classe deveria ser eu matriculado e o resultado dessa prova foi mais que decepcionante para mim”.*

Apesar do fato narrado por Bello ter acontecido duas décadas antes do período ao qual se refere esta pesquisa, não diminui o valor atribuído ao mesmo, uma vez que uma das entrevistadas, também, mencionou ter se submetido a testes antes de ser matriculada nesse primeiro período.

Segundo a cronista, para realizar o processo de classificação dos alunos, as irmãs franciscanas contaram com a ajuda da Madre Iluminata e da irmã Fabiana, ambas da Academia Santa Gertrudes, que se demoraram um pouco no Colégio para auxiliá-las nos primeiros percalços e responsabilizaram-se pela direção da escola e do ensino religioso, além de familiarizá-las com a língua, costumes e habitantes (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 4).

A matrícula contemplou o seguinte número de alunos por séries:

Classe Infantil	8
Jardim da Infância	2
Primeiro Ano	3
Segundo Ano	9
Terceiro Ano	4
Quarto Ano	7
Admissão	10

Todos os alunos pertenciam à Igreja Católica, sendo 39 meninas e 4 meninos, cujos pais eram agricultores⁵⁶, dentista, industrial, comerciante, mecânico, funcionário público, farmacêutico, médico, escritor e professor de música. Um dos pais era alemão, mas as filhas nasceram no Brasil. Uma delas matriculou-se no quarto ano e no final do mês de julho, após um teste, começou a cursar o Admissão. Dessas alunas matriculadas no segundo semestre de julho, três matricularam-se no Curso Normal Rural no ano seguinte.

⁵⁶ Entenda-se por agricultor, um dono de engenho, fazenda ou usina.

A clientela, em sua maioria, era rica. Esse fato foi mencionado pelas ex-alunas.

“Lá havia classe com crianças de três, quatro anos. Era um luxo para a época. Só colocava quem tinha muito dinheiro. Além disso, havia internas muito novas. O internato era quem sustentava, porque era muito mais caro” (5).

“Nós éramos da classe mais alta” (9).

“A clientela era rica. Tinha uma menina... Só ponto de referência... foi criada na Usina Cruangi. Aí, a brincadeira era: ‘Quantos sacos de açúcar você tem’. O tratamento para essas era diferenciado. As freiras tratavam as ricas de forma diferente” (5).



Clientela do Curso Normal

As classes foram distribuídas entre as mestras como segue: A Madre Helmfrieda, com o auxílio da Srta. Hosana Queiroz, assumiu o Jardim da Infância; a Madre Albertine juntou-se à filha do prefeito, Srta. Eremita, e cuidaram das primeiras séries do primário; Da. Otávia Veloso Dias, paga pela prefeitura, ministrava aulas de Português e História para as alunas do Admissão e das outras salas.

Além das aulas regulares, a Madre Superiora Raimunda Habermeier deu aulas particulares da língua alemã e a Madre Helfrieda ensinou música, no piano cedido pelo prefeito e nos diversos instrumentos trazidos da Alemanha, além das aulas de trabalhos manuais em todas as séries.



Sala de Música

No arquivo do Colégio não consegui maiores informações sobre os perfis dos professores e freiras, exceto da Madre Helfrieda, cuja formação foi realizada na área de Música⁵⁷. Na escola, suas funções eram: Professora de Música e Canto Orfeônico, organista, professora de Educação Física, Recreios e Jogos, professora de Artes Aplicadas e atividades extra-classe.



Sala de Aula do Curso Primário



Sala de Aula do Curso Normal

⁵⁷ Essa informação consta em um rascunho, à mão, de um ofício que deve ter sido encaminhado para o Sr. Presidente do Conselho Regional dos Músicos do Estado de Pernambuco. Diplomada pelo Conservatório de Música em Augsburg, Alemanha, em 19.5.1938, certificado no curso de Música – Organista, em Munich–Alemanha, em 18.3.1938 e Certificado no Curso Nacional de Música Sacra, em Recife, em julho de 1958.(22.12.1960).

Havia, nas fotos a que tive acesso, salas de aulas distintas: para o ensino pedagógico, para aulas de canto, para laboratório e para guardar os utensílios de ginástica.

Ambiente escolar pronto, equipamentos adquiridos e organizados, atores e clientela devidamente selecionados, restava cronometrar o tempo de ensino pedagógico com a preparação do currículo.

3.6 – Currículo – uma forma de controle

O currículo é um assunto que vem sendo estudado e debatido por diferentes especialistas. Há muitas interpretações para a palavra, bem como para o seu surgimento na história.

Para Goodson (1995, p. 31) a expressão currículo: *“...vem da palavra latina Scurrere, correr, refere-se a curso (ou carro de corrida). [...] definido como um curso a ser seguido, apresentado”*.

O surgimento do termo, segundo Nereide Saviani, é assim explicado:

O contexto é identificado com o da reforma protestante de final do século XVI, mais especificamente com o calvinismo. Possivelmente o termo teria sido utilizado em 1582, nas escriturações da Universidade de Leeden (Holanda), mas o primeiro registro que dele se constata é [...] de um atestado de graduação outorgado a um mestre na Universidade de Glasgow (Escócia) em 1663 (1998, p. 20).

O currículo é definido como *“... a concretização dos fins sociais e culturais, de socialização, que se atribui a educação escolarizada, ou de ajuda ao desenvolvimento de estímulo e cenário do mesmo, o reflexo de um modelo educativo determinado”* (SACRISTÁN, 2000, p. 15).

Em cada momento da história, o currículo assume características de acordo com o contexto social onde está inserido.

No Brasil, na década de 30, a industrialização, a urbanização e a vinda de imigrantes, de vários países, com idéias liberais, comunistas, anarquistas, socialistas, nazistas, motivaram a feitura de um tipo de currículo orientado pelas idéias reinantes na sociedade européia, tomando emprestado de outras nações, como os Estados Unidos, alguns conceitos de orientações, como explicam, entre outros, Bello (1982, p. 259), Tanuri (2000, p. 72) e Nunes (2000, p. 44).

Como exemplo dessas idéias, cito o estágio na Escola de Aplicação; as bancas examinadoras; as provas orais e escritas; o nacionalismo, expresso através do culto à Pátria, que incentivava professores e alunos a festejarem as datas comemorativas enaltecendo o País e seus vultos históricos; a preocupação em preparar corpos saudáveis; e outros paradigmas que os que se aprofundaram em estudar e comparar os currículos já apresentaram (LUNA, 2000, p. 77; SCHWARTZMAN, 1984, p. 61). Na interpretação de Schwartzman o Plano Nacional de Educação refletia nesse momento as diversas ideologias

As experiências de construção nacional em processo na época, como o nazismo, o fascismo, e o comunismo, tratavam a educação como o instrumento por excelência de fabricação de tipos ideais de homens que assegurassem a construção e a continuidade de tipos também ideais de nações (1984, p. 176).

E acrescenta:

Fazia ainda parte dos princípios gerais a definição do que se devia entender por “espírito brasileiro” (“orientação baseada nas tradições cristãs e históricas da pátria”) e “consciência da solidariedade humanas” (“prática de justiça e fraternidade entre pessoas e classes sociais, bem como nas relações internacionais”) termos que a Constituição utilizava para caracterizar os objetivos gerais da educação nacional (SCHWARTZMAN, 1984, p. 182).

Quanto à formação dos cursos profissionais masculinos e femininos, Schwartzman explica que:

O ensino agrícola visava, por exemplo, “a formação de profissionais capazes de orientar, de dirigir ou auxiliar as atividades relacionadas com a vida rural”; já o ensino doméstico

agrícola procurava preparar a mulher para a atividade dentro e fora do lar, como colaboradora de todas as atividades relacionadas ao sistema produtivo agrário. As mulheres da zona rural aprenderiam português, aritmética, elementos de ciências físicas e naturais, zootecnia, indústria de laticínios, horticultura, olaricultura, fruticultura, sericicultura, apicultura, arte culinária, costura, lavanderia e higiene (SCHWARTZMAN, 1984, p. 186).

O currículo do Colégio Normal Rural Santa Maria não era, exatamente, igual àquele determinado pela lei para o funcionamento das escolas normais rurais. O curso era dividido em dois módulos: o 1º, o 2º e o 3º Normal Rural formavam o primeiro módulo e o segundo dividia-se em 1º e 2º Pedagógico.

Séries	Disciplinas
1º Ano Normal Rural	Português, Francês, Matemática, Geografia, História, Trabalhos Manuais, Desenho, Música e Canto, Educação Física, Ciências, Religião.
2º Ano Normal Rural	Português, Francês, Inglês, Matemática, Geografia, História, Desenho, Pintura, Trabalhos Manuais, Música, Educação Física, Religião
3º Ano Normal Rural	Português, Inglês, Geometria, História Natural, Física, Química, Desenho, Pintura, Trabalhos Manuais, Canto, Educação Física, Religião
1º Ano Pedagógico ou 4º Ano Normal Rural	Português, Psicologia, Metodologia, Antropologia, Agricultura, Pré-Orientação (Trabalhos Manuais e Artes Industriais) Higiene, Educação Física, Horticultura, Jardinocultura, Pomicultura, Silvicultura, Canto-Doméstica (Disciplinas sem atribuições de notas), Religião.
2º Ano Pedagógico ou 5º Ano Normal Rural	Português, Sociologia, Metodologia, Pedagogia, Pré-Orientação, Educação Física, Contabilidade, Administração, Cooperativa (aulas periódicas) Avicultura, Apicultura, Sericicultura (aulas periódicas), Canto-Doméstica (Disciplinas sem atribuições de notas), Religião.

Segundo o depoimento de uma das entrevistadas, as alunas que se formavam em escolas rurais, se fossem convocadas para ensinar na capital, teriam que cursar algumas disciplinas para complementarem a formação. Da mesma forma, as alunas que se formavam na capital, para ensinar no interior, complementavam a formação na Escola Rural Modelo Aníbal Falcão ou Alberto Torres.

O sistema escolar alemão era considerado um modelo de referência, segundo Luna (2000). Segundo esse autor a formação de professores na Alemanha se dava da seguinte maneira:

Essa formação era feita nas Escolas Normais Alemãs, geralmente sob o controle e manutenção total do Estado. Não se dava nas Universidades. Mas havia um curso especial em Berlim. Os estudantes eram recrutados nas escolas secundárias ou dos recém egressos nas universidades e as turmas não eram superior a 30 alunos. Os que vinham das universidades tinham os seus nomes indicados pelos governos locais e homologados pelo Governo do Estado. O aluno escolhido assinava um termo formal comprometendo-se a permanecer como professor de uma escola normal por um período não inferior a oito anos. O curso variava entre um e dois anos tendo como disciplinas obrigatórias: Pedagogia, Filosofia, Língua e Literatura Alemãs, História da Arte e Civilização, Higiene e Economia e optativas: Matemática, Geografia, Física, Química, Zoologia, Fisiologia da Fala, História, Inglês, Francês. Assistiam também palestras sobre temas ligados à legislação educacional, visitavam museus e estabelecimentos de ensino praticando através de estágio (2000, p. 75-76).

Ainda segundo Luna (2000, p. 77-89), os alunos poderiam se matricular com idade mínima de 17 e máxima de 24 anos e deveriam ter boa saúde física e mental, atestada por médicos autorizados pelo governo e realizar exame escrito e oral sobre disciplinas do currículo da escola secundária. O curso tinha a duração de três anos com disciplinas acadêmicas e profissionais além de estágios de prática na docência em escolas-modelo ou de aplicação, anexas às escolas normais.

Muitas prerrogativas desse sistema educacional alemão podem ser comparadas ao sistema brasileiro na época.

3.7 – Equiparação da Escola

Decidido o currículo e tendo a escola, em 1938, iniciado as suas atividades para a formação de professoras, instituindo o Curso de Admissão, que preparava as alunas para cursarem o Curso Normal Rural, mais uma providência deveria ser tomada: equiparar a escola à Escola Normal.

O dicionário Houaiss⁵⁸ define equiparação como o:

ato ou efeito de equiparar(-se), de igualar(-se) e equiparar: “considerando-os idênticos, ou possuidores do mesmo valor ou significado; igualar(-se) a; conceder a (pessoas, entidades etc.) regalias que já estão ao alcance de outra(s) pessoa(s) ou entidade(s) (HOUAISS, 2001, p. 1184).

A Madre Superiora preocupou-se em colocar o trabalho escolar sobre um fundamento seguro. Por isso:

Em 13 de setembro (de 1938), ela dirigiu ao Governador do Estado uma petição no sentido de obter a equiparação como Escola Normal – formação de professoras – mencionando que corpo docente, prédios e terreno iam cumprir as exigências dos Estatutos⁵⁹ (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 7).

Os estatutos ao qual a Madre se refere estão especificados no Regulamento da Escola Normal⁶⁰:

ART. 179 – Serão oficialmente equiparados à Escola Normal para efeito de expedir diplomas de habilitação para o exercício do magistério, os estabelecimentos de ensino secundário equiparados ao Colégio Pedro II que mantiveram o curso de professores, observadas as condições estabelecidas neste Regulamento.

⁵⁸ Dicionário Houaiss da língua portuguesa de Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Objetiva Ltda., 2001, p. 1184.

⁵⁹ Crônica da Escola Santa Maria, 1938-1972 (em Português).

⁶⁰ Decreto N 189, de 11 de Maio de 1933. Capítulo I “Das condições e regimes de equiparação” do livro Legislação Estadual de Pernambuco – Decretos, Atos e Notas. Estante 30, prateleira 02, número 145, ano 1933.

ART. 180 – A concepção de que trata o artigo precedente será requerida ao chefe do Governo do Estado que fará verificar pela Diretoria Técnica de Educação se o estabelecimento satisfaz as condições exigidas abaixo:

1 – Patrimônio de 50:000\$000 (cincoenta contos de réis);

2º - Edifício que corresponda ao objetivo do estabelecimento;

3º - Instalações didáticas, como laboratórios, museus e bibliotecas;

4º - Corpo docente idôneo;

5º - Ter um curso secundário equiparado ao Colegio Pedro II.

ART. 181 – A' vista da informação do Diretor Técnico de Educação o Governo concederá ou recusará a equiparação solicitada.

Art. 182 – A equiparação poderá ser suspensa ou cassada toda vez que houver inobservância de qualquer exigência deste Regulamento.

Art. 183 – Cabe ao Diretor da Escola Normal a inspeção Geral dos estabelecimentos que tenham Curso de Professores equiparado, pode exercê-lo diretamente ou por intermédio de fiscais e inspetores.

Logo no dia 22 de setembro, o Colégio recebeu a resposta do Secretário do Interior, dizendo:

De acordo com o pedido e em consonância, determino que o Diretor da Escola Normal verifique, através de informação e inspeção, se o Colégio, sob sua Direção, está cumprindo as exigências dos Estatutos. As despesas com viagem e hospedagem, na importância de 300 mil reis, vão por conta do Colégio. Sds. Arnóbio Tenório Vanderlei. Secretário do Interior⁶¹ (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938; p. 7).

A cronista descreve que nos dias subsequentes *“foi feita grande limpeza das casas, do pátio, do jardim, tanto quanto possível”*. E, logo em seguida, menciona as autoridades presentes no ato de inspeção:

No dia 29, festa de S. Miguel, veio a alta inspeção, antes avisada por um telegrama. As alunas chegaram em roupa festiva, com muitas flores. Às 10 hs., o Revmo. Cônego Henrique Xavier, Diretor da Escola Normal Oficial de Recife, acompanhado por Frei Querubim, guardião dos franciscanos em Olinda, do Pe. Vigário da cidade, do prefeito e secretário de Timbaúba (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 7).

O que inspecionaram?

⁶¹ Crônica da Escola Santa Maria 1938 – 1972 (Em Português)

“Olharam as salas de aula e o material didático exposto, depois foram ao jardim. O secretário sempre fazendo anotações” (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 7).

Quanto às comemorações preparadas pelo Colégio:

Uma das alunas maiores pronunciou o discurso de saudação. A sala de música tinha um aspecto festivo: lá 10 crianças do Jardim executaram uma pequena dança, após as 16 alunas do primário, e enfim as do Admissão. M. Helfrieda era incansável ao ensinar estas apresentações (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 7).

A impressão da comissão de inspeção foi registrada como segue: *“A Comissão parecia muito satisfeita. O visitante louvou o trabalho educativo e parabenizou por isso a cidade”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 7). No Colégio havia um livro de visitas no qual o inspetor escreveu a sua impressão em relação ao Colégio. O livro de Crônicas registra esse ato:

Da visita que fiz ao Collegio Santa Maria, de Timbauba, levo excelente impressão, tanto das instalações, que são magnificas, como da orientação pedagógica, que é admiravel. Está destinado a ser um grande educandario com um futuro fagueiro e promissor. Cônego Henrique Xavier 29-9-38⁶² (LIVRO DE VISITAS, p. 4).

No dia 6 de outubro, o documento, assinado pelo interventor, chega ao Colégio:

Colhidas as necessárias informações, o Secretário do Interventor confirma que o Diretor da Escola Normal Oficial realizou a inspecção no dia 29 de setembro de 1938. Em vista do protocolo completo, apresentado pelo Inspetor, cópia do qual está presente, S. Excia. o Interventor Federal, pronunciou em vista da petição como segue: *“Concede-se a equiparação”* 06.10.1938 (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 8).

Dos jornais oficiais, a cronista transcreve as notícias.

O Interventor Federal do Estado, considerando a petição da Direção do Colégio Santa Maria situado no município de Timbaúba, considerando as informações dadas pelo Diretor da

⁶² Essa declaração está escrita no Livro de Visitas do Colégio.

Escola Normal Estadual resolve conceder a inspeção (?)⁶³ preparatória pelo espaço de um ano, ao Colégio Santa Maria para o reconhecimento Estadual como Escola Normal Rural, em vista das exigências cumpridas (Ato nº 1991, de 06 de outubro de 1938) (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 8).

Para que o Colégio recebesse definitivamente a equiparação, era necessário que houvesse um(a) inspetor(a) para acompanhar as atividades escolares.

No livro de Crônicas encontra-se o relato da nomeação do inspetor: *“Dia 20 de outubro: O Interventor Federal do Estado de Pernambuco resolveu nomear a Srta. Maria de Lourdes Veloso Borba como Inspetora do Governo junto ao Colégio Santa Maria em Timbaúba”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 8).

O Regulamento da Escola Normal relaciona os deveres do(a) inspetor(a) no Capítulo III, com o título “Da fiscalização”, como se pode ver a seguir:

ART.185 – Os estabelecimentos equiparados são fiscalizados por funcionários de preferência professores da Escola Normal nomeados pelo Governo do Estado, sob proposta do Diretor Técnico da Educação, tendo exercício nos estabelecimentos que o Diretor da Escola Normal designar.

ART. 186 – Compete ao fiscal:

1º) – Visitar freqüentemente o estabelecimento que estiver sob sua fiscalização e verificar se estão cumpridas fielmente as obrigações contraídas em virtude da equiparação.

2º) – Assistir a lições exercícios práticos, pelo menos uma vez por semana;

3º) – Vetar ou suspender as deliberações que forem prejudiciais ao plano de estudo oficial, ou infringirem os dispositivos legais;

4º) – Superintender os exames do estabelecimento zelando pela observância dos dispositivos legais, suspendendo e propondo a anulação daqueles em que houver preterição de formalidades essenciais;

5º) – Resolver as questões que se suscitarem entre os membros das bancas examinadoras;

6º) – Comunicar ao Diretor da Escola Normal tudo o que ocorrer no estabelecimento;

⁶³ Essa interrogação que aparece no livro de crônicas quando foi transcrito o que os jornais falaram sobre a equiparação, acredito que as freiras colocaram porque devem ter duvidado da notícia em vista do documento da citação anterior. Elas acreditaram que esse ato 1991 já era a equiparação definitiva.

7º) – Abrir, rubricar e encerrar os livros necessários aos trabalhos de exames.

ART. 187 – Os fiscais dos estabelecimentos equiparados à Escola Normal só terão interferência na organização e funcionamento dos Cursos de Professores⁶⁴.

Quanto a esses deveres estabelecidos pela lei, pude constatar que os livros recebiam a assinatura, como era recomendado, e lições e exercícios, bem como ocorria a presença da fiscal nas bancas examinadoras.

Na memória das alunas consegui verificar a atuação da fiscal na escola:

Lourdes Borba foi o bicho cacau. (Risos) [...] Ela fez uma injustiça muito grande com minha amiga. Essa amiga era íntegra. Se ela soubesse, sabia; se também não soubesse... E nós, pra fazermos provas... Na nossa época, era prova escrita, oral. Podia ter um rosário de 100. Mas tinha que fazer. [...] tinha um armário... assim... embaixo do armário tinha um espaço; a gente colocava os cadernos, colocava tudo, e só ficava com o lápis e a prova. E aconteceu que, num dia de muita ventilação, a folha do caderno virou. E eu me sentava perto dela. Na frente, outra colega, que era um barril de pólvora. [...] ...da minha cadeira eu olhei e vi que o caderno estava aberto num dos pontos da prova”.

A entrevistada faz a seguinte representação da inspetora e da reação da amiga:

“Mas Lourdes Borba era o tipo da Hitler... a gente chamava com ela, Hitler. Era aquela mulher com a cara mal amarrada, andando pra lá e pra cá. Parando em todo canto. Como uma coisa, que ninguém sabe explicar, ela virou-se e viu o caderno; viu que o caderno estava aberto. Ela se descontrolou. Apanhou o caderno, tomou a prova da

⁶⁴ Regulamento da Escola Normal em Legislação do Estado de Pernambuco Decretos, Atos e Notas em Decreto nº 293 de 8 de Março de 1939

menina, botou um zero. Ela era uma menina que não olhava nem de lado. Esta menina, a gente nunca viu ela chorar. Era dessas criaturas que não sabem chorar. Sempre a gente vê nos olhos de uma ou de outra, lágrimas, nos olhos. Mas, caiu. Ela abriu num choro tão grande!”

O ditado: “Um por todos, todos por um” era o lema da turma: “Quando as colegas viram: ‘É Sicrana que está chorando?’. Aí, a gente se levantou, deixou a prova na cadeira. O que foi? Eu disse: É Sicrana! Tá dizendo que ela filou, quando eu, aqui atrás, não vi e Sicrana não é disso!”

O castigo temido, veio em seguida:

“Ela disse: Ela vai pra diretoria’. Eu disse: ‘Ela só, não. Vamos todas!’. ‘Vocês não sai [sic] da classe!’. ‘Nós todas vamos sair’. E saímos. Ela ficou lá sozinha. Ela ficou muito chateada. Ela não gostava da nossa turma. Quando minha amiga foi pra diretoria chorando, quando a gente chegou lá, a gente não deixou nem ela falar. A gente falou por ela. Contamos tudo. Era uma turma muito unida e muito aplicada. A gente se preocupava muito com os estudos. E daí, as freiras também tinham um certo respeito conosco. Porque eram 6, 7 alunas, que... todo mês era média 98, 99, 100; e, então, elas viam que nós... não éramos as mais atrasadas. A média das atrasadas era 70. [...] Hoje é o ápice da nota! Naquela época, era a vergonha!”

O reconhecimento da Madre por essa turma guerreira está explícito nas palavras da entrevistada:

“E então a freira mandou a gente voltar e terminar a prova. A gente disse: ‘Com ela na classe, ninguém fica’ Aí, ela, depois... A freira chamou... Acho que explicou que não era possível que tivesse

acontecido... que minha amiga sempre foi uma aluna exemplaríssima e tudo e isso não podia ter acontecido... E foi lá e viu que estava [sic] aberto vários cadernos. Vinha o vento pelo chão, entrava pela porta, ventilava a parte de baixo e aí entrava e abria os cadernos. Então, ela veio e disse que a freira explicou. Mas, ela não se convenceu, mas, disse que ia deixar pra lá; a gente terminasse a prova. Mas, a nossa turma foi muito águia. E ela tinha [sic] essa falta de simpatia”.(12)

Vê-se que a inspetora levava muito a sério as suas atribuições de assistir, vetar, superintender, zelar, etc. pelo funcionamento do Curso de Professores.

3.7.1 – Equiparação permanente

Só em 1940, o Colégio recebeu a equiparação permanente:

Ato nº 181, de 31 de janeiro de 1940 – O Interventor Federal no Estado, atendendo ao que requereu a diretora do Colégio Santa Maria, localizado no município de Timbaúba, atualmente sob regime de inspeção preliminar para posterior equiparação à Escola Normal Rural, e tendo em vista as informações prestadas a respeito e haver o Colégio preenchido às exigências da Lei Orgânica do Instituto de Educação, resolve nos termos do art. 56 da mesma lei, reconhecer os diplomas expedidos pelo aludido Colégio⁶⁵

O ART. 56 da referida lei encontra-se no Capítulo III, que regulamenta os artigos destinados à Escola Rural e reza o seguinte:

Art. 56º - Os estabelecimentos particulares de ensino do interior do Estado que organizarem seus cursos segundo as normas estabelecidas nesta lei para a Escola Normal Rural terão os seus diplomas reconhecidos pelo governo do Estado ⁶⁶

PARAG ÚNICO – Essas escolas para gozarem dos favores da lei, deverão submeter-se á fiscalização directa do Governo, por autorização competente.

⁶⁵ Legislação Estadual de Pernambuco – Decretos, Atos e Notas. Decreto Ano 1940. Imprensa Oficial Recife-PE

⁶⁶ Legislação Estadual de Pernambuco – Decretos, Atos e Notas, ano 1933. Decreto Nº 187, de 25 de março de 1933. P. 158

A alegria invadiu o Colégio e a cronista, que, assim, registra esse momento:

31.12 – Alcançada! Pela Ata 181 foi nos concedida a Equiparação Permanente; nossa Escola tinha o reconhecimento definitivo pelo Estado. Um sincero “Deo Gratias” e a promessa dada ao Senhor de servir como operárias em sua vinha empregando todas as forças e não medir sacrifícios (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1939, p. 12).

Ela, assim, comenta: *“No mesmo dia, o Sr. Interventor concedeu a nossas professoras o reconhecimento do Estado. Este Ato foi precedido por uma inspeção realizada em 4 de dezembro”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, 12).

Ainda sobre esse momento, a cronista explica outro aspecto: *“Um telegrama de Recife anunciou a chegada da grande visita. Mal acabamos de lêr o telegrama, que já parou um carro do Estado em nossa porta. Com o Dr. Rui Bello, diretor da Escola Normal de Recife, chegou também o D. Burcardo”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 12).

Sobre uma nova inspeção, que foi efetivada: *“Primeiro examinaram a secretaria, depois as salas de aula, demonstrando sua satisfação”* (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 12).

Preparativos para esse encontro e as impressões dos visitantes também foram registrados:

Nesse tempo pedimos emprestado de Da. Pia Luna, uma grande mesa, louça e talheres. Na sala de visita foi preparado um “banquete” no qual participou também o Pe. Vigário. Os senhores expressaram seu contentamento sobre tudo, de modo especial de Educação Física. Nós ficamos com a grande esperança de termos feito mais um passo na nossa nota (CRÔNICAS EM ALEMÃO, 1938, p. 12).

No Livro de Visitas, registrou-se o seguinte:

O melhor elogio que poderei fazer a essa obra admirável que nessa cidade realizam as admiráveis educadoras que são as religiosas de S. Francisco, consiste no desejo sincero que formulo no sentido de que a sua ação educativa se irradie cada

vez mais em todo o nosso Estado que muito devo esperar das professoras formadas nessas casas de educação tão exemplares. Timbaúba, 4.12.1939. Rui Bello, Diretor da Escola Normal⁶⁷ (p. 20).

As freiras franciscanas foram chamadas pelo prefeito e pela comunidade de Timbaúba para dedicarem seu tempo e habilidades em formar mentes infantis e preparar meninas e moças para serem mães, professoras, donas de casa e religiosas.

Para efeito desta pesquisa, reagruei as disciplinas do currículo adotado pelo Colégio, tomando como critério os supostos papéis que contribuiriam para a formação da mulher de Timbaúba e das cidades circunvizinhas, no período estudado.

Dividi as disciplinas componentes do currículo em seis grandes grupos: os saberes, destinados a formarem uma mulher prendada e com um corpo perfeito; os conhecimentos, necessários à sua formação como católica; as disciplinas, que preparavam as alunas para atuarem na zona rural; os saberes que serviriam à futura atuação como professoras; os conhecimentos, que se destinavam a formar as futuras mães; e, finalmente, as disciplinas, que compunham a formação geral das alunas.

Além das disciplinas propriamente curriculares outros saberes/atitudes eram implícitos ou explicitamente ensinados, através de uma série de normas⁶⁸ que muitos autores denominam de “currículo oculto”. Esse era o caso, por exemplo, do que denomino aqui de expressão corporal, exercitada em encenações, programas, representações e do próprio comportamento esperados das alunas.

⁶⁷ Registrada no Livro de Visitas.

⁶⁸ Normas ou regras não formalizadas que constituem o que Apple (apud SAVIANI, N.) denomina “currículo oculto”, ou seja, uma “distribuição tácita de normas, valores e tendências”, que se dá na vivência de “expectativas e rotinas institucionais das escolas, dia após dia, durante anos” (SAVIANI, N., 1998, p. 39).

Para Sacristán (2000, p. 91), o currículo oculto é considerado “... *projeto educativo, socializador da instituição, fonte de inumeráveis aprendizagens do aluno*”.

Em primeiro lugar, analiso os saberes que se destinavam a formar a professora. Eram compostos pelas disciplinas: Psicologia, Metodologia (das Ciências, da Língua Portuguesa, da História, da Matemática)⁶⁹, Antropologia, Sociologia, Pedagogia.

Em seguida, descrevo as disciplinas que pretendiam formar a mulher para atuar no sítio, no engenho, na fazenda e preparar alunos nas escolas rurais: Horticultura, Jardinocultura, Pomicultura, Silvicultura, Avicultura, Apicultura, Sericicultura, Agricultura.

Para ter uma formação geral, as alunas estudavam Português, Francês, Matemática, Geografia, História, Inglês, Geometria, História Natural, Química, Física.

Para ser prezada e ter um corpo perfeito os requisitos a serem cumpridos eram aprender Canto, Música, Desenho, Pintura, Pré-Orientação (trabalhos manuais e industriais), Educação Física.

Tornar-se mãe era um dos papéis a serem preenchidos e para isso era preciso saber praticar, ensinar higiene e aprender as lições de Puericultura. Também era necessário cultivar uma horta, pomar ou jardim e fazer do lar um lugar agradável.

Para ser católica, religiosa e perpetuar o cristianismo no lar, na escola, na sociedade as alunas estudavam Religião com o Catecismo e a História Sagrada.

⁶⁹ Necessariamente não vinham assim divididas as disciplinas das aulas de Metodologia, mas as alunas confirmaram que havia livros sobre cada uma.

Na historiografia do ensino, as “disciplinas escolares” começaram a ser estudadas no final do século passado. Chervel (1990, p. 177-180) constata afirmando que: *“até meados do século XIX essa expressão aparece com o sentido de ‘vigilância’, de repressão das condutas prejudiciais à boa ordem”*.

Mesmo com alguns estudos e trabalhos divulgados, ainda não se tem uma bibliografia extensa sobre a trajetória de cada uma das disciplinas, principalmente no Brasil.

Alguns pesquisadores já se lançam em projetos de pesquisa para entenderem e oferecerem à sociedade a origem e história e de como foram introduzidas no currículo determinadas “disciplinas”, “matérias”, “cadeiras”, “programas”, nos cursos, dentro do processo de ensino.

Chervel, depois de situar a palavra “disciplina” na história até alcançar o status que ocupa hoje, define o papel das disciplinas escolares, da seguinte forma:

As disciplinas escolares intervêm na história cultural da humanidade. Seu aspecto funcional é o de preparar a aculturação dos alunos em conformidade com certas finalidades: é isso que explica sua gênese e constitui sua razão social. [...] tornam-se entidades culturais como outras, que transpõem os muros da escola, penetram na sociedade, e se inscrevem então na dinâmica de uma outra natureza (1990, p. 220).

No cotidiano do Colégio Normal Rural, em Timbaúba, essas disciplinas marcaram a vida de pessoas, formaram mulheres para exercerem diferentes papéis na sociedade. Através de documentos, depoimentos, leis, serão narradas as histórias vividas e concebidas.

3.8 – Saberes para formar a professora

Os saberes que capacitavam as alunas para exercerem o magistério davam o próprio sentido da existência do Colégio. As irmãs trouxeram muito

material didático e uma bagagem considerável, acumulada como professoras ou trabalhadoras nas instituições educativas na Alemanha.

O Colégio era elogiado pelo ensino que oferecia e as alunas, ao terminarem, eram contratadas pela própria escola, pelo serviço público e, até, eram escolhidas para exercerem serviços especiais na Secretaria de Educação do Estado. Esse foi o caso, por exemplo, de uma aluna da escola que foi escolhida para participar da Campanha de Erradicação do Analfabetismo, que atendia Timbaúba e zona rural e, depois, outras cidades do Estado.

O status de Colégio, com ensino diferenciado, é confirmado pelos depoimentos, inclusive, mencionando a atuação das irmãs.

“Confesso que serviram de exemplo, em todos os pontos de vista, para nós, que pretendíamos seguir a carreira não só de transmitir conhecimentos, mas, principalmente ensinar e educar crianças... jovens e adultos” (6).

“Ensinei durante muitos anos. Agora sou aposentada. Exerci muitas atividades na área educacional. Não senti dificuldades para exercer a profissão porque fui bem preparada” (2).

Para as entrevistadas, o Colégio se preocupava, principalmente, com a sua formação para ser professora:

“Elas formavam professoras” (12)

“Aprendi a ser professora com ela e exerci a profissão.”(5)

Foi para ocupar e ensinar numa escola que também oferecesse o ensino primário – que, na época, não era priorizado com uma política definida – que as normalistas da Escola Santa Maria estavam sendo preparadas. E como elas mesmas declararam: *“Todas iam ser professoras”.*

As entrevistadas declararam que o ensino era especial. As freiras davam o melhor delas e preparavam as meninas para serem professoras. A sensação é a de serem apaixonadas pela profissão.

Diferente do Colégio Nossa Senhora das Dores, em Minas Gerais, cuja preocupação era a *“de que se concebia a maternidade e o lar como espaço próprio da mulher”* (MARTINS e MARTINS, 1993, p. 13), o Colégio Santa Maria não deixava de prepará-las para o espaço doméstico, mas, a principal preocupação era mesmo formar professoras. Os pais esperavam, a sociedade cobrava e o resultado que constatei é que, praticamente, todas eram convidadas para exercerem sua profissão.

Essa diferença, talvez, se explique pela própria época em que foram fundados e estudados os dois colégios. Enquanto o período a que se refere o estudo de Martins e Martins (1993) sobre o Colégio Nossa Senhora das Dores foi o século XIX, quando poucas eram as ocupações femininas e a atuação da mulher de elite praticamente se restringia ao espaço privado, nos anos 30 e 40 do século XX, período de estudo desta pesquisa, já se vivia as conseqüências do processo de “feminização do magistério”, ocorrido algumas décadas antes, e a mulher pertencente à elite e à classe média, já compunha a quase totalidade do corpo docente.

De acordo com Figueiredo e Gomes (1993, p. 44) em relação a outro colégio religioso feminino, também em Minas, nos anos 1911 a 1980:

Além da formação religiosa, as irmãs se preocupavam com o magistério, que tinha como objetivo formar boa mãe e boa educadora, ideal a ser alcançado pela mulher, e que como sacerdócio, missão e vocação, deverá ser desenvolvido com afinco pelas professoras (FIGUEIREDO e GOMES, 1993, p. 44).

Figueiredo e Gomes (1993) ressaltam o porquê do acesso da mulher à educação:

Garantir um melhor desempenho do papel feminino na sociedade, foi um dos argumentos que permitiram o acesso da mulher à educação, e que a elite brasileira, com o apoio da religião católica soube administrar conforme suas necessidades (FIGUEIREDO e GOMES, 1993, p. 45).

Essa relação entre mãe–mulher–professora está bastante marcada na memória das ex-alunas entrevistadas:

“Antes, quando eu ensinei, a professora era uma mãe. Muito respeito. Minha classe era disciplinada. Por isso que professora era uma mãe. Hoje, lembro alunos, ex-alunos meus, que hoje são médicos, engenheiros...” (4).

“As mães antigamente chegavam junto da gente e diziam: ‘Olhe! cuide da minha filha; eu entrego a vocês’ (12).

A professora era vista:

“Como autoridade. Uma professora na cidade era um espelho. Porque todo mundo se mirava por aquela moça, diferente das outras, porque era uma moça bem comportada! Era uma moça que dava testemunho da autoridade mesmo” (4).

As alunas também avaliam a atuação dos professores que participavam da formação que receberam no Colégio:

“Tínhamos bons professores. Pra mim, foi uma maravilha os cinco anos que passei no Colégio. Não tenho queixa de nenhuma freira, de nenhuma professora... Todas eram boas e competentes” (4).

Mas, afinal, que saberes eram esses que, na memória das alunas e na opinião de várias pessoas da cidade, conseguiam formar, com qualidade, a professora?

Como foi referido, considere as disciplinas de Psicologia, Metodologia, Antropologia, Sociologia e Pedagogia como aquelas especificamente destinadas à formação da professora.

Que conteúdos eram ensinados nessas disciplinas?

Esses saberes estavam definidos nos programas oficiais de ensino, alguns dos quais localizados no Arquivo Público para fonte de dados desta pesquisa.

Em Sociologia Geral⁷⁰, por exemplo, no 2º ano Pedagógico, as normalistas deveriam aprender os seguintes conteúdos:

2º ano: I – As sociedades humanas – Sociologia: objeto e situação – Sociologia geral e Sociologia aplicada. – Relação da Sociologia com as demais ciências. Fato social. II – Teoria das forças sociais – Estatística social; Dinâmica social. III – Condições essenciais da existência. Aspectos mais típicos da vida rural e urbana em Pernambuco. Urbanismo – Industrialismo – Mortalidade infantil. IV – Família – Povo – Etnia – Nação. Formação e fixação dos grupos. O meio: características e influências – O problema das secas. V – Trabalho: conceito, divisão social e problemas principais – Salário. Estados de pobreza. VI – Estratificação social. – Classes sociais – Organização econômica. VII – Assistência pública. Assistência social – Assistência familiar. – Serviço social – Assistência pública e assistência social em Pernambuco, especialmente no Recife. VIII – A moral – Religiões. – A Religião Católica – Sua influência no Brasil. IX – O Estado – seus tipos, seus problemas e suas ciências. X – A ordem – O Direito. XI – A mulher e sua situação na sociedade atual. Feminismo, O problema do divórcio.

No 3º ano Pedagógico, os conteúdos prescritos oficialmente eram os seguintes:

Sociologia educacional: I – Diferença entre a criança e o adulto – O lar. Seu papel na educação das crianças – Afinidade social e infantil. Valores sociais. II – O processo educativo – A educação como força social positiva – Escola de trabalho. Escola social: unidade, feição nacional. O analfabetismo. Causas e remédios. IV – O problema da educação sexual da infância. – Criminalidade infantil. V – Doenças e vícios sexuais. – Eugenia. VI – Seleção e orientação profissionais. – Incapazes, normais e super-dotados. VII – Escolas para indigentes em Pernambuco. – Círculos de

⁷⁰ Programa de Sociologia Geral para os 2º e 3º anos pedagógicos Escola Normal de Pernambuco, 1945. Imprensa Oficial Pernambuco – Brasil. Prof. catedrático Geraldo de Andrade.

pais e mestres. Serviço social das Escolas. VIII – Os ideais humanos. O progresso.

Na biblioteca do Colégio estão os dois manuais que serviam de base para o ensino dessa matéria no Colégio Santa Maria, ambos de autores renomados e bastante utilizados em outras escolas na época: Programa de Sociologia, de Amaral Fontoura (1942); Noções de Sociologia de Madre Francisca Peeters (1935).

Para ter uma idéia de que saberes eram transmitidos às futuras professoras, além de verificar os livros existentes na biblioteca do Colégio e os programas oficiais, analisei os pontos⁷¹ que foram sorteados, no período de 1939 a 1944, nos exames orais e prático-orais, realizados pelas alunas.

Em Sociologia, por exemplo, solicitava-se, para as alunas do 2º ano Pedagógico, em 1943 e 1944, que dissertassem sobre a organização da família segundo o evolucionismo. Solicitava-se, também, que escrevessem sobre a temática da família como base da sociedade. É interessante observar que, mesmo se tratando de um colégio confessional, teorias de bases não religiosas fossem abordadas.

Observa-se, também, a importância dada a um tema como família, em uma época e em um curso de formação de professoras.

Dois outros pontos da mesma disciplina se referem ao tema do ruralismo. Pedia-se que as alunas descrevessem o papel das Escolas Rurais e as primeiras escolas normais rurais e enfocassem o ruralismo no Brasil. Certamente, esse era um tema bastante coerente com a formação que se pretendia fornecer às alunas, na medida em que se tratava de uma Escola Normal Rural.

⁷¹ Todos os pontos sorteados nas provas orais e prático-orais de 1939 a 1944 constam no Livro das Atas do Curso Normal Rural.

Em outro ponto as estudantes deveriam escrever sobre o “jornal” e o “cinema” como auxiliares da obra educacional e o progresso da educação amparada pelo Estado Nacional. Como se viu no capítulo anterior, no Estado Novo, o jornal e o cinema desempenhavam um papel importante e esse era um momento singular. O Estado Nacional, por sua vez, também fazia parte do ideário educacional.

Quanto à disciplina de Psicologia⁷², o programa oficial compreendia duas partes: a geral e a educacional, e prescrevia os seguintes conteúdos:

Psicologia Geral: 1º - A psicologia e seu objeto. Caractéres dos fenômenos da vida psíquica. A Psicologia empírica, a científica e a metafísica. Classificação dos fenômenos psíquicos. Os aspectos da Psicologia. 2º - Base orgânica da vida psíquica. As formas de atividade dos neurônios. As funções da vida vegetativa e da vida da relação. 3º - Os métodos da Psicologia. A observação introspectiva. A experimentação; a experimentação psico-fisiológica, a psico-física e a propriamente psicológica. 4º - As várias formas de atividade. As formas hereditárias e as adquiridas. Os reflexos; sua natureza e variedades. Função dos reflexos na vida orgânica e mental. 5º O instinto; sua natureza e caractéres. Desenvolvimento e classificação dos instintos no homem. O instinto e a inteligência. 6º - O hábito; sua natureza e caractéres. As espécies de hábito. A função do hábito na vida orgânica e mental. 7º - A consciência; sua natureza. Os atos conscientes. Unidade da vida consciente. O sub-consciente na vida psíquica. 8º - A orientação da atividade. Os estados afetivos elementares; seus caractéres e espécies. As inclinações; seu papel no mecanismo da afetividade. Classificação das inclinações. 9º - As emoções; sua natureza e suas variedades. Teorias que explicam as emoções – Os sentimentos; sua natureza e suas espécies. O humor individual. 10º - As funções de organização. A memória; suas condições fisiológicas e psicológicas. Variedades da memória. A função da memória na vida psíquica. Formas mórbidas da memória. 11º - A atenção; suas condições fisiológicas e psicológicas. Variedades da atenção. A função da atenção na vida psíquica. Formas mórbidas da atenção. 12º - A associação; suas condições fisiológicas e psicológicas. Teorias associacionistas. Variedades da associação. A função da associação na vida psíquica. 13º - A aquisição da experiência. Os elementos dos estados mentais. As sensações; sua natureza e suas fases. As sensações externas e as sensações internas. 14º - As percepções; sua natureza e suas espécies, o mecanismo das percepções. Teorias que explicam as percepções. As percepções mórbidas. 15º - As imagens; sua natureza e variedades. A imaginação reprodutora e a criadora. Fatores da imaginação. Tipos de imaginação. A imaginação mórbida. 16º - As idéas; sua natureza e variedades. A

⁷² Programa da Cadeira de Psicologia. Escola Normal de Pernambuco Imprensa Oficial 1945 – Pernambuco – Brasil. Professor Catedrático Sylvio de Lira Rabello

elaboração das idéas: a abstração e a generalização. A idéa e a palavra. 17º - A elaboração de experiência. A organização dos estados mentais. O juízo; sua natureza e variedades. Formas elementares do juízo. O juízo e a crença. 18º - O raciocínio; sua natureza e variedades. A indução e a dedução. Princípios gerais do pensamento. As ações racionais. 19º - A linguagem; sua origem e seu mecanismo. Os símbolos. As formas de linguagem. A linguagem e o pensamento. As perturbações da linguagem. 20º - A utilização da experiência. Plasticidade da conduta humana. As atitudes; sua natureza, e variedades. As atitudes primárias e secundárias. 21º - A vontade: natureza do ato voluntário. As valições e sua função. Formas mórbidas da vontade. O livre arbítrio. 22º - A diferenciação dos tipos mentais. O carácter e a personalidade. Os elementos formadores do carácter. Constituições individuais. Classificação dos caracteres.

Na Psicologia Educacional, os conteúdos são:

1º - A Psicologia sua extensão e aplicações. A Psicologia e a Educação. A hereditariedade e o meio. 2º - A psicologia da Infância; seus caracteres. Função da Infância. As diferentes concepções da infância. Egocentrismo e exocentrismo na infância. 3º - Os métodos da investigação da Psicologia da criança. Os métodos de observação; observação ocasional e sistemática. Os métodos de experimentação. 4º - A organização nervosa. A origem do sistema nervoso. O desenvolvimento da medula e do encefalo. O simpático e as glândulas de secreção interna. 5º - O desenvolvimento mental. As esferas da evolução infantil. As leis do desenvolvimento mental. As fases do desenvolvimento mental e seus caracteres. 6º - As reações sensoriais. As reações orgânicas. As reações aos estímulos epidérmicos, gustativos, olfativos, visuais e auditivos. Ponto de partida da conduta. 7º - As reações motrizes. As reações reflexas e instintivas. Caracteres do ato instintivo. A sucção e a apreensão. O ambitextismo. As reações volitivas. A coordenação dos movimentos; a locomoção. 8º - As reações emotivas. As reações expressivas. As emoções elementares. As reações emotivas e os impulsos fundamentais da personalidade: as emoções egotistas e as emoções sociais. 9º - As construções perceptivas. A representação do mundo exterior. A atenção da criança. A percepção global. A observação infantil e suas fases de desenvolvimento. 10º - A expressão verbal. Origem e evolução da linguagem infantil. O balbucio e a fonética infantil. A palavra; a compreensão e a denominação. A frase e sua estrutura. O vocabulário infantil. 11º - A expressão gráfica. A fisionomia mental da criança através da linguagem e do desenho. Os métodos empregados no estudo do desenho infantil. As fases de desenvolvimento do desenho infantil. 12º - A expressão lúdica. A evolução dos brinquedos; os brinquedos experimentais e os sociais. As concepções filogênicas, biológicas e psicológicas do brinquedo infantil. 13º - A aquisição da experiência. O domínio da memória; as primeiras manifestações de memória. A organização associativa. A importância da imitação. 14º - As construções inventivas. A atividade mítica da criança. Os estados de imaginação infantil. A mentira e o testemunho na criança. A sugestibilidade infantil. 15º - As construções abstratas. A esfera ideativa e as noções abstratas. A evolução das noções abstratas.

A evolução das noções de tempo e de espaço; as construções temporais. A evolução das noções de número, de semelhança e diferença. 16º - O desenvolvimento lógico. O pensamento infantil e seus caracteres. O sincretismo e o raciocínio transdutivo. As fases de evolução do pensamento infantil. O desenvolvimento dos conceitos. 17º - O comportamento social. A criança e a sociedade. A esfera egotista e a esfera social. As constituições individuais. Os caracteres infantis. A diferenciação sexual.

Encontrei um livro referente à disciplina na biblioteca do Colégio, “Psychologia Experimental”, que, infelizmente, estava sem folha de rosto, impedindo a identificação das referências, como autor, cidade, editora.

Entre as aulas que se detinham especificamente na formação da professora aquelas que mais marcaram a lembrança das alunas foram, segundo relatado, as de Metodologia. Talvez isso se explique pelo fato de a professora da referida disciplina ser uma das personalidades mais marcantes na história do Colégio:

“As aulas de Metodologia... Exigia-se o planejamento, as atividades a serem desenvolvidas, antes de a aula ser ministrada. Quando a aula era dada na Escola de Aplicação, ela assistia e, depois, sentava com a aluna para criticar e ensinar uma nova forma de abordar; além de sugestões. Algumas vezes, ela elogiava. Essa atitude de louvar era raro acontecer” (5).

Essa que criticava, orientava, assistia às aulas na Escola de Aplicação e, algumas vezes, elogiando, era a Madre que lecionava Metodologia.

Os manuais “Metodologia do Ensino Primário”, de Carbonell e Mygal (1931); “Metodologia da Geografia e da História”, de Dinara Leite (1955); “Metodologia da Matemática”, de Irene de Albuquerque (1958); “Prática de Ensino”, de Afro de Amaral Fontoura (1960); e “E a Escola Primária?” de A. Almeida Júnior (1959), encontrados na Biblioteca do Colégio, pareciam compor as bases sobre as quais se ensinavam a metodologia do ensino.

Nas provas finais da disciplina Metodologia, do 1º e 2º anos Pedagógico, havia o sorteio de pontos, através dos quais se pode notar a preocupação em formar essa mestra⁷³.

Cito, por exemplo, o 8º ponto, sorteado no final de 1942, para o 1º ano Pedagógico, contendo três quesitos, donde:

1º - O método e a personalidade do Mestre – Dissertação.

A formulação do quesito não permitia que se desse uma resposta simples e evasiva: era necessário dissertar sobre o método, o que exigia da aluna entender o significado do mesmo numa prática educativa. Além disso, precisava explicar e apreender o que seria personificar um mestre.

2º - Quais os vícios mais comuns do ensino?

Esperava-se, aqui, certamente, que as alunas explicitassem os principais problemas envolvidos na atividade de ensino.

3º - a) Explicar a aprendizagem

b) Explicar o ensino

c) A relação entre a aprendizagem e o ensino.

Entender os conceitos, explicar cada um, e saber qual a relação entre eles, deveria responder esse quesito. Trata-se de um assunto definitivo na formação da professora.

Para o 2º ano Pedagógico, no ano de 1943, o ponto sorteado foi o 1º, composto por três quesitos:

1º - Redigir o plano duma lição de religião para o 1º ano sobre o assunto: Filho Pródigo.

2º - Falar sobre a necessidade e o fim do ensino religioso.

3º - Por que o ensino de aritmética deve se basear na objetivação?

⁷³ Livro das Atas do Curso Normal Rural dos anos de 1939 a 1944.

- Quais os meios de objetivação aplicados nesta matéria? (LIVRO DAS ATAS DO CURSO NORMAL RURAL, p. 28 e 36v).

Neste ponto há dois tipos de saberes para a formação dessa aluna – o “religioso” e o “geral”, aplicados ao ensino conforme classificação feita anteriormente, para melhor compreender o papel das disciplinas na formação da mulher–professora.

Não se trata apenas de responder a uma pergunta direta; exigia uma habilidade – fazer um plano de aula para crianças da 1ª série sobre um assunto que envolve fuga, rejeição, amor, inveja, perdão, pobreza, riqueza e, ao mesmo tempo, explicar a necessidade e a finalidade de ensinar religião. Vê-se, portanto, que, por se tratar de um colégio religioso e por se viver em uma época em que a religião católica é considerada uma das faces da educação, as alunas deveriam saber justificar a inserção do ensino de religião nas escolas.

Uma outra maneira de melhor compreender que saberes eram considerados necessários para a formação da professora no Colégio Santa Maria é analisar os pontos sorteados para as provas didáticas a que as alunas teriam que se submeter ao final do curso. Para as professorandas da primeira turma concluinte, em 1943, que deram aulas para os alunos desde a Classe Preliminar até a 4ª série primária, foram:

O papel, o jardineiro e seus utensílios, noção de um meio, higiene da boca, o nosso rio, os graus do substantivo, o bicho da seda, descobrimento do Brasil, o Filho Pródigo, os anjos bons e os demônios, quadriláteros, os mistérios gasosos, o Estado de São Paulo, o dia 13 de Maio⁷⁴ (LIVRO DAS ATAS DO CURSO NORMAL RURAL, p. 34).

Como se percebe, a futura professora teria que dominar conteúdos relativos às disciplinas de Agricultura ou Artes Industriais, Jardinocultura,

⁷⁴ Livro das Atas do Curso Normal Rural dos anos de 1939 a 1944.

Português, Sericicultura, História do Brasil, Religião, Geometria, Ciências, História/Geografia, História.

Vê-se, após a análise das diversas fontes, que a tarefa de formar professoras no Colégio Santa Maria parece ter sido cumprida, uma vez que as formandas, ao terminarem o seu curso, eram contratadas e seguiam a sua profissão. Além de tudo, eram reconhecidas pela sociedade.

3.9 – Saberes diferenciados para ajudar a fixar o homem no campo

Mas, além de professoras, as alunas do Santa Maria deveriam ser formadas, também, para serem professoras da zona rural.

As disciplinas que preparavam as normalistas para lecionarem nas escolas rurais e também ajudarem na economia rural, nos engenhos e fazendas onde moravam, parecem, no entanto, não ter exercido, a julgar pelo depoimento das entrevistadas, influência significativa no processo de ensino-aprendizagem, como as acima mencionadas.

Algumas alunas não se lembravam dos assuntos ensinados nas disciplinas, nem como eram as aulas. Outras questionaram a utilidade dos mesmos, uma vez que elas próprias não participavam ativamente da plantação, do cuidado de animais ou da faina rural, como um todo, em seus lares.

*“Até hoje me pergunto para que este tipo de estudo e por quê?
Ninguém trabalhava nisso” (9).*

Entrementes, outras alunas, mencionaram que foi interessante terem aprendido esses saberes na escola rural e, até, aplicaram-nos na fazenda ou na instituição em que trabalharam.

“Eu vivo... Trabalho com um centro de treinamento. Então, fiz uma estrumeira orgânica. Em vez de você usar o estrume de gado, você coloca cascas de frutas e outros restos de alimentos. Então, isso a gente viu no Colégio” (13).

“Quando eu me formei, fui lecionar numa Escola Rural, e o que eu aprendi foi importante e ensinei para meus alunos” (7).

Uma outra entrevistada fala do prazer que sentiu ao trabalhar numa escola da zona rural.

“Através de minha amiga, fui escolhida pelo pai dela para ser professora de uma escola da zona rural. A escola rural tinha o mesmo formato em cada comunidade. De um lado do prédio funcionava a sala de aula. Do outro lado era a residência da professora. O terreno ao redor era grande. Ali, cultivei com meus alunos uma pequena horta. Foi uma grande experiência. Pena que não passei muito tempo” (5).

De acordo com o livro de atas “Movimento Escolar”, havia professores escalados para essas matérias, e muitas atividades foram desenvolvidas para propiciar aulas mais participativas.

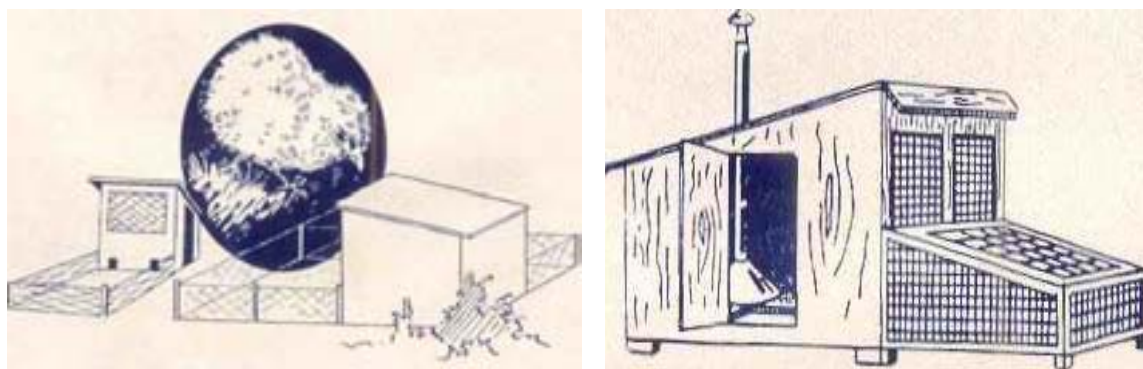
“Fazenda Araruna. Lá as alunas brincaram, receberam explicações quanto ao gado” (1940, f. 8v.).

“Excursão à Fazenda Santiago, organizada para o Primário” (1945, f. 34v.)

Com entusiasmo, uma outra entrevistada, relata:

“Olhe! Pra gente, era uma novidade. Elas tinham aviários, tinham pocilga, elas cultivavam a cultura das abelhas... O que elas podiam ter aí, elas tinham. Isso era um mundo... [...] Eu me lembro que

visitávamos a fábrica de tecidos, de calçados; a de redes. Lá havia teares de rede. Timbaúba se destacava como uma das cidades, daqui da Zona da Mata, a que mais fabricava redes. Hoje não” (12).



Pinteiros



Criadeira

Na biblioteca da escola encontrei volumes de livros indicados pelos professores e utilizados nas aulas. Um deles ensinava a cultivar o jardim desde o preparo dos canteiros até a colheita, ensinando, também, o cultivo de jardins científicos, industriais, decorativos, utilizando os diversos tipos de folhagens e flores. O livro, intitulado “Jardins”, era de Leonam de A. Pena (1950). Um outro livro, também de Pena (1950), intitulava-se “Hortas” e ensinava a organizar

pequenas hortas, como semear, adubar, expulsar animais que estragam e preparar sucos, conservas e, ainda, trazia uma lista de conselhos.



Biblioteca

O livro “Avicultura Doméstica”, de Isaac Schachnick (1947), ensinava a organizar o alojamento, seleção das aves, prevenção contra moléstias e alimentação. O último livro localizado foi o de Ruth Ivoty Torres da Silva (1952), com o título “A Escola Primária Rural”. Nele, encontram-se divididas as atividades que deveriam ser desenvolvidas nas diferentes séries, da 1ª à 5ª série.

Silva fala nesse livro da importância da educação e do trabalho na escola rural e como o professor dessa escola deve agir:

Orientar a capacidade de observação da criança rural; combater a superstição para que encare certos problemas com bom senso e lógica; reprimir o espírito individualista; demonstrar as vantagens da adoção de métodos científicos e modernos; demonstrar os benefícios que certas leis trazem a comunidade; tornar a escola mais eficiente (SILVA, 1952, p. 31).

Quanto aos objetivos dessa escola, esses deveriam ser:

1. Educar a criança para servir ao progresso rural;
2. Dar-lhe conhecimentos necessários para viver e progredir um ambiente rural;
3. Manter no educando o amor à terra;

4. Demonstrar, pela prática, as vantagens e o valor da cooperação;
5. Dar iniciação agrícola, atendendo às peculiaridades regionais (SILVA, 1952, p. 33).

A função da escola seria, conforme a autora, *“Transformar o ambiente em que atua sem urbanizá-lo, tendo em vista o seu alevantamento do seu nível de vida. Adaptar-se ao meio a que vai servir”* (SILVA, 1952, p. 33).

Essa era uma opinião corrente na época, como se pode observar em um trecho do relatório do Governador do Estado ao Presidente da República, em 1941:

Ao lado das providências para elevar o padrão de vida dos campos, facilidade de comunicação e transporte, estabelecimento de lucros compensadores para as atividades agrícolas torna-se necessário operar uma transformação de mentalidade, para aquela escola poderá trazer, desde o curso primário, valioso contingente, ao contrário do que se verificava, pois a escola é apontada entre os fatores de urbanização maléfica, criando nos alunos um pouco mais inteligentes o gosto [sic] pela atividades burocráticas e liberais (MAGALHÃES, 1941, p. 16)⁷⁵.

Note-se aí o discurso do mais e menos capaz – o aluno denominado de mais inteligente criaria, na cidade, o gosto pelas atividades burocráticas e liberais. Se ele não fosse morar na cidade, por outro lado, não correria o risco.

E para que essa prática fosse mais efetiva, foram tomadas as providências: *“Enquadrando a escola na sua larga campanha de ruralização, o Governo criou, pelo decreto nº 488, de 27 de Abril de 1940, a federação dos Clubes Agrícolas Escolares”* (MAGALHÃES, 1944, p. 116).

O mesmo relatório, não só fala da criação de Clubes Agrícolas – que começaram na Escola Rural Alberto Torres, em 1933 –, como, também, orientou as escolas a comemorarem os “Dia da Árvore”, “Dia do Milho”, “Dia da Abelha”,

⁷⁵ Relatório apresentado ao Exmo. Snr. Presidente da República – Agamenon Magalhães – Interventor Federal – Imprensa Oficial - 1941

“Dia do Pequeno Ruralista”, apontando a necessidade de fundar também Cooperativas Escolares. Essas dispunham de legislação própria, tanto no Regulamento da Escola Normal, de 1933, quanto nas que a sucederam.

No livro de atas “Movimento Escolar”, no dia 25 de março de 1942, considerado o Dia do Milho e do Feijão, deveria acontecer a inauguração do Clube Agrícola do Colégio Santa Maria, mas, foi transferido, porque uma ilustríssima comissão não pôde comparecer na data mencionada.

Mas no dia 19 de abril, que foi também a comemoração do aniversário de Getúlio Vargas, aconteceu a supracitada inauguração com um programa recheado de cantos, discursos, poesias, danças populares e exposição de trabalhos práticos no sítio, no aviário, além de composições, cartazes, álbuns, herbários, tendo *“por fim educar patriotas, que sabem valiar e aproveitar a sua terra preciosa e rica”*⁷⁶.

A seguir, transcrevemos o oitavo ponto sorteado da disciplina “Agricultura”, que fez parte dos exames finais em Dezembro de 1942:

- 1º) Descrever as principais fontes diretas para a obtenção do azoto.
- 2º) Cultura do feijão no Nordeste – Preparo do solo, plantio, tratos culturais (épocas de semear).
- 3º) De quantos elementos se compõem as plantas e de onde são obtidos? (LIVRO DAS ATAS DO CURSO NORMAL RURAL, p. 28).

Nota-se que, mesmo sem ter sido a prática dessa disciplina tão forte na recordação das alunas, havia uma construção desse saber ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

⁷⁶ Informações retiradas do livro de atas “Movimento Escolar” do Colégio Santa Maria 1938 – 1972.

Em consonância com as orientações dadas pelo governador para as datas comemorativas, havia programas, com a intervenção das sócias do Clube Agrícola e das normalistas, como aconteceu no “Dia da Árvore”, no mesmo ano.

Nesse dia, diz a cronista, mudas de cajueiro foram plantadas, músicas entoadas, poesias declamadas, discursos proferidos e, depois, uma excursão realizada ao campo experimental do colégio. As alunas também publicaram um jornal pelo clube, denominado “A Estrela”.

Todas as exigências legais para o funcionamento exemplar do currículo eram cumpridas, pois, até mesmo uma cooperativa escolar foi organizada.

Na legislação⁷⁷ que regulamentava o Ensino Normal há artigos direcionando excursões que deveriam realizar-se durante o ano letivo.

ART. 111 – Com o objetivo de facilitar aos alunos o conhecimento por observação direta, serão instituídas as excursões escolares.

PARÁG. ÚNICO – Estas excursões serão organizadas com roteiro prévio e em datas fixadas pela Diretoria da Escola.

ART. 112 – Serão de preferência visitados:

- a) – Museus e bibliotecas;
- b) – Monumentos públicos;
- c) – Lugares históricos;
- d) – Fábricas;
- e) – Escolas;
- f) – Hospitais;
- g) – Centros de saúde;
- h) – Repartições públicas;
- i) – Bairros operários.

ART. 113 – Os alunos farão breve relatório dessas excursões e visitas.

ART. 114 – O Diretor da Escola facilitará os meios de condução e vigilância dos excursionistas.

PARÁG. ÚNICO – Anualmente será prevista verbas destinadas às excursões.

⁷⁷ Legislação Estadual de Pernambuco – Decretos, Atos e Notas. Decreto Nº 182, de 25 de Março de 1933. Interventor Federal de Pernambuco, Ano 1933.

Muitas dessas excursões foram programadas e realizadas, conforme o livro de atas, como a que aconteceu à “Fazenda Santa Luzia”.

O proprietário convidou as mestras e alunas e foram até o pomar. Aí ele explicou notadamente às alunas do Clube Agrícola e do 1º ano Pedagógico que se dedicam a Agricultura, a reprodução das plantas pelas sementes, como também pela enxertia. Em seguida mostrou a plantação das laranjeiras por diversos processos: sementeira, estacas, enxerto, etc. (LIVRO DE ATAS MOVIMENTO ESCOLAR, 1942, f. 19).

Como foi visto, para preparar a professora para o ensino rural, a escola desenvolveu toda uma série de atividades, além de se basear em livros, que compunham a própria biblioteca do Colégio e que orientaram as alunas com os conteúdos que deveriam ser desenvolvidos em cada série. Ao assumirem as salas de aula, como foi o caso de algumas delas, já mencionadas, não tiveram dificuldades para exercerem seu trabalho.

3.10 – Saberes Gerais

Esse tipo de saber também é chamado de saber tradicional (GOODSON, 1995, p. 27), educação de base literária, clássica (AZEVEDO, 1965, p. 623), ensino das humanidades (ANDRADE, 2000, p. 82) recheados de conteúdos humanísticos, nos quais são privilegiados os estudos filosóficos, literários morais e os saberes científicos e técnicos.

A prioridade é dada ao desenvolvimento da atividade intelectual. Esse tipo de saber caracterizava o ensino secundário, à época, e, por isso era, inclusive, bastante criticado pelos intelectuais “progressistas”⁷⁸. O Colégio Santa Maria, ao possibilitar às moças um ensino acima do nível primário, mesmo sendo uma escola normal, deveria, assim, também fornecer essa cultura de caráter mais geral.

⁷⁸ Ver Barroso Filho (1991)

No Colégio, o uso das crestomatias, lembradas pelas alunas, as seletas e antologias, contendo diversos autores e textos clássicos, os livros, contando histórias de pessoas importantes ou inventores, revelam a presença desses saberes. Havia uma preocupação em inculcar na mente das alunas a assimilação do discurso que enaltecia os heróis que lutaram pela Pátria, estimulando-as a serem mais capazes.

Na biblioteca dessa instituição educacional, encontrei alguns exemplares utilizados no cotidiano das aulas, que relaciono a seguir:

De História: Instrução e o Império, de Primitivo Moacyr (1936); Inventores Famosos, de I. Eberle (1941); Infância Humilde de Grandes Homens, de Washigton Júnior (1993); O Garimpo de São Vicente, de João Lelis (1946); As Belas Histórias da História do Brasil, de Viriato Corrêa (1947); História da Humanidade, de H. Van Loon (1957); Os Índigenas do Nordeste, de Estevão Pinto (1935); Lampião, de Optato Gueiros (1953); História da Civilização Ocidental, de Edward McNall Burns (1996); Vida de D, Pedro I – O Rei Cavaleiro, de Pedro Calmon (1943).

De Português: História Universal da Literatura, de Estevão Cruz (1936); Didática Especial de Português, de Jamil El-Jaick (sem data); Obras Completas de D.J. G. de Magalhães (1939).

De Ciências: Exercícios de Estatística, de Lauro Sodré Viveiros de Castro (1948).

Dessas disciplinas, algumas foram destacadas pelas alunas:

“Geografia, História, Ciências... Tinha uma irmã que ensinava Ciências; tinha um museu... e deixou lá. Era [sic] rochas e coisas da natureza. E a gente cooperava para trazer material. Ela tinha [sic]

alegria quando as crianças chegavam com aquelas coisas do mar, por exemplo, estrela do mar” (2).

E quanto às aulas de Matemática:

“Eu sempre gostei de todas as matérias e procurava tirar as melhores notas. Eu não gostava de Matemática, mas, nunca tirei nota baixa, porque eu procurava me esforçar” (2).

Os saberes gerais foram os mais contemplados com pontos sorteados. Justifica esse número elevado porque as disciplinas faziam parte do currículo durante os três primeiros anos do curso. Os pontos sorteados referiam-se às seguintes disciplinas: História, História da Civilização, História do Brasil, História Natural, Matemática, Geometria, Aritmética, Álgebra, Desenho, Química, Física, Português, Inglês, Francês, Geografia, Geografia do Brasil.

São vários pontos enfocando aspectos diversos, de cada disciplina, que formavam a mestra, apreendendo o saber através de questionamento, dissertações, composições, redações, descrições, exemplificando o que se estudou e procurando alcançar os objetivos de cada ramo do saber.

Os saberes gerais foram vistos através das obras utilizadas em diferentes saberes, nas linguagens escrita e oral, nos atos e comportamentos vividos e percebidos, nas formas de agir e pensar dos atores envolvidos nesse processo que tinha como fim, também, uma sólida formação escolar geral.

3.11 – Para ser prendada e ter um corpo perfeito

À mulher era (é) atribuído o papel de ter e de desenvolver certas habilidades para ser prendada, sabendo bordar, costurar, trabalhar com agulhas, etc. e, ao mesmo tempo, apresentar-se bem diante da sociedade. Neste item

descreverei como esses saberes influenciaram na feitura do currículo e na prática em sala de aula.

A disciplina básica do curso, a julgar pela reminiscência das alunas, chamava-se “Pré-Orientação” e fazia parte do programa de ensino do Governo Agamenon Magalhães. Assim, ele explica, ao presidente da República⁷⁹, como funcionava nas escolas: *“A pré-orientação profissional se faz aproveitando o manualismo para o ensino das pequenas indústrias, e para as atividades dos Clubes Agrícolas”* (p.16).

A aprendizagem era o objetivo que o governador queria demonstrar no relatório.

A aprendizagem se faz com o desenvolvimento das atividades provocadas pelo real interesse dos alunos, despertado nas excursões e visitas a estabelecimentos fabris e industriais. Tais atividades se desenvolvem nas “classes”, e em pequenas oficinas que se vão instalando nos grupos escolares. Nessas pequenas oficinas encontra-se o material necessário aos trabalhos de encadernação, vimeria, entalhação, modelagem, costura, cerâmica, fabricação de vassouras, escovas, espanadores, calçados, etc. (p. 14).

O governador orgulhava-se da competência técnica da maioria das professoras, o zelo e a dedicação daquelas que procuravam especializar-se, cada vez mais, para atender aos alunos.



Sala de Pré-Orientação

⁷⁹ Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República – Agamenon Magalhães – Interventor Federal – Imprensa Oficial - 1941

A Pré-Orientação foi uma das disciplinas que as alunas mais lembraram e elogiaram.

“Tudo que elas faziam eram muito bem feito. Todas as coisas. Também, vinha dinheiro da Alemanha pra ajudar! Quer dizer, tudo era bem feito. Por exemplo, se nas aulas de trabalhos manuais, se você não tinha o material pra levar, elas sempre tinham alguma coisa pra dar. Quer dizer, um trabalho do colégio, uma toalha de altar... ou um trabalho, assim... Contanto que fizesse o trabalho! E o trabalho, você sabe... A gente bordava com a mão direita e com a esquerda. [...] Por exemplo, crochê, estudei com elas. Aprendi a fazer crochê, a cortar a linha. Ainda faço e gosto. Aprendi cobrir latinhas...” (13)

Percebe-se, no depoimento acima, que os saberes/habilidades transmitidos e aprendidos nessa disciplina assumiam um caráter específico quando inseridos em um contexto de formação e, também, uma formação católica.

Embora as aulas de Pré-Orientação tenham sido uma marca do período estudado por esta pesquisa, constata-se, através da leitura de outros trabalhos, que, no Brasil, desde o início das atividades dos colégios femininos, principalmente os religiosos, havia a preocupação com o ensino de saberes que servisse à formação de uma mulher prendada, com habilidades diversas. Martins e Martins (1993, p. 13), citando Mourão, identificam o ideal educacional dos educandários femininos mineiros, que não estão distantes da nossa realidade:

Por estes e outros colégios, verifica-se a preocupação dos nossos antepassados do século XIX de ministrar às meninas uma esmerada educação doméstica destinada à formação de boas mães de família e de eficientes donas de casa, proporcionando-lhes ao mesmo tempo, o conhecimento e a prática de artes, para o encanto da vida social (MOURÃO apud MARTINS e MARTINS, 1993, p. 13).

As aulas de Pré-Orientação apresentavam um resultado palpável no final de cada ano, ocasião em que alunas e professoras organizavam uma exposição de todos os tipos de trabalhos manuais e industriais, confeccionados durante o ano. Materiais diversos eram utilizados e cada um deles visava a uma determinada formação no interior da disciplina.

A ata de 1945⁸⁰ descreve, minuciosamente, os tipos de trabalhos e quantos de cada categoria, por série, foram confeccionados durante o ano.

Para efeito de análise, dividi os diversos trabalhos expostos em temas, para tentar demonstrar a que aspecto da formação e do cotidiano das alunas as artes eram direcionadas, de forma explícita ou implícita.

No Curso Normal:

Para ornamentar a casa: 2 colchas (bordado de cor e ponto de cruz); 15 almofadas (bordado de cor e ponto de cruz); 16 panos e centros de mesa em ponto de cruz; 18 centros de mesa, bolsas, etc. bordados em “hardanger”⁸¹; 20 panos de frivolité; 18 panos de filet; 40 aventais; 3 tapetes (agulha mágica); 21 bolsinhas e alfineteiras (em tricot); 3 bolsas de crochet; 14 panos e toalhas de crochet; 20 abat-jours com porta luz (em madeira).

Preparando o enxoval do nenê: 20 pares de sapatinhos (ponto de cruz); 33 blusas, casacos, capas, agasalhos (tricot); 10 toucas de frivolité; 18 casacos de lã (crochet); 12 fronhas (bordado-branco); 12 agasalhos (tricot).

Confeccionando brinquedos: 25 palhaços, 24 bonecas; 8 bichos de pano; 18 bonecas de agave; 8 bonecas de arame e madeira; 7 quartos de boneca; 12 brinquedos de madeira.

⁸⁰ A informação sobre essa exposição encontra-se no livro de atas, intitulado “Movimento Escolar” do Colégio Santa Maria em Timbaúba. Só há registros com relação de trabalhos à mostra nas exposições a partir do ano de 1945. Em relação aos anos anteriores só há a menção do acontecimento.

⁸¹ Segundo as freiras com as quais conversei na escola, de modo informal, “hardanger”, em alemão, quer dizer “desfia e tece”. Um bordado mais grosseiro do que frivolité. Agulha mágica era usada neste trabalho.

Preparando-se para ensinar: 2 caixas (ponto de cruz); 18 caixas de papelão (cada uma com 50 modelos de método de dobrar)⁸²; 180 brinquedos de cartolina (aproveitando sólidos geométricos); 18 cestinhas de cartolina (alinhavos).

Utensílios para casa: 18 ralos; 18 espanadores; 18 pares de tamancos; 19 ramalhetes de flores de sementes, escamas e mariscos; 19 jarros de sementes e mariscos; 19 caixas de vidro; 12 caixas de madeira; 12 caixas para corte (cada uma com 70 modelos); 12 cadernos de método de corte; 36 livros encadernados; 13 porta-retratos (decupagem); 12 cestos de cipó; 36 modelos de início de cestaria; 12 lapinhas de coco; 12 escovas; 16 álbuns e pastas de couro.

Gerais: 14 bolsas – bordado de cor; 36 trabalhos de arame; 19 maletas de percalina; 1 faixa de bandeira (bordado de cor); 1 bandeira do colégio (bordado de cor)⁸³.

Como se vê, pela relação de trabalhos confeccionados pelas alunas do Curso Normal, visava-se a uma formação em vários sentidos. Não era só a arte pela arte, mas, com finalidades definidas para atender a determinados aspectos da vida dessa mulher em formação.

Além desses trabalhos mencionados, foram expostos ainda: 660 desenhos; 377 pinturas em aquarela, pastel, a óleo, em telas, em fazenda, em vidro, a nankim; trabalhos culturais; 3 trabalhos domésticos⁸⁴. Isso com os 1º e 2º anos do Curso Pedagógico.

No Curso Primário, foram apresentados 347 trabalhos de pré-orientação e trabalhos de agulha.

⁸² Esses modelos de método de dobrar eram de figuras semelhantes ao que hoje chamamos de “origami”.

⁸³ A separação por tópicos foi feita por mim para que o leitor não só tivesse acesso aos diferentes tipos de trabalhos confeccionados mas também entendesse que eles atendiam a vários objetivos.

⁸⁴ O livro não explicita para que, serviam, nem do que eram feitos os trabalhos culturais e domésticos.

Percebe-se que havia toda uma preocupação em desenvolver as mais diferenciadas artes, com materiais, também diversificados, da natureza e do artesanato fabril, popular e do campo, utilizando a técnica do extrativismo.

A prática da exposição dos trabalhos manuais era referendada através da legislação que regulamenta o ensino normal⁸⁵ e reza o seguinte:

ART. 115 – No fim de cada ano letivo serão organizadas dentro do recinto da Escola, exposições que demonstrem a atividade real dos alunos.

ART. 116 – As exposições constarão de:

- a) Material didático;
- b) Desenho e Artes Industriais;
- c) Modelagem;
- d) Trabalhos em madeira, palha, fazenda, etc.

ART. 117 – Ficam expressamente proibidas as sanções exteriores, como sejam prêmios, menções honrosas, elogios públicos, etc.

As alunas aprendiam as artes manuais e, posteriormente, quando saíam do Colégio, às vezes, confeccionavam e vendiam o que aprenderam no Colégio, ensinavam nas escolas, em suas vidas profissionais, e garantiam o seu sustento. É de uma das entrevistadas a seguinte colocação:

“Ensinavam tudo. Até a trabalhar com quenga de coco, chifre de boi... A gente fazia trabalhos em madeira, desenho, pintura, bordado de toda espécie. Muitas moças aqui ainda vivem às custas de bordado que aprenderam comigo quando fui professora dessa cadeira. Cada trabalho lindíssimo! Vendiam, compravam a roupa da festa” (4).

Outra aluna fala da Pré-Orientação como terapia:

“No primeiro ano era bordado; no segundo ano aprendia crochê, tricô; no terceiro ano era frivolité. Depois, no Pedagógico foi quando começou [sic] essas outras matérias: Pré-Orientação... Aí, é quando a

⁸⁵ Livro: Legislação Estadual de Pernambuco – Decretos, Atos e Notas. Decreto N° 182, de 25 de março de 1933, do Interventor Federal no Estado de Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti.

gente estudava muita coisa, nessa linha de terapia: trabalho em couro, madeira, ou, até, em... Fazia vassouras, bonecos, coisas assim, sabe, que é pra vida prática” (2).

No artigo “A Educação no III Reich”, escrito por Bernhard Rust, ministro da Ciência, Educação e Cultura Popular, à época, percebe-se que uma semelhante disciplina fazia parte do currículo e da formação dos professores nos cursos promovidos em cidades e institutos diversos.

As crianças devem adquirir um sólido conhecimento dos rudimentos da língua correta, escrita e aritmética e que se deve por a devida atenção ao ensino de exercícios físicos, música e formação manual. As escolas de vocação rural, por exemplo, devem concentrar-se sobre a vida e o trabalho da população rural e as urbanas sobre a mão de obra local e industrial.

Quanto ao que denomino, neste trabalho, de saberes que visavam à formação de um corpo perfeito, constatei que as aulas de educação física eram concorridas, animadas e resgatadas na lembrança das alunas. Era uma das disciplinas mais badaladas. Maria Lindomar e Maria de Jesus, após a conclusão do curso, participaram de um curso infantil de Educação Física, no período de um ano, na Fundação do Ensino Superior de Pernambuco. Uma delas fez, ainda, uma pós-graduação e o mestrado.

A política do Estado Novo, também, orientava as escolas a desenvolverem atividades físicas para as crianças, no intuito de cultivarem um corpo sadio.

Horta, na introdução do seu livro, fala sobre a importância da educação física: *“A ligação entre educação e saúde traduzir-se-á por uma ênfase cada vez maior na educação física, inicialmente voltada para o desenvolvimento físico individual e logo relacionada com o fortalecimento da raça”* (HORTA, 1994, p. 2).

Essa educação física também tinha outro objetivo:

Não devemos nos contentar em levantar a condição social e o conjunto das condições de vida do povo, assim preparando para

a defesa nacional jovens fisicamente são: precisamos nos esforçar por desenvolver e aperfeiçoar a educação intelectual do povo. O meio que temos é a escola (BERNHARDI⁸⁶ apud HORTA, 1994, p. 13).



Sala 05 – Equipamentos de Educação Física

Ainda segundo Horta, a escola tinha uma responsabilidade: “... a escola primária, que ‘relega estas preocupações para o último plano’ precisa ser reorientada” (HORTA, 1994, p. 13).

As alunas relatam como eram as aulas dessa disciplina:

“Nas aulas de Educação Física, a madre pulava. Usava o hábito e por baixo uma calça comprida com elástico. Era muito desembaraçada; não se atrapalhava. Todas as alunas participavam. As mais velhas eram poupadas nos saltos e nos jogos e, quando alguma estava menstruada e avisava, não fazia ginástica” (4).



Salto em Altura e em Extensão

⁸⁶ “Em editorial de junho de 1918, os redatores de A Defesa Nacional, baseando-se nas idéias defendidas pelo general alemão Friedrich Von Bernhardi, discutem longamente as funções da escola e o papel desta com relação à educação militar do país” (HORTA, 1994. p. 12).

A forma de ensinar era motivo de orgulho de algumas alunas, uma das quais enfatizou:

“Elas trouxeram tudo. Eu percorri várias faculdades de educação física e, pra mim, nada era novidade. Quando era halteres... halteres, elas tinham trazido; massa... massa, elas tinham trazido. Tudo, tudo o que precisasse e se usasse numa aula de educação física, elas davam. Esse, aqui, é, justamente, o que elas fizeram (mostrando uma foto). Isso, aqui, é uma quadra de saltos de extensão... saltos de altura.... Tudo tinha. Lançamento de disco, de dardo; tudo tinha. Então, o Colégio foi montado, como digo, 100% na parte educacional”
(6).



Aulas de educação física

Esse foi um tipo de saber utilizado não só no Brasil, mas, em outros países e influenciou toda uma comunidade escolar e as políticas educacionais regulamentadas no período em foco. Um corpo saudável e exercícios físicos faziam parte do currículo. Chervel assinala esse aspecto, quando afirma que a disciplina do corpo *“... é um dos elementos motores da escolarização [...] desde a história das construções escolares até a das políticas educacionais ou dos corpos docentes”* (CHERVEL, 1990, p. 220).

As músicas eram também utilizadas para tipos de exercícios como: calistenia, com 16 ritmos; série de flexões de tronco, extensão e elevação das pernas, respiratórias, pulos, abaixar e levantar, sentar, rotação de cabeça, relaxamento, saltitos, inclinação lateral e rotação do tronco: exercícios “alemães” para omoplata, pulo, deitadas, braços, respiração⁸⁷.



Partitura

Para formar essa moça prendada, a escola ainda oferecia aulas de música, canto, dança, teatro. Algumas delas pertenciam ao currículo oficial de todas as escolas normais do Estado e outras eram desenvolvidas, especificamente, pela escola objeto do presente estudo para aprimoramento da finura e desenvoltura dos gestos e dos movimentos.

De acordo com o livro “Movimento Escolar”, na escola havia um coro que era convidado para apresentar-se em diferentes locais, na paróquia, nas festas da cidade, nas cidades próximas, sendo muito aplaudido. Uma das entrevistadas mencionou que só cantava quem realmente se adequasse às vozes que eram selecionadas pela Madre Helfrieda.

O papel de artista foi desempenhado pelas entrevistadas. A seguir, uma das lembranças:

⁸⁷ Do acervo particular de uma das entrevistadas, tirei cópias de várias partituras desse tipo de exercícios. Nas próprias partituras há essas informações.

“... eu também era artista, por muito tempo, aqui. Teatro, canto, coro, então. Nosso coro era conhecido; éramos convidadas pras cidades vizinhas, porque tínhamos quatro vozes”.(12)

As alunas consideram essa uma oportunidade singular, porque apresentavam peças com instrumentos, dramatizações, músicas e danças no Teatro Recreios Benjamin, com público pagante. Adquiri cópias de peças e músicas apresentadas nessas ocasiões, com uma das entrevistadas.

Duas das músicas eram valsas: “Feliz Trovador”, de Ariowaldo Dias e Luiz Batista Júnior (1941) e “Mãezinha Querida”, de Getúlio Macêdo e Lourival Faissal, em arranjo para acordeon, do professor Mário Mascarenhas (1952). Nas muitas outras partituras havia polcas, cantigas e danças de Portugal, marchas, sonatas, coros orfeônicos escolares, partituras de autores alemães, inclusive para os exercícios de educação física.

Para o teatro, uma das peças destacadas foi “Theatro Infantil”, composta de versos do Prof. Américo G. Costa, com música de Francisco Russo, cuja apresentação no Cine-Teatro Recreios Benjamin, na cidade de Timbaúba, em 1943, fez sucesso, de acordo com uma das entrevistadas, que até solfejou alguns trechos, lembrando aquele momento, com um sorriso nostálgico e um olhar distante.

“Fazia muitas peças. O ‘Danúbio Azul’, a roupa era de morim branco; um camisolão com a faixa azul. Um bailado. Era muito bonito” (11).



Apresentações

Uma delas comentou que nas apresentações as freiras cobravam um cachê, que era ora para a escola, ora elas diziam que ia ser enviado para as Missões,

“Elas não davam ponto sem nó! Sempre tinha um dinheirinho por trás”

(8).

Essa cobrança de cachê, também, foi mencionada no livro de atas, “Movimento Escolar”, afirmando que a quantia era enviada às missões.

Na Biblioteca do Colégio, haviam vários livros relacionados com a música: Hinos patrióticos, de A. F. Leite (1934); Eucarísticas – cânticos para a Sagrada Comunhão, música de Pe. Luis Rodrigues e A. Ribeiro das Neves e versos do Pe. José Maria Gonçalves (1944); Vamos Cantar – coleção de cantos populares, da Secretaria do Bispado Caxias do Sul (1946); Vida de Grandes Compositores, de Henry Thomas e Dana Lee Thomas (1944); História Maravilhosa de Beethoven, de Gentil Marques (1942).

O livro das atas do Curso Normal Rural menciona o fato de serem sorteados pontos para as provas orais. Nas entrevistas e no colégio perguntei se alguma aluna ou se no arquivo seria possível encontrar um desses pontos dados pelos professores às alunas. As entrevistadas, assim, falaram:

“Não lembro direito, mas eram perguntas ou assuntos que deveriam cair” (4).

“Elas davam uns 60 pontos. [...] Elas davam o que ia cair e a gente estudava. Não era como hoje, não. Hoje, só cai o assunto do mês. Uma beleza! E o da gente, se a gente fazia a primeira prova, na outra, prova, o que a gente estudou para a 1ª prova entrava nos pontos e aquilo progressivamente até chegar no final do ano. Nunca acontecia de ser a mesma pergunta” (8).

A princípio, não tive acesso a nenhum dos pontos que os professores davam nas aulas, mas, por acaso, ao ler trechos e histórias de compositores do livro acima citado, “Vida de Grandes Compositores”, encontrei anotada uma relação de pontos de aulas, provavelmente preparados pela Madre Helfrieda, que era a professora de Música. Ei-los:

1º ponto: Canto Orfeônico, pág. 61; 2º ponto: Vantagens do Campo Orfeônico, pág. 66; 3º ponto: Estudar as banalidades vizinhas e dar uns exemplos no caderno de borrão; 4º ponto: Ler Johann Sebastian Bach, pag. 9; Ludwig von Beethoven, pág. 61; Gounod, pág. 161 e Verdi pág. 147.

Por coincidência, ou não, dois dos músicos selecionados para a leitura eram alemães, um francês e um outro italiano. Bach foi músico na corte de Weimar; Beethoven, enaltecido como o filósofo da música; Gounod trouxe glória à França do século XIX e Verdi enriqueceu o mundo com o seu canto⁸⁸.

O canto orfeônico, embora instituído obrigatoriamente nas escolas secundárias desde a Reforma Francisco Campos, no início dos anos 30, alcançou grande desenvolvimento durante o Estado Novo. Villa-Lobos, um dos grandes colaboradores do Governo Vargas nesse aspecto, considerava-o como um elemento disciplinador (Ver Horta, 1994).

Esses saberes para ter um corpo perfeito, ser uma mulher prendada, sabendo apresentar-se em público e no lar, através da música e das artes manuais, muito marcaram a vida das alunas, como foi mencionado nos depoimentos.

⁸⁸ Estas considerações sobre os músicos foram retiradas do livro “Vidas de Grandes Compositores” encontrado na biblioteca do colégio.

3.12 – Saberes para ser mãe e dona de casa

Embora os saberes já explicitados anteriormente, de uma forma ou de outra, influenciassem e auxiliassem na tarefa de ser mãe e dona de casa, passo, agora, a apresentar o ensino da disciplina que desenvolve habilidades para o exercício da maternidade, Higiene e Puericultura, e as outras, em número de três, que se relacionam com a aparência da casa. São elas: Horticultura, Jardinocultura e Pomicultura.

As alunas informaram que essas disciplinas foram interessantes porque *“uma casa sem flores, sem jardim é uma casa sem vida”* (8). E, *“se há espaço, por que não plantar uma pequena horta e um pomar?”* (7). Afinal, elas aprenderam na escola e nas excursões realizadas como preparar a terra e plantar. É o que relata uma das alunas:

“Excursões e passeios não faltavam. Visitamos a Escola de Agronomia do Recife (UFRPE) e a Escola de Agronomia de São Bento” (9).



Horticultura



Jardinagem

Outros colégios religiosos tinham, também, essa preocupação em preparar a mãe, a professora e a dona de casa. Diversos autores já estudaram esse fenômeno, como Figueiredo e Gomes (1993); Martins e Martins (1993), como bem se pode ver: *“Não se deve esquecer de que uma filha formada no Curso Normal representava um instrumento importante para a manutenção do poder político de mandatários locais”* (MARTINS E MARTINS, 1993, p. 18). *“...o*

magistério, tinha como objetivo formar boa mãe e boa educadora, ideal a ser alcançado pela mulher...” (FIGUEIREDO E GOMES, 1993, p. 44).

Até a Segunda Guerra Mundial, a mulher desenvolvia mais os trabalhos caseiros:

O sexo feminino que até este momento, no Brasil, era descrito como disciplinado e submisso, passa a ser apresentado de um outro modo. Joana Maria Pedro (apud Del Priore e Bassanezi, 1997: 295) relata que no jornal Veritas, de 1920, na página reservada aos homens, assim se descrevia a mulher do Sul: “ a estrangeira, muito especialmente a alemã, é sóbria e econômica. Sabe tirar partido de tudo, com o mínimo de recurso obtém o máximo de efeito; disfarça a penúria e sabe converter as faltas em bem-estar, sempre sorridente, sempre alegre, sempre satisfeita. Faz verdadeiros prodígios e quotidianamente, de uma maneira incessante, produz maravilhas. Se o marido é comerciante, conhece tão bem ou melhor o estado de prosperidade dos negócios do que ele próprio. Acumula as funções domésticas às de gerente do estabelecimento, com vantagem sobre o próprio dono” (FERREIRA, 2001, p. 57).

Mencionei no primeiro capítulo o encontro entre culturas diferentes. Nesse caso, Ferreira estabelece um parâmetro entre as estrangeiras e as brasileiras:

... diferentemente das estrangeiras, as narrativas sobre as mulheres brasileiras as descreviam como aquelas ensinadas, desde cedo, tal como refere a autora (ib.), “ a uma vida de obediência contínua... para ser mãe e servir aos filhos, como uma escrava submissa” (p. 299), correspondendo ao ideário positivista da época. A mesma autora (ib) analisa que “ a mulher ideal era a filha obediente, esposa dedicada, mãe exemplar e, quando pobre, trabalhadora virtuosa” (p. 299) O direito ao voto só foi alcançado pelas mulheres brasileiras, em 1932 (FERREIRA, 2001, p. 57).

O papel atribuído à mulher é diferenciado daquele que o homem desempenha na sociedade. Ela era preparada para ser boa mãe também, mas, por que, quando o homem imperava como professor, não lhe foi dito também que ao fazer o magistério ele teria a possibilidade de ser um bom pai e um bom educador, como um ideal a ser alcançado? É aí que os estudiosos de “gênero” discutem os estereótipos direcionados para o homem e para a mulher.

O Colégio de Caraça (1820-1968), em Minas Gerais, de uma época anterior ao período estudado nesta pesquisa, é um bom exemplo para confrontar a diferença de papéis e objetivos na formação do professor e da professora. Sua clientela era masculina e os objetivos educacionais para formar o homem eram completamente diferenciados da visão de ensino atribuído à mulher.

Pretendia-se para o homem uma educação “lustrosa e para o futuro” a fim de *“dotá-lo de uma cultura necessária para o trânsito político e social, diferenciadora e ao mesmo tempo homogeneizadora”*. Andrade acrescenta que a finalidade era *“Formar o homem, o homem honrado, socialmente ativo, educado na religião e nas letras, está na essência dos objetivos pedagógicos do Colégio de Caraça”* (2000, p. 105).

Em Pernambuco, cito como exemplo o Ginásio Pernambucano, que educava alunos do sexo masculino, pretendendo-se alcançar, com essa preparação intelectual: *“... ali se exercitava a rigorosa formação da juventude para o ingresso no mundo da cultura acadêmica e do êxito profissional como trabalhadores intelectuais, futuros dirigentes, condutores dos destinos da nação”* (BARROSO, 2000, p. 233).

Os objetivos são diferentes. Nos Estatutos da Sociedade Franciscana de Maristella:

Art 2º O fim da sociedade é a assistência social e, nomeadamente proporcionar à juventude feminina uma sólida formação moral, literária e científica, bem como colaborar na catequese paroquial e na enfermagem de hospitais públicos e particulares⁸⁹ (1942, p. 1).

Em todos os aspectos, a educação era diferenciadora e discriminatória. Saberes distintos para o homem e para a mulher. Um exemplo seria o ensino da

⁸⁹ Essa citação consta na Ata da Assembléia da Sociedade Franciscana “Maristella”, contendo os Estatutos da Sociedade Franciscana “Maristella” do Brasil, Título I, Art. 2º. Essa sociedade adquiriu personalidade jurídica em 26 de maio de 1942, conforme o art. 1º (02.07.1958).

disciplina Higiene e Puericultura, voltados para a moça. Alunos do sexo masculino não estudavam essa matéria.

No entanto, ela fazia parte do projeto educacional do Estado Novo, mas era oferecida no currículo para a educação feminina: *“As aulas de higiene tratariam entre outras coisas, de alimentos, vestuário, higiene da escola e do lar. A enfermagem consistia em ensinar cuidados com o doente, seu ambiente, visitas, tomar temperatura, pulso e injeções”* (SCHWARTZMAN, 1984, p. 110).

O Colégio Santa Maria utilizava, para essa disciplina, o livro “Higiene e Educação da Saúde”, de Carlos Sá (1942), cujos conteúdos englobam conceitos de biologia, saúde, acidente, doença. Prepara a menina/moça para entender a saúde do nenê antes do nascimento, a higiene pré-natal, natal e neonatal, trazendo até uma crítica aos que praticam o método eugênico, dizendo que o homem *“... nem mesmo deve ser submetido a certos processos amorais que alguns povos têm tentado aplicar”* (SÁ, 1942, p. 41).

Traz também outros assuntos como alimentos nutritivos com tábuas alimentares das diversas substâncias neles encontrados; o regime alimentar nas diversas idades e as necessidades diárias e até orientações de cardápios para as merendas que devem ser servidas nas escolas e no lar.

O livro ensina também sobre o asseio, proteção da pele, mucosas e órgãos dos sentidos e como se proteger através do vestuário que é comparado a uma segunda pele. Explica a função de todos os sistemas do corpo, as doenças transmissíveis por animais, micróbios e bactérias e as que se transmitem pelas excreções, pelo sexo e pela falta de saneamento básico.

Ensina, também, como deve ser construída a casa e, aqui, entram as três disciplinas incluídas na divisão feita acima – jardinocultura, pomicultura e

horticultura – e o papel da professora na formação de hábitos, como declara a citação:

Nesta inspeção, feita pela própria professora ou por uma inspetora de alunos, examinava-se o asseio do rosto e das mãos, as unhas cortadas, os cabelos penteados, os dentes escovados, o hálito agradável, as roupas limpas, o uso de lenço individual, notando-se ainda os primeiros sintomas de doenças, tais os olhos mortiços ou brilhantes, o rosto congesto, o espirro, o catarro nasal, a tosse, a rouquidão, as erupções cutâneas, tremores e calafrios, má posição de pé, andando ou sentado, dificuldade de ouvir, tristeza, desalento, etc. (SÁ, 1942, p. 271).

A mulher, como professora, era orientada a desempenhar o papel de “médica” porque além dessas peculiaridades acrescentava-se, ainda, a de se “tomar o peso e a altura a cada semestres. A balança e a toesa⁹⁰ tornaram-se mobiliário obrigatório das escolas”. Algumas alunas mencionaram que uma mãe ficava no portão da escola verificando, fiscalizando cada detalhe e, diante de qualquer aspecto diferente na roupa, no cabelo, a aluna era encaminhada à sala da mãe superiora.

Esse livro de Higiene citado ensinava as futuras mestras a orientarem as crianças, desde o Jardim da Infância até as classes mais avançadas. Por fim, classifica os deveres da professora, como deve ser sua formação e o trabalho das normalistas. Os deveres sugeridos são:

- Interpretar para os pais o programa de educação da saúde estabelecido na escola.
- Tomar parte no exame médico higiênico dos alunos
- Colaborar na prevenção das doenças transmissíveis
- Facilitar o serviço de saúde que trata de corrigir defeitos e curar doenças de seus alunos
- Promover a salubridade do edifício escolar
- Medir as crianças ou fiscalizar esse trabalho feito pelas mães adiantadas
- Efetuar a inspeção de saúde, quotidiana
- Velar pela merenda sadia

⁹⁰ Toesa era “uma antiga medida francesa de comprimento equivalente a seis pés, ou seja, cerca de dois metros”. Dicionário Houaiss (HOUAISS, 2001; p. 2729).

Organizar as pausas de recreio
 Fiscalizar brinquedos e jogos
 Ministrando conhecimentos sobre saúde
 Relacionar a saúde com outros assuntos do currículo escolar
 Oferecer aos alunos o exemplo vivo de sua própria saúde (SÁ, 1942, p. 286).

Na formação da professora, era preciso: *“Instruir-se em assuntos de saúde, educação e higiene escolar”*. *“Uma base geral, científica, de instrução técnica especializada e da prática do ensino da saúde nas várias situações escolares”* (SÁ, 1942, p. 288).

Quanto ao trabalho das normalistas as instruções é que elas deviam: *“Viver sadiamente, compreendendo o valor da sua própria e da saúde dos seus futuros alunos, com entusiasmo criador”* (SÁ, 1942, p. 291).

O Programa de Higiene e Puericultura adotado nas escolas normais de Pernambuco desde 1931 e que começava no 3º ano normal, sendo modificado para iniciar no 1º e 2º anos e atingindo as outras turmas da escola, reza o seguinte:

O ensino da Higiene na Escola Normal tornou-se agora extensivo a todos os graus da escolaridade. Seu Jardim da Infância, seus cursos primários anexos não poderiam, em verdade, constituir Escola de Aplicação destinada a formação dos futuros servidores do magistério sem o ensino da Higiene obrigatório e programado... (4).

O programa oficial⁹¹ especifica os diversos assuntos que devem ser abordados durante o ano e que contempla os conteúdos descritos no livro mencionado acima.

Para o 1º ano Pedagógico, Higiene Geral:

⁹¹ Estado de Pernambuco – Escola Normal Oficial Curso Pedagógico Programa de Higiene e Puericultura 1º e 2º anos Dr. Fernando Simões Barbosa professor catedrático Imprensa Oficial – Recife – 1945.

1º) – Introdução ao estudo da Higiene; seu objeto, importância, definição e relações com os outros conhecimentos humanos. Divisão da Higiene. Necessidade da educação higienica extensiva a todos os graus do ensino desde o Jardim da Infância, até a Escola Normal; esboço de Metodologia condicionada às diferentes idades dos educandos e aos diversos tipos de escola.

2º) – Noções sumárias sobre os micróbios em geral; sua origem e situação entre os seres vivos. Morfologia e biologia elementar geral dos micróbios; seu papel na natureza.

3º) – Generalidades sobre a infecção. Contágio. Portadores de germes. Imunidade e imunização. Sôros e vacinas.

4º) – Higiene do solo. Composição, propriedades, contaminação e saneamento do solo.

5º) – Higiene da água. – Importância, composição e distribuição da água na natureza. Poluição e contaminação das águas. Depuração. Água potável.

6º) – Higiene do ar. Natureza do ar respirável. O aparelho respiratório. Regras de Higiene. Arejamento. Confinamento e asfixia. Perigo sanitário das poeiras.

7º) – Higiene da habitação. Ventilação, iluminação e asseio dos edifícios. Parasitos e outros animais domésticos. Tratamento do lixo.

8º) – Asseio corporal – Banhos. Cuidados especiais às diversas partes do corpo. Utilidade da inspecção cotidiana dos escolares, do ponto de vista do asseio corporal.

9º) – Vestuário. Qualidade do vestuário e sua adaptação às necessidades do organismo e às condições ambientes. O vestuário nos climas quentes.

10º) – A alimentação e os alimentos. Classificação dos alimentos. Ração alimentar. Alimentação insuficiente; papel das vitaminas. Perigos da super-alimentação. Infecções e intoxicações alimentares. Proteção sanitária.

11º) – Medidas de proteção sanitária contra as principais doenças transmissíveis.

12º) – Rudimentos de higiene das intoxicações ditas “voluntárias”, tabagismo, morfismo, cocainismo, alcoolismo. Alcoolismo agudo e alcoolismo crônico e seus perigos para o indivíduo, para a prole, para a sociedade.

Para o 2º ano Pedagógico, Higiene Escolar e Puericultura:

1º) – Medicina social. Casamento e família; seu aspecto higiênico. Da herança mórbida do ponto de vista higiênico. Considerações gerais sobre Eugenia e Puericultura.

2º) – Higiene da criança. Desenvolvimento corporal. A evolução da criança desde o berço até a adolescência. Temperamentos. Hereditariedade. Hábitos.

3º) – Mortalidade infantil e suas causas. Profilaxia individual e social. Puericultura antes e depois do nascimento. Obras de assistência e proteção à infância.

4º) – Higiene Escolar. Generalidades. Tipos de escola. Edifício escolar; salas de aula, anexos da escola. Luz, ar e asseio. Regime escolar.

5º) – Mobiliário escolar antigo e moderno. Tipos de mobiliário adequados às diferentes escolas. Modêlos recomendáveis de bancos e carteiras. Atitudes higiênicas e viciosas dos escolares.

6º) – Material escolar; livros, mapas, cadernos, quadro-negro e demais objetos escolares. Higiene da leitura e da escrita.

7º) – Idade escolar. Condições de admissão à escola; exatamente físico e psíquico dos escolares. Ficha sanitária e caderneta de saúde. Inspeção sanitária escolar.

8º) – Moléstias escolares e medidas de preservação.

9º) – Higiene física dos escolares normais. Asseio corporal. Vestuário. Alimentação. Sono. Regime dos colégios normais nos diversos tipos de escola: na escola maternal, jardim da infância, escola primária, internatos, institutos profissionais. Diversões escolares. Trabalhos manuais.

10º - Exercícios físicos. Ginástica. Desportos. Valor higiênico, influência social e moral, condições econômica e estéticas, fatores individuais da educação física. Treinamento, fadiga e estafa.

11º - Higiene intelectual. Horários e recreios. As férias escolares. Organização dos programas de estudo.

Embora direcionado à formação da professora, muitos saberes ensinados na disciplina serviam, principalmente, para que as moças se tornassem, no futuro, boas mães. Ser uma boa mãe era necessário para saber cuidar da saúde e do lar. E ser boa professora com esse tipo de saber era conseguir ensinar aos alunos e aos seus pais todos esses preceitos. Para a formanda, fazia-se necessário entender que ela era o maior exemplo. Organizar o lar com um ambiente saudável era também salutar.

3.13 – O saber religioso

De todos os tipos de saberes, a religiosidade era o que estava mais presente em todos os momentos e atividades da escola, desde a sala de aula, festas, início e fim das aulas, nos retiros espirituais, na recepção às visitas que iam ao colégio, e até para a ocasião de uma inspeção para impressionar os fiscais.

Na inauguração do colégio: “... foi celebrada pelo Revmo. Pe. José Marques da Fonseca, vigário local, o Santo Sacrifício da Missa”⁹² .

No discurso, também na inauguração do colégio, do Juiz de Direito da Comarca, depois professor de Português no estabelecimento citado, Dr. Lauro Dornelas Câmara, enfocou a religiosidade:

... entregando simbolicamente as chaves do edifício fez sentir o sublime sacrifício daquelas que abandonaram o seu lar, a sua Pátria, vieram para um país estrangeiro, encontrando porém outra família formada pêlos élos de uma mesma religião, dos mesmos fins, dos mesmos ideais (MOVIMENTO ESCOLAR, 1938, p. 3).

No primeiro dia de aula, o vigário da cidade visitou o Colégio e deu a aula inicial de religião nos cursos adiantados. Pela manhã, antes de iniciarem as atividades o Revmo. Padre Otto Sailer, alemão, celebra uma missa na capela do colégio, abençoa os salões e realiza uma pequena procissão de mestras e alunas.

Durante o ano, em muitas ocasiões, verifica-se a presença do ritual religioso no cotidiano. Os rituais do cotidiano serão abordados especificamente no próximo capítulo.

No mês de maio as freiras, com todos os alunos, participavam das noites marianas que, na memória das entrevistadas, era uma noite de júbilo e de euforia. Cada colégio da cidade, família burguesa, motoristas, comerciantes, participavam:

“A madre passava o ano todo preparando” {11}.

“Esse andar, ela tinha um prazer de arrumar, decorar bonito, mesmo” (7).

⁹² Livro de atas “Movimento Escolar do Colégio Santa Maria - Timbaúba

“E a rivalidade entre o Santa Maria e o Timbaubense! Aí, o padre estabeleceu assim: um ano, a última noite seria do Santa Maria, no outro, do Timbaubense” (8).

Como se tratava de um colégio dirigido por freiras, o aspecto religioso constituía um dos pilares da formação das alunas. Provavelmente, as práticas católicas eram mais presentes nele do que no “rival” Timbaubense, por exemplo.

O livro de atas do Curso Normal Rural também menciona diferentes pontos de religião, sorteados nos testes oral/escrito bem como nos planejamentos de aulas dos cursos infantil, primário e admissão.

Havia no Curso Infantil, aulas de religião, todos os dias. No Curso Médio, que equivalia ao 1º, 2º e 3º anos do Primário, havia três aulas de catecismo e uma de História Sagrada. Só na terça-feira não aparecia essa disciplina, no horário. Na 4ª série e no Admissão ofereciam-se duas aulas de catecismo e uma de História Sagrada. Isso não quer dizer que não havia atividades religiosas nesses dias como missas, rezas antes das aulas, etc⁹³.

Em todas as séries, ensinava-se canto e nesses encontros praticavam-se músicas diversas, inclusive religiosas.

Há registros⁹⁴ das “Festa das Missões” realizada por todos os alunos e professores no mês de outubro. Apenas nos anos de 1945 e 1946 essa festa não foi promovida. A arrecadação de toda a quantia ia, segundo as freiras e as entrevistadas, para as missões embora não haja registro como era utilizado e para que missão se destinava.

Além de todo o currículo estar permeado pela presença da religião, algumas dessas alunas escolheram o Santa Maria como colégio com o intuito de se tornar freiras da ordem. Uma das alunas, que veio com essa intenção,

⁹³ “Movimento Escolar – 1938 – Colégio Santa Maria – Timbaúba Pernambuco.

⁹⁴ No livro de atas “Movimento Escolar” do Colégio Santa Maria em Timbaúba.

explicou que em virtude de sua escolha, não pagava mensalidades. Geralmente as vocacionadas eram pobres e trabalhavam no colégio.

As atividades eram diferenciadas das realizadas pelas demais internas. No entanto, a entrevistada afirma que dormia no mesmo quarto junto com as outras e usava o mesmo refeitório sem proibição. Mas havia diferenças.

“Tinha aulas de orientação das irmãs neste primeiro plano da vocação. Estudar catecismo. Quem tinha jeito pra música recebia aulas de música, piano ou qualquer instrumento... Ajudava na cozinha, nas aulas...” (2)

O mesmo não foi afirmado por outra freira que também estudou na escola.

“Eu sempre quis aprender a tocar violino e não tive oportunidade... quem sabe lá no céu eu poderei aprender” (1).

Na biblioteca encontrei livros que, suponho, as mães destinavam como leitura para as vocacionadas. São eles: “História Popular dos Papas”, de J. Chantrel (1877); “Pétalas Dispersas”, de Frei Ildefonso (1945); “Santa Clara – a plantinha de São Francisco”, de D. José Pereira Alves (1934); dois livros de “Joana D’arc”, escritos por Jules Michelet (1940,1941); “Maria Antonieta de GEUSER”, Padre Plus S.J. (1929); “Mensagem de Fátima”, de Pe. Raimundo Pujol C.M.F. (1946); “História de uma Alma escrita por ela mesma – vida de Santa Teresa do Menino Jesus” (1947).

Havia toda uma preocupação para preparar essas noviças e a primeira vestição foi realizada em 13 de junho de 1946 no dia da Festa de Santo Antônio que no livro de crônicas foi denominado como um *“dia de honra de nossas primeiras estrelinhas no Brasil”*.

O que se pode observar, após a análise dos saberes transmitidos no Colégio e que é feita ao longo deste capítulo, a aluna, ao sair da escola no dia

da formatura, estava habilitada para viver uma vida religiosa no lar, na escola onde lecionaria e no cotidiano. No caso das freiras, além de professoras, serviam à ordem franciscana em diferentes funções.

Este capítulo chega ao fim e meu desejo é que ele tenha alcançado o objetivo de mostrar como essa mulher era preparada através do Colégio Normal Rural Santa Maria para desempenhar os seus diferentes papéis na sociedade e contribuir preparando seus alunos e seus filhos para servirem à Pátria e à família e, por que não dizer, a Igreja?

CAPÍTULO 4 – RITUAIS & COTIDIANO

TEMPO PARA TUDO

*“Tudo tem o seu tempo determinado,
e há tempo para todo propósito debaixo do céu:
Há tempo de nascer, e tempo de morrer;
tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou;
tempo de matar, e tempo de curar;
tempo de derribar, e tempo de edificar;
tempo de chorar, e tempo de rir;
tempo de prantear, e tempo de saltar de alegria;
tempo de espalhar pedras, e tempo de ajuntar pedras;
tempo de abraçar, e tempo de afastar-se de abraçar;
tempo de buscar, e tempo de perder;
tempo de guardar, e tempo de deitar fora;
tempo de rasgar, e tempo de falar;
tempo de estar calado, e tempo de falar;
tempo de amar e tempo de aborrecer;
tempo de guerra, e tempo de paz.
Tudo fez Deus formoso no seu devido tempo;
também pois a eternidade no coração do homem,
sem que este possa descobrir as obras que Deus fez
desde o princípio até ao fim”.*

(SALOMÃO)

A tentativa deste capítulo é descrever e historicizar o cotidiano do Colégio Normal Rural Santa Maria – uma escola confessional católica, instalada no Nordeste do Brasil, mais especificamente no interior de Pernambuco, na pacata cidade de Timbaúba – e procurar desvelar os rituais que permeavam a prática educativa institucionalizada envolvendo a educação e a formação de meninas no período já citado (1938-1950), enfatizando o acontecido e o vivido.

Os registros encontrados que descrevem, de certa forma, o cotidiano no estabelecimento não cobrem todo o período, exceto o livro de crônicas em alemão, parcialmente traduzido. Mesmo assim encontrei esse aspecto da instituição em outros documentos, o livro do Movimento Escolar, o de Atas de Colação de Grau e o depoimento das entrevistadas, utilizado na construção deste capítulo.

4.1 – Cotidianidade

Cotidianidade rima com individualidade, personalidade, habilidade, intelectualidade, interatividade, sociedade.

O cotidiano invade a vida de cada indivíduo desde o seu nascimento, ao mesmo tempo em que atua na sua personalidade e em todos os aspectos enquanto se relaciona com o outro.

Envolve o conjunto de habilidades natas e adquiridas, fazendo-o participar na sociedade de forma total. Nessa sociedade o ser humano constrói a sua intelectualidade com suas escolhas, ações e reações, sentimentos e objetivos, capacidades e incapacidades, paixões e ideais.

A intensidade vivida nas ações é diferenciada entre os indivíduos de um determinado meio, a despeito dos estímulos recebidos e percebidos, porque não é possível interagir de forma inteira e completa nos acontecimentos e ações diárias.

Estabelecer-se no cotidiano é, também, saber interagir com os seus semelhantes e participar das atividades aí inseridas. Há sempre uma relação de interdependência porque na sociedade dos humanos nenhum desses seres consegue se construir sozinho. O espelhar-se no outro, o ato de imitar, não só de imitar, mas complementar, refletir, organizar o pensamento e armazenar objetos e idéias, são atividades que só o homem consegue desenvolver.

Segundo Heller, *“O homem da cotidianidade é atuante e fruidor, ativo e receptivo, mas não tem nem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda a sua intensidade”* (1992, p. 17).

Isso porque na sociedade tudo está em movimento constante e, comumente, não tão organizado, e mesmo aparentando ordem, há uma certa heterogeneidade em todos os sentidos e aspectos. São muitas as situações vividas em vários contextos diferenciados e, até os atos mais simples, para se completarem, envolvem uma teia de aprendizagens.

As coisas mais triviais, para serem efetivadas no cotidiano, carecem de múltiplas habilidades. Heller cita, como exemplo delas, o domínio de certas capacidades. *“O adulto deve dominar, antes de mais nada, a manipulação das*

coisas. Deve aprender a segurar o copo e a beber ao mesmo tempo, a utilizar o garfo e a faca” (1992, p. 19).

Então, nessa assimilação de informações ele se complementa e ajuda o outro enquanto desempenha o seu papel na cotidianidade em que vive. Kosik define a cotidianidade: “... *como um mundo em cujo ritmo regular o homem se move com uma instintividade mecânica e com o sentimento de familiaridade*” (1976, p. 76)

Estudar o cotidiano é procurar desvendar uma determinada realidade, o que não é uma tarefa fácil, porque a sua descrição nem sempre mostra como ela realmente é, porque nela existe falsificação. Há a preocupação dos atores envolvidos em não se exporem ou não atingirem o outro com suas declarações ou, mesmo, o sentimento de não querer revelar um segredo que só pertence ao grupo.

Há, também, um outro aspecto que prejudica essa reconstrução do cotidiano, particularmente na pesquisa histórica, qual seja, o de não registrar algo que presenciou, viveu ou percebeu porque pode ser, no futuro, uma forma de adentrar, provar, em relação à sociedade estudada, coisas que não gostariam que fossem, de fato, descobertas, socializadas. Justamente, por falta de registros, muita história passa pelas águas que correm embaixo da ponte e outras, que deveriam ser conhecidas, são escondidas debaixo do tapete do tempo.

Não se trata, no entanto de uma falsificação premeditada, mas um “mascaramento” da realidade, omitindo ou parecendo esquecer partes do acontecido e do vivido.

Essa omissão pode ser um ato pensado, ou não. Em alguns momentos, durante uma narração, observam-se lacunas, falhas de memória e o fato, que

poderia ser importante, se esvai, sem que haja uma ação planejada para esquecer ou omitir a informação.

Em outros momentos, a pessoa que conta um fato exige o anonimato de sua declaração, que, às vezes, é mais reveladora ou ousada, para o não comprometimento. Em outros casos, pede-se ao pesquisador que esqueça o que foi dito, que não reproduza, porque pode ser que a pessoa que viveu o incidente não fique satisfeita.

O cotidiano é, assim, cheio de verdades e mentiras, omissões e lapsos de memória; repleto de dicotomias, mas, vale a pena ser estudado e revelado, mesmo que apresente incoerências, porque, assim, se faz história, também. *“Um pouco aqui, um pouco ali...”*, como dizia o profeta Jeremias, em seu livro.

Juntando, associando, somando, comparando, analisando, refletindo, acrescentando uma informação com um registro, uma foto com uma explicação, uma partitura com um registro de programa, o cotidiano vai se desvelando e abrindo as páginas para uma nova construção do imaginário individual e coletivo.

4.2 – Ritual – uma tentativa de definição

Não é possível inserir o termo “ritual” neste trabalho sem primeiro situar, mesmo que de forma simples, a sua inserção na história e na literatura. O significado do mesmo tem dividido opiniões entre os teóricos e recebe conotações diferenciadas de acordo com as tendências:

As escolas de pensamento incluem: ritual como ação (Tylor) e ritual como crença (W.R.Smith); o enfoque semântico (Radcliff Brown) e o enfoque funcional (Durkheim e Malinowski) o enfoque psicanalítico (Freud) e o fenomenológico (Cassirer). (MCLAREN, 1991, p. 46).

McLaren acrescenta que “o campo de estudos contemporâneos do ritual é extremamente inclusivo e aberto” e pode-se notar essa menção quando o autor relata que o termo está inserido em várias disciplinas como: “... antropologia social e cultural, microssociologia, sociolinguística, folclore, crítica literária, semiologia, cinema liturgia, sociologia e dramática” (1991, p. 65).

De acordo com o tipo de estudos desenvolvidos, surgem outras interpretações. Na maioria dos casos, quando se emprega a palavra ritual é sempre evidenciando a religião ou cerimônias religiosas primitivas, como as que os indígenas, os africanos, etc. praticavam e que aparecem, com frequência, nos noticiários e documentários.

Minha percepção do termo começou quando ainda era criança, observando a liturgia utilizada na missa e na comunhão. A ordem como cada ato era desenvolvido, o levantar do cálice, as orações repetidas pelo padre e congregação, as músicas que as senhoras, com pelerini e fita vermelha, iniciavam estimulando os fiéis a participarem. Tudo isso e mais os paramentos utilizados nas reuniões exerciam sobre mim um fascínio, envolvendo-me na reverência e adoração. Depois, os rituais que envolvem a cerimônia do casamento, do batismo, da santa ceia, do lava-pés continuaram a preencher as expectativas dos rituais em minha nova experiência religiosa.

Ao expor a evolução dos estudos sobre ritual, McLaren cita Ronald L. Grimes:

Estudos de ritual é um termo inicialmente usado tanto quanto eu saiba, em 1977, quando se realizou a primeira Consulta Sobre Rituais, durante o encontro anual da Academia Americana de Religião. Assim, estudos de ritual ou ritologia, é um campo novo, não porque seja novo executar um ritual ou pensar nele. Mas porque o esforço para consolidar métodos das ciências humanas e sociais para o estudo do ritual em um contexto livre para ser transcultural e comparativo é novo (1991, p. 63).

Um dos novos campos nas ciências humanas, conforme McLaren, que se abre para estudo é o da pesquisa educacional, com a preocupação de conhecer os rituais que se estabelecem no espaço e tempo pedagógicos e institucionais, nas interações que acontecem, nos eventos planejados e realizados. No entanto, o autor aponta que: “...*concepções errôneas que ainda envolvem o termo ritual nas ciências sociais têm impedido os pesquisadores de considerar o **próprio ensino na sala de aula como uma transição ritual***” (MCLAREN, 1991, p. 57) [Grifo do autor].

Essa também é uma preocupação descrita por Lopes:

Certamente influenciada pela antropologia – mas não só – a história da educação se pergunta perplexa pelo cotidiano escolar de outrora. Tal como outros historiadores que instauraram a “outra história” ou a “história vinda de baixo” ou ainda a “história da gente comum” trata-se de compreender a história da educação a partir de dentro, como é que se fazia educação, como eram os comportamentos, de que maneira eram compostas as suas atividades de maneira a atingir os objetivos... (1992, p. 111).

Boal, define ritual como:

... um sistema de ações e reações predeterminadas. Para atravessar a rua há que aguardar a luz verde. Ao entrar na igreja, fala-se em voz baixa. As relações entre os seres humanos processam-se segundo ações e reações mais ou menos preestabelecidas pelas leis, tradições, hábitos, costumes, etc.... Estas relações predeterminadas fazem com que os fenômenos sigam caminhos mais ou menos previsíveis. [...] Por isso estes rituais são absolutamente necessários e ao mesmo tempo devem ser constantemente destruídos e substituídos por outros, a fim de que a relação entre os homens possa evoluir (1987, p. 21).

Tempo e espaço são dois conceitos importantes para estudar o cotidiano. O tempo, nesse caso, engloba o período de 1938 a 1950, e o espaço onde aconteceram as interações dos atores e atrizes que atuaram no palco educacional do Colégio Normal Rural Santa Maria é o próprio Colégio e outros contextos onde ele inscreveu e nos quais aconteceram os diferentes rituais.

4.3 – Espaços do cotidiano – A cidade e o colégio

Os espaços do cotidiano a serem revelados neste trabalho incluem a cidade de Timbaúba e o Colégio Normal Rural Santa Maria.

A cidade em tela está situada na região norte do Estado, zona fisiográfica da Mata Norte, à margem do rio Capibaribe-Mirim, onde predominava a Mata Atlântica que, aos poucos, cedeu lugar à cultura da cana-de-açúcar⁹⁵.

Na antiga Mata Atlântica ainda podem ser encontradas, nos poucos bosques, que existem, madeiras de lei testemunhando as espécies vegetais que embelezavam a região. Pertencia primitivamente à capitania de Itamaracá, doada a Pero Lopes de Souza.

O nome da cidade originou-se de uma grande árvore que havia no pátio de uma fazenda, a qual, em 1823, foi adquirida por um lavrador português, Antônio José Guimarães, que negociava com tecidos e outros gêneros, os mais variados.

Algum tempo depois esse rico fazendeiro obrigou a transferência da feira, que existia em Mocós, para o pátio de sua fazenda, originando, daí, um povoado.

Através da lei Provincial nº 1.103, de 28 de maio de 1877, Timbaúba passou a ser chamada de Paróquia, tendo como 1º vigário o padre Augusto Cabral de Vasconcelos. Naquela época, conforme a Revista Especial Timbaúba.

...a predicação de paróquia era muito importante isso, porque dava a uma povoação maiores possibilidades de desenvolvimento, pois o poder eclesiástico pressionava o poder político a ponto de provocar a criação de municípios e comarcas (1987, p. 9).

⁹⁵ Revista Especial Timbaúba – Publicação Especial da Associação Comercial, Industrial e Agropastoril de Timbaúba. Outubro de 1987. Timbaúba Ontem e Hoje, 1992 Vol. I de Lusivan Suna- Edição do Autor. Brochura. Jornal “A Noite Ilustrada” 8.9.934. Artigo: “Um reducto de civismo e aaltivez.”

O artigo continua relatando essa história, afirmando que “... seis anos depois Timbaúba foi elevada à condição de vila pela lei nº 1363 de 8 de abril de 1879 emancipando-se politicamente do município de Itambé” (1987, p. 9).

Mas, a vida não pára e, com ela, as mudanças são freqüentes, envolvendo a comunidade com novas regras no jogo. O artigo segue relatando que:

...três anos depois, em 21 de fevereiro de 1882, é empossada a primeira Câmara Municipal. [...] Embora a comarca e o município tivessem sido criados simultaneamente em 1879, o foro civil foi instituído em 6 de março de 1882 por portaria governamental. [...] Com a proclamação da República, foi eleito o 1º prefeito – Isidoro da Cunha Cavalcanti em 1891 (1987, p. 9).

Com o desenvolvimento há, também, essa mudança na geografia dos espaços onde se vive. Citando Mário Melo, a revista mostra essas alterações. “Onde outrora faziam correrias os cariris e onde campeava a brutalidade do autoritário português, hoje se ergue num surto de progresso que honra Pernambuco, uma das grandes cidades do interior do Estado” (1987, p. 10).

Quatro anos antes da reinauguração do Colégio Santa Maria, o jornal “A Noite Ilustrada” apresenta Timbaúba como “*Um reducto de civismo e altivez*”, e denomina a cidade como “... *um poderoso município do norte do Estado numa nova era de progresso. A agricultura, a pecuária, a indústria e o commercio timbaubenses, atingiu actualmente, a uma situação realmente notável*” (8.9.1934).

Os espaços e as alterações comentadas parecem mostrar uma época, um momento na história de uma administração política. No artigo são citadas várias obras levadas a cabo:

... uma cisterna com capacidade para 60.000 litros, um pavilhão sanitário, com banheiros; um almoxarifado para materiais diversos; o serviço de iluminação a álcool, na vila de Crongé e um Mercado Público; o novo mobiliário do salão do Fórum; (...) remodelação do Grupo Escolar D. Pedro II com aquisição de

material pedagógico e mobiliário escolar; remodelação e ajardinamento da praça João Pessoa (... bancos nas praças Siqueira Campos, João Pessoa, 13 de Maio e 5 de Julho (8.9.1934).

A cidade é redimensionada a cada ano para, usando uma expressão de Rezende, tornar-se a “moradia dos homens”. Para que seja viável essa moradia, é preciso que ela seja:

...cheia de sonhos e de desejos. Sonhos e desejos que um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos de memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidos para sempre. Mas sonhos e desejos que se reinventam e se transformam. Assim é a cidade, a grande moradia dos homens (REZENDE, 1997, p. 21).

Na construção permanente dessa cidade, surgem novos espaços e estruturas:

...construção de uma galeria de 330 metros, desviando da villa sanitária parte das águas fluviais e segundo o eixo da rua Cel. Antonio Vicente para lança-la no rio Capibaribe; [...] calçamento da praça Carlos Lira, [...] construção de um Grupo Escolar; [...] instalação do Posto de Hygiene e a contribuição do Serviço de Prophylaxia Rural sem contar o da Febre Amarela (8.9.1934). (JORNAL “A NOITE ILUSTRADA”, 1934).

Mesmo depois de tantos anos, vê-se a sua história nas ruas e praças, nos sobrados e vilas. Novamente recorrendo a Rezende:

O nosso olhar percorre suas ruas como se elas fossem “páginas escritas,” querendo adivinhar as histórias que elas escondem, traduzir a língua difícil dos sentimentos que construíram o seu cotidiano, seus tantos símbolos que os homens teimam em decifrar, como se elas pudessem ter, apenas, um significado (1997, p. 22).



Uma Página da História

As ruas e praças são as mesmas por onde tantas alunas e professores transitavam, devagar ou depressa, encaminhando-se para as múltiplas obrigações com o cotidiano que envolvia suas vidas na cidade e no colégio, numa mistura de rituais, sonhos e desejos que escondem uma história que nem sempre é exposta.

Nem tudo sobre essa cidade foi registrado em seus arquivos, mas há em cada canto um pouco para conhecer e mistérios escondidos, que são quase impossíveis de descobrir. Há um quê no ar que parece querer esconder, guardar as histórias, numa caixinha de segredos, como se só pudessem pertencer a esse povo, a essa comunidade. Rezende fala desses registros:

Os registros e os vestígios das cidades e das suas histórias são infinitos. Tiveram, certamente, um começo, no entanto se multiplicaram, se redimensionaram, se metamorfosearam, tantas vezes, que fica difícil explicá-los pelas suas origens. Como são ou como foram “realmente” as cidades é impossível saber. Algo as protege e as envolve, as cidades são os territórios do sagrado e do profano. No que um se revela, noutro se esconde, às vezes os confundimos, encantados pelos seus símbolos. Não há, portanto, como pretender esgotar as cidades e as suas histórias. Elas se refazem, pois os medos e os desejos dos homens se refazem e alimentam o fluir da história (1997, p. 24).

Há na cidade a falta de um espaço que guarde as memórias escritas e fotografadas. Um arquivo dos periódicos e histórias da comunidade. Cada morador antigo pode ser comparado a um arquivo vivo. Cada residência, uma possibilidade de ser uma guardiã da história. Pedacos da biografia da cidade estão espalhados pelas ruas e, caso houvesse tempo, construir-se-ia uma nova história sobre ela.

Tive essa impressão quando o Secretário de Administração da Prefeitura fez uma verdadeira “tourné” por várias residências e, até mesmo, instituições, para cavoucarmos informações sobre o período em estudo. Esse é um dos grandes desafios do historiador: encontrar as fontes para reconstruir a pesquisa.

Nessa cidade – que parecia estar se preparando para receber as freiras franciscanas de Maristella – moravam, aproximadamente, 60.000 pessoas. À época, ela era considerada um dos poderosos núcleos de Pernambuco, em virtude do grande número de engenhos e fábricas de redes e calçados⁹⁶ possuía.

Foi nesse contexto, mas sob uma nova administração política no município que o colégio foi reinaugurado para, daí em diante, escrever mais um capítulo na história da cidade de Timbaúba.

Os rituais que envolveram esse cotidiano escolar misturavam-se com os rituais que envolviam a cidade e, até mesmo, os que ocorriam em níveis estadual e nacional. Como exemplo, foi mencionado, no livro do Movimento Escolar do Colégio, o registro da comemoração do aniversário de Getúlio Vargas e de Agamenon Magalhães, o que comentarei no momento adequado, quando forem relatadas as comemorações.

4.5 – Tipos de Rituais

Considerarei alguns pontos importantes para tentar explicar o vivenciado nos espaços da cidade de Timbaúba e no cotidiano do Colégio Normal Rural Santa Maria

Uma classificação foi feita para que houvesse uma melhor compreensão na expressão desses rituais.

Em primeiro lugar, descreverei o método de ensino utilizado no Curso Normal Rural, procurando evidenciar os saberes, já descritos no capítulo anterior, em transmissão/construção através das aulas que privilegiavam a memorização e o estímulo dado à competição.

⁹⁶ Estas informações foram mencionadas no livro “Movimento Escolar do Colégio Santa Maria” e na Revista Especial Timbaúba.

Outro aspecto que considero importante destacar é o tipo de comportamento exigido das alunas e que disciplinas eram aplicadas para o controle do corpo, dos gestos, através do fardamento, no espaço escolar e fora dele. Destaco, inclusive, as sanções aplicadas quando as “normas” eram desrespeitadas. Para McLaren:

As normas, [...] porque estabelecidas pelas exigências da cultura na manutenção do *status quo*. A quebra das normas é uma resposta lógica às condições expressivas do “estado de estudante” e ocorre na maioria das vezes quando o puro autoritarismo do professor se torna demasiado para suportar (1991, p. 203).

A avaliação no Colégio fazia parte de todo um ritual, que procurarei, também, descrever. O preparo e tipo de provas, as bancas examinadoras, os conceitos e premiação e qual nota era melhor para formar essa mulher competitiva no mercado e na sociedade.

Perpassando o cotidiano em todos os níveis de atividades estava a religiosidade, desde a hora de acordar com o som do sino estridente a tocar, até a hora de descansar e sonhar todos os sonhos possíveis e impossíveis de serem realizados. A religião estava presente na hora de formar a fila; nas aulas, nas diversas festas, como aniversários, formaturas, primeira comunhão, noites marianas, das Missões e nos retiros das alunas e das madres.

As festas promovidas pela escola merecem ser contempladas: as cívicas, as teatrais, as de colação de grau e as mais evidentes nos livros de atas e na memória das alunas: a data onomástica da madre superiora, a das Missões e as noites marianas. Por último, descrevo os desfiles e apresentações promovidos e compreender a que solicitações e situações o colégio estava atendendo quando aparecia em público.

Mas, afinal, como era organizado o dia-a-dia da escola? Como esses rituais eram incorporados à sua rotina?

Entre todas as entrevistadas, só a aluna nº 10 lembrava, praticamente, de todos os principais momentos de um dia na escola:

“05:00 – Despertar (Uma irmã passava, tocando um sininho, acordando as internas vocacionadas. As vocacionadas dirigiam-se para suas orações particulares. Em alguns dias as orações era com a coletividade das vocacionadas).

06:00 – Missa pelo capelão do colégio junto com as outras alunas internas. Aqui, o capelão morava no colégio ou na paróquia.

06:30 – Café da manhã – Não se admitia atrasos.

07:00 – Vocacionadas que estudavam e internas desciam para formar no pátio, junto com as externas.

Cantos: Hino Nacional, Hino da Bandeira, Hino da Escola...

Rezas: Ave-Maria, Credo, Pai Nosso, Salve Rainha, Santo Anjo...

Cantos: Ave-Maria, Maria de Nazaré, etc.⁹⁷.



Formando no pátio

07:30 – Aulas – Antes de começar cada aula havia reza e se chegasse alguém na sala a turma levantava e dizia “bom-dia”. Havia uma saudação diferente quando a Madre

⁹⁷ Nem todos os cantos e rezas mencionados eram rezadas e cantados no mesmo dia. Dependia da freira que estivesse dirigindo e da ocasião.

Superiora entrava, chamada ejaculatória: “Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!” e as alunas respondiam: “Para sempre seja louvado.”

12:00 – Término das Aulas – Todas saíam em fila de suas classes. As internas para seus aposentos e as externas dirigiam-se para casa. Sem conversa, sem correria, em silêncio.

Almoço.



Cozinha



Refeitório

À tarde:

- Internas: sala de estudos e terminar trabalhos manuais com a presença das mães para orientar e fiscalizar.*
- Vocacionadas: Varrer as salas, depois um tempo para estudar, em seguida catar feijão, arroz e enquanto trabalhavam, cantavam e rezavam o terço.*

17:00 – Reza para as vocacionadas

18:00 – O sino tocava para homenagear Nossa Senhora e onde as alunas estivessem rezavam a Ave-Maria.

19:00 – Jantar

À noite: Participavam de algum programa que o colégio fosse apresentar ou podiam estudar as lições, principalmente as internas vocacionadas.

22:00 – *Repouso.*

*Silêncio absoluto*⁹⁸.



Dormitório

Como se pode observar no depoimento acima, o cotidiano escolar, além de estar extremamente cronometrado, parecia não ser o mesmo para os dois grandes tipos de alunas que freqüentavam o colégio: de um lado, as internas e de outro, as vocacionadas, em geral pobres, que vinham de outras cidades para receberem uma formação religiosa e se tornarem integrantes da congregação. Segundo uma das entrevistadas, *“as irmãs, procuravam, nas cidades, moças simples para se tornarem freiras”* (9).

Duas das (ex)alunas internas contaram como era esse ensino para as internas e as vocacionadas ou candidatas.⁹⁹ Uma delas afirmou que:

“As internas vocacionadas... as mais competentes estudavam. Competentes para as madres eram as brancas, que também eram consideradas alunas inteligentes. As pardas e negras iam para o trabalho. Às vezes, estudavam, mas, não era o estudo valorizado; o que as outras estudavam. Para as que as freiras deixavam estudar, o ensino era o mesmo que era oferecido para as alunas da elite” (10).

Continua o seu depoimento enfatizando essa diferença:

⁹⁸ A roupa de dormir era um camisolão até os pés. Tão composta que quando uma freira saía do convento ou depois que a severidade foi afrouxada, as alunas vocacionadas sentiam dificuldades em vestir algo que, mesmo sendo considerado roupa decente, não achavam de todo composta.

⁹⁹ Vocacionadas ou candidatas eram as alunas, geralmente pobres que iam para o colégio.

“Conheci uma dessas que era negra. Muito competente, mas o trabalho dela era pesado, mesmo. Trabalho de homem. Ela cuidava da jardinagem, do pomar, da roça; carpindo, limpando, catando café e frutas. Cuidava, também, da limpeza do prédio e arredores. Também era responsável para torrar café para o colégio. Às vezes, essas moças negras, que eu achava uma injustiça, eram acordadas três, quatro horas da manhã, às vezes, com chuva, para começarem a trabalhar” (10).

Tinham, ainda, outras responsabilidades:

“Eram, também, responsáveis para lavar a roupa das freiras, das vocacionadas e do colégio, tanto das pardas quanto das brancas. Era muito trabalho. Poucas alunas pardas tiveram a sorte de, vocacionadas, estudarem normalmente”.

A outra confirma, em parte, essa versão:

“À tarde, a gente estudava as lições pro outro dia e, como vocacionada, tinha os trabalhos domésticos. Por exemplo, ajudava na limpeza dos salões, fazia alguma coisa no jardim...” (2).

Os “mestiços”, como eram chamados os brasileiros em geral, exceto aqueles de descendência alemã, são mencionados na política do III Reich,

Na luta pela existência, os povos mestiçados, desprezíveis hordas de mulatos (“Mischlinge”) não podiam pretender um “*status*” moral e político que os ponha em pé de igualdade com as gentes nórdicas. “Um povo de mestiços jamais será um povo verdadeiramente culto” (Einen Menschen als, Kulturtraeger... ergibt eine solche Mischung niemals) (ADOLF HITLER apud COLLOR, 1942, p. 103) [Grifos do autor].

Em outro depoimento se confirma essa predileção que existia por parte das freiras e a exaltação de sua raça.

“Elas faziam questão de dizer que eram de uma raça superior. A prepotência. Elas eram prepotentes. Isso não diminuía, em nada, pra gente. Elas eram severas... eram severas... uma raça de puro sangue, de muita força. É uma raça trabalhadora, de uma intrepidez sem limite” (5).

4.6 – O método de ensino

O como aprender e o que aprender estão imbricados no currículo que se adota, tanto de forma escrita como nas práticas que se estabelecem no que se chama de currículo oculto, já definido em momento anterior.

De acordo com esse currículo e escola pode-se sentir como se produzem/produziam as diferenças e identidades sociais através dos conhecimentos e saberes socializados.

As aprendizagens efetivadas na formação da mulher estão delineadas nas práticas cotidianas de ensino, seja no conteúdo das disciplinas, nas roupas escolhidas para fardamento ou apresentações, nos espaços que ocupam e que devem se limitar, no controle dos movimentos e gestos.

A escola é um dos espaços para construir e formar essa diferença – ser mulher. É nela que se definem os sentidos e significados de uma performance na sociedade.

O Colégio Normal Rural Santa Maria dedicou-se a formar meninas para serem mães, professoras rurais, religiosas, e que cuidassem bem do seu corpo, haja vista a ênfase dada às disciplinas que participavam dessa formação, como História Sagrada, Pré-Orientação, Educação Física, Higiene, Jardinocultura, Pedagogia, entre outras.

De acordo com Almeida (1998), Horta (1994) e Schwartzmann (1984), no período, o discurso que circulava não só na imprensa, mas em outros meios de controle social, é que às mulheres fossem reservadas as qualidades de submissas, prendadas, obedientes, recatadas e que, dedicadas à profissão de professoras, revelassem a mãe e a vocação para a qual foram chamadas.

O projeto pedagógico do Estado Novo – época em que este trabalho se insere – colocou a educação desse novo regime autoritário tendo como princípios básicos a religião, a pátria e a família, conforme Horta (1994).

Assim acontecia o processo de ensino-aprendizagem, devidamente orientado para servir ao ideário pedagógico reificado pelo Estado, pois:

Atribuía-se à educação a possibilidade de adestramento e submissão da sociedade à nova ordem política: do colégio elitista - formador da *intelligenza* política dominante, os futuros líderes - às escolas profissionais - formadores de mentes a serem dominadas. As mentes seriam forjadas no novo paradigma pedagógico, edificado nos conceitos de ordem, autoridade, tradição e nacionalismo. Neste ideário, o Estado afirmava-se como totalitário e dedicado à coletividade e o indivíduo era apresentado como parte integrante do todo (ALMEIDA, p. 2001, p. 62).

Segundo Almeida, o Estado Novo privilegiava a educação para erradicar focos de resistência e utilizava a imprensa secular e religiosa para exercer o controle, tanto da elite quanto dos dominados, que primavam pela obediência e fidelidade ao Estado.

Assim o discurso oficial nega a neutralidade da educação e aponta para um ensino partidário, reproduzidor da ideologia vigente. Com este mesmo sentido, o ensino foi reificado em Pernambuco, como mola propulsora para a consolidação da nova ordem política. [...] à frente do laicato católico em Pernambuco, Congregado Mariano, porta-voz de uma ideologia autoritária e nacionalista (ALMEIDA, 2001; p. 38).

Agamenon, através da Folha da Manhã, procurava doutrinar o Estado sempre enfatizando o papel da educação e como deveria promover a regeneração do Estado. Almeida acrescenta que:

Defendendo a idéia da educação pelo Estado, o período faz apologia ao paradigma pedagógico do III Reich. O artigo "Educar-se a criança alemã sob o controle da autoridade", publicado em março de 1938, aponta o crescimento daquele país como consequência do controle estatal sobre o sistema educativo (2001, p. 39).

São dele as palavras:

... todas essas conquistas sociais do Reich são uma consequência da imensa tarefa educacional a que ele se entregou. Certo os seus grandes homens, que unicamente pela educação é possível criar uma Nação e engrandecer um povo. Educar é também o problema fundamental do Brasil; resolvendo-o teremos resolvido afinal os nossos destinos (MAGALHÃES, apud ALMEIDA, 2001, p. 40).

Não é sem razão, portanto, que a entrada de inúmeras freiras educadoras alemãs foi aceita durante esse período, especialmente as franciscanas de Maristella, que já tinham experiência em educação, antes e durante o III Reich, como pudemos ver no primeiro capítulo deste trabalho. Também, não é por acaso que o governador Agamenon Magalhães saiu de Recife para visitar o Colégio Normal Rural Santa Maria, em Timbaúba, em menos de dois meses de funcionamento, e escreve no livro de visitas:

O Collegio de Santa Maria de Timbaúba está destinado a exercer uma grande influência cultural na região norte do Estado. As irmãs de S. Francisco vindas da Alemanha para Pernambuco trazem, não só a doutrina cristã, com um tirocínio pedagógico proveitoso e útil para a obra educacional. 29.8.938 Agamenon Magalhães (LIVRO DE VISITAS, p. 4).

O Colégio Santa Maria, através das madres franciscanas, iniciou as suas atividades em junho de 1938. A impressão que se tem, através da análise das fotos, é que todas as ações já estavam planejadas e devidamente organizadas para atuarem, sem demora. Chegaram no dia 28.06.1938 e iniciaram as aulas em 10 de julho desse mesmo ano.

No livro de crônicas, aspectos desse cotidiano inicialmente vivido são relatados:

Fim do ano: A vida escolar, agora segura e ordenada. As franciscanas assumiram sempre maior número de aulas. Não era difícil demais, pois os brasileiros tinham muita paciência, amabilidade e respeito o que facilitou o trabalho e ajudou a vencer as dificuldades. A vida na comunidade religiosa era toda familiar percorrendo igual ao estilo da terra natal¹⁰⁰ (p. 8).

O ensino no Estado Novo era direcionado para modelar os alunos como se eles fossem uma massa, a qual pudesse se transformar de acordo com os conceitos reificados pelo regime: serem bons, com atitudes morais, intelectuais e físicas exemplares. Através da religião, da educação e do nacionalismo evidenciados pela pregação contra o comunismo, o Estado procurava, a exemplo do III Reich, construir um novo país.

No Colégio, apesar de o ensino ser direcionado pelas freiras alemãs, pelo menos de forma aparente às alunas e à sociedade, elas procuravam cumprir o seu papel no ideário educacional do Estado Novo: educar com religiosidade e preparar alunos saudáveis, através dos exercícios diversos e do controle.

Para descrever como era ministrado o saber nas salas de aula, utilizo os depoimentos daquelas que fizeram parte do cotidiano:

“As aulas eram expositivas. O professor sabia tudo e as alunas, nada. Se tentasse interferir era chamada a atenção ou convidada a sair para fora [sic] da sala de aula. O professor era o dono do saber. Não havia nenhum tipo de interação. Era muita memorização. O sistema exigia a decoreba” (10).

“Elas ensinavam tudo dentro do programa de ensino e método do Ministério de Educação. [...] O colégio, aqui, sempre foi elogiado pelo rigor do estudo... pelo rigor do ensino” (12).

¹⁰⁰ Esse relato encontra-se no livro de Crônicas em Alemão e pode-se notar como o estilo alemão era preservado no Colégio

“Acompanhavam o currículo daqui. Agora, naturalmente com muita exigência, para que os alunos aproveitassem o tempo, para que estudássemos as lições. Tanto é que todos os dias tinham lições orais. Chamava-se ponto oral” (2).

De acordo com o depoimento das alunas os conteúdos tinham um grande apelo à memorização. Para decorar, estudavam muito e a maioria delas se achava capaz. Elas afirmaram que faziam muitos exercícios práticos para uma melhor compreensão. As freiras utilizavam ilustrações variadas, segundo as alunas, porque elas não falavam bem a língua e faziam comparações e experiências para facilitar a aprendizagem.



Laboratório de Ciências

No livro de atas há declarações do comportamento das alunas diante das atividades pedagógicas.

Lia-se no rosto de todas uma grande alegria. Estando em pleno contacto com a natureza, tivemos ocasião de conhecer melhor a alma infantil, dada a espontaneidade com que ela era manifestada através dos sentidos. Em muitas, notamos o espírito de observação.[...] Voltavam quase constantemente a atenção para as pequeninas coisas da natureza¹⁰¹.

O relato continua chamando a atenção para a sede de saber das alunas:

Em outras, a sede de saber interrogando com uma curiosidade sobre as aparentes contradições entre a natureza e as lições de historia natural, dadas entre as quatro paredes da sala de aula. Todas estas duvidas e observações eram resolvidas pelas mestras, com grande satisfação, por estarem convencidas que

¹⁰¹ Relatório do Movimento Escolar no ano letivo de 1939, página 6 (verso). Essa atividade a que se refere a citação foi uma excursão realizada no dia das Crianças.

são estes momentos mais adequados para sacudir conhecimentos em suas inteligências. Festejamos assim o dia da criação com o melhor aproveitamento para o corpo e para o espírito (RELATÓRIO DO MOVIMENTO ESCOLAR, 1939, p. 6v).

A teoria e a prática eram sempre consideradas nas aulas. Esses são aspectos que Sacristán (2000, p. 207) refere-se ao explicar o currículo: “O significado da prática e do currículo na ação pode ser analisado a partir das atividades que preenchem o tempo no qual transcorre a vida escolar, ou que se projetam nesse tempo, e como se relacionam umas tarefas com as outras”.

Na interação professor x aluno o conhecimento e o saber profissional articulados estimulam a aprendizagem, seja num estilo expositivo ou em situações de diálogo. Cada professor, seguindo seu próprio método de abordagem e procurando cumprir o currículo, apresentava os conteúdos. Alguns causaram mais impressão, de acordo com as referências feitas pelas entrevistadas ao professor Lauro Câmara, Madre Timótea e à Madre Helfrieda.

Algumas delas diziam que a irmã Helfrieda “era a alma do colégio”. Dr. Lauro Câmara, para duas delas, “não era um bom professor” e para as outras, “tudo o que aprendeu de bom em Português foi nas aulas dele”.

O que elas sabiam e deviam fazer, e consideravam como obrigação, era obedecer e estudar, mesmo que a pessoa que ensinasse não fosse tão desembaraçada ao expor, devido à dificuldade com a língua. Percebe-se que havia dificuldade para compreender o que as alemãs falavam:

“Graças a Deus fui bem comportada... Prestava atenção, se bem que com dificuldades, por isso aí. Elas, alemãs, né?, vieram sem saber falar Português. O pouquinho que sabia... horrível! Então, as salas, quando acontecia... As aulas de Religião, por exemplo, era a madre

que dava... e poucas matérias... a pronúncia!... E, a gente não sabia de nada. Então, a turma ria... bagunçava... A madre dizia, assim:

‘Olhe, não prestar atenção, depois, dizer: não compreendo!’ A gente ria... Finalmente, a gente estudava no limite pra passar. Porque eu não entendia muito bem” (4).

Além do ensino diferenciado e baseado na memorização, a competição era estimulada através das notas e premiação, a qual é legislada pelo Regulamento da Escola Normal de Pernambuco¹⁰² e praticada no Colégio, conforme relatos no livro de atas “Movimento Escolar”. As notas e a luta das alunas para alcançarem sempre os primeiros lugares faziam parte da memória de algumas delas.

No Regulamento, o suporte legal:

ART. 249 – Aos alunos da Escola Normal que durante o curso obtiverem maior número de aprovações distintas, sendo sob parecer da Congregação conferidos 2 prêmios: 1º - JOÃO BARBALHO; 2º - AIRES GAMA.

PARAG. 1º - Só será conferido o 1º prêmio ao aluno que obtiver dois terços de aprovações distintas sem ter sido simplificado ou reprovado em nenhuma matéria.

PARAG 2º - O 2º prêmio será conferido ao aluno que obtiver metade de aprovações distintas sem ter simplificado nem reprovado em nenhuma matéria.

ART. 250 – Em caso de absoluta igualdade de condições poderá a Congregação conferir mais de um prêmio da primeira e da segunda categorias.

PARAG. ÚNICO – A Secretaria fornecerá à Congregação todas as informações para o julgamento.

ART. 251 – Os alunos que obtiverem o prêmio JOÃO BARBALHO terão direito a uma cadeira de 3ª entrância e os que obtiverem o prêmio AIRES GAMA terão direito a uma cadeira de 2ª entrância e a preferência em igualdade de condições para preenchimento das vagas de 3ª entrância¹⁰³.

No livro de atas “Movimento Escolar” a cronista registrou:

¹⁰² Decretos e atos da Interventoria Federal. Ano de 1939 Jan. Fev. e Março. Imprensa Oficial – Recife, 1939 – Decreto nº 293 de 8 de Março de 1939

¹⁰³ Conforme já referido, a classificação das entrâncias com a relação dos municípios encontram-se em anexo.

Alunos que pela sua constante aplicação durante o ano letivo, mereceram prêmios de distinção:

I – Aplicação: 2º ano Pedagógico 1º prêmio: Olga Leite – com a média 97; 2º prêmio: Maria José Ferreira Lima – média 94 (1943, fl. 25).

Nas entrevistas constata-se o mencionado sobre a competição e destaque dessas alunas:

“Olga era a primeira de todas desde o começo. Essa era a primeira de todas. No último ano eu tirei a mesma nota que ela, tirei 97, mas me botou no terceiro lugar porque era a caçula. A madre se justificou porque não podia ter terceira primeira. Aí, ela, me botou no terceiro, mas, tudo bem” (6).

Quando perguntei se havia um grupinho na sala que se destacava, uma das alunas explicou:

“Não. Tinha essas meninas... [e apontou na foto da primeira formatura] era o problema de nota. Isso aí, a nota; essas coisas, principalmente Olga. Olga só queria ser a primeira da turma. Olga é essa. [Mostrou-a na foto]. Olga só queria ser a primeira da turma!” (13).

“Apesar de ser a caçulinha da turma, mas as outras tiveram boas notas... e eu não queria ficar por baixo... e eu não tinha outra coisa pra fazer... As outras ainda ensinavam; outras, diretora do grupo... e eu não passava por isso tudo. [...] E... a minha tarefa era estudar. Estudava. E, graças a Deus... e fui bem sucedida. .”(4).

Sirota explica que esses “grupinhos” são formados “... - através da classificação e das apreciações feitas sobre os alunos ou os professores – quanto no posicionamento realizado através das seqüências repetidas de

interações específicas entre o professor e este ou aquele tipo de alunos” (1994, p. 57).

Essa luta para estar entre as melhores também foi constatada em outras turmas, além da primeira:

“Mas, para honra da vida e pra não baixar minhas notas... que naquela época a gente tinha a vaidade de só tirar 100, 100, 100. [...] E havia uma disputa entre umas três ou quatro [...] e a gente fazia tudo para se distinguir uma da outra. Procurava sempre estar na escala de cima” (12).

A competição faz parte da sala de aula e McLaren, contextualiza essa realidade:

A cultura da sala de aula não se manifesta como uma unidade pura ou desencarnada, uma entidade homogênea, mas é ao invés disso, descontínua, turva e provocadora de competição e conflito: em uma coletividade cheia de “competições” entre ideologias e disjunções entre condições de classe, cultura e símbolos (1991, p. 31).

Como já foi mencionado no capítulo anterior, apesar desses aspectos, o curso era bastante elogiado pela maioria das alunas: *“O nosso curso Normal Rural vale por uns trinta de hoje” (12).*

Nesses depoimentos, as alunas confirmam que havia um ensino diferenciado, mas, também, um bom curso, uma competição que não chegava a criar discórdias aparentes e a discriminação gerava oportunidades diferenciadas de acordo com os critérios estabelecidos ora pelas irmãs, ora pelo próprio sistema educacional, político e econômico da época.

Ao terminarem o curso, geralmente as melhores da turma eram convidadas para ensinar no próprio colégio. Assim, a escola tinha a chance de

perpetuar a metodologia utilizada pelas freiras. Não só o método, mas toda a ideologia da ordem franciscana.

Outras alunas eram nomeadas pelo Estado para lecionarem em escolas da rede, como esse depoimento confirma:

“Fui nomeada para o interior. Fui nomeada para Orobó. Passei um ano lá. [...] Depois, eu fui para Itambé, porque eu tive oportunidade de ir. Não foi prestígio político, a verdade é essa” (4).

Essa menção ao prestígio político foi feita por outras entrevistadas:

“Eu peguei uma cadeira no Estado. Foi o Dr. Ferreira Lima. [...] Ele gostava de sentar na praça. Aí eu me sentei junto dele e disse: - Olhe, eu terminei! Ele respondeu: ‘Terminou? Que beleza!’. Me deu um abraço!. [E ela continuou]. Agora eu quero ensinar. Ele respondeu: ‘Fale com Elisabete. [...] Diga a ela que fale com Ciro Rabelo e lhe bote’” (11).

O político referendava e esquematizava onde colocar os seus afilhados

“Eu queria ensinar no interior. De preferência perto de Timbaúba, e consegui através de uma amiga, filha de um político. Ele precisava de uma professora para a escola da fazenda. E fui lecionar numa Escola Rural e pude colocar em prática o que aprendi”.(5).

Ser professora nomeada pelo Estado era um privilégio. Esse costume é também relatado:

“Ah! Naquela época professora do Estado... ser indicada por um grandão... Eu tinha o Dr. Ferreira Lima que era deputado estadual, presidente da Caixa Econômica, o iscambau [sic]. Aí, eu tinha peixada, aqui. Depois me aposentei, fiquei dois anos em casa mesmo,

fui convidada para ser diretora do DERE de Nazaré da Mata. Passei quatro anos lá” (7).

Por falta de espaço e tempo – limitações encontradas no processo de relatar a história – não é possível registrar todas as referências feitas pelas alunas e pelo livro de atas “Movimento Escolar” ao método de ensino do Colégio. Mas, escolhi uma citação que deixa clara a conexão do ensino com a qual o Estado esperava que fosse efetivado nas escolas:

Na semana da Pátria – todo o ensino facultado às alunas, visava um fim altamente expressivo – procurava incutir no ânimo infantil o verdadeiro sentimento do amor da Pátria. Neste sentido foram feitos cartazes com inscrições alusivas à Pátria; quadros, desenhos representando as principais produções de cada Estado, bandeiras pintadas, mapas geográficos, etc. Também as aulas de canto, ginástica, ciências, tinham o mesmo objetivo, isto é, incentivar e reavivar no aluno a admiração, o amor e o respeito afim de que deste modo êle [sic] viesse compreender melhor o valor e significação da Pátria (1942, fl. 18).

As alunas, como foi mencionado, preparavam-se para exercerem sua profissão e eram reconhecidas pelo próprio Colégio, pela sociedade ou nomeadas para ensinarem na rede estadual de ensino.

4.7 – Avaliação, uma forma de selecionar.

A avaliação pode ser comparada a um fantasma, tanto pelo seu intuito de controlar quanto pela seleção que acontece, sem desconsiderar a relação de autoritarismo que se encontra embutida no seu processo. Ela permeia os espaços do cotidiano e invade a sala de aula, o pátio, as comemorações e os exercícios. Através do comportamento, em todas as situações a aluna era medida, observada, controlada.

As práticas, em sua maioria repetitivas, têm a finalidade de classificar. São exercidas por aqueles que detêm o poder de controle. De um lado, o

professor, com a imposição do assunto a ser dado, dos pontos selecionados para memorização e da cobrança nas atividades desenvolvidas dentro e fora da sala de aula.

Do outro, está o aluno, que participa, “submisso”¹⁰⁴, da aula, da cópia dos pontos, das aulas expositivas ou não e do terror das provas orais, enfrentando a banca examinadora, dissertando, diante dela, sobre o ponto sorteado, sem contar as provas escritas realizadas, mensalmente, com os próprios professores.

A avaliação faz parte do processo de ensino-aprendizagem com a finalidade de aprovar ou reprovar e funciona como um instrumento que sanciona. Em particular, eu diria que as conseqüências desse instrumento não só atingem a criança, mas a todos os alunos, em qualquer momento de sua vida educacional e, muitas vezes, os marcam para sempre. Além disso, se a avaliação for centrada na observação da conduta, tudo o mais que acontece nos processos subjacentes deixa de ser considerado.

Através do depoimento de uma das alunas, nota-se esse processo subjacente que ela não podia explicar, mas, poderia ser punida. Ela estudava com livros emprestados e conta o incidente:

“Uma vez, tive um teste com a Madre Emanuela, porque ela queria que eu riscasse o livro de vermelho, e eu não risquei. Ela veio pra cima de mim com muita fúria e eu não me defendi. Só disse a ela que não podia riscar. Eu me senti... Era uma hora pra dizer... Mas, se eu tivesse dito a ela porque não, ela me punha até pra fora” (12).

O teste foi aplicado como uma punição e se a aluna, nesse caso, explicasse o porquê de não poder riscar o livro, sentir-se-ia humilhada perante a

¹⁰⁴ Coloco a palavra submisso entre aspas porque o aluno não se apresenta de todo submisso. Há conflitos, controvérsias, mas, no geral, essa submissão existia. Mesmo estando certas, algumas alunas ficavam caladas com medo de serem punidas.

turma porque não tinha condições de comprar o seu próprio livro e utilizá-lo como a Madre gostaria que fosse. E tinha outra implicação: se ela respondesse à Madre seria convidada a sair da sala e, ainda, defrontar-se com a Madre Superiora, na diretoria.

Essa relação professor x aluno aparece como desigual na medida em que o aluno, principalmente na época em estudo, não tem a fala, nem os movimentos como instrumentos de defesa. É o que se verifica na aula de metodologia:

“Ai de quem não preparasse bem as aulas! Ai de quem não levasse as coisas direito! Quem ousava brincar?” (11).

“As mestras da turma, da metodologia. Ela ficava na sala. Lá no cantinho da classe e a gente dava uma de professora... Morrendo de medo, tremendo... na hora que ela desse a nota, de lá” (8).

Uma outra aluna descreve o comportamento adotado por um dos professores:

“Tinha um professor que era muito engraçado. Não dava bronca nenhuma. Mas, ele furava o jornal e ficava lendo pra ver quem estava filando. Quem avisou foi a esposa dele. ‘- Fulana, cuidado! Não file na prova de fulano. Eu descobri que ele fura o jornal pra ver quem está filando!’” (7).

Esse processo de avaliação não ocorria sem resistências. Não havia tão completa submissão como era de se esperar. Aqui e acolá, as alunas “aprontavam”:

“Eu nunca filava na minha vida. Eu morria de medo. Fulana gostava de filar. Ela filava. E eu, morrendo de medo. Não queria nem dar o livro. Ela abria o livro dentro da bolsa, copiava uma coisa... Empurrava

com a barriga quando o professor vinha pro lado de cá... e eu, morrendo de medo. Eu tinha o maior medo de repreensão” (7).

A mesma aluna conta a resistência que aconteceu também numa prova escrita e vê-se, nesse depoimento, mais um tipo de fiscalização. As convocadas que faziam parte da sala de aula, também, delatavam:

“Uma vez, a minha turma toda filou, numa prova. E a minha turma tinha duas candidatas a freiras que denunciavam tudo. Então, elas denunciaram... que a gente tinha filado. Chamaram; a turma toda pediu desculpa, pediu outra oportunidade. Ela disse: ‘Vou dar outra oportunidade. Cada fila vai fazer uma prova diferente’. Aí, fez: Cada uma fila fez uma prova diferente e todo mundo se saiu mal, porque não sabia, mesmo; não tinha estudado. Era assim... Era assim, muito rígido” (7).

Em um outro incidente, uma das alunas descobriu o ponto da prova e avisou para a turma. Muitas estudaram todos os pontos sem confiar na informação que receberam, mas houve quem confiasse. E quando o professor corrigiu a prova e chegou na escola:

“Ele enlouqueceu. Jogou as provas no birô e se disse traído. A madre escutou e o resultado foi um zero, em comportamento, no boletim e, ainda, punidas no recreio” (9).

Com esse comportamento nota-se como a avaliação é usada como um instrumento de poder e, também, para avaliar o desempenho.

Para que as provas fossem realizadas, como já dissemos, havia os pontos que eram dados para as provas escritas e as orais. Em cada disciplina, os vários pontos que eram sorteados no momento das provas eram, geralmente,

compostos de três quesitos, como, por exemplo, o 8º ponto para o 3º ano Secundário do Curso Normal Rural, na prova oral, realizada no dia 03.12.1943:

“1º Dissertar sobre a densidade.

2º Descrever uma balança de laboratório:

3º O que é matéria. Quais as suas propriedades?” (fl. 37 verso)

Marcava-se no calendário escolar a data de cada prova oral, para a qual eram escolhidos professores diferentes para presidirem as respectivas bancas examinadoras. No livro de atas estão definidos os representantes de cada banca em cada prova, como, por exemplo:

Na segunda quinzena do mês de julho do ano de mil-novecentos e trinta-e-nove no Colégio de Santa Maria na cidade de Timbaúba, Estado de Pernambuco com a presença da Fiscal do Governo, Snra, Maria de Lourdes Velozo Borba e estando as bancas examinadoras assim organizadas [sic]: Português: Dr. Lauro Câmara e Madre Raimunda Habermeier; Francês: Madre M. Timotea Lobenwein e Dr. Lauro Câmara; História da Civilização: Dr. Aristides de Paula Gomes e Dr. Lauro Câmara; Geografia Dr. Aristides de Paula Gomes e Madre M. Timotea Lobenwein (LIVRO DAS ATAS DO CURSO NORMAL RURAL, f. 3).

Essa disposição das bancas examinadoras funcionou no primeiro ano. No segundo ano, além da fiscal, havia mais três professores nas bancas, que eram divididas em secções, funcionando assim:

1ª secção: Português, História da Civilização, História do Brasil, Corografia do Brasil: Dr. Lauro Câmara, Dr. Zoé Borba e D. Eunice Xavier de Andrade. 2ª secção: Inglês, Francês, Geografia: M. Timotea Lobenwein, M. Clara Gebbert; e M. Helmrieda Loibls. 3ª secção: Matemática, História Natural, Física e Química: Madre Diretora M Raimunda Habermeier, M. Emanuela Wagner, M. Albertine Hafenbrädl. 4ª secção: Desenho: M. Raimunda Habermeier, M. Albertine Hafenbrädl e M. Helmrieda Loibl (LIVRO DAS ATAS DO CURSO NORMAL RURAL, fl.20).

Note-se que só em algumas disciplinas que envolvem o contexto brasileiro a banca está organizada com professores brasileiros enquanto, em todas as

outras bancas, só aparecem as madres, evidenciando a monopolização do poder, o controle e a própria avaliação, feita por elas, e que era diferente. Nos depoimentos, as alunas afirmam que:

“As madres eram muito mais exigentes, duras e severas, enquanto os professores brasileiros eram mais maleáveis. Mas, se elas notassem, eles teriam que se encaixar nas mesmas condições. Isso não quer dizer que eles, também, não eram exigentes”.

A legislação estadual, no seu Capítulo VII, do qual escolhi alguns artigos, normatiza as provas¹⁰⁵:

ART. 24 – Haverá durante o ano letivo arguições, provas escritas mensais, trabalhos práticos mensais e duas provas parciais, com atribuições de notas que serão graduadas de cinco em cinco pontos de 0 a 100.

ART. 28 – Haverá anualmente, em cada classe e para cada disciplina, duas provas escritas parciais, a 1ª na 2ª quinzena de julho e 2ª na 1ª quinzena de Novembro, constituindo a média dessas duas provas a nota final das provas parciais.

No Colégio Normal Rural, em Timbaúba, as provas eram aplicadas de forma diferente. Havia provas parciais em maio, julho, setembro e novembro. Em 1940, estão registradas: uma em maio e julho e uma, constando como exercícios escritos e orais, em dezembro. A partir de 1941 até 1944 só há registro, apenas, dos exames finais e das provas didáticas de 1943 e 1944, que correspondem, respectivamente, à primeira e à segunda turmas que se formaram.

Na legislação citada, a banca examinadora está, assim, regulamentada:

ART. 28 PARAG. ÚNICO – As provas parciais serão realizadas perante uma comissão designada pelo Diretor, com audiência do Conselho Técnico [sic] Consultivo, composta de 3 professores da Escola, sendo membro nato o professor da cadeira.

ART. 30 – O julgamento das provas se processará da maneira seguinte: cada um dos examinadores atribuirá à prova uma nota em número inteiro. Graduada, de cinco em cinco pontos, de zero a noventa, sendo a nota geral da prova a média das notas dos

¹⁰⁵ Decretos e Atos da Interventoria Federal, ano de 1939, Jan. Fev. e Março. Imprensa Oficial, Recife, 1939 Decreto Nº 293, de 8 de Março de 1939.

examinadores, desprezadas as frações de $\frac{1}{2}$ e contadas como um ponto as frações superiores.

Uma das alunas fala desses pontos, dessa banca:

“Aqueles pontos eram sorteados. Então, sorteava o ponto e você ia falar sobre aquele assunto; todas as matérias... e falar sobre aquele ponto. E, uma prova escrita seria outro ponto, dentro do programa... Prova escrita. Naquele dia determinado, então, tinha a prova oral. Falava sobre aquele assunto. Aquela banca examinadora... Em vários dias porque não dava. Eu acho que a gente estudava, assim, como um vestibular. No fim do ano caía toda aquela matéria” (13).



Para coroar o êxito da aluna bem sucedida havia dois tipos de premiações: depois das provas e, geralmente, no final do ano. Na festa de encerramento do curso primário e na tarde esportiva, os pequenos recebiam prêmios, chamados de prêmios de distinção. As alunas do Curso Normal Rural, após terem homenageado a diretora na passagem do seu aniversário, também,

foram premiadas. *“De surpresa, a Madre Superiora distribuiu às alunas prêmios pela distinção dos esforços na Educação Física”*¹⁰⁶.

Havia outras alunas que elogiavam as aulas por serem práticas e interessantes. No entanto, práticas ou expositivas, com competição, ou não, elas se sentiam preparadas e motivadas para exercerem sua profissão.

4.8 – Comportamento & Disciplina.

Esses estavam presentes em todos os momentos da formação das alunas. De acordo com o registro feito pela cronista, o ano de 1938 terminava do seguinte modo:

E este Colégio fecha então êste [sic] ano letivo acalentado com as mais risonhas e fagueiras esperanças para o ano vindouro, coberto pelas [sic] bênçãos do Senhor. Não lhe faltou apóio [sic] das autoridades eclesiásticas e civis. Que Deus na sua misericórdia infinita cubra êste [sic] Colégio de bênçãos para que êle [sic] realize plenamente o seu fim: formar corações juvenis para Deus e para a Pátria (MOVIMENTO ESCOLAR, fl. 4 v).

A disciplina do corpo e o comportamento eram formas de, não só, exercer a vigilância às alunas¹⁰⁷, mas, também, exercitar mentes e corpos a serem obedientes e submissos. O Regulamento da Escola Normal em Pernambuco cita:

ART.239 – As alunas de qualquer curso deverão:

- a) Comparecer pontualmente às aulas, exercícios e excursões;
- b) Ocupar uma atitude respeitosa e em silencio os logares que lhes forem designadas nas classes;
- c) Permanecer no Parque da Escola nos intervalos das aulas;
- d) Proceder com urbanidade e delicadeza dentro e fora das salas de aulas;
- e) Tratar com atenção as colegas e funcionários da Escola;
- f) Acolher cortesmente os visitantes e autoridades do ensino;

¹⁰⁶ Do Livro de atas Movimento Escolar, fl.40, ano 1946.

¹⁰⁷ Coloquei sempre no feminino porque a lei foi legislada no feminino, ou seja, foi feita para as alunas do Curso Normal, deixando claro que, no momento, essa era uma profissão, essencialmente, feminina, em Pernambuco.

- g) Cumprir os preceitos regulamentares e observar as ordens do Diretor;
- h) Comparecer às solenidades para as quais a Escola for convocada
- i) Zelar o material escolar;
- j) Exercer as funções para que forem designadas na Direção da biblioteca das alunas, dos clubes, da cooperativa, etc.¹⁰⁸ (DECRETOS E ATOS DA INTERVENTORIA FEDERAL, 1939).

Esse artigo da lei dá as coordenadas para exigir o que se relacionava com a disciplina, em vários aspectos, como se fosse um ritual organizado, a fim de que as alunas não tivessem possibilidades de serem elas mesmas, em nenhum momento, enquanto desempenhassem o papel de estudante.

ESCOLA NORMAL RURAL "SANTA MARIA"
EQUIPARADA PELA LEI N.º 1991 DE 4 DE OUTUBRO DE 1939
TAMBORA - PERNAMBUCO

Curso Pedagógico Rural
A aluna **Maria Torres de Moraes** ^{II}
aprovada plenamente desde nota por 95

Classificada em 2º lugar

Compartamentos	100	Higiene e Higiene	75
Aplicação	100	Educação Cívica	75
Religião	100	Horta-jardim-estufa	75
Português	95	Prática-observação	75
Fisiologia	75	Contabilidade agrícola	95
Fisiologia	90	Administração	95
Metodologia	95	Cooperativas Rurais	100
Pedagogia	100	Aprendizagem	100
Antropologia Pedagógica	75	Ensino	100
Agricultura	75	Artesanato	100
Prática-observação profissional	80	Carteiro urbano	70

Declaração em presença de Pedagogos

DECLARAÇÃO CONCLUINTE DO CURSO NORMAL RURAL

Escola Normal Rural "Santa Maria" - Tambora, 5 de Setembro de 1948.

Diretor A. Cajunani Cabral

As atividades cronometradas, a instrução para cumprir cada ordem, já estavam delineadas e estabelecidas por lei. E, caso não fosse o comportamento

¹⁰⁸ Decretos e Atos da Interventoria Federal ano de 1939 jan. fev.e março Imprensa Oficial Recife, 1939

correspondido à altura, os próximos artigos referendam as sanções que deveriam ser impostas à estudante:

ART.240 – Fica estabelecido o boletim escolar no qual serão lançadas as notas mensais de comportamento, paralelamente às notas de provas parciais.

ART.242 – A aluna que obtiver nota má de comportamento, estará sujeita ainda as seguintes penalidades:

- a) A primeira nota má (0) em comportamento dará lugar a que a aluna seja retirada da aula em que tenha ocorrido a causa determinadora dessa penalidade;
- b) A segunda nota má (0) em comportamento dará lugar a que a aluna seja suspensa por tres (3) dias;
- c) A terceira nota má (0) em comportamento dará lugar a que a aluna seja suspensa por quinze (15) dias;
- d) A quarta nota má (0) em comportamento dará lugar a que a aluna seja suspensa por um período letivo (DECRETOS E ATOS DA INTERVENTORIA FEDERAL, 1939).

Essas notas de comportamento, conforme o ART. 243, eram lançadas nas cadernetas de aulas, pelos professores; quando a aluna estivesse na sala, e fora dela, as inspetoras podiam dar uma nota má e, em ambos os casos, levava-se à Direção para que fosse efetivada a devida disciplina, conforme o caso. O ART.244, por sua vez, orienta que, em qualquer circunstância em que se verifique um mau comportamento, o pai, ou responsável, deveria ser comunicado imediatamente.

Esse foi um método adotado pelas freiras, no Colégio. Sempre que acontecia um fato desagradável a aluna e, depois, o pai, ou a mãe, eram chamados à Direção. Segundo depoimentos das entrevistadas, havia a suspensão, mas, da expulsão, elas não lembram, a não ser de uma professora. Todas temiam ser chamadas à sala da Madre Superiora, Madre Raimunda Habermeier.

“Eu temia um ralho delas” (11).

“Também, quando éramos repreendidas no colégio, em casa, também, seríamos castigadas” (8),

“A Madre Superiora era muito enérgica [...] Naquele tempo você não fazia nada que prejudicasse a sua educação” (2).

“Tinha suspensão por uns dias... da aula. As internas ficavam no Colégio. E elas tinham muito cuidado para não serem suspensas. E tinha um caderno, lá, pra assinar as coisas que elas faziam que precisavam de castigo. Chamavam os pais e conversavam com eles. O estilo delas era diferente, mas, rígido. Sei que existiam castigos, mas não lembro quais” (2).

Além de confirmar o que a lei regulamentava, as alunas sentiam muito medo. Medo de serem enviadas à diretoria, medo de receberem no boletim uma nota baixa de comportamento. No entanto, algumas delas louvam e aplaudem essa rigidez, segundo disseram:

“Era uma ordem linda! Era uma ordem, mesmo!” (11).

“A Madre Timótea, parecia que era míope, mas via tudo. Via até quem filava. Nunca vi um ato de grosseria, animalesco. A gente adorava o Colégio, as freiras” (9).



Sala da Diretora



Parlatório

Havia um castigo que todas temiam. O símbolo da punição no Colégio, aplicado, geralmente, pela Madre Superiora, era a retirada da gravata. A farda foi

descrita no livro de atas como “saia grená¹⁰⁹, blusa branca de mangas compridas, meias brancas compridas e sapato preto” (LIVRO DE CRÔNICAS, fl. 7).

A descrição feita no livro de crônicas não incluiu a gravata, mencionada por algumas alunas.

“Para as freiras, a honra do colégio era a gravata. Se você ouvisse uma aluna dizer: ‘Foi tomada a minha gravata!’. É como hoje, uma suspensão, uma expulsão. Você sabia que era a maior vergonha; que tinha feito um ato de extrema...” (12).

“Era uma gravata bege, ainda me lembro. Bege com colar” (7).



O ato de tomar a gravata ficou gravado na memória das alunas, fato que foi mencionado, pelo menos, por quatro das entrevistadas. Escolhi uma das versões, por considerar a mais completa. Na realidade, trata-se de uma pequena história.

“Tínhamos uma professora que se chamava Iraci Mariz. Aqui tinha o Circo Estrumim. Ela achou de namorar um dos rapazes e nós achamos de alcovitar. Uma noite de maio, ela estava no beco da igreja. [...] Marcaram um encontro e nós ficamos tocando as freiras. Eu e mais seis colegas. Ah, meu Deus do céu! Isso deu um rebu!” (12).

¹⁰⁹ A cronista ao relatar que a saia era grená, enganou-se. A saia era azul e a gravata era bege com as divisas na cor grená, conforme confirmação com as alunas da primeira turma.

A seguir, uma amostra de como o comportamento das alunas era vigiado, até mesmo pela sociedade. Na fala que transcrevemos abaixo, há o relato de que, no episódio da professora, elas não perceberam que havia alguém de plantão:

“Uma coisa muito séria, porque tinha uma organista que era muito do Colégio; já uma mulher idosa, que era a mulher do secretário da Prefeitura, que foi quem trouxe as freiras [...] e providenciava tudo que precisavam... Ela era bem vista e querida lá no Colégio. Mas, era, meu Deus!... uma fofoqueira de marca maior” (12).

E a professora não sabia o que a aguardava, porque pensava que tudo tinha dado certo no seu encontro:

“Então, eu só sei que Alice saiu e foi direto pro Colégio dizer que a professora estava conversando com o rapaz do circo. E, então, quando ela chegou... no Colégio, onde vivia... Quando chegou, foi pra ser repreendida. Foi repreendida. Mandou que arrumasse todas as malas dela... e às quatro e meia da manhã, no primeiro trem que passava, daqui pro Recife... ela foi demitida e... foi embora” (12).

Para a professora foi expulsão e para as alunas, ao chegarem na escola...

“Quando eu cheguei... aí, já encontrei a porteira dizendo: - ‘É pra ir pra direção’. Aí, eu: ‘O que foi que houve?’. – ‘Já têm umas quatro ou cinco...’ E eu fui a última. Quando eu cheguei lá, tava tudo chorando, somente Miriam que era muito engraçada e outra, rindo de morrer. Aí: - ‘Te prepara que ela vai arrancar tua gravata!’. – ‘Então deixa eu tirar logo; facilitar’. Eu era muito danada”.

Quando a Madre Superiora chegou na sua sala, disse:

“ – *‘Fulana, você também estava com Iraci? Eu disse: - ‘Não, eu não estava com ela, não... A gente deixou ela conversando com o namorado e a gente ficou tocando pra que a senhora não... pra que não viesse freira pra ver’. A madre retrucou: - ‘Ainda é com má criação?’. Então, eu disse: ‘Não, eu estou falando a verdade. Eu estou dizendo o que aconteceu’*” (12).

A resolução da madre, como era de se esperar:

“- *‘Pois, está tudo sem gravata e só volta quando pedir desculpas’*”.

E, daí, começou um diálogo que evidencia uma certa resistência:

“- *Cadê a professora?*”.

“- *Botamos pra fora*”.

“*Olhe, era uma novela! Uma novela!*”.

E a aluna insiste:

“- *‘Mas não tem o que pedir desculpa! A gente não fez nada de errado, a gente só se juntou pra facilitar o encontro deles. Qual foi o pecado?’. Mas tinha que pedir desculpas!*

- *‘E se eu não pedir?’.*

- *‘Se não pedir, não entram na sala’.*

- *‘Mas, é possível uma coisa dessas? Só por conta disso? [...] Tá certo, se é pra pedir desculpas... pelo um mal que eu não sei o que foi que fiz, a senhora me desculpa?’*

– *‘Tá certo, pode ir pra classe’.*” (12).

Assim acontecia com qualquer tipo de rebeldia. Segundo a aluna: “*Isso era rigor em tudo*”. Havia, ainda, outra forma de controle fora da escola como se pode observar no depoimento abaixo:

“Uma ocasião, houve, em Timbaúba, um movimento. Então, disseram, assim: – ‘Quais as moças mais simpáticas?’. Entre elas, eu estava no meio. Na segunda-feira, fui para o colégio; a Madre Superiora manda me chamar e... pra eu não ficar vaidosa com essas coisas, e tudo, e que... Eu disse: – ‘Madre Superiora, não é assim, não! A senhora sabe que eu não sou assim tão simpática, assim’. [...] Elas tinham esse cuidado com a educação da gente, na formação... Mandava chamar, pra saber, pra perguntar. Mas, era interessante. Acompanhava, mesmo, a vida da gente como se fosse uma vigilância”. (13).

O controle era notado em todos os momentos, não era, apenas, no início das atividades no colégio, mas, por muito tempo, ao longo do curso e, até, muitos anos depois, com as alunas que já eram formadas pelo próprio colégio.

“Uma aluna, depois de formada, de já ter sido diretora de um colégio e importante noutro colégio, em Recife, veio fazer uma visita ao Colégio e veio com manga de cava. A freira atendeu e foi anunciá-la à madre: – ‘Está aí, Fulana, que quer lhe ver, mas está com manga de cava’. Ela saiu e disse para a visitante: – ‘Vá se vestir, primeiro, pra poder eu lhe receber’.”(12).

Não só a gravata e a forma de vestir-se, mas, também o fardamento funcionava como uma apólice que garantia a disciplina do colégio. Uma das alunas comentou que toda a casemira utilizada no fardamento foi trazida da Alemanha e vendida pelas irmãs, no intuito de que todas tivessem a mesma cor

e tecido. As alunas não gostavam da farda e não deixaram de mencionar o seu descontentamento:

“A gente tinha que usar o fardamento, num calor desse. Elas trouxeram aquele clima da Alemanha... a gente tinha que usar aquele fardamento delas, impecável... de meias grossas, até aqui; manga comprida; calor que nem... Mas, ninguém podia... se não, não entrava no Colégio. Era uma perfeição. O estilo do Colégio era estilo alemão. Nem uma correntezinha podia usar. Era todo mundo igual. Lacinho, enfeitinho, nada” (7).

“A gente não podia, estando de farda, brincar, fazer brincadeiras na rua, até correr brincando uma com a outra, passear de farda, namorar de farda. De farda, então, não podia fazer nada. Com a farda não podia fazer nada que compromettesse ou falasse mal do Colégio. O ato de tirar a gravata era humilhante porque era como se fosse a honra da gente, que o Colégio nos tinha dado. E se ela retornava, nós não éramos nada. Nós estávamos sendo humilhadas, porque elas estavam nos escorraçando” (12).

“Não podia usar nada. Tudo igual, sapato igual. Qualquer coisa desigual –‘Vai pra casa, calçar o sapato do colégio’. Nem batom!” (18).

O maior medo das alunas, como já disse, era o de serem enviadas à diretoria. Ali era um espaço não só de controle, mas de repreensão, de humilhação e de referência. Referência porque ser enviada à diretoria era como enfrentar um tribunal e como se dissesse para todos, que aquela aluna era “*persona non grata*”. Essa punição era marcante nelas; tão marcante quanto o ato de retirar-lhes a gravata. Uma delas acrescentou que não sabia, ao certo,

quais os tipos de castigos impostos porque quando saíam da diretoria geralmente não comentavam:

“Quando dizia: – ‘ir para a diretoria’... Aí, já sabia. Era muita bronca, muita reclamação” (8).

“Todas tinham medo de ser enviada à diretoria” (11).

“A diretora era muito rígida. Era muito enérgica. Ninguém fazia coisinhas com ela, não” (2).

Essas proibições, punições fazem parte de um código de normas escolares. De acordo com Sirota, citando Bordieu:

Não há sociedade que não proponha, além dos modelos de conduta codificada ou não, modelos de modalidade de conduta perfeita e exemplar, modelos que regem a maneira de executar os modelos, regras que regem a maneira de obedecer as regras ou de desobedecer-lhes: no jogo da excelência, o jogo com regra sempre faz parte da regra do jogo (SIROTA apud BORDIEU, 1994, p. 57).

Assim, a formação dessa mulher ia desenhando-se e se redesenhando nos códigos, regras e normas que incluíam esse modelar o espírito e o corpo para obedecer, comportar-se bem e ser um exemplo de conduta na sociedade na qual iam se projetar como profissionais, mães, católicas e esposas.

4.9 – Religião

A religiosidade preenchia todos os espaços com os seus rituais em, praticamente, todas as situações desse cotidiano. São várias as faces dessa religiosidade. Classifiquei, sem considerar qual era o mais ou menos relevante, como segue: Missas, rezas, noite marianas, 1ª Comunhão, festas das missões e o ato de comungar.

A Missa, primeiro aspecto que começo a expor, esteve presente na aurora de cada manhã, dando força e incentivo para executar as tarefas diárias; nas noites marianas, uma das festas mais comentadas; quando os bispos e padres visitavam o colégio; nos retiros; nas comemorações e solenidades de formatura registravam-se, pelo menos, duas missas, uma no colégio e a outra na igreja com a bênção dos anéis; no ato da 1ª Comunhão, quando os corações infantis e até de jovens marcavam sua vida religiosa.

A Missa não é só um ato religioso, mas envolve-se de diferentes significados de acordo com o propósito e o objetivo a alcançar. McLaren registra a amplitude desse ritual, quando a compara:

como festividade e comunicação, é o coração da vida da igreja, o fulcro da atividade dos ministros e apóstolos. Ela contém o poder e a significação nascidos de séculos de adoração santificada – como a Última Ceia. A celebração da eucaristia é tanto o sacrifício como o alimento sagrado (1991, p. 212).

Ela também contribui *“para reduzir o âmbito do nosso mundo, a fim de manter a mente focalizada nos símbolos sagrados ou transcendentais específicos”* (1991, p. 212).

Ao participar da Missa, a aluna já era obrigada a manter silêncio, reverência, mesmo que a sua mente vagueasse por outros mundos, o mundo da fantasia, da brincadeira, das conquistas, como é comum na mente juvenil ou da adolescente. Mas, não era permitido nenhum tipo de movimento. A disciplina e o controle estavam presentes.

Muitos rituais são observados numa Missa: o ato penitenciário; a palavra, que envolve a leitura das epístolas, evangelhos e Salmos; o ofertório; a consagração e a comunhão com as orações finais entremeadas com cânticos, de acordo com a missão e com a ocasião.

As orações, para as vocacionadas, ocupavam o primeiro momento do dia. Especialmente o terço, que se caracteriza com a existência do rosário – uma forma de oração muito antiga que foi se desenvolvendo no decorrer dos séculos. Chama-se de terço a cada um das três partes do rosário.

A sua origem data do período medieval, quando a Igreja tinha o domínio do Estado.

Nessa época os vassallos costumavam oferecer aos seus soberanos coroas de flores, em sinal de submissão e fidelidade. Os cristãos adotaram este uso em honra de Maria, oferecendo-lhe a tríplice “coroa de rosas”, daí o nome rosário, lembrando suas alegrias, suas dores e sua glórias como participante do mistério da vida de seu Filho Jesus¹¹⁰ (SENA, 1995.)

O objetivo de rezar o terço é porque:

Ajuda a meditar sobre os principais mistérios da vida de Jesus e de Maria¹¹¹. É uma oração simples que fortifica nossa fé, alimenta nossa esperança e nos impulsiona a amar como Jesus. É uma oração fácil de ser rezada em qualquer tempo e lugar. É uma oração fácil de ser rezada em qualquer tempo e lugar, permanecendo assim uma oração sempre nova e igual (SENA, 1995).

Antes de entrar na sala de aula, as rezas mais utilizadas eram a Ave-Maria, o Credo, o Pai Nosso, a Salve Rainha e a do Santo Anjo. De maneira semelhante ao comportamento exigido durante a missa, também eram exigidas a ordem e a reverência. Não se permitia um movimento sequer. Na hora do “Ângelus” e ao deitar, todas rezavam.

O outro ritual mais comentado, era a noite mariana. Envolvia a cidade e era organizada pela paróquia. Essa festa marcou a memória das alunas e dos moradores.

¹¹⁰ Panfleto sem paginação de autoria de Luzia Sena, produzido pela Pia Sociedade Filhas de São Paulo. São Paulo, 1995.

¹¹¹ O terço é composto por 5 mistérios, cada um contendo 1 Pai-Nosso, 10 Ave-Marias e 1 Glória ao Pai. Antes de iniciar a rezar cada um deles faz-se o oferecimento que consta de Creio em Deus Pai, um Pai-Nosso e 3 Ave-Marias. Por fim, o agradecimento com a Salve Rainha.

O saudosismo tomou conta de Araújo (1987, p. 44) ao comentar o que representava a noite mariana na cidade: *“...éramos despertados pelo espoucar dos fogos de girândolas e logo nos vinha a mente, a lembrança feliz de um dia de festas. De quem seria a noite de maio? Do Santa Maria, do José Mendes ou dos Motoristas?”*.

A descrição da festa continua:

Logo cedo, às 8 horas, o colégio “noiteiro” se perfilava em frente do educandário, tendo em frente uma das bandas musicais da cidade: se fosse o Santa Maria, a banda Euterpina Comercial, vulgo “quebra resguardo”, se fosse o José Mendes (Timbaubense), seria a banda 1º de Novembro, conhecida como “Pé de Cará”. A multidão perfilada nas calçadas, saboreava com emoção, o maravilhoso desfile (1987, p. 44).

Interrompo os devaneios de Araújo para comentar sobre a Banda Euterpina Comercial. Visitei a sua sede, que já não mais ostenta o mesmo brilho de outrora. Conversei com Josivânio Lima, uma espécie de secretário atual da banda, que fez algumas afirmações interessantes, que valem à pena ressaltar:

“Essa era a banda dos ricos. Todos que participavam, na época, eram brancos e, por isso, era a banda do Colégio escolhida pelo Santa Maria. Havia uma rivalidade entre a banda e a que tocava para o Timbaubense. A deles tinha gente misturada e, quando uma estava numa rua, a outra não passava. E se as duas se encontrassem, frente à frente, uma não passava pela outra. Empacavam. E cada uma tocava o mais alto que podia, como se estivessem enfrentando um desafio. Ou a polícia vinha colocar ordem ou se uma passasse pela outra havia briga. Nessa época o regente era o maestro Carneiro”.

Araújo continua falando da Euterpina: *“E lá o Santa Maria tendo à frente a Euterpina, uniformes brancos botões dourados, tendo à frente o saudoso Mestre*

Carneiro marchando lentamente e tirando de seus comandados, acordes maravilhosos” (1987, p. 44).

Dias depois, recebi das mãos de Josivânio Lima, uma lista de algumas músicas executadas pela referida banda. São elas: Procissão, Força Pública, Fascinação (bolero), Aqueles olhos verdes (bolero), Vassourinhas (frevo), Batista de Melo, Cisne Branco, Canção do Soldado (dobrados), etc.



Banda Euterpina Comercial

No livro de atas “Movimento Escolar” há várias referências à Banda Euterpina Comercial, como a seguinte: “A banda de música “Euterpina Comercial” acompanhou as neo-professoras até a matriz, fazendo o mesmo, de volta ao colégio” (1943, f. 26v).

O desfile obedecia a um trajeto privilegiando as principais ruas da cidade, conforme Araújo. Em seu relato, ele comenta como era o comportamento das alunas:

As moças do Santa Maria, davam um toque de graciosidade e beleza com suas saias azuis e brancas de mangas compridas, cabelos esvoaçantes ao vento, com marcação forte no pé direito, contra o calçamento da velha rua Direita. Os namorados observavam suas namoradas através de olhares furtivos e flertes rápidos ante os olhares de censura das Madres (1987, p. 44).

Também a rivalidade que existia entre o Timbaubense e o Santa Maria foi lembrada por Araújo:

A rivalidade dos colégios impunha garbo e disciplina, como se estivessem a disputar um concurso. Desde a cadência até a noite subida dos balões e nas rodas de fogos de artifício. A noite,

a rivalidade era ainda maior. Após o Terço, os rapazes formavam alas formando uma passarela enquanto as moças distribuíam santinhos e os casais de namorados, burlavam a vigilância das Madres e dos pais, fugindo para locais afastados em busca das juras de amor (1987, p. 44).

Com um saudosismo ímpar, ele continua:

E os balões iam subindo um a um, enquanto os fogos de artifícios enchiam a multidão de êxtase e encantamentos. Noites de passado que não voltarão jamais. Mês de Maio, mês da flores, mês dos cânticos e das ladainhas, dos noiteiros e dos Terços, das beatas e das Novenas – Mês de Maria (1987, p. 44).

A rivalidade também foi mencionada pelas entrevistadas:

“E a rivalidade entre o Santa Maria e o Timbaubense! Aí, o padre estabeleceu: um ano, a última noite seria do Santa Maria e outro ano seria do Timbaubense” (8).

“Era uma guerra!” (7).

“... porque queria soltar balão. Naquele tempo tinha balão. O povo do Timbaubense jogava pedra no balão, quando o balão ia subindo. O balão arriava. O colégio contratava até soldado para os meninos do Timbaubense não botar [sic] abaixo” (8).

“Vinha gente de fora: Goiana, Itabaiana... O esforço era grande, pra botar mais bonito do que o Timbaubense!” (11).

Naturalmente, acredito que essa rivalidade partia mais do lado das alunas:

“A banda tocava nas procissões... o andor... nos desfiles de 7 de setembro; sempre ela estava presente. [...] Era uma rival. A Euterpina era do Colégio Santa Maria e a outra, 1º de Novembro, era do outro colégio grande que tinha aqui, do seu Zé Mendes. A Euterpina sempre ia toda de branco. Era um orgulho!” (7).

Essa rivalidade a aluna explica:

“A gente era que perturbava. Dizia que na banda deles tinha negro e, aí, a briga começava” (7).

Outra grande festa realizada no Colégio nesse tema da religiosidade era a 1ª Comunhão, que era realizada no Dia de São Francisco, dia 04 de outubro. A primeira delas aconteceu em 1939 e o livro de atas “Movimento Escolar” registra:

O dia 4 de outubro, consagrado pela Igreja ao fundador desta ordem, foi escolhido para o dia da 1ª comunhão. Às 6:30 da manhã os neo-comungantes entravam festivamente na capela, que se achava desde a véspera artisticamente ornamentada, sendo em seguida iniciada a missa. Treze, foram os alunos que tiveram a dita de receber neste dia em seus coraçõezinhos inocentes, Jesus-Hóstia. À noite, encerrou-se o tríduo que se vinha realizando em preparação a festa. Houve antes a benção do S.S. a Renovação do Batismo, significativa solenidade prescrita pela Igreja, para o dia da 1ª comunhão. Os pais e mestres acompanhavam estes atos, comovidos e felizes por poderem apresentar ao Rei de Amôr [sic] as almas puras de seus filhos e alunos, para delícia de seu coração (1939, f. 6).



1ª Comunhão

A 1ª comunhão acontece, geralmente, quando a criança completa 7 ou 8 anos de idade. Antes há uma preparação com aulas de catecismo, instruindo quanto às doutrinas da Igreja, o Ato da Confissão que inclui o exame de consciência, arrependimento e renovação do Batismo.

Na Igreja Católica a 1ª Eucaristia é o alimento vivo para a vida espiritual. É o Pão da Vida. É o encontro com Jesus. É um dia de grande alegria para a família e para o neo-comungante, porque, daí em diante, já pode participar da comunhão que se evidencia com Jesus-Hóstia. Há também a preparação com as

vestes, café da manhã ou lanche com bolos e doces, etc. Às vezes, a paróquia oferece a festa, com a ajuda dos pais.

As alunas participavam, também, de retiros, procissões e romaria. O retiro realizava-se no próprio Colégio, durante três dias de recolhimento. O silêncio era uma exigência para os participantes. O programa constava de missas, orações pela manhã, conferências abordando um ou vários temas, leituras do Novo Testamento ou livros religiosos, recitação do terço, do ofício da Imaculada Conceição da Virgem Maria, confissão e oração da noite. Quem dirigia era sempre um convidado externo¹¹².

Poucos dias após iniciadas as aulas, as normalistas tiveram o ensejo de tomarem parte no retiro espiritual que se efetuou nos dias 25, 26 e 27 de fevereiro, sob a direção do Pe Zacarias Tavares, - jesuíta, do Instituto Nóbrega, do Recife (MOVIMENTO ESCOLAR, 1943, f. 22).

As procissões faziam parte dos rituais de que a escola participava. A procissão é um ato público. Os fiéis acompanham o andor que, geralmente, bem ornamentado e iluminado com velas ou luzes, vai sempre à frente do cortejo, com a imagem do santo que está sendo comemorado. Antes que o andor seja recolhido, o vigário termina o ato com um sermão.

No Colégio Santa Maria, nas noites de maio, o andor era levado pelas concluintes do ano. No dizer das alunas: *“Estas eram as privilegiadas”*. De sorte que na memória de algumas pessoas com quem conversei informalmente e das alunas, quando as madres preparavam o andor, junto com as alunas, todos podiam esperar: *“Seria o melhor, o mais bonito”*.

¹¹² Essas informações foram resgatadas de algumas alunas.



Andor

No caso da romaria, só há uma, registrada no livro de atas “Movimento Escolar”. Foi um *“convite da paróquia por ocasião da semana missionária”*. Madres, alunas e fiéis saíram às 16:00 horas em romaria ao Morro do Cruzeiro.(1945, f. 33v).

Ao apurar os dados sobre o cotidiano, no livro de atas Movimento Escolar, verifiquei, no entanto, que ou não foi registrado ou as freiras não festejavam, como é comum, as datas religiosas que se referem a Cristo – o Salvador, tais, como: Páscoa, Domingo da Ressurreição, Missa da 5ª feira santa, “Corpus Christi”, Ascensão de Nosso Senhor, Natal e Reis. Como já foi explicado no capítulo que fala do contexto político da época, o III Reich não aceitava comemoração a Cristo, por ser considerado o “Rei dos Judeus”.

Só há quatro referências mencionando que as freiras e o colégio participaram de duas dessas festas: a Ascensão de Nosso Senhor e da comemoração de “Corpus Christi”. Uma delas coincidiu com a noite mariana com a qual o Colégio já estava envolvido. A outra participação foi através de um convite da Prefeitura para que o Colégio ornamentasse o andor. No livro de atas a cronista da época explica como foi essa participação: *“No dia 4 de junho, teve lugar uma festa de grande caráter religioso, a de “Corpus Christi”; o colégio não querendo furtar-se ao desejo de prestar o seu culto de adoração ao Rei dos Reis, tomou parte na procissão”* (1942, f. 16v).

E a outra menção, também, mereceu o registro: “22 de maio – festa de Ascensão de Nosso Senhor – memorado em Santa Missa festiva” (1941, f. 11).

No livro de crônicas em alemão encontrei apenas uma referência sobre o Natal, que transcrevo:

Na véspera de Natal foram presenteadas as 2 empregadas; a 2ª cozinheira, veio por intermédio da Madre Priora. Ela até sabia fazer padarias conforme método alemão. No refeitório colocou-se uma árvore de Natal artificial, com velinhas. Cantamos “Noite Feliz” e recebemos os presentes preparados por M. Superiora (1939, f. 10).

A escola também participou dos dois grandes congressos da Igreja Católica, realizados na época. No III Congresso Eucarístico Nacional, em 1939, em Recife, apenas algumas mães puderam comparecer. Por outro lado, no I Congresso Mariano da Paróquia, em Timbaúba, realizado no período de 14 a 17 de setembro de 1944, as alunas cantaram no Orfeon, formaram em frente à Prefeitura e participaram das procissões e das sessões dirigidas pelo Revmo. Pe. Zacarias Tavares, numa das salas do colégio.

Em diversas ocasiões, na cidade e à convite, o Orfeon cantava suas músicas que, em nível nacional, faziam parte do projeto de governo do Estado Novo. Villa-Lobos chamava a atenção para o caráter cívico-disciplinador do canto coletivo, adquirindo importância no ensino nas escolas: “*Entretanto, o seu mais importante aspecto educativo, é, evidentemente, o auxílio que o canto orfeônico veio prestar à formação moral e cívica da infância brasileira*” (HORTA, 1994, p. 186).

Mas, a maior festa religiosa do Colégio era a das Missões que, apesar de ser de cunho religioso, não necessariamente havia um ritual espiritual, exceto em um dos anos – 1944 – em que foi registrada a Santa Missa.

As alunas empenhavam-se em angariar esmolas, fazer rifas, preparar peças dramáticas e musicais que eram apresentadas no Cine-Teatro Recreios Benjamin e na própria escola. Esmeravam-se, ainda, em preparar surpresas, prendas, barracas de toda a sorte de entretenimentos, para angariar fundos para serem enviados às Missões. Havia dias de intenso labor, inclusive, semanas antes do tão almejado dia.

As alunas, ao falarem dessa festa e das ofertas alcançadas, não sabiam dizer para onde, necessariamente, o dinheiro arrecadado era enviado. Umach achavam que iam para as missões, outras pensavam que eram entregues ao bispo ou às missões da própria ordem. Mas, a ordem havia se expandido, apenas, para Pernambuco. No livro de crônicas só há um registro de que essa oferta foi entregue ao bispo, numa das suas visitas ao Colégio.

Pelo livro de atas “Movimento Escolar”, a festa das Missões começou a ser realizada a partir de 1940 e só em 1945, ano em que a Alemanha saiu derrotada na guerra, não houve a tradicional Festa das Missões, mas, assim mesmo, as alunas já acostumadas a angariarem fundos, ainda obtiveram o resultado surpreendente de Cr\$ 10.039,00.



Barraca do Boca Larga na Festa das Missões

Elas falam dessa festa com euforia, porque era o único momento que os rapazes e demais pessoas participavam ativamente da vida do Colégio, adentrando nele, passeando por entre as barracas armadas no pátio interno do

estabelecimento e comprando o que era oferecido. Além disso, era o momento da “paquera” das normalistas.

“Tinha uma coisa que marcava muito aqui. Elas faziam questão de fazer. Era a Festa das Missões. Movimentava a cidade toda, o colégio todo. Cada turma ficava responsável pra fazer uma atividade... Elas se envolviam. Envolviam a gente, a família e a cidade. Era uma festinha super organizada e bonita! Todo mundo ia. [...] Era uma festa maravilhosa! Aí nessa época vinham os rapazes de fora pra gente ir paquerando” (7).

Assim se processavam os rituais festivos religiosos na escola e na sociedade timbaubense, envolvendo diversos atores nas mais variadas esferas.

4.10 – Festas e feriados

Além das festas religiosas, aconteciam muitas outras festas e comemorações no calendário escolar do Colégio, que podem ser divididas em três grandes grupos: festas cívicas, festas em datas comemorativas e outras festas.

Para as festas que comemoravam as datas cívicas, geralmente se preparava um pequeno programa onde não faltavam o Hino Nacional e o Hino da Bandeira, exercícios de ginástica, discursos, poesias, apresentações de peças e músicas cantadas e tocadas.

Entre essas festas, algumas foram destacadas. O dia de Tiradentes, por exemplo, era comemorado, até 1945, no dia 19 de abril, por ser o aniversário de Getúlio Vargas. Em alguns anos, comemorou-se, com um programa organizado, a libertação dos escravos, em 13 de maio. Em 25 de agosto homenageava-se o Duque de Caxias. As comemorações da Semana da Pátria ocorriam de 01 a 07

de setembro e mereceram a seguinte consideração da cronista: *“as alunas foram dedicadas ao amor à Pátria”*. O dia 15 de novembro era feriado e, quanto ao 19 de novembro, algumas vezes, registrou-se: *“Foi içada a bandeira e a juventude do Colégio cantou o Hino Nacional”*. Não somente nessa, mas, em praticamente todas as comemorações cantava-se o Hino Nacional, que a Madre Helfrieda classificou como o *“difícil e comprido Hino Nacional”* (LIVRO DE CRÔNICAS, 1938, fl. 5).

Cantar o Hino Nacional era *“obrigatório desde outubro de 1936 nos estabelecimentos públicos e privados do ensino primário, normal, secundário e técnico-profissional e em todas as associações com finalidade educacional”* (HORTA, 1994, p. 183) e, ao mesmo tempo, era um dos objetivos expostos no decreto-lei que deu as bases da Organização da Juventude Brasileira, publicado em 1942. Conforme Horta:

O culto patriótico da Juventude Brasileira deveria ser prestado em face da Bandeira Nacional e teria, no Hino Nacional a sua primeira e maior expressão (art.3º) Ele seria realizado através de comemorações especiais, definidas em calendário, a ser indicado dentro do período letivo do ano escolar (art.5º) (1994, p. 262).

Por isso, nas comemorações cívicas e, praticamente, em todas as comemorações, o Hino Nacional era cantado, até mesmo no aniversário da M. Superiora. Fazia parte de uma exigência do Estado. Ainda de acordo com Horta:

Estavam previstas comemorações simples, a serem feitas no início dos trabalhos escolares pelo professor da classe, nas escolas primárias, ou por professores especialmente designados, nas escolas secundárias, e comemorações especiais, semanais ou quinzenais, em torno de um nome, acontecimento, ideal ou problema definido no calendário. Nas grandes datas nacionais estas comemorações poderiam ser feitas em público reunindo vários estabelecimentos de ensino art.7º (1994, p. 263).

Anexados ao livro de atas *“Movimento Escolar”*, por exemplo, encontram-se panfletos, enfatizando datas importantes que eram comemoradas e que possibilitavam a *“reunião da juventude”*.



Panfletos

As outras festas, ou datas registradas são: Dia do Milho e do Feijão, no dia 19 de março, que também é o Dia de São José, com apresentações das crianças e até normalistas; 01 de Maio era feriado – Dia do Trabalho; no Dia das Aves, perto do aviário, havia uma pequena comemoração; e o Dia da Árvore era comemorado no dia 21 de setembro com programa e plantação de árvores; 30 de outubro era feriado – Dia do Comércio.

O outro grupo de festas pode ser dividido em três grandes acontecimentos: o Aniversário da Madre Superiora, em 31 de agosto; encerramento das aulas do primário; e a festa da formatura.

Dessas, a mais importante – descrita como um grande evento não só nos registros escritos, mas, também, na memória das alunas – era o dia onomástico da Madre Superiora, Madre Raimunda Habermeier.

Todos os anos, os preparativos começavam dias antes, inclusive, às vezes, sem aulas, com o ensaio de peças, músicas cantadas e tocadas,

números de ginástica, discurso, poesias, missa e comunhão. O programa não obedecia a um tema específico; era uma mistura de temas, e as músicas, em sua maioria, eram clássicas.

As alunas ofereciam presentes, que não necessariamente eram para a aniversariante. No livro de atas, os presentes que a Madre recebia, são assim relacionados: uma custódia de ouro para a capela do Colégio; uma estante de turíbulo; quatro castiçais para a capela; oferta de um sino para o pátio; bandeira com as cores de N. Sr^a e insígnias da Juventude Estudantil-Estrela-Luz; cortinas, capado de missal e carteiras, toalha de mesa, álbum decupado em madeira e forrado de seda, abat-jour e um pluvial¹¹³.

Possivelmente havia presentes pessoais – que a cronista, talvez, não achasse válido registrar – considerando como as freiras eram queridas, tanto pelas alunas como pelos pais.

A festa de encerramento das aulas do primário era também um acontecimento que reunia atividades religiosas e apresentações diversas, inclusive com a participação das normalistas. A festa era encerrada com as entregas de boletins, dos prêmios de distinção e com a abertura da exposição de trabalhos manuais.

As de formatura começaram em 1943 e era grande a expectativa da sociedade, do Colégio e das alunas. No Livro das Atas de Colação de Grau, eis o programa da primeira festa realizada.

¹¹³ Essas informações encontram-se registradas, a cada ano, no livro de atas “Movimento Escolar”.



Ata da Colação de Grau (acima) e Foto da 1ª Turma

De 1943 até 1950 formaram-se 123 normalistas, tendo, a sua maioria, seguido a profissão, dizendo-se preparadas para o que escolheram ser.

Para encerrar este capítulo, falarei dos desfiles e das apresentações que ocorreram naquele período e que foram registrados pela cronista. Acredito que houve muito mais desfiles do que os que foram mencionados, devido o momento político de cunho nacionalista, que estimulava as grandes concentrações envolvendo a juventude estudantil.

De 1939 a 1947 encontram-se registrados dezessete desfiles. A maioria deles não está associada a datas cívicas, mas a escola e as alunas estão em evidência: Dia da Criança, excursão, aniversário do governador do Estado e do presidente da República, inauguração do primário do Colégio D. Pedro II, em Timbaúba, restabelecimento da Madre Helfrieda, nas formaturas e numa das festas marianas.

Em alguns anos, a primeira semana de setembro é assinalada como dias feriados; em outros anos havia a menção da data nas aulas e em algumas apresentações. A outra data cívica em que houve desfile foi no dia da Proclamação da República.

Esses desfiles são lembrados pelas alunas:

“Quando estávamos desfilando... a Madre Helfrieda corria de um lado para o outro. Olhando para ver se alguém olhava em outra direção”
(6).

“Era como um desfile militar. A gente não podia se mexer. Ela apitava e corria” (12).

O ato de desfilar era também um momento de tensão, porque as alunas precisavam estar atentas aos movimentos firmes e cadenciados, sempre olhando em frente e aos comandos da madre.



Desfile

As apresentações teatrais e musicais eram inúmeras durante o ano e em praticamente todas as datas festivas, tanto cívicas como nas demais, incluindo os convites, as excursões e as visitas.

As grandes apresentações, inclusive com público pagante, aconteciam no Cine-Teatro Recreios Benjamim. Lá apresentavam dramas, comédias, festivais, como: “O Sangue que Ora”, em três atos; “Ondas do Danúbio Azul”; “O Gazeteiro”; “Os Morangos”, em 2 atos; além de outros¹¹⁴.

Isnar de Moura, escrevendo o artigo “Timbaúba na Saudade”¹¹⁵, fala do Cine-Teatro Recreios Benjamim:

... era o maior da América do Sul em lotação, podendo acolher milhares de expectadores. Tendo ainda o privilégio de apresentar programa diferente cada noite. [...] Os melhores filmes passados no Recife – europeus e norte-americanos eram vistos por timbaubenses frequentadores da casa. [...] ...a empresa oferecia “aposentadoria” aos que não faltavam nenhuma noite. [...] Dona Adélia foi uma das beneficiadas. Havia teatro, companhias e artistas famosos chegaram a fazer temporadas aí. Gente da terra se esmerava em espetáculos sensacionais (1987, p. 21).

As alunas também relembram as apresentações no Cine-Teatro:

“Fazia muitas peças... O Danúbio Azul... A roupa era de morim branca; um camisolão com a faixa azul. Um bailado” (11).

“A gente se apresentava, elas cobravam” (8).

“Essa peça é de teatro [mostra, enquanto folheia]. A Casa das Bonecas, no Teatro Recreios Benjamim. Um teatro muito bom, muito grande. Essas, ela ensinava¹¹⁶ e a gente cantava. Tinha o personagem o Jeca, mas, era gozadíssimo... a da civilização... a francesinha, a portuguesa, a italiana, a espanhola e a brasileira. É muito

¹¹⁴ Essas peças foram apresentadas em datas diferentes e encontram-se registradas no livro de atas “Movimento Escolar”. Estão, também, especificadas nos anexos deste trabalho, em Rituais do Cotidiano.

¹¹⁵ Revista ACIAT.

¹¹⁶ A aluna se referia à Madre Helfrieda, que era a responsável para desenvolver e ensaiar peças e musicais. Todas as apresentações estavam sempre sob a sua direção.

interessante. Tudo cantado, falado. Essa peça era um sucesso! Quando a brasileira chega sambando... É muito engraçada!” (6).



Apresentação

Os rituais que acontecem no cotidiano tornam-se marcos de referência para os que nele viveram e dele participaram.

Um sistema de ensino rígido, cujo cotidiano era marcado pela memorização dos saberes a serem aprendidos, pela hierarquia e premiação, pelo estímulo à competitividade, as discriminações social e racial, o controle da moral, os rituais cívicos e religiosos, pela formação musical e teatral, auxiliavam na formação do que se considerava, na época, uma boa professora.

As ex-alunas do Santa Maria, como mencionado, se assim desejassem, ingressavam com relativa facilidade no mercado de trabalho. Além de professoras, o cotidiano escolar, inserido no espaço da cidade, formava também e antes de tudo mulheres – mulheres pertencentes às elites da sociedade – possivelmente boas mães e esposas, bem como católicas devotadas.

Depois de descrever e situar no texto os diferentes rituais não quero dizer com isso que tudo foi explicado, narrado porque há sempre muito mais a descobrir e revelar bem como comparar. Mas, o que foi possível, foi feito da melhor maneira com o intuito de contribuir para melhor compreender como as

mulheres eram formadas em um colégio confessional situado numa cidade pernambucana, no final dos anos 30 e nos anos 40 do século XX.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"A gente pensa uma coisa, acaba escrevendo outra e o leitor entende uma terceira coisa e, enquanto se passa tudo isso, a coisa propriamente dita começa a desconfiar que não foi propriamente dita."

(MÁRIO QUINTANA)

Chego ao fim deste trabalho. Fim que bem poderia ser um novo começo tendo em vista a quantidade de dados e informações que foram adquiridas durante o processo de sua elaboração.

Poderia rever os próprios rituais e analisar cada um dentro da perspectiva do ideário educacional das duas culturas. Mas, esse não era o objetivo primordial desta pesquisa.

Se este trabalho se propusesse a estudar a questão da "eugenia", muitas declarações teriam sido conseguidas, tanto no ideário educacional de Agamenon como nas colocações feitas pelas irmãs, de pertencerem a uma raça pura e, até, das próprias alunas que, em alguns momentos exaltavam a raça e sua prepotência, mas, esse também não era o objetivo.

Muitas perguntas ficaram sem respostas. Por exemplo: por que nem todos os padres enviados pela Diocese eram aceitos? por que alguns se demoravam tão pouco servindo como capelão na comunidade do Santa Maria? Não

conhecê-las, não adentrar em alguns pormenores, até mesmo para explicá-los, incomodaram-me bastante.

Se na I Guerra Mundial as irmãs franciscanas de Maristella enviavam donativos todos os dias para o “front” e para os feridos da guerra, por que também não os enviariam daqui, através das ofertas retiradas para benefício das Missões? Afinal de contas, a Casa-Mãe estava servindo ao III Reich, abrindo suas portas para pensar as feridas morais e físicas dos soldados abatidos e espalhando suas noviças pelos hospitais e escolas do Reich. Não seria sem propósito a doação. Era trabalho de missão. Afinal era a sua Pátria! Por que não? Elas não trouxeram para uma Pátria estrangeira tudo o que puderam para ensinar às nossas crianças e jovens? Não saíram com a conivência do Reich e aqui foram tão bem protegidas pelas autoridades locais e pelo governo?

Eu diria que as irmãs franciscanas vieram no tempo certo e plantaram junto com a nossa cultura a sua própria cultura de hábitos, de convivência, de ensino, mas, também, levaram e interagiram com a nossa.

Infelizmente a Ordem não envida os mesmos esforços que motivaram o fazer pedagógico da época e aos poucos se afastaram para a sua Pátria. Esse é um lamento de cada aluna entrevistada e aqui registro essa insatisfação. As declarações aconteciam a cada momento: *“Ah! que tempo aquele!”*. *“Hoje não se faz mais educação como antigamente!”*. *“Elas fizeram com que muitas moças não se tornassem, apenas, balconistas e operárias!!!”*. *“Não entendo por que se afastaram e deixaram leigas no comando!”*. Essas declarações por si sós dariam lugar a uma nova investigação. Por que será? Não há mais o objetivo de servir e formar meninas? O tempo apagou o sentido primeiro? Não há mais madres disponíveis?

Mas, como dizia Salomão no livro de Eclesiastes “...há tempo para todo propósito e obra”. Quem de certo sabe qual a motivação primeira? Só Aquele que tudo sabe.

O propósito de sair em época de guerra para “fugir” ou “servir” foi alcançado e para esta pesquisa foi um começo e um estudo intrigante.

Por isso paro, não como um grande ponto final, mas com a certeza de que a escola estudada ocupou/ocupa um lugar de destaque na sociedade timbaubense, tendo em vista que a sua origem não partiu de um capricho, mas de um desejo de plantar em outras terras a semente da cultura, lutando com garra e coragem, mesmo que as adversidades aparecessem.

Tristezas, saudades, conflitos, as irmãs franciscanas tiveram que enfrentar, mas o desejo de espalhar o ministério de seu serviço em terras de além-mar foi realizado. Não se pode afirmar que elas não se entregaram, no exercício de suas atividades, mesmo deparando-se com tantas dificuldades: sem eletricidade nem água encanada, sem meios de transportes e estradas eficientes para locomoveram-se com rapidez, mas sempre atentas a todos os detalhes. O telégrafo era o seu meio de comunicação que, com eficiência, encurtava distâncias, e as notícias e decisões poderiam ser ouvidas e tomadas com mais brevidade.

Houve, também, momentos alegres e descontraídos nas reuniões com o seu povo, nos retiros, nas missas celebradas em alemão e nas comemorações diversas. O sofrimento que, às vezes, perpassou o cotidiano nem de longe se comparava com o que acontecia em sua pátria com os estrangeiros ou mesmo com os seus patrícios.

Dessa forma, e com o empenho característico das irmãs em suas lides educacionais, conseguiram formar boas professoras, mães bem orientadas,

esposas preparadas e católicas fervorosas, em sua maioria. Neste trabalho foi possível demonstrar essa formação.

Talvez, por essa eficiência e eficácia, até hoje, no imaginário da cidade de Timbaúba e das ex-alunas, o Santa Maria seja um monumento de referência e memórias saudosas de um tempo que não volta mais.

Como uma tecelã artesanal, escolhi o campo, idealizei o que gostaria de construir.

No campo, consegui as ovelhas variadas com diversos tipos de lã. Tosquiei-as, cuidadosamente, com carinho e atenção. Fui ao rio onde águas correntes ajudaram-me a lavar e limpar as impurezas da lã. Estendi, ainda de forma desengonçada, no varal, e esperei um tempo até que secasse.

Os raios quentes do sol não só aqueceram, mas deixou-a macia e maleável. Com um pente próprio fui penteando, devagar, com cuidado e delicadeza; separando, definindo e enrolando em novelos diferentes, conforme a textura dos fios.

Depois, escolhi as cores, tinturei pequenas porções e coloquei-as em seus devidos lugares. Daí, fui montando o desenho e traçando os contornos da obra. Em nenhum momento achei fácil, mas esmerei-me o quanto pude para fazer o melhor.

E com a ajuda da mestra sempre presente, tramei, teci, traspassei, contornei, recortei e tirei os fios tortos que apareceram, na medida do possível.

E comecei o acabamento arrumando os detalhes, para no final, entregar à sociedade, não uma simples colcha de retalhos, mas uma peça única, com um desenho uniforme e um tecido singular.

Se consegui, não sei! Mas, espero que o esforço conjunto de todos os que participaram do processo alcance um fim desejável. Depende do olhar.

ANEXOS

ANEXO 1

Documentos encontrados no Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano:

- Prontuário 29.653 nº do Doc. 374 – Contém mapa da Alemanha e conquistas.
- Prontuário Funcional – Fundo SSP nº 31.249. Contém diversos envelopes com exemplares da Revista Diretrizes, recortes de jornais, revistas, ofícios, comunicações. As notícias que contextualizavam o momento político apareciam sempre em letras garrafais: Fascismo, Nazismo, Guerra, Estado Novo, Espionagem, etc.
- Conventos de Campina Grande (dos franciscanos). Fundo SSP nº 29.237. O convento foi inspecionado porque se suspeitava que havia um transmissor. O documento apresenta detalhes do caso. As atividades eram dirigidas por sacerdotes alemães.
- Prontuário Funcional – Alemanha – Fundo SSP 1.044 – Sobre ex-padre alemão que trabalhava para o nazismo.
- Arquidiocese de Recife e Olinda – Prontuário 1961 - Documentos, panfletos incentivando os fiéis a votarem certo, a combaterem o comunismo.
- Prontuário Funcional da Alemanha. Fundo SSP 29.653 – Relatório de detetive identificando o Partido Nazista em Pernambuco, comprovando o fato com duas fotos; telegrama solicitando não noticiar nomes de sacerdotes; lista de suspeitos presos no Campo de Concentração em Chã Estevam – Paulista. Continha nomes de muitos alemães. Constavam todos os dados pessoais e atividades que desenvolviam. Um ofício mencionava a existência de um presídio especial.
- Atividades dos Nazistas na Alemanha e no Mundo (A). Neste envelope, além de outros documentos sobre o nazismo, encontrei o

nome de sete das freiras que vieram para Timbaúba em 1938. Os documentos eram datados dos dias 2, 10 e 11 de março de 1943. Todas solicitavam notícias através da Cruz Vermelha Brasileira. Para cada uma havia uma ficha com todos os dados pessoais, a quem se dirigiam, o endereço e a mensagem, datilografados e datados.

- Atividades dos Nazistas na Alemanha e no Mundo (B) – Contém vários documentos entre os quais carta endereçada a Carlos Wolfhertz, no Brasil, vindo de Wiesbaden-Schierstein, 7 de maio de 1940. Menciona o Sr. Fischer, cuja filha estudou nas primeiras turmas do Colégio Santa Maria e morava nos arredores de Timbaúba.
- Informações da Polícia Marítima, nº 596 – Um envelope contendo informações sobre Erich Ratts, que foi várias vezes capelão do Colégio Santa Maria. Apontado como o vigário “apaixonado pela causa alemã.”. Informações oferecidas por detetive no dia 9 de março de 1942.
- Armstício 1918-1940 – Editado pela Luzinger S. A. Rio de Janeiro, Prontuário 29.653 Env. 03 - Dois tratados comparando o que aconteceu nos dois momentos entre França e Alemanha.
- Prontuário Funcional nº 28949 - Convento de Freiras – Timbaúba – 89 –D nº 9 – Dois documentos: uma carta endereçada ao Delegado informando a existência de um aparelho de telégrafos “Morse”, dentro de um armário no Colégio Santa Maria em Timbaúba. O outro documento é uma “parte de serviço” ao DOPS informando que a freira Hami Frida estivera detida, por suspeita (espiã). Geralmente vinha de automóvel, para o grupo escolar e saía de automóvel.
- Prontuário 29.653 – Alemanha – env. 05: Um brasileiro solicita ajuda ao Interventor Sr. Agamenon Magalhães para tomar

providências quanto aos brasileiros hipócritas que se associam com alemães. Contém também o início da repressão aos nazistas.

- O Livro Azul (Nazismo no Brasil). Nº do documento 547-D Fundo SSP nº 28.354.
- O Nazismo no Rio Grande do Sul. PY, Aurélio da Silva. Fundo SSP 29.214 – Dois documentos com 231 páginas.
- Prontuário 4.717 e 1961 – D – Relatório Agamenon Magalhães. Artigo: Esplendor e Miséria da Espionagem Nazista em Pernambuco. - Recife, 3 de abril de 1943 – Delegacia de Ordem Política e Social; folhetos, reportagens, vários artigos escritos pela igreja combatendo o comunismo.
- “Summi Pontificatus” – primeira Carta Encíclica de Sua Santidade Pio XII aos patriarcas, primazes, arcebispos, bispos e outros ordinários em paz e comunhão com a Sé Apostólica. Recife, Oficinas Gráficas d’A TRIBUNA – 1939; Combatendo o “agnosticismo religioso e moral”. [...] *“Onde a dependência entre o direito humano e o direito divino é negada, onde não faz apelo á idéia contingente da idéia meramente terrena e se reivindica uma autonomia apenas fundada sobre uma moral utilitária, o proprio direito humano perde a sua força moral precisamente nas suas aplicações mais gravosas – força moral que é a condição essencial para ser reconhecido e sobretudo para exigir sacrifícios”* [...] *“ o poder baseado sobre tais fundamentos tão deveis e vacilantes, pode lograr por vezes mercê de circunstâncias contingentes, eixos materiais capazes de causar maravilha a observação menos profundos; mas virá o momento – o do triunfo da lei inelutável – que destrói tudo quanto se construiu sobre uma desproporção, patente ou dissimulada, entre a grandeza do êxito material e os seus nimios valor intrínsecos e fundamento moral...”* (p.16). Defende o amor cristão da pátria; a autoridade civil não pode desligar-se de Deus; defesa dos direitos da família; os direitos

da consciência; o Estado e as atividades privadas; males do conceito absolutista do Estado; etc. e aponta a desordem como consequência desses erros.

- Não Transigir. Décima Primeira Carta Pastoral de D. Jaime de Barros Câmara – Cardeal Arcebispo do Rio de Janeiro. São Paulo. Doc. 42; *“É o grito de defesa nacional: não transigir! Sim, não transigir com os comunistas, pois quem tal fizer, tornar-se-á cúmplice de futuras desgraças em nossa estremecida Patria.”*
- A Voz do Episcopado Brasileiro. Carta Pastoral do Exmo. Sr. D. Jaime de Barros Câmara, Arcebispo do Rio de Janeiro, por si e pelo Episcopado do Brasil. Recife – 1945. Documento 421 – Exaltando a democracia e estimulando os fiéis a cumprirem seus deveres perante a sociedade.
- Interventoria Agamenon Magalhães – DIP – Departamento de Imprensa e Propaganda. Vários documentos solicitando: Não deixar que sacerdotes veiculem notícia de ordem político social; não divulgar dados estatísticos sobre produção, fornecimento, transporte, exportação e importação dos artigos (agrícolas e numerais) nem datas exatas de chegada e partida de navios; autorização de serviço de escuta e censura radiofônica; apreensão de livros e cancelamento de revistas e registros e não conceder registro.
- Exposição apresentada ao Chefe do Governo Provisório da República. Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, pelo Interventor Federal em Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti. Período administrativo de 1930 a junho de 1933 – Imprensa Oficial – Recife, 1933.
- Municípios – Administração Agamenon Magalhães – Secretaria do Interior 1938 – 1939 – Imprensa Oficial – Recife, 1933. O documento é uma exposição feita pelo sr. Arnóbio Tenório Vanderlei. *“O Município é peça básica da economia, da*

administração e da política nacionais. A sua formação, por assim dizer, familiar; o seu sentido mais agudo do bem comum, se bem que visto dum ângulo local; a sua maior sensibilidade pela tradição; os ímpetos dos seus interesses, transpondo as linhas das suas fronteiras e apertando os laços nacionais dos quais dependem, existencialmente, a sua economia e a sua vida, justificam a atenção acurada que às comunas dedica o governo de Pernambuco. Realmente é o município, como já lembrava Alexandre Herculano, elemento indispensável de toda boa organização social”.

- Decretos e atos da Interventoria Federal. Ano de 1939, Jan. Fev. e Março. Imprensa Oficial. Recife – 1939. Regulamento da Escola.
- Legislação Estadual de Pernambuco (1937-1938). Estante: 52, Prateleira 04, Número: 165. Decretos e Atos. Não encontrei o ato nomeando a fiscal Maria de Lourdes Veloso Borba, mencionado no livro de atas do Movimento Escolar do Colégio Santa Maria.
- Organização da Educação no Estado de Pernambuco. Acto nº 11.239, do Exmo. Sr. Dr. Governador do Estado, de 27 de Dezembro de 1928. Recife: Imprensa Oficial – 1929. Neste livro encontra-se a organização da educação no Estado – um plano completo no qual procurou ajustar todas as partes do aparelhamento escolar e um relatório elaborado por A. Carneiro Leão – solicitado pelo Governador do Estado. Ele visitou as escolas da capital e de grande parte do sertão. Não mencionou a existência de Escola Normal funcionando no interior e recomendou a criação de um curso anexo à Escola Normal em regime de internato para fazer professores dos filhos do interior – a fim de que eles voltem e se instalem no seu local de origem. Classifica também as entrâncias de acordo com os municípios. De posse da nota do(a) aluno(a) da Escola Normal os(as) mesmos(as) eram nomeados(as) para as referidas entrâncias.

Classificação das Entrâncias:

“Municípios de 1ª entrância: Afogados da Ingazeira, Águas Bellas, Lagoa de Baixo, Barra de São Pedro, Belém, Belmonte, Boa Vista, Cabrobó, Custodia, Flores, Floresta, Granito, Jatobá de Tacaratu, Leopoldina, Novo Exu, Ouricury, Petrolina, Salgueiro, São Gonçalo, São José do Egypto, Serrinha, Triumpho, Villa Bella e Fernando de Noronha.

Municípios de 2ª entrância: Água Preta, Altinho, Bebedouro, Bom Conselho, Bom Jardim, Bonito, Brejo, Buique, Correntes, Frei Caneca, Gloria do Goytá, Itambé, Jurema, Moxotó, Palmeira, Panellas, Pedra, Queimadas, São Bento, São Joaquim, São Vicente, Surubim, Taquaretinga e Vertentes.

Municípios de 3ª entrância: Aliança, Amaragy, Barreiros, Bello Jardim, Bezerras, Canhotinho, Caruaru, Catende, Escada, Floresta dos Leões, Gameleira, Garanhuns, Goyanna, Gravatá, Igarassu’, Ipojuca, Jaboatão, Limoeiro, Marayal, Morenos, Nazareth, Palmares, Pau d’Alho, Paulista, Pesqueira, Quipapá, Ribeirão, Rio Branco, Rio Formoso, São Caetano, São Lourenço, Serinhaém, Timbauba, Vicencia e Victoria.

Municípios de 4ª entrância: Capital e Olinda. (págs. 64 e 65) (ass.) Estácio de Albuquerque Coimbra e Dr. Gennaro Guimarães.

- Livro: Legislação Estadual de Pernambuco. Decretos, Atos e Notas. Estante: 30, Prateleira: 02, Número: 145, Ano 1933. Decreto nº 182, de 25 de Março de 1933. Encontra-se a Lei Orgânica do Instituto de Educação. No Título II, Capítulo III encontram-se as Disposições sobre a Escola Normal Rural. Pesquisei todos os livros de legislações dos anos de 1933 a 1945.
- Livro “O Ensino Normal de Pernambuco 1922 a 1926”. APEJE – Anexo I, Depósito III, Acervo: Secretaria de Educação. Estante: 16, Prateleira: 01, Volume: 164. Contém o relatório da Escola Normal de Pernambuco na gestão de Ulisses Pernambucano.

- Programas: Ensino Religioso nas Escolas – da Classe Preliminar ao 4º ano primário – 1942; de Educação Primária – 1º ao 5º ano – Todas as disciplinas (Meios de Expressão e Atividades Manuais; Iniciação à Matemática, Iniciação ao Estudo da Natureza e Educação Higiênica, com um adendo no 5º ano. Para meninas: Puericultura Post-natal, Iniciação ao Estudo da Sociedade e Educação Social; da cadeira de Psicologia – Escola Normal de Pernambuco – 1945; De Filosofia e História de Educação – 1945 Ruy de Ayres Bello; De Higiene e Puericultura (1º e 2º anos) – Dr. Fernando Simões Barbosa – Escola Normal Oficial Curso Pedagógico – 1945; De Português para o 1º ano do Curso de Professores – 1945 – Escola Normal de Pernambuco; De Sociologia Geral para o 2º e 3º anos Pedagógicos 1945 – Escola Normal de Pernambuco.
- Relatório do Interventor do Estado – 1941. Algumas páginas relatam o êxito da disciplina Pré-orientação Profissional, dando enfoque para as pequenas indústrias, clubes agrícolas, cooperativas escolares e tendo a Escola Rural Alberto Torres como modelo desde março de 1933.
- Portaria nº 352, de 15 de junho de 1940. Regimento Interno da Escola Normal de Pernambuco.
- Portaria N 481, de 16 de setembro de 1941. Um regulamento para as Bibliotecas Escolares, publicado pela Imprensa Oficial. Recife, 1942.
- Prontuário Histórico Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães. Fundo SSP 31.602 A e B – DOPS, contendo números de: Magazine Ilustrado, Diário de Pernambuco, Diário do Estado, Folha da Manhã, Diário da Manhã, O Radical, Jornal do Comércio, Folha do Povo.
- Prontuário Funcional Getúlio Dorneles Vargas - Fundo SSP DOPS 7.962 – 1949.’

Documentos encontrados no arquivo do colégio

- Livro das Atas de Colação de Grau 1943-1965, com atas e a assinatura de todos os professores e formandas;
- Movimento Escolar do Colégio de Santa Maria – Timbaúba – Pernambuco, 1938-1947. Registra os atos, festas e programas, rituais, feriados, férias, visitas, etc.
- Matrícula dos Alunos do Colégio Santa Maria – Timbaúba 1938-1948. Consta o número da matrícula primitiva, data da matrícula, nome do aluno, data de nascimento (idade), naturalidade, classificação, religião, escola que freqüentou anteriormente, nome do pai ou pessoa responsável, estado, profissão, residência (endereço), observações. A partir do terceiro ano de funcionamento mais uma coluna foi acrescentada indicando se a aluna era interna, externa ou semi-interna.
- Atas dos Exames de Admissão 1939-1948, constando o sorteio dos pontos, notas de cada prova escrita e oral, média geral.
- Livro de Visitas. Contém as assinaturas e comentários das autoridades que visitavam o colégio. No livro encontram-se também várias considerações sobre as irmãs e o Colégio, por autoridades do ensino, padres, bispo. Dois padres escreveram em alemão: Erico Rath e Otto Sailer.
- Livro das Atas do Curso Normal Rural 1939-1944, com as atas das provas parciais, oral e escrita, relativas a cada série do Curso Normal Rural, com os sorteios dos pontos de cada disciplina e notas de cada aluna, por disciplina, além da média geral.
- Movimento Escolar 1938 – Colégio Santa Maria Timbaúba – Pernambuco. Nesse livro constam a ata da reinauguração, os atos de 1938 - segundo semestre, grade horária do Curso Infantil, dos 1º, 2º, 3º e 4º anos primário e do Curso de Admissão; Programa do Ensino

do Curso Infantil, Programa de ensino do Curso Primário do 1º ao 4º ano e Admissão; Semanário do Curso Infantil (planejamento diário), do Curso Primário 1º ao 3º ano, conjuntamente, e 4º ano primário e Curso de Admissão, Mapa dos Exames do Curso Infantil.

- E Seguiram a Estrela - História da Congregação Franciscana de Maristella 1258 – 1975. Recife, Ano Santo de 1975. M. Seráfica Braümueller. Título do Original em Alemão “Das Kloster Maria Stern in Siebenhundert Jahren”. Brochura
- Suna, Lusivan. Timbaúba, Ontem e Hoje. Vols. I e II. Edições A Província, 1992 e 1996. Brochuras.
- Apostila contando parte da história da escola, por ocasião dos 60 anos.
- Matrícula do Curso Normal Rural, 1939-1940, com o nº de ordem, data, nome, data de nascimento, naturalidade, filiação, residência e uma coluna para observações.
- Boletim de Informações – Ginásio 1949 e 1951.
- Movimento no Internato do Colégio Santa Maria em Timbaúba.
- Histórico Escolar e 2 declarações comprovando que a aluna Helena de Lima Cordeiro fez o Curso Normal Rural. No livro de atas do Curso Normal Rural não consta o nome dessa aluna bem como no Livro de Matrículas do Curso Normal Rural. Ela só aparece no Livro de Atas da Colação de Grau.
- Chronil des Konvents Santamaría in Timbauba der Filial des Lofters Sankt Maria Stern in Augsburg – Gegründet –2. Juli 1938 – Neste constam muitos assuntos que não aparecem no Livro de atas em Português, denominado Movimento Escolar do Colégio Santa Maria – Timbaúba – Pernambuco 1938-1947. Obs. Está escrito em alemão até 1972.
- Livro de prestação de contas em alemão. Não foi possível traduzir.

- Programa da festa do dia 31 de agosto de 1947. Data onomástica da diretora.
- Duas narrações e uma descrição da data comemorativa 21 de abril – Tiradentes.
- Dados históricos sobre o Colégio Santa Maria em 1950.
- Requerimento à Ordem dos Músicos do Brasil, solicitando inscrever a M. Helmfrieda Josefina Loibl no Conselho Regional.
- Na Casa Maristella, na Av. João de Barros, Recife, consegui diversas fotografias do Colégio, 2 cópias do Timbaúba-Jornal, de 9 e 26 de setembro de 1970 e a cópia do livro Crônica da Escola Santa Maria 1938-1972 – Timbaúba-PE (em português), traduzido só até janeiro de 1954.

Documentos encontrados na Prefeitura Municipal de Timbaúba:

Cópia de artigos da Revista Especial Timbaúba. Publicação Especial da Associação Comercial, Industrial e Agropastoril de Timbaúba. Outubro de 1987

Cópia do Jornal A Noite Ilustrada de 8.9.934. Texto “Um Reducto de Civismo e Altivez”.

A Nova Igreja Matriz de Timbaúba. Reunião do dia 9 de Agosto de 1925 – Discurso do senador Jader de Andrade. Organização do Comitê Central. Oficinas Graphicas d’A SERRA – Queiroz e Andrade Timbaúba – Pernambuco (Transcrição da “A SERRA”, de 12 de Agosto de 1925).

Cópia autêntica da Ata da assembléia geral da Sociedade Franciscana Maristella. Timbaúba, 30 de junho de 1952

Estatutos da Sociedade Franciscana “Maristella” do Brasil. Conforme Ata da assembléia da Sociedade Franciscana de “Maristella” realizada no ano de 1958.

ANEXO 2

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1938 (Fonte: Livro de Atas Movimento Escolar)

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
10.07	Re-inauguração do Colégio	Presença de família e autoridades. Discursos do Pe. José Marques da Fonseca e Dr. Lauro D. Câmara. Missa entrega das chaves. Apelo feito pela Srta Hosana para a comunidade apoiar mora e financeiramente as religiosas.
11.07.	1º dia de aula	32 alunos matriculados, e turmas. Cursos Infantil, Primário, Admissão e facultativos
Primeiras semanas	Distribuição das alunas em classe	Exames e matrículas de novas alunas
Fins de julho	Primeiras provas parciais	Admissão, 4º ano. Promoção do 4º ano para o Admissão das alunas Margot Fischer e Mirian Ferreira Uchoa.
11.08.	Visita	Revmo. Pe.Otto Sailer – Pela manhã realizou missa na capela do colégio. Às 10:00 h – bênção dos salões seguida de uma procissão de mestras e alunas e uma parte recreativa.
Última semana		Confecção pelas alunas de quadros murais e ampliações de trabalhos de diversas disciplinas.
29.08.	Visita do Exmo. Sr. Interventor Federal do Estado	Prof. Dr. Agamenon Magalhães muito aplaudido ao ser recebido no portão pelas alunas e mestras..Percorreu todas as dependências achando-o magnífico. À saída, as crianças entoaram o Hino Nacional sendo muito apreciado.
30.08.	Visita	Monsenhor Júlio Moura
31.08.	Aniversário	O mês é encerrado com a manifestação à Madre Superiora R. Raymunda Habermeier, nossa querida Superiora, pêla passagem de seu aniversário onomástico.
12.09	Comemoração	Em nome de Maria SS. Manhã: Missa solene e comunhão geral. Um novo altar erguia-se na pequena capela. Vieram novas bagagens com as irmãs que ficaram na Academia Santa Gertrudes.
12.09.	Visita	Bispo de Nazaré, Sua Excia. D. Ricardo Vilela – 1ª visita
29.09.	Visita	Visita oficial do Diretor da Escola Normal do Estado a fim de tratar da equiparação.
04.10.	Festa	Festa de São Francisco de Assis. Manhã: Missa: “Angelis” cantada pelas religiosas e alunas. O uniforme foi inaugurado.
07.10.	Publicação Decreto	Dia da publicação do Decreto nº 1991, concedendo inspeção preliminar aoColégio. Dia de júbilo intenso. Mestras e alunas formam em frente ao prédio e na presença do Pe, José Marques e o Secr. a Prefeitura Sr.Augusto Azevêdo foi hasteado o pavilhão pátrio com Hino Nacional. Aulas suspensas.
12.10.	1ª Excursão	Comemorando o Descobrimto da América e dedicado às crianças.Lugar: Morro do Cruzeiro. Lá houve aulas de práticas de orientação da cidade, cânticos, jogos, etc.
24.11.	Férias	Distribuição dos certificados dos exames. Matrícula final: 43 alunas.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1939

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
03.01.	Início das Aulas	Matrículas abertas. O colégio abria amigavelmente as suas portas para receber as famílias.
06.02	Início das Aulas	Curso Primário
27.28.02	Exame de Admissão	20 alunas inscritas, aprovadas.
01.03.	Início das Aulas	Curso de Admissão
15.03.	Início das Aulas	Manha: Missa festiva – Revmo. Pe. José Marques Fonseca. Santo Sacrifício e o Rev. exaltou os méritos daqueles que pela causa sublime de Cristo não se intimidaram com o exílio da pátria distante. Curso Normal solenemente iniciado.
01-10.04.	Férias	Férias da Semana Santa - Páscoa
21.04.	Data Cívica	Programa traçado de ante-mão. Às 9 horas reuniram-se na grande área destinada aos exercícios físicos, mestres e alunas. 1º Hino: Nossa Pátria; 2º Discurso: Dr. Aristides de Paula Gomes; Números de ginástica; Discurso aluna: Elisabete Fischer; Poesia: Brasil, de Humberto Campos-aluna do Curso Primário: Terminou com o Hino Nacional
13.05.	Dia da Libertação dos Escravos	Curso Primário: Alunas e mestras reunidas. A profª Otávia Dias dissertou sobre a data. Curso Normal: Dr. Aristides –lente de História, falou às alunas.
15-17 e 19.05	Primeiras provas parciais	Curso Normal. Dentro dos requisitos exigidos pelo Departamento de Educação
15.06.	Férias	Prolongaram-se até o dia 03 de julho
21,24,25. 27,28.07.	2ª Prova Parcial	Curso Normal Rural
17.07.	Novas madres	Noite de 17 de julho chegam novas madres da Alemanha. As madres de Timbaúba foram avisadas que elas vinham e aguardaram sua chegada com muita ansiedade. Provavelmente, através do aparelho de telégrafos.
18.07	Boas-Vindas	As alunas reuniram-se. Uma normalista em nome das colegas, externou o grande contentamento de que todas se achavam possuídas e ao mesmo tempo apresentou os votos de boas vindas.
31.08.	Aniversário	Festa onomástica da Madre Superiora. Festa para expressar a gratidão pelo amor maternal e dedicação que as alunas receberam. 6:30: missa festiva e comunhão geral. Hosana Queiroz saudou a mestra. Foi oferecida uma lembrança. À tarde, no pátio interno teve lugar a hora da alegria.
01.09	III Congresso Eucarístico Nacional	Começaram a falar sobre o mesmo para que as alunas e mestras sentissem a grandeza e a felicidade de unidas a PE e Brasil. Sentir a grandeza de ser brasileiro crendo no sublime mistério da Eucaristia.
11.09.	Recomeço das aulas	Atividades escolares
25.26.28.29.09	Terceiras Provas Parciais	Curso Normal Rural – Uma aluna não obteve a média e perdeu o ano.
21.09.	Dia da Árvore	Plantaram uma árvore frutífera. Josefa Coêlho de Moura falou sobre a agricultura no Brasil, sua principal fonte de riqueza, necessidade de se dispensar mais amor e dedicação, porque são úteis à existência, valor alimentício das frutas, o encanto e a utilidade das flores.
04.10.	Primeira Comunhão	6:30 neo-comungantes entram na capela que se achava artisticamente preparada desde a véspera. Missa. 13 alunas recebeu a Jesus-Hóstia. A noite encerrou-se o tríduo. Houve a bênção do S.S., a Renovação do Batismo. Pais e mestres acompanharam esses atos comovidos e felizes.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1939 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
12.10.	Descobrimto da América Dia da Criança	Excursão ao campo. O desfile das alunas saiu do colégio. Em muitas notamos o espírito de observação. Em outras, a sede de saber interrogando com curiosidade as aparentes contradições entre a natureza e as lições de história natural dada entre as quatro paredes da sala de aula.
30.10.	Feriado	
13-14.11	Provas escritas	Curso Primário
15.11	Cincoentenário da República	O cel. Álvaro de Moraes Coutinho, pref. do mun. Quis comemorar com um programa que correspondesse as nossas tradições de civismo e religiosidade. Havia uma sessão cívica e participaram o Rev. José Marques da Fonseca, o Prefeito, o Juiz de Direito, Dr. Lauro D. Câmara e outras pessoas de destaque da cidade. O Dr. Aristides de Paula Gomes usou da palavra. Número de canto e música.
Depois do Dia 15	Exames orais	Curso Primário com banca examinadora. Raimunda, Albertine, Clara, Otávia Dias e Josefa Maria
04.12	Encerramento do ano letivo	Festa com músicas cantadas e tocadas com violão, piano, violino, piano a 4 mãos. Discurso do reverendo, danças populares, poesia, exercício físico, cena cômica infantil.
04.12.	Visita	Do Sr. Diretor da Escola Normal Oficial do Estado, Dr. Rui Bello para inspeção.
05.12.	Entrega de boletins	Missa: Padre José Marques Fonseca. Prof. Otávia Dias, falou; e despediu-se do colégio para fundar a sua própria família.
	Férias	Tempo feliz de descansar.
11,12.12	Exame de Admissão	14 alunas ficaram e mais duas de outros colégios prestarem exames e foram aprovadas.
12.12.	Encerramento do Período	Parece que os Timbaubenses gostaram muito do Colégio, foram matriculadas neste ano 124 filhas do bom povo, 3 vezes mais que no ano passado. Graças a Deus! foi este ano cumulado pelas bênçãos do nosso Senhor bondoso.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1940

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
15.01.	Matrículas	Curso Primário
01.02.	Matrículas	Para o Exame de Admissão
02.02.	Equiparação Oficial	Para o Curso Normal-Rural
09.02.	Início das Aulas	Curso Primário

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1940 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
26,27.02.	Exames	Exames de 2ª época para Admissão ao Curso Normal-Rural de 4 candidatas inscritas e a prova oral de Geografia da aluna Erenita de Moraes Coutinho que havia sido prejudicada em 1ª época. Todas obtiveram a média exigida pelo regulamento.
1-15.03.	Férias	Semana Santa – Páscoa para o Curso Primário. Inscrição para 1º e 2º ano Fundamental do Curso Normal Rural
25.03.	Reinício das aulas	Curso Normal Rural e Primário. Organização do corpo docente
09.04.	Capelão para o colégio	Pe. Otto Sailer - alemão
10.04.	Comemoração	As alunas fizeram-lhe uma pequena manifestação.
13.05.	Libertação dos Escravos	Missa solene e Canto: Seja um pálio de luz, Discurso: Josefa Coelho e Giselda Câmara; Canto: No Brasil não tem pano mais bonito...; Poesia: A bandeira por Coeli Oliveira; Canto: Nossa Pátria é mais forte e Pe. Otto Sailer falou sobre a libertação do Espírito pelo cristianismo; a sessão foi encerrada com o Hino Nacional.
25.05.	Novo sacerdote	As alunas cumprimentam o novo sacerdote: Pe. Erico Rath.
26.05.	Missa	Pe. Erico celebrou a primeira Santa Missa na capela do Colégio em presença do Revmo Bispo D. Ricardo; as alunas entoaram nesta ocasião o cântico: Sacerdotes magnus e a Missa Angelis.
2ª quinz. Maio	Prova parcial	Primeira prova parcial do Curso Normal Rural
13.06	Férias	Início das férias de São João
01.07.	Reinício das aulas	Pe. Erico Rath assumiu a cadeira de Inglês do 2º ano Normal.
01.07.	Substituição do capelão	O novo capelão é Pe. Erico Rath.
10.07.	Comemoração	Aniversário do Colégio. Missa solene e jogos
Julho	Volta da Professora	Assume a direção das aulas de música, trabalhos manuais e ginástica a Madre Helmfrieda, que se achava ausente desde abril por motivo de doença.
2ª quinz. julho	Provas parciais	As segundas para o Curso Normal Rural
31.08	Aniversário	Saudação a Madre Superiora pela sua data natalícia.
01.09.	Semana da Pátria	Dr. Lauro D. Câmara falou sobre a independência do Brasil. As alunas cantaram: Nossa Pátria é mais forte. Durante a semana os professores falaram sobre a independência em suas classes e foram ensaiadas diversas cânticos pela profª de música Madre Helmfrieda Loibl.
12.09.	Feriado	Em homenagem a Santa Maria, Padroeira do Colégio.
20.09.	Dia da Árvore	As alunas plantaram duas árvores no sítio do Colégio e D. Eunice Xavier de Andrade falou sobre a importância do dia. Música: “ Sabes tu, qual é a terra”; o 3º e 4º ano Primário recitaram a poesia> “A árvore” e Helbe Souto, aluna do 1º e 2º ano recitou: “As flores”.
21.09.	Excursão	O Curso Normal fez uma excursão à fazenda “Araruna”.
19,20,22.10.	Feriados	Preparação e realização das festas das missões.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1940 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
1-15.03.	Férias	Semana Santa – Páscoa para o Curso Primário. Inscrição para 1º e 2º ano Fundamental do Curso Normal Rural
25.03.	Reinício das aulas	Curso Normal Rural e Primário. Organização do corpo docente
09.04.	Capelão para o colégio	Pe. Otto Sailer - alemão
10.04.	Comemoração	As alunas fizeram-lhe uma pequena manifestação.
13.05.	Libertação dos Escravos	Missa solene e Canto: Seja um pálio de luz, Discurso: Josefa Coelho e Giselda Câmara; Canto: No Brasil não tem pano mais bonito...; Poesia: A bandeira por Coeli Oliveira; Canto: Nossa Pátria é mais forte e Pe. Otto Sailer falou sobre a libertação do Espírito pelo cristianismo; a sessão foi encerrada com o Hino Nacional.
25.05.	Novo sacerdote	As alunas cumprimentam o novo sacerdote: Pe. Erico Rath.
26.05.	Missa	Pe. Erico celebrou a primeira Santa Missa na capela do Colégio em presença do Revmo Bispo D. Ricardo; as alunas entoaram nesta ocasião o cântico: Sacerdotes magnus e a Missa Angelis.
2ª quinz.Maio	Prova parcial	Primeira prova parcial do Curso Normal Rural
13.06	Férias	Início das férias de São João
01.07.	Reinício das aulas	Pe. Erico Rath assumiu a cadeira de Inglês do 2º ano Normal.
01.07.	Substituição do capelão	O novo capelão é Pe. Erico Rath.
10.07.	Comemoração	Aniversário do Colégio. Missa solene e jogos
Julho	Volta da Professora	Assume a direção das aulas de música, trabalhos manuais e ginástica a Madre Helmfrieda, que se achava ausente desde abril por motivo de doença.
2ª quinz. julho	Provas parciais	As segundas para o Curso Normal Rural
31.08	Aniversário	Saudação a Madre Superiora pela sua data natalícia.
01.09.	Semana da Pátria	Dr. Lauro D. Câmara falou sobre a independência do Brasil. As alunas cantaram: Nossa Pátria é mais forte. Durante a semana os professores falaram sobre a independência em suas classes e foram ensaiadas diversas cânticos pela profª de música Madre Helmfrieda Loibl.
12.09.	Feriado	Em homenagem a Santa Maria. Padroeira do Colégio.
20.09.	Dia da Árvore	As alunas plantaram duas árvores no sítio do Colégio e D. Eunice Xavier de Andrade falou sobre a importância do dia. Música: “ Sabes tu, qual é a terra”; o 3º e 4º ano Primário recitaram a poesia> “A árvore” e Helbe Souto,aluna do 1º e 2º ano recitou: “As flores”.
21.09.	Excursão	O Curso Normal fez uma excursão à fazenda “Araruna”.
19,20,22.10.	Feridos	Preparação e realização das festas das missões.
21.10.	Festa das Missões	Realizou-se um programa especial: Cantos, Música ao piano e violão e violão/piano, Poema, Dramas Serenada. Houve grande entusiasmo e alegria pro parte de todas as alunas, sendo obtido um bom resultado.
29.11.	Feriado	Dia do Comércio
07.11.	Exames	Para o Curso Infantil

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1940 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
08.11	Exames	Provas escritas em todas as classes primárias
12,13,14,11.	Exames	Exames orais do Curso Primário
18,19,10,11.	Provas parciais	As últimas para o Curso Normal Rural
21.11.	Encerramento das aulas	Para o Curso Primário. Houve uma festa de encerramento: Manhã 7 horas: Missa votiva com comunhão para as alunas. Missa de Schubert pelas alunas. Noite: 7 horas no pátio interno do colégio. Canção: Mocidade brasileira e Discurso do Revmo. Vigário Pe. José Marques da Fonseca; dramatização; Peça ao piano; Poesia; Ginástica; Drama; Movimentos rítmicos com a bola; Entrega dos boletins e prêmios às alunas mais aplicadas; canção: Oh! Aulas, adeuzinho.
02-07.12	Provas escritas e orais	Para o Curso Normal Rural
09.12.	Entrega de boletins	Aprovadas todas as alunas
		Durante o ano 36 alunas Curso Normal Rural e 85 Curso Primário.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1941

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
21.01.	Matrículas	O Colégio de Santa Maria abriu suas portas pela 4ª vez sob a direção das Franciscanas para a formação intelectual e espiritual da juventude Timbaubense. Ficou portanto aberta a matrícula.
27.01.	Curso Admissão	Início do curso de preparação para os Exames de Admissão
06.02.	Exames	Realizaram-se os Exames de Admissão, a que se submeteram vinte-e-uma alunas. Todas alcançaram a felicidade de passar para o 1º ano do Curso Normal-Rural.
Até 15.02.	Inscrições	Para o Curso Normal-Rural.
18.02.	Início das aulas	As salas do edifício reencheram-se com a juventude sorrindo e teve início o ano de estudo. Houve a Santa Missa festiva, suplicando a bênção de Deus sobre os trabalhos deste ano.
	Carnaval	Já em breve foram interrompidos os trabalhos escolares pelos dias de Carnaval. As internas somente passaram este tempo com grande alegria no Colégio.
27.02	Reinicia as aulas	Prosseguimento das aulas.
19.03.	Dia de São José	Foi celebrado com Santa Missa festiva e depois como dia feriado.
Março	Perda	O Colégio Santa Maria perdeu a caixa de saltos e um grande pedaço em largura e comprimento do sítio, para construir uma nova rua e uma nova praça.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1941 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
26.03.	Visita de Cia. de Dança	Os Cossacos visitaram o Colégio, alegrando a juventude colegial com danças russas, cantos e música instrumental
04.04.	Páscoa	Encerraram-se as aulas antes de Páscoa com comunhão geral.
16.04.	Reinício das aulas	Apareceram as alunas para o reinício das aulas.
19.04.	Aniversário de Getúlio Vargas	De manhã às 8 horas n o pátio enfeitado, diante de um retrato de ilustre Presidente do Brasil foi-lhe prestada uma homenagem com entusiasmo. Dr. Zoé falou sobre os merecimentos do famoso chefe da nação; mencionando especialmente os progressos na agricultura, da indústria, do comércio, como igualmente da formação intelectual dos Brasileiros pelas escolas primárias, normais rurais e industriais sob o regime do célebre Presidente. Com cantos patrióticos e o hino nacional encerrou-se o ato festivo.
01.05.	Feriado	Dia do trabalho
Maio	Paixão de Cristo	As alunas tiveram o prazer de assistir ao drama: “Paixão de Cristo” no Circo; as personagens foram em grande parte Francezas.
15.05.	Feriado	Em memória à Publicação da Encyclica: Reno Renovarum. Dr. Lauro Câmara falou de manhã sobre a importância desta Encyclica.
22.05.	Comemoração	Festa de Ascensão de Nosso Senhor-memorado com Santa Missa festiva.
02.06.	Saída/troca de professores	Deixou o Colégio a professora D. Iraci Maria, D ^a Eunice Xavier assumiu a cadeira de Português no 1º ano Normal-Rural e Dr. Zoe Borba as de História da Civilização no 1º ano e Corografia do Brasil no 1º ano Normal-Rural.
12.06	Férias	As alunas entraram no gozo das férias de São João.
01.07.	Início das aulas	Findaram os dias felizes das férias e os trabalhos escolares foram continuados com forças renovadas.
10.07.	Aniversário	O dia inesquecível da reinauguração do Colégio Santa Maria – comemorado como dia festivo para as mestras e alunas: De manhã Missa solene de graças e a tarde jogo e aceita da com muito prazer, leilão grátis
15-17.07	Provas parciais	Do Curso Normal-Rural
22.08.	Dia do Soldado	O dia de honra do famoso patriota: Duque de Caxias: As 8 horas de manhã Dr. Zoe dissertou sobre a vida e os atos heróicos do valente soldado. Cantos: “Mocidade Brasileira” e “Somos colegas do pátria do futuro”, A hora festiva foi encerrada com o Hino Nacional.
23.08.	Desfile	Em memoria deste grande herói as alunas tomaram parte na passeata na cidade.
24.08.	Festa de homenagem à Superiora	O programa foi o seguinte: Música: “Barcarola” – piano; “Passeio no Barco” – piano; Rondo – violão e piano; “No Prado” – piano; Reunião alegre” – piano; Valsa – violino e piano; Sonatine – piano; Drama: “A oferta mais agradável a Deus”; Cantos: Comédia: Empregada contra a vontade.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1941 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
31.08.	Dia onomástico de Madre Superiora	Solenizado como um dia de júbilo imenso. As horas festivas representaram a gratidão cordial das alunas. Programa: De manhã: Santa Missa com Cantos. Às 10 horas: Gratulação das alunas no pateo do Colégio. 1º: O Santíssima – Coro com Serafine, violão e flauta; 2º: Discurso e oferecimento como lembrança e símbolo de reconhecimento uma custódia de ouro para a capela do Colégio; 3º: Meu bom pai – piano e violão; 4º: Poesia; 5º: Dança popular; 6º: Valsa –piano; 7º: Uma dança pequena – piano; 8º: Dança popular; 9º: Ó terras feiticeiras – Canção; Fim: Benção da Bandeira – Hino da Bandeira. Para a parte festiva da noite apareceram os amigos do Colégio e as famílias das alunas que acompanharam com grande interesse as cenas no palco. Músicas tocadas Soneto: O monge e poesia Marta e Maria; Comédia: Criada contra a vontade; Drama: Santa Germana de Pibrac. Nos intervalos entre os 4 atos tocaram: Canção das flores. A lanterna mágica, barcarola.
05.09.	Feriado/Desfile	Por ser o dia em que a juventude comemora a independência do Brasil. As 16 horas da tarde todas as alunas tomaram parte na grande parada da Juventude Timbaubense.
07.09.	Festival/Missões	Em favor das Missões com um programa: Músicas, danças populares, Comédia, e um drama em 4 atos intitulado: Santa Germana. Arrecadação: 208\$000.
20.09.	Dia da Árvore	Canto: O' Terras Feiticeiras. Dª Eunice dissertou com uma facilidade de expressão sobre a importância das árvores. Em frente da sala de música foi plantada uma mangueira. No fim foi cantado: Nossa Pátria é mais forte.
23.09.	Visita	A Inspectora do Governo: Dª Lia de Souza. Depois do exame dos livros das atas escolares correu a visitadora as classes do primário e do Curso Normal-Rural. No pateo do Colégio as alunas saudaram a Sra. Inspectora com cantos, dansas e ginástica como segue: Dansa popular; Cânon: Ser Alegre; Mocidade Brasileira; Ginástica das pequenas: Corridas do cachorro, das aves, imitação da vela, do ciclista e da balança; Canto: Não há moda tão bonita; Repiu: Canto; Canto: Nossa Pátria é mais forte. Ao meio-dia despediu-se levando boa impressão dos cantos orfeônicos, como está escrita no livro de visita e deu um impulso para fundação do Clube Agrícola.
04.10.	Feriado/1ª Comunhão	Festa de São Francisco. Santa Missa. O aluno Frederico Cabral Dias fez a 1ª Comunhão.
09.10.	Excursão/Desfile	A Limoeiro. Mas custou muita paciência a chegada dos carros. Às 9 horas saíram cantando as normalistas em caminhão. As 11 horas a saída do primário. As normalistas visitaram e saudaram as alunas do Colégio de Santa Cristina em Nazaré. O júbilo foi máximo em Limoeiro, saudando as colegas em seu discurso e com danças populares. As alunas dos dois colégios fizeram uma parada na cidade e visitaram a Estação de Monta perto de Limoeiro. As 8 horas da noite estavam todas em casa.
Até 18.10.	Preparação Festas das Missões	Grandes e pequenas ficaram fora das aulas, muito ocupadas, pedindo escmolos, preparando surpresas e prendas e assistindo os ensaios. O zelo cresceu cada dia mais.
18.10.	Preparo Festa das Missões	De noite ficaram prontas as quatro barracas e o carrocel.
19 e 20.10.	Festa das Missões	Em todo recanto dominou a alegria. Programação com cantos, danças, Drama: Entre Dois Corações Maternos (Em 4 atos). As apresentações foram muito aplaudidas. O produto do zelo das alunas constou em seguinte: Curso Infantil e 1º ano: 30\$300; 2º e 3º ano Prim. 44\$600; 4º e Admissão 164\$100; e assim foi: Subtraindo as despesas ficaram 3:352\$700 para as Missões. Fora destes as alunas trabalharam também em muitos vestidos.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE

ANO: 1941 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
21.10.	Dia de Descanso	
30.10.	Feriado	Dia do comércio
10.11.	Aniversário/Desfile	Aniversário do Governo – as 4 horas as alunas do Colégio tomaram parte em uma passeata pela cidade.
15.11	Feriado	Em memória da Proclamação da República
17.18.20.11.	Provas parciais	No Curso Normal-Rural as segundas provas parciais.
19.11.	Dia da Bandeira	Foi içada a bandeira e a juventude do Colégio cantou o hino nacional
22.11.	Tarde Esportiva	As 2 ½ horas realizou-se “A Tarde Esportiva” – Todos foram bem preparados e os olhos brilharam de esperança e de alegria. Foi obedecido o seguinte programa: 1º Corrida dos sacos; 2º Corrida de ovo; 3º Corrida de agulha; 4º Salto de altura; 5º Salto de extensão; 6º Cabo de guerra; 7º O vai, vem; 8º Arremesso; 9º Corrida de Estafeta; 10º Bola sobre a Corda; 11º Bola de bater; 12º Ginástica geral, exercício de toda a juventude do Colégio. Depois vem os vencedores em cada modalidade. Houve prêmios. Curso Primário: Uma pasta com cadernos. Para as normalistas: Um broche: Rosa Branca
23.11.	Encerramento das Aulas	Curso Primário. As 6 ½ horas foi celebrada a Santa Missa Gratulatória no pateo interno do edifício. Abertura da Exposição. As 4 horas reuniram-se todas as alunas na capela para receber a bênção sacramental. As 4 ½ no pateo de Ginástica com a presença do pároco,, famílias, amigos do Colégio a festa do encerramento. Programa: 1º:Ginástica; 2º Canto: Sois da Pátria Esperança; 3º Discurso pelo pároco da cidade; Revmo. Pe. Marques da Fonseca; 4º Entrega de boletins e prêmios; 6º Discurso por uma representante do corpo discente; 6º O aulas adeusinho – Canto. Como prêmios para as primeiras de cada turma foram oferecidos livros em o valor de 70\$000. Livros: Tadinho; Rinaldo e Maneco; Historia de Verdade; O cativo do Corsario; Nos Arraiais do Mahdi; Por Minha Irmã; Padre Nosso; Heidi; Walda Paixão; Historia das missões; Maggy; Pássaros Cativos; Lutas e coroas.
	Férias para o Primário	
	Normalistas	Semanas cheias de estudo. Duas alunas do 1º ano não alcançaram a média para o exame final.
1-3.12.	Provas	Exames escritos e orais das primeiras, segundas e terceiras séries do Curso Normal-Rural. Uma delas não passou nos exames. Classificação dos primeiros lugares: Olga Leite de Queiroz, Auxiliadora Tavares de Andrade e Maria de Lourdes Borba Maranhão, respectivamente.
06.12.	Entrega de boletins	Encerramento do ano letivo.
		Matrícula deste ano: 118 alunas, sendo 63 do Curso Primário e 55 do Curso Normal-Rural. Muito grata a Deus que deu prosperidade!

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1942

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
02.01.	Matrículas	O Colégio abriu as suas portas de par em par, a fim de receber as alunas que vieram matricular-se no Curso Primário.
20.01.	Matrículas	As candidatas para o Exame de Admissão. fizeram a sua inscrição no livro de matrículas
26.01.	Curso preparatório	Para o aludido Exame de Admissão
02.02.	Exame de Admissão	25 candidatas e todas conseguiram sair aprovadas.
19.02.	Início das aulas	Primário e Normal, reabriram as suas aulas. Primário: 60 alunas e Normal, 71 alunas.
	Durante as férias	O Colégio passou por grandes modificações: novas construções, como sejam aviário, colméias, viveiro, galinheiro, parque de patos, oficina destinada ás aulas de pré-orientação.
19.03.	Dia de São José	Houve Santa Missa festiva, bênção do S.S.
25.03.	Dia do Milho e Feijão	A fundação do Clube Agrícola, por impossibilidade do aparecimento da ilustríssima comissão do Recife foi mudada a festa. Programa: Música: Ouverture de C.M. v. Weber; Discurso: J. Amaral; Canto: Oh Terras Feiticeiras: Marcha de Anton Diabelli; Poesia: Salve Brasil; Canto: Não há nada tão bonito; Poesia: O milagre do Nordeste; Cantos Sabiá da Mata; Poesia: O Baile na flor; Danças populares; Canto: Brasil repleto de belezas mil; Visita a horta, ao parque e aviário. Discurso do Pe. José M. da Fonseca; Canto: Eu vi; Plantio de milho e feijão: Hino nacional.
26.03-07.04	Páscoa	Férias
12.04.	Domingo em albis	1 ^{oa} comunhão de Necy Araújo e Waldira Rego Netto.
19.04.	Aniversário de Getúlio Vargas/Desfile Escolar	O desfile foi antecipado para o dia 17 de acordo com a resolução adotada pela Secretaria do Interior. 15 horas – concentração de todos os alunos dos grupos escolares, colégios, externatos e escolas na praça João Pessoa; As 16 ½ desfile escolar com a participação da Tropa Escoteira, Duque de Caxias, Colégio Santa Maria, Grupo Escolar Prof. Cavalcanti, Grupo Escolar Municipal, escolas municipais, escolas particulares e Externato Timbaubense. Comércio fechou às 16:00 horas. Discurso as 17 ½ do Revdo. Vigário José Marques da Fonseca. João Feliciano da Silva e vários outros oradores e por fim, o dr. Potiguar Fernandes.
19.04.	Fundação do Clube Agrícola	Programa: Fantasia - Piano; Mocidade Brasileira - Canto; Discurso: Antônio Amaral; Eleição da Diretoria do Clube; Abertura da sessão do Clube pela Presidente; Compromisso dos Sócios (leitura e assinatura); Marcha pro Antonio Diabelli; Discurso -Marta Cunha Pedrosa; Canto - Escola Rural; Poesia - Salve Brasil; Canto - Minha Terra tem Palmeiras; Poesia - O Milagre do Nordeste; Canto - Sabiá da Mata, O Baile na flor; Danças populares; Hino Nacional. Visita ao sítio para exposição de trabalhos práticos, além de composições, cartazes, álbuns, herbários, dando expressão às idéias mensais, a importância e as vantagens desta sociedade, que tem por fim educar patriotas que sabem valer e aproveitar a sua terra preciosa e rica.
21.04.	Feriado	Em memória a Tiradentes
26.04.	Estágio:Escola Alberto Torres	Madre Helmfrieda foi a Recife para o estágio. Por este tempo surgiram dificuldades, substituição da mestra que se ausentava por alguns meses.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE

ANO: 1942 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
14.05.	Festa religiosa	O colégio compareceu a Matriz a fim de render a Virgem Santíssima, o seu preito de homenagem.
04.06.	Festa Religiosa	Teve lugar uma festa de grande caráter religioso, a de Corpus Cristi; o Colégio não querendo furtar-se ao desejo de prestar o seu culto de adoração ao Rei dos Reis, tomou parte na procissão.
12.06.	Festa das Flores	Programa: Canto-Escola Rural; Saudação; Poesia - As Duas Flores de Castro Alves; Poesia - As Flores de Olavo Bilac; Canto - A Madrugada; Poesia - Rosa Branca e Vermelha de Belmiro Braga; O Baile na flor; Canto a 3 vozes; A Jardineira - Canto e dança; Marieta a Floris - Comédia em 2 atos; Discurso sobre a campanha do mês - Cana de Açúcar; Cantos - O Futuro - Reina Grande Alegria; Inauguração da exposição das flores.
12.06.	Férias sanjoanêscas	
06.07.	Reabertura das aulas	
2º semestre	Matrículas	Novas alunas internas e externas.
31.07.	Dia das Aves	Às 11 ½ da manhã, realizou-se uma festinha: As alunas diante do viveiro, entoaram bonitas canções como sejam: Bem-te-vi, Eu conheço um passarinho, Ao despertar da madrugada, Brasil do meu Deus; Dr. José Inácio de Andrade usou da palavra falando das aves e que mostra a onipotência do Criador. A aluna Terezinha Mendonça também falou.
27-29.07.	Provas parciais	Curso Normal-Rural.
01.08.	Campo experimental	O colégio adquiriu por aluguel mensal um campo experimental, que servirá ao Curso Normal-Rural para Agricultura.
13.08.	Missa	Na matriz da cidade, foi celebrada uma missa solene em ação de graças pelo restabelecimento de Dr. Getulio Vargas, homem extraordinário – a quem está confiado o destino de um país não menos extraordinário – o Brasil. O colégio compareceu à missa, e para dar caráter mais festivo, algumas mestras e alunas entoaram hinos sacros, honrando à Deus pela graça que alcançaram.
25.08.	Feriado	Mestras e alunas do Santa Maria reuniram-se para homenagear a memória do valoroso general brasileiro do século XIX – Duque de Caxias. Às 8 horas sessão cívica cantando os hinos da Bandeira e Nacional; Profª Dª Eglantine dissertou com erudição sobre a personalidade de Luiz Alves de Lima; Discurso Dr. José Inácio de Andrade; Canções patrióticas: Bandeira da Minha Terra; Nossa Pátria é mais forte; Mocidade Brasileira.
31.08.	Dia onomástico da Madre Superiora	Às 6 1/2 da manhã missa solene; 8 horas - Alunas recebem a diretora e entregam uma estante de turíbulo à diretora. Dois alunos do primário recitaram poesias; Cantaram: Faz mais um ano, Mestre e Sol, Há, há, há, dia de festa.
01.09.	Inauguração do primário-D.Pedro II/Desfile	O colégio tomou parte nessa festa. As alunas apresentaram-se diante do Dr. Pereira Pontes – secretário de Viação cantando hinos pátrios: Mocidade Brasileira, Ser alegre, etc. Mestras e alunas, mereceram do Dr. Pereira Pontes os maiores encômios. Desfiles escolares; Santa Missa, também em ação de graças pelo estabelecimento do nosso presidente. Foi cantada pelas alunas do colégio.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE

ANO: 1942 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
01.09.	Campanha do Metal	A tarde, a tropa escoteira da cidade, saiu a recolher metais que seriam enviados a Marinha da Guerra. Foi necessário um carro, afim de receber todo o metal que as mestras e alunas do Colégio ofereceram à Campanha do Metal.
	Semana da Pátria	Todo o ensino facultado às alunas, visava um fim altamente expressivo – procurar incutir no ânimo infantil o verdadeiro sentimento de amor da Pátria. Foram feitos cartazes com inscrições alusivas a Pátria; quadros desenhados representando as produções principais de cada Estado, bandeiras pintadas, mapas geográficos, etc. As aulas de canto, ginástica, ciências, tinham o mesmo objetivo – incentivar e reavivar no aluno a admiração, o amor e o respeito afim de que este modo ele viesse compreender melhor o valor e significação da Pátria.
07.09.	Desfile	O colégio participou a convite, da concentração na Praça João Pessoa, seguindo-se o desfile dos grupos escolares, estadual, municipal, escolas particulares e do colégio, pelas principais ruas da cidade.
12.09.	Consagrado à Nossa Senhora/Feriado	Padroeira e protetora de nosso Educandário sendo comemorado como dia festivo. Pela manhã as alunas se reuniram na capela, para assistir a santa missa solene, durante a qual suplicaram e veneraram a sublime Rainha Celeste, com cantos e prestando o seu preito de gratidão.
15.09.	Donativos para lancha e avião	Uma comissão de acadêmicos visitou o nosso Colégio com o fim de angariar donativos para a aquisição de uma lancha torpedeira para a Marinha de Guerra, e de um avião Baependi, que tencionava, em nome da mocidade estudantil brasileira, ofertar à Campanha Nacional de Aviação. Por seu justa a causa, a Superiora e alunas empregavam possíveis esforços, afim de contribuir com uma pequena parcela, mediante a possibilidade de cada uma. Foram recolhidos 100\$000 para a aquisição do avião e 337\$000 destinadas à lancha torpedeira.
21.09.	ia da Árvore/Excursão	As alunas em volta da piscina e as sócias do Clube Agrícola, plantaram dois cajueiros. Foram entoados hinos e declamadas poesias. A professoranda M. Yvone de Queiroz expressou-se sobre a utilidade das árvores. Excursão ao campo experimental onde mais um cajueiro foi plantado.
04.10.	Dia de São Francisco/Missa	Sete alunas do curso infantil, uma do primário e duas do admissão e irmãs e irmãos de alunas do colégio fizeram a 1ª comunhão em nossa capela ornadas por muitas rosas e flores alvas, símbolos dos corações inocentes. Uma aluna não participou por causa da febre.
11.10	Dia do Santíssimo Sacramento	A aluna que teve febre realiza a sua união com Jesus, pela primeira vez.
05.10	Excursão	Às 4 horas, o Colégio fez uma excursão a “Fazenda Santa Luzia”. O proprietário convidou as mestras e alunas e foram até o pomar. Explicou as alunas do Clube Agrícola, a reprodução das plantas pelas sementes, como também pela enxertia e que para reprodução artificial torna-se necessário que as plantas tenham algumas afinidades. Mostrou a plantação das laranjeiras por diversos processos: sementeira, estacas, enxerto, etc. As crianças cantaram: Ser alegre, Hino das Normalistas, Dia de Festa.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1942 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
18.10.	Dia das Missões	...armaram barracas, carrossel e procuraram diversos meios afim de empregar as suas atividades em prol da propaganda missionária. Si não fossem duas causas primordiais, a morte do Cardeal D. Sebastião Leme, o colégio em sinal de pesar dispensou a parte musical e a chuva, que impedia o trânsito dos visitantes no pátio do Colégio, brilhante teria sido o êxito de nossa festinha. Resultado da festa: 2:840\$000. Houve protetores, barracas, jogos, ingressos nos recreios, dança mágica, ginástica dos anões, chocolate (comédia), escala viva.
23.10.	Visita	À tarde, um mágico proporcionou com a sua arte, momentos alegres, para as alunas.
09.11.	Exames Finais	Curso preliminar A - Com que graça e atenção as pequenas responderam as perguntas dos examinadores.
10.11.	Feriado	Em comemoração a um ato criado pelo senso admirável do Dr. Getúlio Vargas, leva o Brasil ao destino de uma grande Nação.
12-13.11	Exames Finais	Para o 4º e 5º ano primários.
15.11.	Feriado/Desfile	Proclamação da República – passeata na cidade com as alunas.
19.11	Feriado	Dia da Bandeira
16,17,18,11.	Provas parciais	Para as normalistas.
21.11.	Exposição dos trabalhos	Trabalhos de agulha, couro, vime, arame, madeira e de modelagem, jogos, carrosséis de bonecas, etc. Ficou aberta por mais alguns dias.
22.11.	Encerramento ano letivo	As 6 ½ da noite houve no palco uma parte recreativa que encantou aos espectadores mais exigentes. O programa: Missa com comunhão as 7 horas. A noite, Sonatina de Antonio Diabelli; Canções-Dia de Festa, Sois da Pátria, Esperança; Discurso - Pe. José M da Fonseca; Hora Infantil-2 violões; A La Rose-violino e piano; Joãozinho e Margaridinha-Opereta Infantil em 3 atos. Nos intervalos, Barcarola,Valsinhas, Vovozinha, Pérolas, O Futuro. Entrega dos prêmios-valor 170\$000; Discurso de uma aluna do pedagógico;Ó Aulas, Adeuzinho, Hino Nacional a 3 vezes.; Entrega de boletins.
24.11.	Férias	
Primeiros dias de Dez.	Provas Escritas e Oraís	São as últimas para as normalistas.
08.12.	Convite ao Orfeon	Para canta numa missa da Catedral. Grande foi a surpresa deste chamado, maior ainda o contentamento que reinou entre as alunas. Partiram na manhã, acompanhadas pelas mestras. O bispo afirmou que a doçura da voz não era somente um sinal de boa educação, mas também um atrativo poderoso.
09.12.	Encerramento do ano escolar	Freqüentaram 75 alunas do Curso Primário, 71 do Curso Normal-Rural, 30 alunas dos cursos facultativos. Dentre destes alunos foram 34 internas e 2 semiinternas. A biblioteca (1941-440 vols.) cresceu 77 volumes. O museu aumentou em material vivo (animais de criação) em material didático (cartazes, herbário, gráficos, mostruário, etc.) e mais em aparelhos e outros utensílios para o ensino da educação física. Graças a Deus que conferiu desenvolvimento e acrescencia.
14.01.	Matrículas	Curso Primário
20-25.01	Matrículas	Curso Admissão – Preparatório.
02.02.	Exames	Para o Curso de Admissão. Todas as candidatas foram bem sucedidas.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1943

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
02.02	Exame de 2ª época	
15.02.	Reabertura das aulas	O primário com 80 alunas e o Normal com 87. O Curso de Admissão com 25 alunas recebeu 3 candidatas ao convento, que tiveram entrada no Domingo do Bom Pastor. O Primário a partir deste ano será só para meninas. O Preliminar, pela última vez recebeu ambos os sexos.
25-27.02.	Retiro espiritual	Sob a direção do Pe. Zacarias Tavares, - Jesuíta, do Instituto Nóbrega, do Recife. Programa: 6:20-Oração da Manhã; 6:30-Santa Missa; 8:00 - Iª Prática; 9:00-Ensaios de cânticos e da Missa dialogada; 10:00-Lanche e passeio; 10:15- IIª Prática; 11:00-Visita do Santíssimo Sacramento; 11:30-Almoço e descanso; 1:30-Instrução; 2:30-Leitura Espiritual; 3:00-Lanche e passeio; 3:30 - IIIª Prática; 4:30-Hora Santa pela paz do mundo; 6ª feira – Via Sacra.
		Faltam várias páginas
31.08.	Dia onomástico da Madre Superiora	Às sete horas Santa Missa (Missa:Cristo Rei) Às duas horas da tarde: Manifestação das alunas do Colégio. A - Curso Primário: Musette, Miosótis, Recreção – Piano; Exercícios mímicos; Canto do Coro: Mãe Querida; Cômico, Allegro- Piano; Canto: Vamos brincar, Meu Relógio, A Barata; Ginástica das Bonecas de Pau. B- Curso Normal-Rural: Canto do Coro; Discurso; Sonatine - Piano; Mazas - Violino; Marcha - acordeon; Caprice - Piano; Allegro - Piano; Moderato - Piano; Dança popular; Valsa e Landler - Piano; Poema - As Rosas de Santa Isabel; Canto Dorme, dorme, filhinho; Polca e Rheinlaender – Piano; Marcha - piano, acordeon, flauta, violão; Rheinlaender - Dança; Guarany - piano; Canto - A Bandeira. As alunas ofereceram quatro castiçais para a capela.
	Semana da Pátria	Todas as aulas foram dedicadas ao amor à Pátria
07.09	Desfile	Das escolas timbaubenses.
08-11.09.	Férias	
08.11.	Saída do Côro	O Coro da Escola Normal, cantou na festa jubilar da Pia União das Filhas de Maria, da Paróquia de També.
19.09	Saída do Côro	O Coro cantou na sessão magna feita após a festa da Padroeira, no salão Pio XII da Matriz e foi muito aplaudido.
21.09.	Dia da Árvore	No sítio foram plantados dois rebentos de graviola. À noite, nesse mesmo dia, no cinema, pequena comédia e um filme em favor das missões, arranjada pelo 2º ano Pedagógico.
26.09.	Festa	No pátio externo, festinha visando a obra das Missões. Quebra-panela, Pescaria, Balanço.
17.10.	Semana da Criança/Desfile	Encerramento da semana. À noite, passeata e sessão solene no Cine-Teatro da cidade. A Escola Normal se incorporou a estas festividades.
	Festa das Missões	Foi muito animada.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1943 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
23.10.	Convite	A família timbaubense foi convidada para assistir a favor das missões um programa. Início: No Teatro Recreios Benjamin: Salve, O' Límpida Bandeira; Dança Popular; Canto: Trinta dias tem novembro; Rheinlaender-dansa; Palestra lítero -missionária pelo Rvdmo. Catedrático da Escola de Nazaré; Valsa das ondas do Danúbio Azul; Baile das Flores; Canção do moinho-piano; Interrogação-Canto; O Sangue que Ora-Drama em 3 atos; Nos intervalos- Cômico e Sonata ao piano.
24.10.	Festa das Missões-Continuação	Missa solene na Escola Normal; às 10 horas no pátio externo – Instalação oficial do Parque de Diversões com suas variadas secções: jogos, barracas, palco de surpresas. A harmoniosa “Euterpina Comercial” por nímia gentileza de seus ilustres dirigentes fará retreta durante a tarde. Arrecadação total: 9.:342\$00
26.10.	Não houve aula - Excursão	A Dois Irmãos com fins de estudo de Sericicultura – Curso Pedagogia.
09.11.	Exames testes pedagógicos	Os cursos Preliminar e Primário dirigiram-se ao Grupo Professor Cavalcanti.
16-18.11.	Provas parciais	Curso Secundário
20.11.	Exposição	Trabalhos Manuais, desenhos e pintura
23.11.	Solenidade de Encerramento	Quadrille - Violino e Piano; O Moinho-Canto; O Tamborzinho - Canto; Música -Acordeon; A Liberdade-Canto; Discurso - Pe. José M. Fonseca; Colegas, nós somos da pátria o futuro-Canto; Entrega dos boletins e dos prêmios; Discurso-aluna Pedagógico; Dó-ré-Adeus, Adeusinho – Cantos. Os prêmios foram para os alunos dos 1º e 2º lugares de todos os cursos e anos; Menção honrosa aos primeiros lugares do Curso Normal.
01-04.12	Exames escritos e orais	Dando-se por encerrado os trabalhos do ano letivo de 1943.
08.12	1ª Festa de Formatura	Durante o café um número variado de músicas. As alunas permaneceram no colégio a espera da missa solene as 9 horas na Igreja Matriz pelo Pe. José M. Fonseca;. A Madre Superiora ofereceu uma lembrança para cada titulanda. A banda de música Euterpina Comercial, acompanhou as neo-professoras até a Matriz, fazendo o mesmo de volta ao colégio. A cerimônia dos anéis, foi efetuada após a missa. À noite, a solenidade de colação de grau das Professoras de 1943 no Teatro Recreios Benjamin. Programa: Abertura: Pe. José Marques da Fonseca; Hino Normalista; Discurso da Oradora Oficial; Canto-A Força dos Remos; Deferimento do compromisso legal e investidura das titulandas; Discurso do paraninfo; Canto-Mestre e Sol; Leitura e assinatura do termo de solenidade; Encerramento e Cântico do Hino Nacional
		Freqüentaram as aulas durante o ano 171 alunas: 38 internas, 3 semi-internas e 130 externas e 44 alunas das aulas de música. Graças ao bom Deus!

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1944

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
20.01.	Matrículas	Para o Curso Primário e de preparação para o exame de Admissão.
02.02.	Exames	Curso de Admissão e no mesmo dia a 2ª época. 26 prestaram exames e conseguiram classificar-se.
01-15.02.	Inscrições	Curso Normal-Rural
01.03.	Início das Aulas	Pela manhã Santa Missa na capela do colégio pelo Ver. Pe. José Marques da Fonseca acompanhada de cânticos pelas alunas. Às 8 horas, início das aulas e bênção das quatro salas novas de aulas referentes ao curso primário. 180 matriculadas.
02-09.04.	Páscoa	Férias
10.04.	Entradas as internas	
11.04.	Início das aulas	Para todas as alunas e neste dia, o colégio recebeu a visita do inspetor.
19.04.	Aniversário Getúlio Vargas/Feriado/Jornal Estrela	Ata natalícia do Eminentíssimo Chefe da Nação. Canto: Escola Rural; Palestra: Professora Maria de Jesus Queiroz; Fundação do jornalzinho Estrela; Cantos-A Liberdade e Essa Escola é o Nosso Ninho; alguns números de dança popular.
21.04.	Feriado	À memória de Tiradentes
01.05.	Feriado	Dia do Trabalho
27.05.	Madre Helfrieda adoece	De febre tifo e o colégio todo implorou o céu para alcançar auxílio, alívio e salvação. Por este tempo surgiram muitas dificuldades, mencionando a saída de Dª Maria de Lourdes Pessoa, professora auxiliar no primário.
10.06-03.07.	Férias de São João	
19-21.07.	Provas parciais	Curso Secundário e Pedagógico
10.07.	Aniversário do colégio	Foi distribuído o 1º número do jornal “Estrela”, órgão do Clube Agrícola “Santa Maria”
12.08.	Volta da Madre Helfrieda	...que tinha passada a doença terrível em Recife, passando os dias de seu estabelecimento completo no seu convento.
12-15.08.	Interrupção nos estudos	Sem explicação. No livro de Crônicas em alemão, explica: 13:08. Deus deixou a irmã voltar à nossa família religiosa. Nossa comunidade passou semanas difíceis: A querida co-irmã em perigo de morte [...] Após a saída do hospital, ela ainda devia ficar perto do médico; passou este tempo na casa da família Hirschle. Ontem ela voltou, ainda fraca. Hoje, no domingo, celebramos uma missa em ação de graças. Mencionam que as professorandas fizeram unânimes a promessa de renunciar a uma formatura solene se Deus salvasse a vida da querida professora.
31.08.	Dia onomástico da Madre Superiora/Feriado	Pela manhã celebrado o Santo Sacrifício da Missa com comunhão geral pelas alunas. Às nove horas houve uma manifestação e oferta de um sino no pátio interno da Escola, nesta tomaram parte alunas e ex-alunas. À tarde foi dada a bênção do SS. Programa: Scherzette - Piano; Notas Festivas - Canção; Congratulação-Prosa e verso; A Providência de Deus-Canto; A Oração, Águia e Sol, Quem muito quer-Poesias; Andante-Piano; Canto e ginástica das pequenas; Exercícios rítmicos; Discurso e oferecimento do sino; Fantasia-violino e piano; À Minha Mãe - Poesia; Amor de Mãe-Canto. À tarde: Música - acordeon; Mãe-Poesia; Violão-Marcha; Discurso; Piano e violino; Piano e violino-Avante.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1944 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
04-11.09.	Semana da Pátria	Férias
04.09.	Reunião	Presidida pelo Revmo. Pe. Antonio Leitão - assuntos referentes ao Iº Congresso Eucarístico Mariano da Paróquia com uma Hora Santa na capela.
14-17.09.	Feriado	Segundo determinação da Secretaria do Interior por motivo do Congresso. Durante esses dias o Colégio compareceu a Praça do Congresso onde se fez ouvir o Orfeon do mesmo nos intervalos das Sessões Solenes. Na 6ª feira, dia consagrado a Padroeira da cidade, as alunas formaram em frente a Prefeitura, afim de assistirem a chegada do Sr. Bispo Diocesano, D. Ricardo Vilela. À noite, saída da Procissão Luminosa da Imagem de N. Snra., do Colégio para a Praça do Congresso. No domingo, à tarde, teve lugar a solene Procissão Eucarística. À noite, após o encerramento do Congresso as alunas prestaram ainda uma homenagem ao Sr. Bispo na Residência Paroquial oferecendo uma manta de genuflexório. Durante os dias do Congresso o SS ficou em exposição na Capela do Colégio, onde se efetuou no dia 15 uma Hora Santa promovida pela Congregação Mariana local.
	Durante o Congresso	O Revmo. Pe. Zacarias Tavares presidiu as Sessões de Estudos para moças, numa das salas do Colégio. Uma sessão para as alunas do Colégio foi dirigido pela Exia. Snr. Bispo, D. Ricardo Vilela.
18.09.	Não houve aula	
04.10.	Dia de São Francisco/Feriado	Por ser consagrado ao S. Francisco, Padroeiro das Religiosas. A 1ª comunhão das alunas sempre efetuada neste dia foi transferida para o dia 9. Foram 10 neocomunicantes. Pela manhã: Santa Missa seguida de café dos pequenos e à tarde Renovação da promessa do batismo e bênção do SS.
22.10.	Festa das Missões	Pela manhã foi celebrada a Santa Missa na capela. Às 10 horas a abertura solene das atividades missionárias pelo Rvmo. Pe. José Marques da Fonseca. No pátio externo foram armados: Carrossel. Barracas de prendas, surpresas, jogos e surpresas no palco numa das salas de aula do colégio. Foi apurado Cr\$ 12.000,00
23.10.	Não houve aula	
05.11.	Visitas	Alunas do Regina Coeli da cidade de Limoeiro que vieram tomar parte nas festividades levadas a efeito em regozijo pelo restabelecimento da Revma. M. Hemifrieda. Às 9 horas Missa Solene na Matriz com Revmo. Pe. Erico Rath, com sermão ao evangelho pelo Rvmo. Pároco local. A banda de música Euterpina Comercial de Timbaúba, acompanhou as alunas até a Igreja e de volta ao colégio. À noite, no Recreios Benjamin, foi encerrado o programa do dia como uma hra de arte e logo após as alunas do Regina Coeli regressaram a Limoeiro. Programa: Festival: As Ondas do Danúbio Azul-valsa; O Gazeteiro - comédia infantil; Titus - Ouverture a 4 mãos; Os morangos-drama em 2 atos; No intervalo do drama execução da Marcha de Francisco de Soppé a 4 mãos.
10.11.	Testes pedagógicos	Alunas do Curso de Aplicação foram chamadas para fazer os testes pedagógicos e de religião na Escola Estadual Professor Cavalcanti
11.11.	Testes	Curso Infantil

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1944 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
16-18.11.	Prova parcial	2ª prova parcial dos cursos Secundário e Pedagógico.
25.11.	Exposição de trabalhos	Aberta durante três dias
03.12.	Colação de grau	2ª turma com 17 diplomandas. Pela manhã: Missa solene e comunhão geral das neoprofessoras e de todas as alunas na capela do colégio. As 9 horas todas compareceram a missa solene e bênção dos anéis simbólicos. No pátio do colégio a cerimônia da colação de grau. Discurso do Revmo José M. Fonseca; Oradora da turma; Compromisso legal das professoras e a saudação às mesmas pelo paraninfo Dr. José Inácio de Andrade Lima. Encerrou-se com o Hino Nacional. A banda de Música 1º de novembro que se fez acompanhar na missa solene, tocou nos intervalos da sessão. À tarde, as 4 horas da tarde com o Revmo. José M. Fonseca teve lugar o encerramento do ano escolar. Programa: Rheinländer e Gavotte-violino, violão e acordeon; Discurso do Ver. Pároco Pe. José M. Fonseca; Os sinos tocam - piano; Entrega dos prêmios e boletins - Primário e Normal; Valsa e andante - violino, violão e acordeon; Discurso duma aluna do I ano Pedagógico; Ó aulas, adeusinho-canto. Todas as alunas foram aprovadas.
		Alunas premiadas em Comportamento e Aplicação do Curso Primário, Depois Menção honrosa e Alunas premiadas em Comportamento e Aplicação do Curso Normal e por último Menção honrosa para as alunas do Normal. Louvado seja a providência de Deus!

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1945

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
20.01.	Matrículas	Dos cursos primário e preparação para o Exame de Admissão. Apresentaram-se 21 candidatas.
01.02.	Exames de Admissão	Com mais 9 alunas para a 2ª época. 2 do 1º ano do Curso Normal em História da Civilização e Francês; 5 do 2º ano Normal em História do Brasil; Francês, Inglês e Matemática e 2 do 3º ano Normal em História e Inglês. Tendo todas as candidatas notas suficientes foram admitidas ao Curso Normal Rural e as de 2ª época convidadas a continuarem com a turma da qual faziam parte.
19.02.	Início das Aulas	Do Curso Primário. O sino às 8:00 horas avisou de que havia de cessar um pouco aquela alacridade saída de tantas vozes infantis.
01.03.	Início das Aulas	Para o Curso Normal Rural em número de 34 internas e 58 externas.
19.03.	Festa do Milho	Foi organizada pelo Curso Primário. Foram solenemente plantadas sementes deste cereação. Antes do plantio fez um incentivo a profª Maria de Jesus Queiroz, ouvindo-se após cânticos alusivos à data de milho.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1945 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
21.03.	Romaria	A Escola Normal às 16 horas da tarde tomou parte na romaria ao Cruzeiro por ocasião da semana missionária realizada na paróquia.
13.04.	Nota de falecimento	Às 8:30 horas Dr. Lauro Dornelas Câmara falou às meninas que o Presidente de América do Norte, Roosevelt, grande amigo do Brasil, faleceu no dia 12 de abril de 1945. As meninas ficaram dispensadas das aulas por motivo de luta até na 2ª feira, 16-4-45.
19.04.	Dia da Infância	Aniversário do Presidente atual Dr. Getulio Vargas- às 7:30 horas pequena festividade no pátio interior. Discurso pela Profª Maria Auxiliadora Tavares de Andrade que exaltou a figura do grande e nobre presidente, poesias e cantos – depois jogos no sítio até 9:30 horas.
20.04.	Feriado	Centenário de Visconde Rio Branco.
21.04.	Feriado	Tiradentes
01.05.	Feriado	Dia do Trabalho
03.05.	Desfile	Dia da Vitória
03-12.05	Férias da Vitória	
31.05.	Festa do Corpo de Deus	Noite Mariana da Escola Normal. Às 6:30 horas Missa com cânticos na capela do educandário. Às 9 horas as alunas desfilam ao som da Banda Euterpina Comercial de Timbaúba até a Matriz – Missa cantada solene - Às 4:00 horas – Procissão. A Escola Normal Santa Maria acompanhando o Santíssimo cantou em troca da Banda de Musica. 7:30 horas – Exercício Mariano – o altar rico de flores cor de rosa, brilhante de velas e luzes era um preito de gratidão a Maria. No sermão falou o capelão da Escola Normal, Revmo. Padre Antonio Leitão, havendo recepção de fitas verde e azul para as filhas de Maria. Foram ouvidos os cânticos “Ave Maria Stella” – “Juramento a Maria” além dos indispensáveis e tradicionais à cerimônia.
14.06.	Excursão	Com o Curso Primário. Em ordem desfilaram todas acompanhadas das mestres e mães até ao local do passeio: a Fazenda Araruna. Lá as alunas brincaram, receberam explicações quanto ao gado. Antes da saída fizeram roda e cantaram ao som do acordeon da Madre Helfrieda.
15.06.	Encerramento das aulas 1º semestre.	6ª feira às 11:00 horas encerramento das aulas do primeiro semestre – dança popular no pátio interno da Escola – Canto e despedidas
26.06.	Transferência	Da normalista Maria da Glória Araújo para Goiana.
03.07.	Reabertura das aulas	
15.07.	Missões	Domingo – quebra-panelas – organizados pelo primário em favor das Missões
18.07.	Chegada da FEB	Aula até 10 horas por motivo da chegada da 1ª Tropa da Força Expedicionária Brasileira a Capital da Republica.
19-21.07.	Provas parciais	Que foram adiadas do dia 18.07 para esta data. Para o 1º, 2º e 3º ano Secundário e também para o Curso Pedagógico.
03.08.	Feriado	Tricentenário da vitória do Monte das Tabocas
05.08.	Apresentação	Foi levada à cena pelas ex-alunas a comédia: Representantes, em benefício da caixa missionária do Curso Primário

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1945 (Continuação)

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
11.08.	Férias/Retiro	O Primário deixou o Colégio por 3 dias de férias. À tarde houve muito movimento no Internato. As externas chegaram com suas empregadas trazendo camas, malas, etc.; preparação exteriormente, animada para que? Pra 3 dias de retiros. Tomaram parte alunas do Curso Normal. Foi pregador o Pe. Antônio Leitão. O silêncio profundo e as práticas ocupadíssimas somente a cuidar da alma parecem que impressionavam muito os corações juvenis.
15.08.	Encerramento do Santo Retiro	Após a missa houve ainda o café, a despedida do internato e saudades levadas por 3 dias felizes e contribuidores da formação de tantas alunas.
16.08.	Início das aulas	
17.08.	Missões	Tarde das Missões do 1º ano Normal. Atividade do 1º ano Secundário com comédia e tómbolas.
A seguir	Tardes seguintes	As tardes seguintes houve ensaios para a festa do dia 31 de agosto.
30.08.	Visita	O Educandário teve visita do inspetor regional Manoel Bacelos Soares de Santana.
30.08.	Dia da Fundação do Apostolado da Oração	Na Escola Normal “Santa Maria”. Às 5:00 horas da tarde a maioria das alunas recebeu a fita encarnada do apostolado.
31.08.	Dia Onomástico de Madre Diretora	Tudo em festa e alegria. A parte da manhã com a interessante ginástica geral começou às 9 horas e tem fim às 13 horas. Manhã: Viva-viva: Cânon (4 vezes); O Pequeno Regente:Piano Mãe: Poesia; Andante; Diabelli - Piano; 1º Experiência: Violino e Piano; Rosita:Straebogg - Piano (4 mãos); La fée des Rosaux:Valsa-Piano (4 mãos); Nós Somos Caçadores:Canto; Alegro: Diabelli - Piano (4 mãos); 2º Valsa:Beethoven- Piano; Alleluia: Canto (2 vezes); Discurso: Professoranda; Minha Mãe. Parte das ex-alunas – Trensinho:Heller-Piano; Diabelli:Scherzo-Piano (4 mãos); Marcha Turca:Mozart- Piano (4 mãos); Mennet: Violino e Piano; Fidelidade: Piano; Interrogação: Canto (3 vezes); Hoja Infantil: Violão; 1º Valsa-Beethoven-Violão; Rondo Cigana-Haydin: Piano; Marcha Nupcial-mendelsohn- Piano (4 mãos); Marcha Coragem:Heimann- Piano (4 mãos); Valsas: Acordeon e violão; Espirrando:Poesia; A Vacina Milagroso:Comédia. Tarde: Bola dos Pratos; Corrida dos Lenços; Estafete; Capitão; Volley-ball; Bola de Bater; Arremesso; Salto de Altura; Salto de extensão; Educa~ao Física Geral. Não houve ocasião à tarde esportiva por causa de chuva intensa. A mais íntima parte do programa foi esta das ex-alunas que ofereceram à Revda. Madre Superiora a bandeira com as côres de N. Srº e insígnias da juventude estudantil-estrela-luz e as palavras: Sedes Sapientiae sens no momento da oferta logo consagrada.
21.09.	Excursão	A Fazenda Santiago, organizado para o Primário.
30.09	Festa	Da Padroeira de Timbaúba, N. Srº das Dores
01.10	Feriado	Para descanso das almas
28.10	Festa das Missões	Por motivo superior não sendo realizada a tradicional Festa das Missões. Foi feita a arrecadação neste dia obtendo-se o satisfatório resultado de Cr\$ 10.039,00
01.11.	Feriado	Dia de Todos os Santos
02.11.	Feriado	Dia de Finados

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1945 (Continuação)

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
03.11.	Feriado	Dia de Descanso
07-09.11.	Provas parciais	Para o Curso Normal
31.08-10.09.	Feriados	
09.11.	Testes	À tarde – tendo-se a ventura de vê-los aplicados nos amplos salões do próprio educandário, sendo submetidas: 10 alunas do Preliminar, 12 do 1º ano; 13 do 2º ano; 13 do 3º ano sendo 1 reprovada, e 1 de Admissão ou 4º ano sendo 2 reprovadas.
13.11.	Prova	Prova didática das novas professorandas
15.11.	Encerramento das Aulas	Do Primário. Às 8 horas após o hasteamento da Bandeira que se processou ao som do Hino Nacional no pátio interno em presença da Madre Diretora e mestres usou da palavra a professora Maria Linalda Pedrosa Leão falando da despedida e obrigações das alunas. Em agradecimento falou amenina Nely Bezerra de Araújo, aluna do Curso de Admissão. Após os cânticos de despedida houve jogos no pátio externo, encerrando toda parte recreativa às 10 horas.
15-17.11.	Provas finais	Do Curso Secundário.
22.11.	Formatura/Desfile/Exposição	Este dia marca a formatura da 3º turma da Escola Normal “Santa Maria”. Este dia revestiu-se de mais solene festividade. Às 6:30 horas na capela do educandário celebração do Santo Sacrifício da Missa com comunhão geral de todas as alunas, pelo Pe. Antonio Leitão. Às 9 horas ao som da Banda Musical Euterpina Comercial desfilaram as alunas até à Matriz onde ia er lugar a celebração solene da Missa cantada. Pelo Pároco Pe. José Marques da Fonsêca. O desfile obedeceu a seguinte ordem: em primeiro plano a Bandeira da Escola Normal que guiava todas as alunas pelas ruas da cidade, logo após as professorandas da 3º turma e acompanhando o caminho andado pelas mesmas vinham as ex-alunas, mestras de então e após estas as alunas dos cursos: Secundário e Primário. Ao terminar o Santo Sacrifício teve lugar a bênção simbólica dos anéis. De volta para o Colégio na mesma ordem foi inaugurada a Exposição dos Trabalhos Escolares, falando ainda o Pároco. Às 19 horas no cine-teatro Recreios-Benjamin teve lugar a colação de gráu: Obedecendo a um tradicional programa de 3 anos revestiu-se de grande solenidade tão radioso dia.
23-25.11.	Exposição aberta	
22.11.	Explicações Gerais	Houve neste ano letivo 34 alunas do piano; 17 de violino; 5 de acordeon; 4 de violão; 6 de linguagem Inglês e 4 de Francês e 3 alunas de datilografia. Com a festa de formatura e a exposição dos trabalhos foi terminado o ano escolar . Graças ao bom Deus

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1946

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
08.12.45	Falecimento	De repente faleceu a aluna do IIIº ano Normal: Eunice Xavier de Andrade
20.01	Matrícula	Exame de 2ª época do Curso de Admissão e para o Curso Primário. Inscreveram-se 13 alunas.
21.01.	Início das aulas	Com as aulas preparatórias para as candidatas ao curso de admissão.
01.02.	Exame de Admissão	Todas saíram aprovadas.
04.02.	Início das aulas	Para o Curso Primário com 85 alunas.
07.03.	Início das aulas	Curso Normal com 97 alunas. Corpo discente: 13 internas do primário; 27 do Curso Normal; 72 externas do Primário e 70 externas do Curso Normal.
12.03.	Coroação do Papa	Reunião solene. Abertura: Pe. Leitão; Canto do Primário; Discurso; Hino Pontífice; Hino ao Papa.
Mês Abril	Presente	As alunas ajudaram a campanha de oferecimento de uma Bandeira Nacional ao Tiro de Guerra, recentemente organizado nesta cidade.
14.04-22..04	Páscoa	Férias
01.05.	Feriado	Dia do Trabalho
08.05	Feriado	Dia da Vitória.
11.05.	Excursão	Curso Pedagógico para Dois Irmãos: Horto e Escola de Agricultura.
26.05	Noite do Colégio	De noite as alunas cantaram na Matriz e gastaram para velas, luz, balão e fogos até 50 cruzeiros, que restaram para Matriz, o resultado total da arrecadação para a noite de maio, que foi a soma de Cr\$ 1.076,50.
15.06.	Festas/Vestição	Depois das duas primeiras aulas, fi dia de festa com cantos e dansas joanenses. Professores e alunas entraram no gozo das férias de São João. Madre Diretora e Madre Helfrieda, dias antes já tinham partidas para Triunfo, a-fim-de acompanhar a investição solene das primeiras 4 brasileiras sendo 3 professoras.
02.07.	Reinício das aulas	
10.07.	Aniversário do Colégio/Feriado	De manhã na capela do Colégio realizou-se uma Santa Missa cantada. Às 8h reunião solene no pátio interno do Colégio, estando presentes: Autoridades da cidade, professores, ex-alunas e todas as alunas do Colégio. Programa: Viva a escola onde iremos; Esta escola é nosso ninho; Discurso do Exmo. Pe. Vigário Capitular José Marques da Fonseca falando sobre a festa, festa de emoções para os timbaubenses; Salve Escola Querida; Discurso pela aluna; Hino Nacional-Viva ao Colégio; Dr. Lauro parabenizou o colégio e pedindo a Madre Diretora que este dia festivo descansassem dos trabalhos escolares, ao júbilo da juventude estudantil do Santa Maria.
26.07.	Ofício deferido	Duas alunas que estavam como facultativas ingressaram na matrícula das alunas do Curso Normal.
24-26.07.	Provas parciais	As primeiras do ano letivo.
29.07.	Feriado	Centenário do falecimento da Princesa Isabel.
15.08.	Feriado	Festa de Assunção de Nª Sra.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1946 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
31.08.	Surpresa	De surpresa a Madre Superiora distribuiu as alunas prêmios pela distinção dos esforços na Educação Física.
02.09.	Drama do Teatro	Alunas do Curso Primário representaram no palco do Cine-Teatro Recreios Benjamin o Drama “Branca de Neve” e o Curso Secundário dansas das tecedeiras, tampet em homenagem à Madre Diretora e o resultado da caixa foi em favor da construção do amplo prédio da Matriz. Nessa noite contou-se pouco mais de 3 mil pessoas presente no recinto da representação.
17.09.	Abertura Escola Noturna	Às 7 horas da noite-teve lugar a abertura da Escola Noturna para empregados. Apareceram 27 analfabetas e 24 que sabiam mais ou menos ler. Nos dias que se seguiram à abertura, aumentou o número das alunas, afim de que necessitaram o aumento de uma classe. Diariamente assistiram mais de cem alunas. Cada semana aula de canto na capela.
18.09.	Feriado	Pela promulgação da Carta Magna que rege as leis do país.
04.10.	Feriado	Dia de São Francisco
07.10.	1ª comunhão	Pela manhã, na capela do colégio de nove alunas do Curso Preliminar e 1º ano Primário, à tarde, Pe. Vigário Capitular José Marques da Fonseca concedeu pela 1ª vez o sacramento da Confirmação.
Próx. Semana	Pintura no pátio	Em vez da pintura na sala, as alunas trabalharam com giz e pincel, preparando cenários para o próximo drama.
08.10.	Feriado	Falecimento do músico timbaubense Sr. Amaro Jorge.
14.10.	Drama do Teatro	O Curso Normal apresentou no palco do Cine-Teatro Recreios Benjamin o drama: Rosa de Tannenburgo, que teve oportunidade de dar ao público timbaubense uma sadia noite de diversão, deixando-o impressionado pelo desenrolar emocionante de tão fina peça teatral.
15.10.	Feriado	Dia da Professora
	Preparação Festa das Missões	Já tinha excursionado para diversas cidades, recolhendo esmolas para as Missões, arranjando rifas, confeccionando prendas e surpresas e afinal apareceram o palco, as barracas e o carrossel no pátio do colégio.
20.10.	Festa das Missões	Às 10 horas teve início. Perto do portão as barracas de comida, em frente da casa o Pronto Socorro, no pátio lateral a barraca “Recanto Alegre” Boca Larga e Barraca de Prendas; Barraca de Boa Esperança; Jogo do Pato; Barraca do Chico-João; Jogo de palhaços e prendas. No salão houve comédias e danças bem engraçadas -Vovó e Vovô; Tia Chiquinha em apuros; A orquestra muda; Chico-João; A Romaria; Quem lava os pratos é você; Criada contra vontade representadas pelas internas do colégio.
28.10.	Feriado	Não houve aula – causada pelo término da festa paroquial – “Primavera” – na praça Jader de Andrade.
30.10	Feriado	Dia do Comércio
13.11.	Exames escritos	De Português em todas as classes do primário e no 4º ano, também a prova escrita de Matemática.
15.11.	Feriado	
16,18,20.11.	Provas parciais	Segundas provas parciais do Curso Normal
21,22.11.	Provas	De Metodologia aplicada

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1946 - Continuação

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
27.11.	Exames orais	Português, Matemática e Ciências para o Curso Primário. Prêmios para os que passaram com distinção e os que tiveram bom comportamento.
30.11.	Encerramento dos trabalhos escolares	No sábado, as 10 horas do Curso Primário no pátio interno do Colégio com cantos e discursos conforme o programa: Marcha; Discurso do Revmo. Mons. José Marques da Fonseca; Canto; Entrega dos boletins e dos prêmios; Canto; Discurso dum aluna; Canto: O' aulas adeusinho. Depois inauguração da exposição dos trabalhos confeccionados no correr do ano de 1946, a exposição ficou ainda no próximo dia.
02-05.12.	Exames 1ª época	Curso de Admissão e o Curso Normal. Das 15 candidatas do exame de Admissão saíram 14 aprovadas.
08.12.	Festa de Formatura	Pela manhã Missa e comunhão geral na capela do Colégio. Faltando 15 minutos às 9 horas, as Neoprofessoras em frente, as alunas do Curso Normal dirigiram-se em marcha para Mátria, a-fim de ouvir a Missa e assistirem a cerimônia da bênção dos anéis. A noite apareceram as diplomandas com tanta pompa como nunca tinha acontecido em os vestidos ricos para a solenidade de colação de grau no Teatro Recreios-Benjamin, que se procedeu o seguinte programa dos anos anteriores. Em vez do paraninfo Dr. Ageu Magalhães apareceu o seu filho: o acadêmico Aluisio Magalhães.
	Exposição	Da atividade e do movimento do colégio "Santa Maria" fala o seguinte resultado: 843 trabalhos de Pré-orientação do Curso Normal; 163 trabalhos de Pré-Orientação do Curso Primário; 1340 desenhos dos Curso Secundário e mais 390 pinturas à aquarela e óleo; 15 cartazes; 3 cenários; 15 trabalhos culturais: plantio; limpeza, 12 trabalhos domésticos.
	Reuniões	Houve durante o ano 25 sessões do Clube Agrícola. O curso Primário fez pequenas excursões de estudos para horta, jardim, aviário, apiário, pombal, coelheiro e colmeial; experimentou em tratamentos culturais.
	Outras informações	Mensalmente houve uma sessão religiosa para todas as alunas que foram sócias do Apostolado da Oração, dirigida pelo capelão do colégio. Pe. Antonio Leitão. As estudantes do Santa Maria ocuparam-se fora do seu estudo obrigado, com música instrumental e com estudos de línguas e datilografia.
		Contam-se no ano letivo: 630 alunas de piano, 4 de violão, 9 de violino, 8 de acordeon, 2 de serafina, de inglês, de francês e 6 de datilografia. Deus abençoe nossos trabalhos! Louvor ao Altíssimo!
26.12.		Durante as férias, uma aluna interna do 3º ano Primário – Valdir Bezerra de Souza – que saiu do Colégio muito bem aprovada em exame de Admissão, voltando com tanta alegria para sua casa paterna, abençoou a vida temporal.
	Minha Impressão:	Nos anos anteriores não houve essa preocupação em expor todo o trabalho desenvolvido no final do ano. A mim me parece que as mães queriam provar que mesmo que a Alemanha tivesse perdido a guerra elas ainda estavam trabalhando com boa vontade. No entanto, os registros durante este ano foram menos enfáticos e felizes. A Festa das Missões foi muito mais trabalhada. Não consegui saber para onde ia as ofertas que segundo elas, iam para as Missões. Não há registro. Apenas em um ano a cronista relata que o bispo levou as ofertas.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1947

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
20.01.	Matrículas	Curso Primário e Curso de Admissão. Ressoou a voz alegre de 12 candidatas para o exame de Admissão chegadas de També, Aliança e desta cidade.
03.02.	Início das Aulas	Numa segunda-feira para o Curso Primário
04.02.	Exame de 2ª época	Para oito alunas do Curso Normal e Maria Neusa Tavares saiu reprovada no exame de História da Civilização e deixou a Escola Normal.
07.02	Novo padre	Conseguimos Pe. Marçal como celebrante, assim temos missa diária em época de aula (Crônicas em Alemão)
15.02	Matrículas	As normalistas chegaram fazendo os requerimentos e inscrições.
20.02	Exames de Admissão e 2ª época	12 candidatas e uma reprovada.
03.03	Início das Aulas	Curso Normal
14.04.	Escola Estadual	A Escola Supletivo “Santa Maria” tornou-se em Escola Estadual, lecionaram as três Madres: M. Emanuela Wagner, M. Albertine Hafenbraedt, e M. Clara Gebbert com remuneração estadual de Cr\$ 300,00 mensalmente. O Curso Supletivo funcionou sem interrupção e férias até 15 de dezembro de 1947.
24.02.	Início das Aulas	Curso Supletivo Noturno. Cerca de 100 moças de 13 a 30 anos passaram dia por dia, exceto sábados e domingos.
31.03-06.04	Páscoa	Férias
07.04.	Reinício das Aulas	5 classes do Curso Normal e 6 classes do Curso Primário e as aulas facultativas de música instrumental, línguas e datilografia.
15.04.	Conferência	As 10;30 horas, Pe. Pedronilo Pedrosa, Diretor do Departamento do Ensino Religioso Escolar na Diocese, organizou uma conferência para as Normalistas, falando sobre assunto de Pedagogia do Catecismo.
24.04.	Solicitação de uma Nova Fiscal	Para substituir Maria de Lourdes Borba Veloso o Colégio pediu ao Departamento a nomeação de um novo fiscal e foi atendido e resolveu nomear Alga Marina de Oliveira Feliciano.
01-08.05.	Feridos	Não explica o porquê. Mas o dia 01.05 era feriado normalmente por ser o Dia do Trabalho. Talvez porque a Madre Superiora adoeceu.
12.05.	Madre Superiora hospitalizada	Madre Superiora acompanhada de Madre M. Helmfrieda, partiram para o Hospital Centenário em Recife a-fim-de se submeter a uma operação no dia 14 de maio. Estes últimos dias foram dias de ansiosa esperança. Na capela do Colégio mestras e alunas imploraram ao céu com firme confiança, a salvação da vida preciosa da nossa Revma. Madre Superiora.
24.05.	Retorno da Madre	Um dia feliz
Junho	Nova Madre e Professora	Pela primeira vez, aumentou o número das mães pela Madre e Professora brasileira M. Boaventura Mariz; que chegou no dia 26 de junho do noviciado em Triunfo.
01.06.	Noite Mariana	Do altar da matriz brilhou sobre o estátua da Nª Senhora um grande cruz de estanho com os símbolos da SS. Trindade, acima de um pano grená, significando Nª Senhora Medianeira da Graça.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
ANO: 1947 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
05.06.	Corpus Christi	Festa. A mestre de Pré-orientação, Madre M. Helfrieda Loibl, fez com 1º ano Pedagógico o enfeite do altar na Prefeitura, foi muito simbólico.
05.06	Saída de Maria de Lourdes Borba	A nossa Fiscal, pessoa distinta, no seu cargo com fiel responsabilidade, despediu-se a fim de, no Rio de Janeiro, tomar o hábito das Lourdinhas.
18-20.06	Provas parciais	
21.06.	Férias joanenses	
20.07.	Início das Aulas	
31.08.	Dia onomástico da Madre Superiora	Os trabalhos foram trocados por atos festivos. Programa: Às 6;30 da manhã – Missa com comunhão geral das alunas; Cantos da Missa: “Rosas Eucarísticas”; Versos de Durval de Moraes; Música: I.B. Schumann, C.V.D.: (;\$0 Gratulação das alunas: Marcha: Laender e Polca-Acordeon; Canto:Salve, salve, o data fulgente; Discurso:Primário; Valsa: A Primeira Andorinha-Piano; Marchinha:Nelide-Piano; Valsa:Castelo Azul-Piano; Lês Cloches de Corneville-Piano; Canto/Coro:Lembrai-vos d. P. Jorge Braun, S.V.D; Discurso:Curso Secundário; Polca:Stacbog)-Acordeon; A La Rose-Violino; Bébé endort-Piano; Serenata:ºLorenço Fernandêz-Piano; Cavaleiro Bravo:Schumann; Disscurso:Curso Pedagógico; Preciosa:Ouvertine de C.M.Weber-Piano 4 mãos; Parte das ex-alunas; Exercícios de bolas-Pedagógico e Normal; Poesia:Pires da Costa Paio; Monólogo:Juca; Serenata de Fr. Schubert-Acordeon; O pica-pau:Lafayette Lopes-Canto/Coro; Rondo:Diabelli-Violão e Piano; Eu não vou lá-Canto/Coro; MarchaTurca:Mozart-Piano; Reverie:Schumann; Papai Noel:Schumann-Piano; Sra. Mimi e Srta. Nini:Comédia; Às 3 horas: Jogos.
04-06.09	Feriados	Em comemoração da Semana da Pátria
18.09.	Feriado	Novo Constituinte
30.09.	Nova Fiscal	O Departamento resolveu nomear Dª Juraci Pessoa de Araújo como novo Fiscal do Governo junto ao Colégio Santa Maria.
05.10.	1ª Comunhão	Pela segunda vez, confirmação na capela do Colégio das 27 Confirmandas, alunas do Curso Primário e do Curso Supletivo.
11.10.	Feriado de Luto	Falecimento da D.D. esposa do Presidente da República.
26.10.	Missões	Foi publicada a arrecadação para a festa das Missões.
30.10-01.11.	Retiro	Nas salas do colégio dominava o silêncio dos retiros fechados, dirigido pelo Frei Lúcio,O.F.M.. Primário e algumas do Curso Normal estavam de férias.
13.11.	Exames escritos	Curso Primário
15.11.	Feriado Nacional	
20.11.	Exame de Capacidade	Das 12 professorandas do IIº não Pedagógico. Saíram todas aprovadas.
22.11.	Exposição	Dos trabalhos feitos durante o ano pelas alunas do Curso Normal e Primário. De Pré-Orientação: 860 e 1200 moldes; de Desenho: 1764; de Pintura: 370.

RITUAIS DO COTIDIANO – COLÉGIO NORMAL RURAL SANTA MARIA – TIMBAÚBA-PE
 ANO: 1947 – Continuação.

Data	Evento	Ações Desenvolvidas
24.11.	Exames Orais	Curso Primário
26.11.	Encerramento das Aulas	Curso Primário. Saíram premiadas 12 alunas.
02.12.	Exame de Admissão	26 alunas do 4º e algumas do 3º ano Primário com êxito.
01-04.12.	Exames escritos e orais	Curso Normal
07.12.	Festa de Formatura	No pátio interno, depois da Sta. Missa em ação de graça, a colação de grau das 12 Neoprofessoras e o encerramento do ano escolar para o Curso Normal. Desta vez a formatura foi simples, no Colégio, porque duas professoras estavam de luto recente.
09e11.12	Exames escritos e orais	Curso Supletivo
		Do Curso Supletivo
	Algumas explicações	O corpo discente no correr do ano constou de 94 alunas do Curso Normal (no mês de julho e Setembro saíram 3 alunas do 1º ano Secundário), 91 alunas do Curso Primário e 94 alunas do Curso Supletivo. Por causa de transferência e troca dos lugares de trabalho, o número das alunas do Curso noturno variou muito. Entre as 185 alunas estavam 50 alunas internas.
		Houve neste ano 42 alunas que estudaram no Colégio Música instrumental, línguas e datilografia. Foram ____ de piano, 9 de acordeon, 3 de violão, 1 de serafina, 8 de línguas e 6 de datilografia.

ANEXO 3

Relação dos Pontos Sorteados - Colégio Normal Rural Santa Maria - Timbaúba

Pontos Sorteados para as provas parciais orais e as finais para o Curso Normal Rural.

Disciplina: Metodologia

Data	Série	Ponto	Especificação
03.12.42	I Ano Pedagógico	8º	1. O método e a personalidade do mestre- Dissertação – final 2. Quais os vícios mais comuns do ensino? 3. a) Explicar a aprendizagem b) Explicar o ensino c) A relação entre a aprendizagem e o ensino
02.12.43	II Ano Pedagógico	1º	1. Redigir o plano duma lição de religião para o 1º Ano sobre o assunto: O filho pródigo (final) 2. Falar sobre a necessidade e o fim do ensino religioso 3. Porque o ensino de aritmética deve-se basear na objetivação? Quais os meios de objetivação aplicados a essa matéria?
02.12.43	I ano Pedagógico	19º	1. Falar sobre as instituições escolares (final) 2. Como o mestre deve preparar as lições? 3. Como se organiza o horário das aulas? Que se deve observar na alteração do horário?
29.11.44	I Ano Pedagógico	17º	1. Dissertar sobre a classificação dos programas escolares. 2. Quais os modos de repetição da aprendizagem. 3. Citar e explicar as leis principais da aprendizagem e enumerar umas leis secundárias

Disciplina: Antropologia

02.12.42.	I Ano Pedagógico	6º	1. Falar sobre a Antropometria (final) 2. Quais as características do tipo longelíneo? 3. Que se entende por proceritas secunda?
03.12.43.	I Ano pedagógico	18º	1. Como se dá o crescimento da massa encefálica? (final) 2. Quais os objetivos da antropologia pedagógica? 3. Quais os fatores que influem no desenvolvimento somático e intelectual da criança?
28.11.44	I Ano Pedagógico	11º	1. Dissertar sobre paralelismo existente entre o soma e o psiquismo 2. Quais são os exercícios físicos adequados a idade escolar? 3. Quais são as medidas antropométricas mais comuns?

Disciplina: Psicologia

01.12.42	I Ano Pedagógico	5º	1. a) Objetivo da Psicologia (final) b) De que maneira influi os fatos fisiológicos nos psicológicos?
----------	------------------	----	--

			2. O subconsciente; o inocente 3. Os fenômenos da alma.
02.12.43	I Ano Pedagógico	19º	1. Os fatores de que se compõe o caráter (final) 2. Testes individuais regras básicas e gerais quando se administram 3. Evolução da língua infantil
27.11.44	I Ano Pedagógico	7º	1. Descrição sobre as expressões (finais) 2. Qual o valor de memória e diários infantis no estudo de psicologia 3. Quais as leis do desenvolvimento mental?
Disciplina: Pedagogia			
01.12.43	II Ano Pedagógico	3º	1. Quais são as condições da base da pré-orientação profissional? (final) 2. Efeitos da co-educação nivelamento psicológico dos dois sexos 3. O conceito de cidadão e de pessoa
27.11.44	II Ano Pedagógico	6º	1. (Descrição) Limites da educabilidade (final) 2. Educação física a) meios negativos b) meios positivos 3. Aprendizagem e sua motivação
Disciplina: Didática			
30.11.43	II Ano Pedagógico	5º 6º 8º 12º 17º 9º 11º 13º 1º 2º 20º 19º 16º 15º	O papel O jardineiro e seus utensílios Noção de um meio Higiene da boca – com curso preliminar O nosso rio Os graus do substantivo O bicho da seda Descobrimento do Brasil O filho pródigo Os anjos bons e os demônios Quadriláteros Os mistérios gasosos O Estado de São Paulo O dia 13 de maio
Disciplinas: Didática			
20.11.44	II Ano Pedagógico		Recorte a colagem de um pombal A Republica Argentina Linhas da circunferência Plantas que fornecem fibras Parada dum palavra Uma lenda da formiga Concordância do sujeito com o predicado

			História do trem de ferro O algodão Simplificação das frações A guerra do Paraguai Saneamento no jardim e horta Triângulos A água Amigos do lavrador Introdução de percentagem As bodas de Caná
--	--	--	--

Disciplina: Sociologia

03.12.43	II Ano pedagógico	9º	1. Dissertar sobre a organização da família seguindo o revolucionismo (final) 2. Descrever o papel das Escolas Normais Rurais 3. O “jornal” e os “cinemas” como auxiliar da obra educacional
27.11.44	II Ano pedagógico	17º	1. (Dissertação) A família como base da sociedade (final). 2. O ruralismo no Brasil. As primeiras escolas normais rurais 3. O progresso da educação amparada pelo estado nacional

Disciplina: Higiene

01.12.42	I Ano Pedagógico	7º	1. Qual o mecanismo da ação das vacinas no organismo? (final) 2. Quais as principais regras da higiene respiratória? 3. Falar sobre as teorias que procuram explorar o “mal das montanhas”
01.12.43	I Ano Pedagógico	6º	1. Quais os tipos de calçamentos mais comuns e para que servem? (final) 2. Quais os requisitos necessários dentro dos princípios da higiene para construção de um edifício residencial? 3. Que se entende por contaminação das águas?
28.11.44	I Ano Pedagógico	8º	1. Dissertar sobre a seleção escolar. 2. Que são fatores acessórios de crescimento e do equilíbrio? Enumerar alguns 3. Que são alimentos vegetais, como se dividem, quais as mais empregadas em nossa ração alimentar.

Disciplina: Matemática

16.05.39	I Ano Normal Rural	1º	a) Todo número que divide várias parcelas divide também a soma? Mostrar por este número: 11833+16507+15912+4488+3213 b) Decompor os números: 1614 e 1076 em fatores primos e dizer quantos e quais são os seus divisores c) Um fazendeiro colheu 185 Hls 8/16 de trigo, 90Hls colhem ao todo?
28.07.39	I Ano Normal Rural	2º	a) Que quer dizer o mínimo múltiplo comum? Determinar o mínimo múltiplo comum dos que seguem: 357, 476, 2.193, 1683 b) Somar $8\frac{6}{7} + 15\frac{15}{28} + 16\frac{42}{42} + 13,5 + 157,75$ c) Problema: Eu devia 127\$ $\frac{3}{5}$; paguei os $\frac{3}{7}$ e a metade desta quantos mais 23\$ $\frac{1}{2}$. Quanto devo pagar ainda?
28.09.39	I Ano Normal Rural	1º	1º) Que é o máximo divisor comum? Somar as seguintes frações $4\frac{5}{12} + 73,5 + 28\frac{1}{4}$ 2º) Por quanto se deve vender 4 kilos de uma mercadoria que custou 75\$000 os 100 kilos, mais 10\$000 de frete, querendo ganhar 40\$000. 3º) Achar o valor numérico: 1º) $-a^2 - 2a + ab + ab^2 - b^2/b$; a=8; b=6

			$2^{\circ}) \frac{4x + x^2 - 4}{y - 3} = ? \quad X=12; y=11$
14.11.39	I Ano Normal Rural	11 ^o	1 ^o) Divisão das frações decimais: 16,6296 : 7,8. Transformar o quociente em fração ordinária. 2 ^o) Efetuar as operações seguintes: $6a^3 3bx - 7abc =$; $-4y^2 \times 4xy =$; $xy \times x - 2 abxy =$; 3 ^o) Construir o ângulo igual à soma de três ângulos agudos
20.11.39			Provas orais e prático oral (Não teve sorteio de pontos)
22.05.40	I fundamental	5 ^o	1 ^o) Achar o máximo divisor comum e o mínimo múltiplo comum dos números: 252 e 468 2 ^o) Achar o valor numérico: $a + bxa - b + a^2 - b$. $a=50$; $b=15$. $3m/2 + 3m/m + m^3/2m$. $m = 8$; $n=16$ 3 ^o) Como se classificam os ângulos em relação à sua grandeza? Traçar esses ângulos.
22.05.40	2 ^o ano Fundamental	9 ^o	1 ^o Qual é o comprimento de 28 ^o numa circunferência de 2.520m? 2 ^o) a) $(40ax^4 - 56a^2x^3 - 32a^4x) : 8ax$; b) $(27ab - 12ac) : 3a$; c) $(3ab^2 - a^2b^3 - 2b^4 - 2a^3b^3) : 4ab$ 3 ^o) Construir um triângulo isósceles conhecendo-se a base e um lado adjacente.
23.07.40	I ano Fundamental	3 ^o	1 ^o) Escrever as regras da divisibilidade por 3 e 5. Os números são divisível por 3? 728,60,368,78; por 5? 6315,950,802. 2 ^o) Decompor as expressões seguintes: $3^a + ab^3 + 4a^4b + a/4 + a^3b$; $5mn - 63am - r/a + amn$; $ab + 2a^2 + 2ax^3 + 4/ax - 2b^2/a^2$ 3 ^o) Como se classificam os ângulos segundo as linhas que os formam? Traçar estes ângulos.
25.07.40	2 ^o ano Fundamental	10 ^o	1 ^o Um litro de leite produz 125 gr. De nata – e 750 gr. De nata fornecem 500 gr. De manteiga. Qual será o peso da manteiga fornecida por 200 litros de leite? 2 ^o Fazer a decomposição: $a^2 - b^2 =$; $4x^4 - 16x^4y^6 =$; $4/9a^2 - 64b^4 =$; $9x^2/25b^8 - 9b^4 =$; 3 ^o Traçar a circunferência e construir o seu retângulo.
04.12.40	I ano Fundamental	13 ^o	1 ^o Fazer as multiplicações e simplificá-las: 150×9 ; 52×37 ; $110 \times 102 \times 3$ $\frac{327}{107} \frac{215}{215}$ 2 ^o Quais são as medidas de volume? Quantos cm^3 se devem tirar de 527 dms^3 para se ter $0m325$? 3 ^o Problema: Um lavrador leva ao mercado 32 sacas de trigo de 82 kgs cada um. Vende-os por 35800 os 100 kgs. Com este dinheiro compra um cavalo e fica ainda com 139\$390. Acha o valor do cavalo.
04.12.40	II ano Fundamental	5 ^o	1 ^o Resolver as equações: $3x - 24 = 2x + 4$; $x/7 + x/3 = 20$ 2 ^o Achar os produtos: 1) $a^3 \times a^4 =$; 2) $m^3n^2 \times m^2n =$; 3) $a^2b^4 \times 2a^2b^2$; 4) $a^2x^5 \times ax =$ 3 ^o Achar os resultados: $(m-n)^2 =$; $(a^2 - 3b)^2 =$
02.12.41	I ano Fundamental	18 ^o	- Aritmética (Final- Escrita) 1 ^o 4 pessoas têm de repartir-se 520\$000 de modo que si a 1 ^o tiver 10\$, a 2 ^o tinha 8\$000, a 3 ^o 5\$000 e a 4 ^o 3\$000. Quanto terá de cada uma? 2 ^o Multiplicar números mixtos: $2 \times \frac{1}{2} \times 3 \times \frac{2}{9}$; $51 \times \frac{1}{4} \times \frac{13}{5}$ 3 ^o Números pares dentre 120 até 140.
02.12.41	II ano Fundamental	10 ^o	Álgebra (escrita-final) 1 ^o resolver as equações seguintes: $3x - 24 = 2x + 4$; e $8(x - 9) = 24$ e $3x/7 = x - 3$ 2 ^o Simplificar: $2a^4 x^3 / 6a^2 x^4$; $15a^2 2 b^3 c^2 / 21a^5 bc^3 d$; $a^2 - 1/a + 1$ 3 ^o Que são termos semelhantes? Dar um exemplo que tem 2 termos semelhantes. Dar um exemplo que tem 3 termos semelhantes.
03.12.41	III ano Fundamental	13 ^o	Geometria 1 ^o Dado a circunferência de 5 cm de raio. Inscrever o seu octógono. 2 ^o Construir o triângulo equilátero conhecendo-se-lhe o seu lado.

			3° Sejam as bases de um trapézio 12 cm e 7 cm e a sua altura 5 cm. Qual será a sua área.
02.12.42	I ano Secundário	16°	Aritmética (final) 1° Dividir o número 1120 em partes proporcionais aos números 7, 8 e 13. 2° Reduzir 12 dias, 15 horas, 40 minutos e 25 segundos a segundos. 3° Calcular em metros quadrados a área de um terreno retangular, que mede 34 dam 7 de comprimento por 25 m de largura.
02.12.42	II ano Secundário	1°	Álgebra (final) 1° Fazer a redução dos termos semelhantes: $3x^2y^3 + 2z + 5x^2y^3 + 3y$ $9a^3b + 2ab^2 - 6a^2b - 3ab^2$ $2a - 4bx + 2b - a - 2bx - 2b$ 2° Como poderemos saldar uma dívida de Cr\$ 118,00 com 35 notas, umas de Cr\$ 5,00 e as outras de Cr\$ 2,00? 3° Dois empregados juntos ganham Cr\$ 5,200,00 no ano. O primeiro gasta cada ano os $\frac{3}{4}$ do que recebe e o segundo, os $\frac{2}{3}$. Sabendo que juntos economizaram Cr\$ 1,502,50, achar o ordenado de cada um.
03.12.42	II ano Secundário	1°	1° a) Dividir uma reta em 8 partes iguais. b) Dada uma horizontal de 8 cm de comprimento. Deve ser dividida em 5 partes iguais. 2° Construir um retângulo conhecendo-se a hipotenusa e um ângulo agudo. 3° No centro de um terreno quadrado de 518m de lado mandou-se abrir um tanque de 9 m de raio. a) Qual a área do terreno b) Qual a área do tanque? c) Quanto resta da área do terreno?
01.12.43	I ano Secundário	10°	Aritmética (final) 1° Um negociante comprou por Cr\$ 2.580,00 mercadorias. Paga a vista e obtém 15% de abatimento. Qual é o abatimento e a quantia paga? 2° $3\frac{3}{4} + 5\frac{2}{3}; 12\frac{1}{2} \times 25\frac{3}{10}$ 3° Qual o número divisível por 25 e 100. Dar três exemplos.
01.12.43	II ano Secundário	18°	Álgebra (final) 1° Pelo método de comparação resolver o seguinte sistema de equações: I $4x + 2y = 8$ II $2x + 4y = 14$ 2° Qual é o número que diminuído de 12 igual a 24 menos duas vezes esse número? 3° A soma de dois números é 32; 7 vezes o menor iguala o maior. Quais são esses números?
01.12.43	III ano Secundário	3°	Geometria (final) 1° Dividir um ângulo reto em 6 partes iguais 2° Que são retas paralelas perpendiculares, oblíquas? 3° Um dos ângulos de um triângulo escaleno tem 60°. Achar os dois outros, se estão na razão de 5 para 7.
27.11.44	I ano Secundário	15°	1° Transformar em frações impróprias os números mistos: $24x\frac{1}{2}; 324x\frac{5}{6}; 25x\frac{3}{8}$ 2° Multiplicação de números decimais: a) por 100 Ex.: 24,26; 2,835. b) por 100: ex.: 747,2; 0,458. c) por 100 – ex.: 0,08; 23,0482. 3° Efetuar as operações seguintes: a) $824 : 4 \times 25 \times 245 - 480 : 24$ b) $(8360 - 725) \times (720 : 36) =$
27.11.44	II ano Secundário	11°	1° a) Achar o volume duma lata cujas dimensões são: 30,5 cm; 21,4 cm; 47 cm. b) Quantos litros contem a mesma lata meia? 2° Enumere os tipos do triângulo referente aos lados e trace as figuras correspondentes 3° Procure por meio da construção o centro duma circunferência (Descrição)

29.11.44	III ano Secundário	2º	1º) Calcular o volume de uma cunha esférica de 45°, pertencente a uma esfera de 1 m de raio 2º Traçar uma paralela a uma reta dada por um ponto dado. 3º Dar a sinopse dos ângulos.
Disciplina: Desenho			
23.11.39			Provas orais e prático oral (não teve sorteio de pontos)
05.12.40	2º ano Normal	19º	Ornar uma pasta de cartas
04.12.41	3º ano Normal	13º	Desenhar um grupo de verduras – final
04.12.41	2º ano Normal	10º	Desenhar uma poncheira e um copo – final
03.12.42	II ano Secundário	13º	Uma caixa com peças de linha - final
03.12.42	III ano Secundário	8º	Um grupo de verduras - final
04.12.43	II ano Secundário	8º	Desenhar um bule de café
04.12.43	III ano Secundário	2º	Representação d'um jardim
30.11.44	II ano Secundário	7º	Folhas
30.11.44	III ano Secundário	20º	Bordado para um vestido de crianças, aplicando galináceas, patos, gansos.
Disciplina: Física			
03.12.41	III ano Secundário	2º	1º Que é sifão? Como é o seu funcionamento? 2º Falar sobre os termômetros: Constituição, espécies, emprego. 3º Descrever a pilha seca
02.12.42	III ano Secundário	19º	1º Efeito térmico da eletricidade? (Dissertação) 2º Dar a relação entre as unidades elétricas 3º Explicar por meio de figuras simples a aplicação das lentes no aumento e na projeção
03.12.43	III ano Secundário	8º	1º Dissertar sobre a densidade 2º Descreva uma balança de laboratório 3º O que é matéria? Quais as suas propriedades?
27.11.44	III ano Secundário	16º	1º Dissertar sobre a pilha elétrica 2º Que é luneta? Como é empregada? 3º Em que consiste a bobina de Ruhmkorff? Em que aparelhos se usa?
Disciplina: Ciências			
20.05.40	I ano Fundamental	2º	1º Que é a energia? Dar dois exemplos das manifestações da energia. 2º Princípios fundamentais 3º Exemplos deles
16.05.40	II ano Fundamental	6º	1º) Dar definições: mistura, combinação, componentes, composto. 2º) Descrever uma experiência: a mistura e a combinação.

			3º) Dar um esquema da distinção entre mistura e combinação.
24.07.40	I ano Fundamental	13º	1º) Dar uma definição e a explicação da fusão de gelo. 2º) Que quer dizer: Temperatura absoluta? 3º) O que é a ebulição da água? Quais são as leis da ebulição? O aspecto da água em ebulição.
18.07.40	II ano Fundamental	15º	1º) Dar uma definição dos ácidos. Quais os ácidos que conhece? 2º) O estado físico dos ácidos. 3º) A marcha da eletrólise dos ácidos
02.12.40	I ano Fundamental	8º	1º) Em que se baseiam os dínamos e alternadores? Quais suas partes? Como o funcionamento? 2º) Dar a definição e descrição da bomba de vácuo. 3º) Demonstrar em duas experiências a existência da pressão atmosférica.
03.12.40	II ano Fundamental	8º	1º Falar sobre a existência do hidrogênio e suas propriedades 2º Dar as definições: combustão, combustível, comburentes. Distinguir combustão viva da lenta. Dar um exemplo. 3º Explicar reação mútua e dar um exemplo.

Disciplina: Química

01.12.41	III ano Secundário	1º	1º Dar as definições seguintes: Solução concentrada, titulada, super-saturada 2º Que é hulha? Para que serve? 3º Falar sobre o Estado natural e os usos do enxofre.
01.12.42	III ano Secundário	8º	1º Combustão, combustíveis, comburentes. 2º Descreva a destilação simples por meio de experiência 3º Quais as propriedades mais importantes do enxofre? Quais os seus compostos?
01.12.43	III ano Secundário	6º	1º Falar sobre a valência dos elementos 2º Que é sublimação? Explique o fenômeno por simples experiências 3º O que são fatores da combinação? Explique a função do estado líquido como tal.
28.11.44	III ano Secundário	11º	1º) Dissertar sobre a composição do ar e da água. 2º) Que é sublimação? Dê exemplos. 3º) Que é que se chama de composição química? Qual o aparelho que serve para decomposição d'água? Descrever o mesmo.

Disciplina: História Natural

01.12.41	III ano	16º	1º Explicar a divisão do trabalho nos vegetais. 2º Falar sobre a medula animal. 3º Quais as transformações das folhas?
01.12.42	III ano Secundário	13º	1º Quesito: Os músculos (Dissertação) 2º Quesito Que é corola Descrever as principais espécies. 3º Quesito Como é a primeira fase do ciclo reprodutivo das samambaias?
03.12.43	III ano Secundário	20º	1º Falar sobre os líquenes. 2º Em que consiste a respiração das plantas? Onde se realiza? De que depende a sua intensidade? 3º Quais os fatores que influem na dispersão dos animais?
29.11.44	III ano Secundário	14º	1º) Dissertar sobre o fruto vegetal. 2º) Que é o cerebelo e que é o bulbo? Quais as suas funções? 3º) Enumerar e descrever as regiões da raiz.

Disciplina: História			
16.05.39	I ano Normal Rural	2º	a) Como se divide a História b) Dissertar sobre a Pré-história humana c) Quais são as principais raças?
25.07.39	I ano Normal rural	1º	a) Quais são as ciências auxiliares da História? b) Dissertar sobre os períodos históricos. c) Como definirmos a História?
Disciplina: História da Civilização			
26.09.39	I ano Normal Rural	3º	1º) Descrição da Assíria 2º) Que diferença existia entre o povo assírio e o povo babilônico? 3º) Qual o principal dos sargônidas e seus feitos?
16.11.39	I ano Normal Rural	13º	1º) Que transformação sofreu a Macedônia quando governada por Filipo? 2º) Por que algumas guerras eram chamadas de sagradas? 3º) Como Cabral tomou posse da terra brasileira em nome de Portugal?
22.11.39	I ano Normal Rural		Provas Orais e Prático Oral (não teve sorteio de pontos)
21.05.40	I ano Fundamental	6º	1º) Dissertação: Como Dario 1º organizou seu vasto império 2º) Quem foi Ciro e que fez ele? 3º) Que sabe de Xerxes I?
16.07.40	I ano Fundamental	1º	1º) Quais foram os faraós das Pirâmides? 2º) Como e para que os egípcios faziam as múmias? 3º) Quais os animais considerados sagrados pelos egípcios?
02.12.41	I ano Fundamental	18º	1º Falar sobre a fundação da cidade de Constantinopla. 2º Que sabem de Augusto e quais os seus títulos? 3º Falar sobre a vida dos apóstolos São Pedro e São Paulo.
02.12.42	I ano Secundário	6º	1º Dissertação: o espírito navegador dos fenícios. 2º Que sabe dos helenos? Como os hebreus se civilizaram? Como se inclinaram a vida marítima? Que sabe dos tempos homéricos? 3º Por que o Nilo é importante para o Egito? Que diziam os antigos sobre o Nilo?
03.12.43	I ano Secundário	19º	1º Falar sobre as grandes navegações. 2º Qual a religião dos Assírios e caldeus? Quais os principais deuses? 3º Como puderam ser lidos os hieróglifos?
28.11.44	I ano Secundário	13º	1º Dissertar sobre os lípiões. 2º a) Como Ciro fundou o império persa? b) Até onde se estenderam suas conquistas? 3º Que sabes do patriarca Abraão e seus sucessores?
Disciplina: História do Brasil			
03.12.41	II ano	1º	1º Falar sobre a vinda de Tomé de Souza para o Brasil e o seu governo. 2º Que foi Ramalho e o que lhe aconteceu? 3º Quais foram os navegantes que visitaram o Brasil antes de 1500?
01.12.42	II ano	8	1º Quesito: Missionários jesuítas.

	Secundário		2º Quesito: Quando e como desembarcou Tomé de Souza na Baía? Quais os seus principais atos? 3º Quesito: Que aconteceu a Ramalho? Por que escapou Caramuru da mão dos Tupinambás?
03.12.43	I ano Secundário	10º	1º a) Por que Padre Feijó assumiu o governo do Brasil? b) Durou muito seu governo? c) Quem o substituiu? 2º a) Quando se deu a revolução republicana em Pernambuco? b) Quais os principais patriotas? c) Quem governava Pernambuco? 3º Descreva obra colonizadora dos jesuítas.
28.11.44	II ano Secundário	5º	1º) Dissertar sobre o governo de Duarte Costa 2º) Como os holandeses conseguiram fazer as últimas conquistas? 3º) Como foram jurados os membros da conspiração mineira?
Disciplina: Geografia			
17.05.39	I ano Normal Rural	5º	a) O que chamamos astros exteriores? b) Enunciar e explicar experimentalmente a lei de Newton. c) Classificação dos planetas quanto ao tamanho
27.07.39	I ano Normal Rural	8º	a) Que são sistemas planetários e quais os principais? b) Por que chamamos de sistema solar ao nosso sistema planetário? c) Qual é a principal lei de Kepler?
27.09.39	I ano Normal Rural	18º	1º) Dissertar sobre a hidrosfera. 2º) Falar sobre o Oceano Atlântico. 3º Como se classificam os mares? Exemplos.
17.11.39	I ano Normal Rural		Provas orais e prático oral (Não teve sorteio de pontos)
21.05.40	II ano Fundamental	5º	1º) Dissertar sobre a expansão do homem sobre o globo 2º) O que se entende por ecúmeno e anecúmeno? 3º) Qual a diferença em fronteira zona e fronteira faixa?
19.07.40	I ano Fundamental	9º	1º) Qual a relação que existe entre a parte sólida e a parte líquida da terra em quilômetros quadrados? 2º) Quantas e quais são as camadas da esfera terrestre? 3º) Que se entende por constelação zodiacal?
16.07.40	II ano Fundamental	13º	1º) Dissertar sobre a Questão das Missões. 2º) Qual o árbitro da questão do Amapá e o advogado dos direitos Nacionais? 3º) Qual o papel dos bandeirantes na evolução territorial do Brasil?
02.12.40	I ano Fundamental	15º	1º Que sabe dos oceanos glaciais? 2º Quais os fatores que dão origem as montanhas? 3º Quais os fatores que regulam o regime dos rios?
03.12.40	II ano Fundamental	9	1º Dissertar sobre as religiões politeístas. 2º Para que serve a indústria da pesca? 3º Quais as indústrias derivadas da indústria pastoril mais desenvolvidas no Brasil?
01.12.41	I ano Secundário	1º	1º Como se formaram as montanhas?

			2º Explicar as vagas.
			3º Falar sobre as camadas do sol.
01.12.42	I ano Secundário	3º	1º Falar sobre as teorias de Ptolomeu e Copérnico 2º Rochas metamórficas: Qual a origem? Como aparecem as rochas metamórficas? Importância delas. 3º América do Sul: Países e suas capitais.
02.12.43	I ano Secundário	14º	1º Falar sobre as correntes marítimas. 2º Como passou a era Primária? 3º O que são os meteorólitos? Como aparecem e de que consistem os meteorólitos?
27.11.44	I ano secundário	12º	1º) Falar sobre o estudo dos planetas pro Laplace, Kepler e Newton 2º) Dar a nomenclatura do relevo terrestre com exemplos. 3º) De que dependem as construções das habitações? Como aparecem as habitações?
Disciplina: Corografia do Brasil			
01.12.41	II ano Secundário	9º	Falar sobre a bacia do São Francisco e seu principal rio 2º Quais os principais portos Brasileiros?
03.12.42	II ano Secundário	3º	1º Dissertação – Fronteiras com o Uruguai 2º Qual a opinião dos geólogos sobre a existência dos vulcões em nosso Brasil? Há vestígios de vulcões em nosso Brasil? 3º Que são coriocas, furos, estirões e igapós?
02.12.43	II ano Secundário	3º	1º Que é orografia e quais os principais sistemas da orografia do Brasil? 2º Dizer alguma produção de Goiaz. 3º Climas: Que é clima? E quais são os fatores que influem sobre os climas?
29.11.44	II ano Secundário	20º	1º Dissertar sobre a geografia econômica de São Paulo 2º Quais são os meios de comunicação e transportes? 3º Quantos e quais são os principais tipos do relevo e do solo?
Disciplina: Português			
19.05.39	I ano Normal Rural	1º	a) Ditado: Produtos Químicos ou Artificiais (trecho extraído do livro de leitura adotado no curso) b) Análise léxica do primeiro período do ditado. c) Que é substantivo? Como se divide? Para que variam os substantivos de terminação ou flexão?
21.07.39	I ano Normal Rural	12º	a) Ditado: A Queimada (Seleta Moderna de Otoniel Mota pág. 100) b) Como se classifica o verbo em relação ao sujeito? Como se indica a passividade dos verbos? Que é verbo reflexivo? c) Redação: Descrição de uma noite de São João.
29.09.39	I ano Normal Rural	20º	1º) Ditado 2º Quesito: Como concorda o adjetivo com o substantivo? Para onde leva o adjetivo mais de um substantivo? E se estes forem de diferentes gêneros? Quando pode um substantivo no plural Ter adjetivo no singular? Exemplos dessas construções. 3º) Redação: Descrição de um dia de inverno.
17.11.39	I ano Normal Rural	16º	1º Parte: Ditado 2º Parte: Quesitos de Gramática: a) Como pode ser expresso o predicado? b) Como se classifica o predicado? c) Quais os verbos de sujeito indeterminado?

			3º Parte: Redação: Carta a um amigo convidando a passar as férias de dezembro nesta cidade e descrevendo em rápidas linhas uma noite de Natal no interior.
22.11.30	I ano Normal Rural		Provas orais e prático oral (Não teve sorteio de pontos)
17.05.40	I ano Fundamental	8º	1º Ditado (programa de vernáculo de Estevão Cruz, página 124) 2º a) Quais os pronomes pessoais do caso reto e os de oblíquo? Quais os pronomes relativos e destes quais os invariáveis? b) Como são os pronomes possessivos? 3º Composição: Carta de felicitações por motivo de aniversário.
22.05.40	II ano Fundamental	6º	1º) Ditado: Página 141 do Programa de Vernáculo de Estevão Cruz) 2º a) Como se faz a concordância do adjetivo com mais de um substantivo de gêneros diferentes. b) O participio passado é que fica invariável e quando varia Exemplos. c) Quando e que um substantivo no plural pode vir com dois ou mais adjetivos no singular? Exemplo. 3º) Composição: Descrição de uma viagem de trem.
17.07.40	I ano Fundamental	4º	1º) Ditado (Programa do Vernáculo de Estevão Cruz – pág. 224 – Manhã) 2º a) Quantos e quais são os graus dos substantivos? b) Quais as terminações mais comuns de cada um dos graus. c) Exemplos de diminutivos e de aumentativos na linguagem familiar. 3º Um carta de encomenda.
17.07.40	II ano Fundamental	10º	1º Parte: Ditado (Programa de Vernáculo de Estevão Cruz, pág. 322) Os Três Grãos de Milho 2º Parte: Composição literária: O meu divertimento predileto. 3º Parte: Quesitos de Gramática: q) Quando é que o predicado é em si completo, sem qualquer sujeito? b) Em quantos grupos se dividem os verbos acidentalmente impessoais? c) Quando é que o sujeito pode vir regido de preposição.
02.12.40	II ano Normal Rural	1º	1º Ditado 2º Corrigir os erros de sintaxe e de ortografia das seguintes frases: Olheis sempre para os que estão em torno de vós, sentirei –vos aliviados de vossas mágoas, quando verdes que os outros são peor tratados pela sorte. Elle começou por ameaçar a destruir a cidade e acabou pedindo para deixarem elle em paz. Perto d’aqui tem um riacho, cujas águas são sempre cristalinas. 3º Quesito de gramática: a) Que é flexão e para que flexionam os substantivos? b) Quais são os graus dos substantivos, como se formam? c) Que são nomes numerais e como se dividem?
04.12.40	I ano Fundamental	14º	1º Ditado: Saudades do Natal 2º Quesitos de Gramática: a) A sintaxe como se divide? Quanto à forma as proposições como se dividem? Que é sujeito? 3º Corrigir os erros de sintaxe e de ortografia das seguintes frases: Porque que você não veio? Estes tubos as vezes entopem e é uma luta para me desintupir elles.
01.12.41	I ano Fundamental	19º	1º Ditado 2º a) Que são locuções adverbiais? b) De quantas maneiras podem ser colocados os pronomes oblíquos? d) Que é predicado? 3º Redação Férias
02.12.41	III ano	18º	1º Ditado

	Fundamental		2º Composição: Uma carta felicitando uma amiga que acaba de concluir o Curso Normal 3º Quesitos de Gramática: 1º Como se classificam as orações? 2º O verbo como e com quem concorda? 3º Qual a função do pronome <u>que</u> nas cláusulas adjetivas?
03.12.41	II ano Fundamental	1º	1º Ditado 2º Composição: Escreva a uma amiga da capital convidando-a a vir passar as férias nesta cidade 3º a) Quantos e quais são os graus dos adjetivos? b) Classificação dos adjetivos numerais? c) Quantos e quais são os graus dos substantivos?
01.12.42	I ano Secundário	8º	1º Quesito: Ditado: Pátria Nova (Coelho Neto) 2º Quesito: Composição (Descrição) A Aurora 3º Quesito: a) Que são palavras sinônimas? Ex. b) Explicar homônimas, homófonas e homógrafos c) Dar antônimos de dia, negro, claro, largo e duro.
02.12.42	I ano Pedagógico	2º	1º Ditado: Recordações. – Língua Portuguesa – Aníbal Bruno 2º Composição: Um requerimento, solicitando licença 3º Gramática: Quesitos: a) Como se classifica a língua? b) O português que classe de língua está incluído? c) Quando é que se diz que uma língua é morta?
02.12.42	III ano Secundário	10º	1º Ditado: O café. – Manuel Macedo 2º Composição (Descrição) A Tempestade 3º Que é etimologia? Como se dividem os afixos? Quais os processos para a formação das palavras? Como se faz a composição? Ex.
03.12.42	I ano Secundário	12º	1º Ditado – Buriti perdido – Afonso Arinos 2º Composição (Fábula) A raposa e a cegonha 3º: a) Formar 3 frases sublinhando o sujeito e o verbo b) Dar 3 frases na voz ativa e 3 na passiva c) quando o verbo está na voz reflexa? Ex.
01.12.43	I ano Pedagógico	13º	1º Redação; Correção das seguintes frases: Já lhe ordenei de calar-se. O que você está fazendo e uma falta de respeito e eu não posso ver um menino faltar respeito a uma pessoa idosa. As casas melhor conservadas são as do lado de lá do rio, as pior tratadas são as daquela várzea. 2º parte: Composição: Descrever um romper da aurora 3º parte: Gramática: a) Que é concordância? b) Como se realiza a concordância regular? c) O adjetivo como e com quem concorda?
01.12.43	I ano Secundário	19º	1º Ditado: O estouro da boiada. 2º Composição: carta a uma amiga convidando a visitar Timbaúba 3º Gramática: a) Que são palavras invariáveis? b) Como se classificam as conjunções? c) Que é interjeição?
02.12.43	II ano Secundário	7º	1º Ditado: Pátria 2º Carta de felicitação

			3º Gramática: 1º Que é voz passiva 2º Como se forma a voz passiva 3º Como é o presente do subjuntivo da passiva perifrástica ser louvado?
02.12.43	III ano Secundário	8º	1º Redação: Corrigir os erros de sintaxe e ortografia das seguintes frases: a) Trata-se quando estiver doente por que você pode apanhar uma tuberculose que lhe leve para a cova.. b) Então estás melhor disposta? Assim é que quero ver todos os dias: Alegre bem disposta. c) Se viesse te oferecer o lugar de professora voc aceitaria? 2º Composição: Um passeio a trem. 3º Gramática: a) O pronome pessoal em que caso pode ser sujeito? d) Qual a posição dos pronomes pessoais oblíquos? e) Em que consiste a próclise?
02.12.43	II ano Pedagógico	4º	1º Redação: Correção das seguintes frases: - Os países como a Itália onde a população é excessiva para o território, não podem coibir a imigração de seus naturais para outras terras. - O Brasil precisa de imigrantes e é em grande parte com a emigração que tem crescido a população de certas zonas. - Vos obrigarei a dizer a verdade. 2º Composição: Requerimento de licença 3º Gramática: a) Quantos e quais são os processos sintáticos? b) Como se divide a sintaxe? c) Como se realiza a concordância regular?
27.11.44	I ano Pedagógico	17º	1º Analisar logicamente o seguinte: Era uma vez uma agulha, que disse a um novelo de linha. 2º Composição: Descrição do Congresso Eucarístico de Timbaúba. 3º Gramática: a) Qual a posição dos pronomes oblíquos? b) Quantas ordens há de colocação? E quais são? c) Quais as figuras usadas nas sintaxe irregular ou figurada de regência?
28.11.44	II ano Pedagógico	2º	1º Analisar logicamente o seguinte trecho: No outro dia, estava tempo limpo e bonito, mas a calma era intensa. 2º Composição: A prece 3º Gramática: a) Quais as consoantes que se duplicam na atual reforma ortográfica? b) Que é literatura? c) Qual é a função do advérbio?
27.11.44	III ano Secundário	14º	1º Analisar gramaticalmente o seguinte período: Eu era um lenho no monte 2º Composição: Descrição de uma viagem. 3º a) Em que consiste o pleonasma? b) Como se classificam as conjunções? c) Como se forma o imperativo?
29.11.44	I ano Secundário	3º	1º) Ditado 2º) Composição: Carta a uma amiga convidando-a para uma festa. 3º) a) Como se classifica o substantivo? b) Que é adjetivo qualificativo? c) Que são verbos paradigmas?
29.11.44	II ano	16º	1º) Ditado

	Secundário		2º) Composição: Carta a uma amiga convidando-a para uma festa. 3º) Gramática: a) Como se classificam os verbos quanto ao complemento? b) Quais os complementos essenciais da oração? c) Que é predicado lógico?
Disciplina: Inglês			
24.05.40	II ano Fundamental	6º	1º) Transcrever o exercício para o plural e vice-versa 2º) Como se forma o plural na língua inglesa em geral? (Exemplos) 3º) Escrever algumas frases da sala de aula.
22.07.40	II ano Fundamental	14º	1º Composition: The time 2º Write em letters the folowing numbers: 123, 456, 789, 564231, 845397000. 3º O verbo “to be”negativamente, interrogativamente no presente e no imperfeito.
02.12.40	II ano Fundamental	11º	1º) Dictation: The head 2º) As formas interrogativas de “to have” e “to be”no presente e imperfeito do indicativo 3º) Os números ordinais: 1 a 10 e 80 a 90. (A data e o dia do natalício)
01.12.41	II ano Fundamental	2º	1º Composition 2º Dictation 3º Grammar: a)Exampleof open silables b) Which is the definite article in the singular e plural c) How do uou translate the Português “há) Examples.
02.12.41	III ano Fundamental	1º	1º Composition 2º Dictation 3º a) What do uou know about to do? Example b) How is the gender of substantives? f) When do you use “wich”for persons? Example.
03.12.42	II ano Secundário	16	1º Our Meals. 2º Dictation: Summer 3º Grammar: a) O futuro do auxiliar “ser”nas diferentes formas. b) Diferença entre among – between. Ex. c) Algumas expressões de traduzir o português “Ter”por “ser”em inglês
03.12.42	III ano Secundário	12º	1º Composition: Um Library 2º Diciton: A good example 3º Grammar: a) Quais são os pronomes relativos simples? b) Quais são os pronomes relativos compostos? c) Que sabes do plural dos substantivos coletivos?
03.12.43	II ano Secundário	1º	1º Composition: How I spend my Day? 2º Dictation: Come, my children 3º Grammar: a) Como se dividem as sílabas? b) Quais são os sinais da pontuação? c) Exemplos das diferentes formas do artigo indefinido.

02.12.43	III ano Secundário	15º	1º Composition: Father's weiting-desk. 2º Dictation: Those evening-bells? 3º Grammar: a) Escrever em palavras os números de 1 a 20. b) as dezenas de 20 a 100 c) alguns verbos da feel-class
27.11.44	II ano Secundário	8º	1º Composition: Time 2º Dictation: Our Happy Home 3º Grammar: Traduzir a) A porta do jardim está aberta b) Eis aqui o livro do papai. c) Explicar estes exemplos e achar outros
29.11.44	III ano Secundário	9º	1º Composition: Journeys 2º Dictation: London 3º Grammar a) Quais são os substantivos que tem plural irregular? b) Enumerar alguns substantivos que tem duas formas diferentes no plural. c) Que sabes da significação de spectacles, letters no plural?

Disciplina: Francês

15.05.39	I ano Normal Rural	1º	a) Ditado: "Notre salle de classe b) Dar, com substantivos todas as formas de adjetivos qualificativos, discreto, comprido, amável. c) Escrever alguns objetos de aula com o artigo indefinido no singular e no plural.
24.07.39	I ano Normal Rural	1º	a) Ditado: "Ma montre" b) a) Como se dividem as vogais? b) Dar em exemplos diferentes, as diversas formas de "e" c) Formas frases com sons nasais
25.09.39	I ano Normal Rural	15º	a) Questionário sobre o corpo humano. 1º) Quantos membros temos? 2º) Quais são as partes do braço? 3º) Quais são os nomes dos dedos? 4º) Que fazemos com a mão direita? 5º) Quais são as diferentes posições do homem? 6º) Como estamos durante o dia? 7º) Quando estamos ajoelhados? 8º) Quando estamos deitados? 9º) Como se chama uma pessoa mais hábil da mão esquerda que da direita? b) Os pronomes demonstrativos compostos – exemplos
16.11.39	I ano Normal Rural	10º	1º Parte: Dictée 2º Parte: a) Os tempos simples do verbo "avoir" em pequenas frases. b) Le passé composé des verbes "avoir", "être" d'un verbe de la 1 e et d'un verbe de la 2º conjugaison 3º parte: Reprodução de memória da poesia: Gloire à Dieu.
21.11.39	I ano Normal rural		Provas Oraís e prático oral (Não teve sorteio de pontos)

16.05.40	I ano Fundamental	9º	1º Copiar e traduzir este exercício: “Mon materiel de classe” 2º Escrever a regra de formação do feminino do adjetivo. Cinco exemplos em pequenas frases. 3º Exceção, exemplos em pequenas frases
17.05.40	II ano Fundamental	7º	1º Composition: Em deuxième classe 2º Les temps simples du verbe avoir 3º Present e imparfait du verbe savoir (com pequenas frases)
19.07.40	I ano fundamental	15º	1º Questionaire: Le temps 2º O verbo “ter”no imperfeito com as diferentes formas do artigo. 3º O verbo “ser”no presente e imperfeito nas formas afirmativa, negativa e interrogativa.
19.07.40	II ano Fundamental	9º	1º Version: La table mise 2º Présent et imparfait du verbe voir avec adjectif possessif. 3º Combien de sortes d’adverbes y-a-t-il? Commente se forme l’adverbe accidented? Ex.: d’adverbes essentiels
02.12.40	I ano Fundamental	4º	1º Composition: Notre salle de classe 2º Dar o pronuncia de “h” nos palavras seguintes: l’homme, l’heure,l’hôte, le homeau, la harpe, la halle 3º Dizer as irregularidades na formação do plural dos substantivos. Exemplos em pequenas frases.
04.12.40	II ano Fundamental	5º	1º Composition: Notre Maison 2º Conjuguer le verbe employer au present et au futur, des autres temps simples seulement une persone 3º Present du verbe se promener en petites phrases. Le règle de ce verbe.
2.12.41	II ano Fundamental	8º	1º Composition: Ce que la maitresse dit á l’ecole 2º Dictée 3º Grammaire: a) Quelles sont les differents formes du verbe? c) Présent du verbe se promener em peetites phrases. d) Quést se que l’article partiril exprime. Exemples.
03.12.41	I ano Fundamental	3º	1º Composition Le temps 2º Dictée 3º Grammaire: a) Le “h”dans la langue française: exemples c) Forme interrogative-negative du verbe “avoir”; une personne seulement de chaque temps simple d) Règle générale de la formation du femini de le adjectif qualificatif, exemples
01.12.42	I ano Secundário	18º	1º Composition: Ma montre 2º Dictée – Jean de calcul 3º Grammaire: a) que sabes dos nomes próprios? Exemples b) Quais são os pronomes relativos invariáveis? c) O alfabeto em francês.
02.12.42	II ano Secundário	18º	1º Composition: Blanche fait as malle (Descrição) 2º Dictée: Le petit diplomat 3º Grammaire: a) Quais são os pronomes relativos: ex, em frases b) Que sabe do emprego do leur? c) Permutação do tempo desta frase: j’appelle Marie
02.12.43	I ano Secundário	2º	1º Composition: Ma boite à ouvrage 2º Dictée: L’âne

			3° Grammaire: a) As diferentes formas do adjetivo demonstrativo no singular masculino b) no feminino singular c) no plural. Exemplos em frases.
03.12.43	II ano Secundário	1°	1° Compo.sition: Plans de Vacances 2° Dictée: a) La lampagne b) La Politess 3° Grammaire: a) Regra Geral da fomração do plura –exemplo b) Tempos simples do auxiliar ser c) Fraseologia: Bientôt les vacances commencerant
28.11.44	II ano Secundário	8°	1°) Composition: Une fille exemplaire 2° Dictée: L'eau qui dort 3° Grammaire: a) divisão dos pronomes administrativos b) Quais são os pronomes pessoais complemento direto e indireto c) Presente de um verbo reflexivo

Disciplinas: Trabalho Manual e Educação Física

24.11.30	I Ano Normal Rural		Provas orais e prático oral (Não teve sorteio de pontos)
----------	--------------------	--	--

Disciplina. Agricultura

03.12.42	I ano Pedagógico	8°	1° Descrever as principais fontes diretas para a obtenção do azoto 2° Cultura do feijão no Nordeste – Preparo do sôlo, plantio – tratos culturais) épocas de semear) 3° De quantos elementos se compõem as plantas e de onde são obtidos?
03.12.43	I ano Pedagógico	11°	1° De que provem o humus e como se apresenta ele geralmente e quando serve de corretivo? 2° O que são agentes biológicos e como são eles representados? 3° O que é arado, qual a sua função, como se dividem as partes que compõem o arado de avenca?
29.11.44	I ano Pedagógico	13°	1°) Dissertar sobre as especies dos elementos nutritivos às plantas. 2°) Que é irrigação? Como se deve desenvolver o sistema da irrigação? 3° De onde as plantas podem tirar o azoto necessário?

ANEXO 4

HINO DAS NORMALISTAS

Vamos com alegria
Alma nobre firme e forte
Desenvolver a nossa raça
Com exercícios e esportes

E por todos os instantes
Com linda voz altaneira
Empregar força vibrante
Em prol da raça brasileira

E para obter um bom êxito na vida
E proteger a futura geração
Aproveitar desta festa tão querida
Cuidando da eugenia e da educação

Nesta vida cada sorte é traçada
Para vencermos com esperança e ternura
Marcaremos o triângulo da jornada
Alma nobre, corpo são e mente pura.

HINO DA ESCOLA - ANTIGO

Desfraldando o pendão brasileiro,
Assumimos o compromisso que traz.
O emblema do nosso Escudo,
Ilumina o caminho da paz.

Nesta Pátria imensa brasileira,
Do Nordeste arautos do Senhor
Como raios da Estrela Maria,
Irradamos a mensagem do amor.

Pernambuco na sua bandeira,
O arco – íris estampado do anil
Como elo de um mundo distante,
Estendeu-se ao nosso Brasil.

A Estrela com seu brilho ofuscante,
Protegida por Cristo Redentor.
Em Timbaúba, é sinal bem marcante,
Implantou ambiente acolhedor.

E nós, jovens, da terra amada,
O futuro de um povo varonil.
“ Paz e Amor “ divulgamos como lema,
Garantindo o futuro do Brasil.

FONTES DA PESQUISA

ARQUIVO ESTADUAL

. PRONTUÁRIOS

- Funcional Fundo SSP nº 31.249
- Fundo SSP nº 29.237
- Funcional da Alemanha Fundo SSP nº 1.044
- Fundo SSP nº 29.653
- Fundo SSP nº 29.214 – O Nazismo no Rio Grande do Sul
- Funcional nº 28.949
- Números 4.717 e 1.961 Recife 3 de abril de 1943
- Fundo SSP nº 28.354
- Histórico Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães - Fundo SSP 31.602 A e B
- Funcional Getúlio Dorneles Vargas Fundo SSP DOPS 7.962, 1949
- Atividades dos Nazistas na Alemanha e no Mundo A e B
- Informações da Polícia Marítima, nº 596
- Primeira Carta Encíclica de Sua Santidade Pio XII “Summi Pontificatus” Oficinas Gráficas d’A TRIBUNA – 1939 Recife
- Décima Primeira Carta Pastoral – “Não Transigir”
- A Voz do Episcopado Brasileiro – Recife – 1945
- DIP – Interventoria Agamenon Magalhães
- Discursos de Getúlio Dorneles Vargas
- Academia Santa Gertrudes – nº 26.557
- Conventos Franciscanos – Números 28.965, 29.237, 28.949

. LIVROS

- Exposição apresentada ao Chefe do Governo Provisório da República – Imprensa Oficial – Recife, 1933
- Armistício 1918-1940 – Editado pela Luzinger S. A - Rio de Janeiro
- Municípios – Administração Agamenon Magalhães – Imprensa Oficial Recife, 1933
- Decretos e atos da Interventoria Federal – Ano 1939 Imprensa Oficial – PE
- Legislação Estadual de Pernambuco dos anos 1933 a 1945
- Organização da Educação no Estado de Pernambuco – Recife – Imprensa Oficial, 1929
- O Ensino Normal em Pernambuco 1922 a 1926
- Relatório do Interventor do Estado - 1941

. PORTARIAS

- Regimento Interno da Escola Normal em Pernambuco nº 352 – 15 de junho de 1940
- Regulamento para as Bibliotecas Escolares nº 481 de 16 de setembro de 1941

. JORNAIS

- Folha do Povo
- Folha da Manhã
- O Giansial
- Diário de Pernambuco
- Diário do Estado – Edição Especial 10.11.38
- Diário da Manhã
- O Radical
- Jornal do Comércio

. PROGRAMAS

- Ensino Religioso nas Escolas – da Classe Preliminar ao 4º ano primário 1942
- Educação Primária – 1º ao 5º ano - 1945
- Filosofia e História da Educação – 1945
- Higiene e Puericultura (1º e 2º anos) – 1945
- Português 1º ano do Curso de Professores – 1945
- Sociologia Geral – 1º e 3º anos Pedagógicos – 1945

. LISTAGENS

- Relação de Rádios e Telégrafos nº 8.395
- Relação de Recibos e Rádios nº 8.208
- Recibos, Telégrafos e Informações nº 27.146
- Relação dos Depoimentos do Eixo
- Relação de prisioneiros nazistas

. DOCUMENTOS ENCONTRADOS NO ARQUIVO DO COLÉGIO

- Livro de Atas de Colação de Grau 1943-1965
- Movimento Escolar do Colégio Santa Maria – 1938 – 1947
- Matrícula dos Alunos do Colégio Santa Maria – 1938-1948
- Atas dos Exames de Admissão – 1937-1948
- Livro de Visitas
- Livro das Atas do Curso Normal Rural 1939-1944
- Movimento Escolar 1938
- E Seguiram a Estrela História da Congregação Franciscana de Maristella – Ano Santo de 1975 – Recife
- Suna, Lusivan. Timbaúba Ontem e Hoje Vols I e II Edições de A Província, 1992 e 1996
- Apostila contendo parte da história da escola por ocasião dos 60 anos
- Matrícula do Curso Normal Rural 1939-1940
- Boletim de Informações – Ginásio 1939 e 1951
- Movimento no Internato do Colégio Santa Maria em Timbaúba
- Histórico Escolar
- Declarações
- Chronik des Konvents Santamaría in Timbauba der Filial des Lofters Sakt Maria Stern in Augsburg – Gegründet – 2. Juli 1938 – 1938 – 1972
- Livro de prestação de contas em alemão
- Programa da festa do dia 31 de agosto de 1947
- Duas narrações feita pelas alunas
- Uma descrição feita por uma das alunas

- Dados históricos sobre o Colégio Santa Maria em 1950
- Requerimento à Ordem dos Músicos do Brasil
- Cópias do Timbaúba Jornal
- Cópia traduzida do Livro de Crônicas em Alemão – 1938-1954
- Fotografias

. LIVROS CITADOS

- Sá, Carlos – Higiene e Educação da Saúde 7ª edição Rio de Janeiro (sem data)
Serviço Nacional de Educação Sanitária
- Pena, Leonam de A. Jardins. 1950, 3ª edição Serviço de Informação Agrícola.
Ministério da Agricultura Rio de Janeiro
- Silva, Ruth Ivoty Torres da. A Escola Primária Rural Editora Globo – Rio de Janeiro,
Porto Alegre, São Paulo, 1952
- Avicultura Doméstica – Oficinas Gráficas da Empresa JORNAL DO COMMERCIO
S.A. Recife, 1947

PREFEITURA MUNICIPAL DE TIMBAÚBA

- Revista Especial Timbaúba – Publicação Especial da Associação Comercial,
Industrial e Agropastoril de Timbaúba – Outubro de 1987
- Jornal – A Noite Ilustrada – 8.9.934
- A Nova Igreja Matriz de Timbaúba - transcrição de A SERRA de 12 de agosto de
1925
- Cópia autêntica da ata da Associação Geral da Sociedade Franciscana de Maristella
30 de junho de 1953
- Estatutos da Sociedade Franciscana de “Maristella” do Brasil – 1958

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Francisco (Org.). *História da Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1985.

ALMEIDA, Maria das Graças Andrade Ataíde de. *A construção da verdade autoritária*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2001.

ALMEIDA, Stela Borges de. Acervos Fotográficos Escolares: um objeto em (des) construção. Encontro dos Professores Pesquisadores na Área do Ensino de História: o ensino de história como objeto de pesquisa. Universidade Federal Fluminense. *Anais...* Niterói, RJ: EDUFF, 1995.

ANDRADE, Mariza Guerra de. *A Educação Exilada*: Colégio de Caraça. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

ANTOL'NEZ, M. Religião e Nazismo são irreconciliáveis. Revista Diretrizes. 23.07.1942. In: *Prontuário Funcional. Fundo SSP*, nº 31, 249. Env. 03

ARAÚJO, Cláudio Gomes de. Noites de Maio. *Revista Especial Timbaúba*. Publicação Especial da Associação Comercial, Industrial e Agropastoril de Timbaúba. Timbaúba, outubro de 1987, p. 44.

AZEVEDO, Fernando de. *A transmissão da cultura*. São Paulo: Melhoramentos; Brasília: INL, 1976.

- BARDINI Roberto. Neofascismo: A volta dos camisas negras. *Terceiro Mundo*, ano XX, nº 175, p. 25-32, julho 1994.
- BELO, Ruy de Aires. *Memórias de um Professor*. Recife: Academia Pernambucana de Letras, 1982.
- BERNARDES, Nara. Resenha Crítica: Gênero e educação: construção, debate e polêmica. *Educação & Realidade*, p. 225-231, jan/jun 1997.
- BLACKMAN Ken. Os heróis esquecidos da Segunda Guerra. *Terceiro Mundo*, ano XXI, nº 186, p. 30, junho 1995.
- BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: lembrança de velhos*. 3º ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRAUMUELLER, Seráfica. *E Seguiram a Estrela*. Recife, 1975.
- CÂMARA. D. Jaime de Barros. *Não Transigir*. Décima Primeira Carta Pastoral. São Paulo: DOC. 42. Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano.
- CAVALCANTI, Antonio Carlos de Lima. *Exposição apresentada ao chefe do Governo Provisório da República, Exmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, pelo Interventor Federal em Pernambuco, Carlos de Lima Cavalcanti – Período administrativo de 1930 a junho de 1933*. Recife: Imprensa Oficial, 1933.
- CHERVEL, André. História das Disciplinas Escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Revista Teoria & Educação*, n. 2, p 177-227, 1990.
- _____. *La Culture Scolaire. Une Approche Historique*. Paris: Belin, 1998.
- CROUZET, Maurice. *História Geral das Civilizações*. Tomo VIII. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

CUNHA, Maria Isa Gerth da. Formar damas cristãs, cultas, virtuosas, polidas sociáveis. Colégio Nossa Senhora do Patrocínio. In: NASCIMENTO, Terezinha Aparecida Quaiotti Ribeiro et all. *Memórias da educação (1850-1960)*. Campinas, SP: Unicamp/Centro de Memória – Unicamp, 1999 (Coleção Campiniana, nº 20).

CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino Religioso e Escola Pública: O Curso de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, p 20-35, jun. 1993.

DEPARTAMENTO Federal de Imprensa e Informação. *A Alemanha de Hoje*. S/d (com um prefácio do chanceler federal Dr. Konrad Adenauer.

ESCOLANO, Agustín. Arquitetura como Programa. Espaço – Escola e Currículo. In: FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Agustín (Orgs.). *Currículo, Espaço e Subjetividade: arquitetura como programa*. Trad. Alfredo Veiga –Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

FÁVERO, Osmar e SEMERARO, Giovanni (Orgs.). *Democracia e construção de público no pensamento educacional brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2002.

FELIPE, Jane. Infância, Gênero e Sexualidade. *Educação & Realidade*. p. 115-131. jan/jun. 2000.

FERREIRA, Lenira Weil. Formação docente, uma história de mulheres. In: SCHOLZE, Lia et all (Org.). *Cadernos Temáticos*. Gênero, memória e docência. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre. Secretaria Municipal de Educação, 2001, p. 51-59.

FIGUEIREDO, Kátia Cristina e GOMES, Márcia Cássia. Colégio Sagrado Coração de Jesus: A presença da formação religiosa na educação feminina. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, junho 1993. p. 38-46.

FORQUIN, Jean Claude. *Escola e Cultura*. As bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar. Trad.: Guacira Lopes Louro. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FRAGO, Antonio Viñao. Do Espaço Escolar e da Escola como Lugar: Propostas e Questões. In: FRAGO, Antonio Viñao e ESCOLANO, Agustín (Orgs.). *Currículo, Espaço e Subjetividade: arquitetura como programa*. Trad. Alfredo Veiga –Neto. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

GALLIAN Dantes Marcelo C. A. Memória do Exilo. Reflexões sobre Interpretação e Documentos Orais. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). *(Re) introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

GALVÃO, Ana Oliveira de. *Amansando Meninos: Uma leitura do cotidiano da escola a partir da obra de José Lins do Rego (1890-1920)*. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1998.

GARCIA, Walter E. (Coord.). *Inovação Educacional no Brasil: problemas e perspectivas*. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1980.

GATTAZ, André Castanheira. Lapidando a Fala Bruta: A Textualização. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re) introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

GOUVEIA, Taciana e Sílvia Camurça. *O Que é Gênero?* 3ª ed. Recife: SOS Corpo, Gênero e Cidadania, 2000.

HORTA, José Silvério Baia. O Ensino religioso escolar na Itália fascista e no Brasil (1930-45). *Educação em Revista*. Belo Horizonte, jul. 1993.

IMPrensa Oficial. *In Memoriam*. Agamenon Magalhães. Recife, 1952.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar como Objeto Histórico. Trad.: Gizele de Souza. *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

KAMINSKY, Anne. A integração de conhecimentos históricos na narrativa da própria vida: entrevistas com prisioneiros dos campos soviéticos entre 1945 e 1950 na Alemanha. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e VERENA, Alberti. *História Oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC; Fundação Getúlio Vargas, 2000.

KOCK H. W. *A Juventude Hitlerista mocidade traída*. Rio de Janeiro: Renes Ltda., 1972.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História Oral: Muitas Dúvidas, Poucas Certezas e uma Proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re) introduzindo uma História oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

LEFEBVRE, Henri. *A Vida Cotidiana no Mundo Moderno*. Trad.: Alcides João de Barros. São Paulo: Ática, 1991.

LIMA, Danilo. *Educação Igreja e Ideologia: uma análise sociológica da elaboração da Lei de Diretrizes e Bases*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1978.

LIMA FILHO, Andrade. *Clima Gordo*. (Agamenon Magalhães e sua época). Recife: Universitária, 1976.

LOPES, Alice Ribeiro Casimiro. Conhecimento Escolar: processos de seleção cultural e de mediação didática. *Educação & Realidade*, p. 95-112, jan/jun, 1997.

LOPES, Eliane Marta Teixeira. Educadores de Mulheres: As Filhas de Caridade de São Vicente de Paula: servas de pobres e docentes, espirituais, professoras. *Educação em Revista*. Belo Horizonte, p. 26-39, jul. 1993.

_____. Fontes Documentais e Categorias de Análise: para uma história da educação da mulher. *Teoria & Educação*, n. 6, p. 105-114, 1992.

LOPES, Eliane Marta Teixeira e GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUCENA, Célia. Mobilidade Social: Histórias da Família e Variedades de Gênero. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re) introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

LUDWIG Emil. *Os Alemães – dupla história de uma nação*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1941.

MAGALHÃES, Agamenon. *Relatório apresentado ao Exmo. Sr. Presidente da República — Interventor Federal*. Recife: Imprensa Oficial, 1941.

MAGALHÃES JÚNIOR, R. *Pró e Contra Getúlio*. O Julgamento da História. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

MARTINS, Júnia Maria Lopes e MARTINS, Marcos Lobato. O Colégio Nossa Sra. das Dores de Diamantina e a educação feminina no norte/nordeste mineiro (1860-1940). *Educação em Revista*. Belo Horizonte, p. 11-19, junho, 1993.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Re) introduzindo História Oral no Brasil. São Paulo: Xamã, 1996.

MOURA, Isnar de. Timbaúba na Saudade. *Revista Especial Timbaúba*. Publicação Especial da Associação Comercial, Industrial e Agropastoril de Timbaúba. Timbaúba, outubro de 1987, p. 21 e 22.

NUNES, Clarice e CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Historiografia da Educação e Fontes. *Caderno ANPED*, nº 5, Set./1993, p. 7-64.

OFICINAS Gráficas da Empresa JORNAL DO COMMERCIO S.A. *Avicultura Doméstica*. Recife, 1947.

PENA, Leonam de A. *Jardins*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura/Serviço de Informação Agrícola, 1950.

PERÉA, Padre Romeu. *Diálogos com Agamenon Magalhães*. GOVERNO DO ESTADO DE PERNAMBUCO Secretaria de Educação e Cultura. Recife, 1977. (Coleção Pernambucana, volume VIII).

PEREIRA, Francisca Rodrigues. *Histórico dos 60 Anos – Colégio Santa Maria*. 1998 (Mimeo).

PEREIRA, Nilo. *Agamenon Magalhães – uma evocação pessoal*. Recife: Taperoá, 1973.

PESSANHA, Elina. Fronteiras Disciplinares e o Uso da História Oral: Por Quê, De Quem, Para Quem?. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). (Re) *introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.

PORTELLI, Alessandro. A Filosofia e os fatos: narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais. In: *Tempo 2*. Revista do

Departamento de História da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro: Relume, dez. 1996.

RAPCHAN, Eliane Sebelka. O uso da narrativa nas ciências sociais: algumas notas e reflexões acerca de suas possibilidades. In: MONTENEGRO, Antonio Torres e FERNANDES, Tania Maria (Orgs.). *História Oral: um espaço plural*. Recife: Universitária, 2001.

RIBARD, André. *A Prodigiosa História da Humanidade*. Rio de Janeiro: Zahar, v. II, 1964.

RIBEIRO, José Augusto. O círculo vicioso da desinformação. *Terceiro Mundo*, ano XXI, nº 186, p 12-15, Junho/1995.

RYRIE, Charles Caldwell. *A Bíblia Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1994.

SÁ, Carlos. *Higiene e Educação da Saúde*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Educação Sanitária, s/d.

SILVA, Giselda Brito. A Memória Integralista. In: MONTENEGRO, Antonio Torres e FERNANDES, Tânia Maria (Orgs.). *História Oral um espaço plural*. Recife: Universitária da UFPE, 2001.

SILVA, Ruth Ivoty Torres da. *A Escola Primária Rural*. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Globo, 1952.

SUAREZ, Mireya. Diferenças de Gênero e a Antropologia. In: AGUIAR, Neuma (Org). *Gênero e Ciências Humanas: Desafio às Ciências desde a perspectiva*. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997, p. 31-48 (Coleção Gênero).

SUNA, Lusivan. *Timbaúba, Ontem e Hoje*. Vol. I e II. Edições A Província, PE. 1992.

TOLAND, John. *Adolf Hitler*. Trad.: Henrique Mesquita. Vols. 1 e 2. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

TRINDADE, Hégio. *Integralismo* (o fascismo brasileiro na década de 30). 2ª ed. rev. e ampl. São Paulo/Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a História*. 2ª ed. Brasília: Universitária UnB, 1982.

VILANOVA, Mercedes. El descubrimiento de los analfabetos de Barcelona; un planteo metodológico para su estudio. *I Encuentro de Historiadores Orales de America Latina y España*. México, 23-25 septiembre, 1988.

WENCESLAU, Marina Evaristo. Afirmção e Resistência. História Oral de Vida: o Índio Kayowa – Suicídio pelo Tekohá. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). *(Re) introduzindo a História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996.